The background of the poster features a large, stylized sunburst or fan shape composed of numerous colored rays. The rays are arranged in a semi-circle, with colors transitioning from yellow at the top left, through red, green, and blue, to light blue at the bottom left. The text is overlaid on this graphic.

**RIO
CAR
NA
VAL**

2023

SEGUNDA
20/02/2023

TUIUTI
PORTELA
VILA ISABEL
IMPERATRIZ
BEIJA-FLOR
VIRADOURO

**ABRE
ALAS**

ÍNDICE

<i>Agremiação</i>	<i>Página</i>
<i>G.R.E.S. PARAÍSO DO TUIUTI</i>	<i>03</i>
<i>G.R.E.S. PORTELA</i>	<i>63</i>
<i>G.R.E.S. UNIDOS DE VILA ISABEL</i>	<i>143</i>
<i>G.R.E.S. IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE</i>	<i>211</i>
<i>G.R.E.S. BEIJA-FLOR DE NILÓPOLIS</i>	<i>285</i>
<i>G.R.E.S. UNIDOS DO VIRADOURO</i>	<i>403</i>



G.R.E.S. PARAÍSO DO TUIUTI



**PRESIDENTE
RENATO RIBEIRO MARINS
(RENATO THOR)**

“Mogangueiro da Cara Preta”



Carnavalescos

ROSA MAGALHÃES E JOÃO VITOR ARAÚJO

FICHA TÉCNICA**Enredo**

Enredo <i>“Mogangueiro da cara preta”</i>					
Carnavalescos Rosa Magalhães e João Vitor Araújo					
Autor(es) do Enredo Rosa Magalhães e João Vitor Araújo					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Rosa Magalhães e João Vitor Araújo					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Rosa Magalhães e João Vitor Araújo					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	Sagarana	João Guimarães Rosa	Global	2019	Cap. “Conversa de bois”
02	Grande Sertão: Veredas	João Guimarães Rosa	LeLivros	2006	Todas
03	Humanidades em Diálogo - Boi da Cara Preta: Transfiguração do Escravo	Ivan Luiz Chaves Feijó	USP	2011	Pags. 135 - 148
04	Dança, Brasil! Festas e Danças Populares	Gustavo Côrtes	Leitura	2000	Todas
05	Museu de Folclore Edison Carneiro Sondagem na Alma do Povo	Renato Soares	Empresa das Artes	2005	Todas
06	Traditional Indian Textiles	John Gillow Nicholas Barnard	Thames and Hudson	1993	Todas
07	Rajasthan	Pauline Van Lynden	Assouline	2003	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
08	Indian Art	Vidya Dehejia	Phaidon	1997	Todas
09	Muito Além dos Campos: Arqueologia e história na Amazônia Marajoara	Denise Pahl Schaan Cristiane Pires Martins	GKNoronha	2010	Todas
10	Nas Margens de Lá: entre caboclos e caruanas na encantaria marajoara	Kauã Vasconcelos	UFRJ	2020	Todas
11	Náufragos, traficantes e degredados: As primeiras expedições ao Brasil	Eduardo Bueno	Estação Brasil	2016	Todas
12	Quilombolas da Ilha de Marajó	Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos	Coordenação Estadual das Associações de Remanescentes de Quilombos do Estado do Pará - Malungu	2006	Todas
13	Marajó: A Ditadura da Água	Giovanni Galo	Marques Editora	2015	Todas
14	Cosmologias Afroindígenas na Amazônia Marajoara	Agenor Sarraf Pacheco	Projeto História	2012	Todas

FICHA TÉCNICA**Enredo**

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
15	Búfalo: animal de tração	Maria Cecília Florisbal Damé	Embrapa	2006	Todas
16	O comércio marítima do Pará no século XIX	Ricardo Zimbrão Affonso de Paula e Ivaldo Guimarães Macieira Neto	UFMA	2009	Todas
17	A origem e dispersão do gado bovino e bubalino no mundo	Dr. Felisberto Cardoso de Camargo	Embrapa	1973	Todas
18	Arte(manhas) da cultura afroindígena: Trajetórias e Experiências de Mestre Damasceno pelo Marajó dos Campos	Augusto César Miranda Nunes e Agenor Sarraf Pacheco	Boitatá – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL	2012	Todas
19	No Palco da Cultura Marajoara	Augusto César Miranda Nunes	UNAMA - Universidade da Amazônia	2013	Todas
20	O tamanco e o vaqueiro: um estudo dos elementos espetaculares da dança dos vaqueiros do Marajó, em Belém do Pará	Maria Ana Oliveira de Azevedo	UFBA	2004	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Histórico dos carnavalescos:

Rosa Magalhães: A professora, como é carinhosa chamada por todos, é artista plástica, figurinista, cenógrafa e carnavalesca. É a maior detentora de títulos na era Sambódromo, sendo campeã em 1982 (antes do Sambódromo), 1994, 1995, 1999, 2000, 2001 e 2013. Começou a trajetória no Carnaval com o grupo que ajudou Fernando Pamplona e Arlindo Rodrigues no carnaval de 1971 do Salgueiro, juntamente com outros nomes, como Joãozinho Trinta. Rosa teve passagens pelo Império Serrano, onde conseguiu o primeiro campeonato com o histórico “*Bumbum Paticumbum Prugurundum*”, em 1982. Dali, passou pela Estácio de Sá, Tradição, Portela, até chegar na Imperatriz Leopoldinense. De 1992 a 2009, assumiu o carnaval da verde e branco de Ramos onde ajudaria a escola a conquistar cinco de seus oito campeonatos, incluindo o primeiro tricampeonato da Era Sambódromo (1999, 2000 e 2001). Na Imperatriz, a carnavalesca realizou carnavais inesquecíveis como “*Marquês que é marquês do saçarico é freguês*” (vice-campeã, 1993), “*Catarina de Médicis na corte dos Tupinambôs e Tabajeres*” (campeã, 1994), “*Mais vale um jegue que me carregue que um camelo que me derrube, lá no Ceará*” (bi-campeã, 1995), “*Leopoldina, Imperatriz do Brasil*” (vice-campeã, 1996), “*Quem descobriu o Brasil, foi seu Cabral, no dia 22 de abril, dois meses depois do carnaval*” (campeã, 2000) e “*João e Marias*” (6º lugar, 2008), entre tantos outros. Em 2013, Rosa conquistou o campeonato do Grupo Especial com a Vila Isabel, que apresentou o enredo “*A Vila canta o Brasil celeiro do mundo*”. Em 2016, Rosa foi responsável pela Cerimônia de Encerramento das Olimpíadas de 2016, disputada no Rio de Janeiro. O evento celebrou a cultura popular brasileira: samba, forró e frevo.

Com trabalhos além do Carnaval, a “professora” é considerada como uma das mais importantes artistas brasileiras contemporâneas. Em 2007, Rosa Magalhães criou o elogiado espetáculo da Cerimônia de Abertura dos Jogos Pan-Americanos pelo qual receberia, no ano seguinte, em Nova Iorque, o mais importante prêmio da televisão mundial, o Emmy de melhor figurino. Rosa também já ganhou diversos prêmios na área carnavalesca, entre eles um dos mais importantes, o Estandarte de Ouro.

Em 2021, foi agraciada com o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

Neste Carnaval, ela assina com João Vitor Araújo, um dos mais jovens talentos da festa, o desfile do Paraíso do Tuiuti. A dupla é aguardada pelo refinado apuro estético de ambos.

João Vitor Araújo: figurinista, designer gráfico e de indumentária e carnavalesco brasileiro. Começou a carreira no Carnaval na União da Ilha do Governador, quando ajudava na confecção das fantasias. No final de 2000, começou a trabalhar na Portela junto do carnavalesco Alexandre Louzada, nos preparativos para o carnaval de 2001. Depois, passou cinco anos na Mangueira como aderecista e depois foi chefe de adereços com Max Lopes. Em 2006, trabalhou na Unidos do Viradouro com Paulo Barros. Depois acompanhou o carnavalesco Fábio Ricardo na carreira solo dele na Acadêmicos da Rocinha. Também trabalhou como figurinista junto com os carnavalescos Luiz Carlos Bruno e Edson Pereira.

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Em 2013, fez a estreia como carnavalesco principal, desenvolvendo o Carnaval da Viradouro em 2014. Nesse ano, foi campeão da Série A, levando a Viradouro de volta ao Grupo Especial. João tem passagens por outras agremiações como Unidos do Cabuçu, Rocinha, Unidos de Padre Miguel, Cubango e o Paraíso do Tuiuti em 2020. O profissional é um dos mais elogiados da nova geração de carnavalescos, tendo o bom gosto e as cores como ponte forte de suas criações.

Na defesa do enredo:

Igor Ricardo é formado em Jornalismo pela PUC-Rio (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) e graduando em Turismo na UNIRIO (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro). Trabalha na cobertura carnavalesca desde 2013. Neste período, o jornalista se notabilizou à frente da Editoria de Carnaval do Jornal O Globo e do Jornal Extra, os jornais de maior renome da mídia carioca e do país. Também foi convidado para a produção de reportagens internacionais durante os desfiles carnavalescos da província de San Luís, na Argentina. Além disso, foi jurado no Carnaval de Santos e Córdoba (Argentina). Por dois anos consecutivos, fez parte do corpo de jurados para a escolha da Corte Real do Carnaval do Rio. Em 2018, foi convidado a desenvolver a pesquisa de enredo da Unidos da Tijuca no desfile sobre Miguel Falabella. No ano seguinte, ainda seguiu na escola, por onde conquistou todas as notas 10 dos jurados no enredo sobre a história do pão. Com elogiada atuação, Igor foi convidado pela Unidos do Viradouro para auxiliar na defesa do enredo de 2020 e, juntamente com Marcus Ferreira e Tarcísio Zanon, levou para casa os principais prêmios carnavalescos pelo tema “Ganhadeiras de Itapuã”. Mais uma vez, conseguiu agradar todo o júri técnico da Avenida no quesito enredo, colaborando com o título da vermelho e branco de Niterói. Em 2022, ainda na Viradouro, conquistou pelo terceiro ano consecutivo todas as notas máximas do júri na defesa do enredo.

Sites consultados:

- Santuário de búfalos - <https://www.diariodoamapa.com.br/cadernos/turismo/santuاريو-de-bufalos/>
- Os místicos vaqueiros do Marajó - <https://www.youtube.com/watch?v=vnZr2W9z-Vw>
- Os búfalos na Ilha do Marajó - <https://www.360meridianos.com/especial/bufalos-ilha-do-marajo#:~:text=Dois%20b%C3%BAfalos%20para%20cada%20habitante,ilha%20fluvio%20Dmar%C3%ADtima%20do%20mundo>
- Índia - onde boi é vaca - <https://virusdaarte.net/india-onde-boi-e-vaca/>
- Bumba meu boi: <https://www.todamateria.com.br/bumba-meu-boi/#:~:text=Hist%C3%B3ria%20da%20lenda%20do%20Bumba,a%20I%C3%ADngua%20de%20um%20bo>
- Documentário traz a história de um herói marajoara - <http://holofotevirtual.blogspot.com/2013/06/>

HISTÓRICO DO ENREDO

Sinopse do enredo

O termo “especiarias” era conhecido na Europa nos séculos XIV e XV para designar temperos e condimentos, que não só davam mais sabor aos alimentos como serviam também para conservá-los, sendo alguns usados como remédios.

Os preços altíssimos cobrados então causaram indiretamente o “Descobrimento” da América e do Brasil.

Sua importância vai até os dias de hoje.

Quem nunca saboreou um mingau com canela ou um doce de coco com cravo da Índia – que até hoje mantém no nome sua origem? Neste rol de especiarias, vamos listando a pimenta do reino, a canela, o açafrão, o anis, e até mesmo a noz moscada, natural da Indonésia, mas que se aclimatou muito bem na Índia, além do cominho e o curry. Na verdade, esses são alguns dos produtos que enriqueceram a mesa europeia a partir da Idade Média. Seu alto custo era cobrado por importadores que bloqueavam sua comercialização. A saída foi procurar um caminho direto a seus produtores, pelo mar – dando origem às “descobertas” de novas terras.

O comércio se tornou bastante comum entre o Ocidente e o Oriente. E assim se origina nossa fábula...

Conta-se que um carregamento de búfalos, originários da Índia, também fez parte desse grande rol de exportações. Viajavam num navio que, devido à forte tempestade, acabou naufragando perto da costa brasileira. Muitos deles, milagrosamente, conseguiram se salvar nadando até a terra firme. Chegaram a um lugar que, tal qual a Índia, era habitado havia milhares de anos.

Desses antigos moradores, temos apenas restos de uma civilização admirável em seus trabalhos em argila, cuja fabricação era especialmente decorada. Nossos búfalos sobreviventes se aclimataram muito bem nessa região. Foram se multiplicando e hoje formam o maior rebanho de búfalos do país.

A terra que os acolheu era em alguns lugares alagadiça, e esses animais se refrescavam nesses oásis de águas cristalinas, por conta de sua constituição que lhes permitia sair d’água sem esforço graças a seus fortes músculos traseiros. A terra a que chegaram tão bravamente, na verdade era uma ilha, a Ilha de Marajó, situada entre a desembocadura de um rio e o oceano.

E seu povo tem por esses animais a maior reverência.

Aproveitando as influências de festas nortistas, Mestre Damasceno, grande artista popular marajoara, criou um “Búfalo – Bumbá”, uma adaptação do Auto do Boi, tendo como figura central o búfalo.

A presença do boi foi largamente disseminada entre os povos Bantos africanos que, no período da colheita, conduziam um boi estilizado, em procissão animada por cantos e danças. Os escravos, cantadores de muitas gerações, usavam palavras e ritmos de seus universos poéticos, narrando aventuras de outros tempos e espaços, com histórias nas quais os bichos falavam, dançavam, cantavam e assombravam reinos humanos e os animais.

“Que já houve um tempo em que eles conversavam entre si e com os homens é certo e indescritível, pois que bem comprovado nos livros de fadas carochas. Mas, hoje em dia, agora, agorinha mesmo, aqui, ali e em toda parte, poderão os bichos falar e serem entendidos, por você, por mim, por todo mundo, por qualquer filho de Deus?!”¹

São histórias contadas pelas avós.

*“Meu boi preto mogangueiro,
árvore para te apresilhar?
Palmeira que não debruça: buriti
– sem entortar...”²*

Os búfalos passeiam pela cidade, servem de montaria para a polícia e ajudam na coleta do lixo. E, à noite, ouve-se as vozes de mães ninando seus pequenos:

Boi, boi, boi da cara preta, pega essa menina que tem medo de careta...

¹ Rosa, João Guimarães – Sagarana – 1a ed. São Paulo, 1967 – Global, 2019 - Conversa de bois – pág. 237

² Rosa, João Guimarães – Grande Sertão: Veredas – 5o ed.,1967, Le Livros, 2006 - pág.80

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Com a proteção de Oyá, a senhora das tempestades e dos ventos, uma mulher que vira búfalo, um búfalo que vira mulher, o enredo do Paraíso do Tuiuti para o Carnaval 2023 foca na trajetória da chegada desses animais ao Brasil, mais precisamente, na Ilha do Marajó. Por lá, eles são chamados também de “boi”, o boi da cara preta. Neste desfile, a comunidade aguerrida de São Cristóvão vai entrar na Marquês de Sapucaí exaltando uma história fabulesca tirada dos livros guardados pelo tempo da professora Rosa Magalhães e de João Vitor Araújo.

A dupla usa fatos históricos determinantes de uma beleza poética ímpar para tornar essa inédita narrativa em uma grande epopeia carnavalesca. O ponto de partida é a Índia, a terra dos “marajás”, onde deuses animais emergem em contemplação. É de lá que disto o cheiro, disto a cor, cousas de tanto sabor, de preço sem igual, vão “enriquecer” o paladar europeu e instaurar o “descobrimento” de novas terras. O búfalo conhecido como “trator vivo do Oriente” era o animal de trabalho mais intensamente utilizado na produção deste comércio de especiarias entre Oriente e Ocidente. Sua estrutura corporal, especialmente, a distribuição do peso sobre os membros, dá a essa espécie uma avantajada força de tração.

A chegada desses bichos no Brasil se dá justamente por causa desse comércio, que abrange também a venda de animais mundo afora, neste caso específico, os búfalos. Por causa da musculatura bastante desenvolvida, conseguiram se salvar de um naufrágio, nadando até a terra firme mais próxima. Os “bovinos marajás” chegam ao Marajó, uma terra cheia de encantos. Chegam totalmente desnorteados, mas rapidamente são aclimatados pelo local. Ultrapassam em número a população daquela terra, e tornam-se o maior rebanho do gênero de todo o Ocidente.

A Ilha do Marajó já havia sido habitada há muito tempo por moradores tidos como exímios ceramistas. Até hoje, o trabalho minucioso feito por esses artistas é alvo de grande admiração. O búfalo, já devidamente “norteado”, se “encanta” nesse local, tornando-se a figura central de autos denominados de “Boi bumbá”. É um romance cantado e dançado que narra a história de um boi cuja língua era objeto de desejo de uma grávida. O marido mata o boi, a mulher satisfaz seu desejo e o boi é ressuscitado pelo pajé. Este auto juntamente com o carimbó, de influência indígena mesclada com a cultura africana, tornam a Ilha um celeiro de manifestações culturais populares.

Nas histórias marajoaras, os bichos têm alma! Pisam com um pé na aldeia e com o outro no quilombo.

Toda essa influência faz surgir um folguedo particular e único: o “Búfalo - Bumbá”, que faz muita gente feliz! Anda pelas ruas, praças, desfila no bufódromo, graças à força, resistência, perseverança e amor de Mestre Damasceno, um legítimo marajoara, miscigenado, que perdeu a visão, mas mantém o vigor da festa há mais de 45 anos. Esse artista popular recriou

a saga do boi, tendo o búfalo como personagem central. Pelo Marajó, tal qual o Sambódromo, no Rio de Janeiro, os marajoaras comemoram o festival no espaço conhecido como “Bufódromo”.

No nosso desfile, os búfalos são o “mogangueiro da cara preta”. O termo “mogangueiro”, retirado das páginas inspiradoras de Guimarães Rosa, notável conhecedor da cultura do interior do Brasil, significa “aquele com várias facetas, trejeitos”. Tal qual os brasileiros, esses animais adquiriram muitas funções, são trabalhadores, motivos de devoção, participam de procissões, aterrorizam... Da cara preta, o nosso mogangueiro vai pegar até aquele que tem medo de careta!

A influência africana, o naufrágio do navio com o carregamento dos búfalos indianos, sua aclimação e interação na sociedade paraense viram tema de cantigas de ninar, e também do nosso enredo.

O Tuiuti entra na Avenida para celebrar a soberania desse conto “pra lá” do Marajó!

SETORES DE DESFILE

ABERTURA

Sob a proteção de Oyá, a comissão de frente do Paraíso do Tuiuti apresenta uma síntese do enredo. Preparem-se para assistir um conto pra lá de marajoara!

1º SETOR – AS RIQUEZAS DA ÍNDIA

O primeiro setor do desfile do Tuiuti leva o espectador para a Índia. O país de origem do búfalo possui uma vasta cultura, muito ligada ao aspecto religioso. Por lá, mais de 80% da população é praticante do hinduísmo, uma religião politeísta. Ou seja, com a crença em vários deuses. Na Índia, os animais possuem íntima relação com os seres humanos, sendo, na maior parte dos casos, considerados sagrados, já que são vistos como a representação dos deuses na Terra. Desta forma, a abertura da azul e amarelo de São Cristóvão explora essa relação, trazendo a riqueza dessa particularidade indiana.

2º SETOR – NESTE ROL DE ESPECIARIAS, A COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS INDIANOS

A exploração econômica dos diversos produtos indianos marca o segundo setor da apresentação do Paraíso do Tuiuti. Com alto valor no mercado internacional, as chamadas especiarias viram alvo da cobiça dos europeus. Foi com o objetivo de achar caminhos alternativos para se chegar à Índia que as potências econômicas da época começaram a se aventurar pelo mar e “descobrir” novas terras. Além dos produtos indianos, este setor retrata os profissionais que viviam ao redor das ruas dos mercados do país asiático.

3º SETOR – O NAUFRÁGIO E A CHEGADA DOS BÚFALOS NA ILHA DO MARAJÓ

Por causa do grande comércio marítimo existente entre Ocidente e Oriente, reza a lenda que um barco com um carregamento de búfalos naufragou na costa brasileira, nas proximidades da Ilha do Marajó. Por causa da resistência física do animal, ele acabou nadando e chegando até o local, que há muitos anos foi habitado pelos marajoaras. Tal qual a Índia, os búfalos encontram ali condições próprias para sobreviver e se reproduzir. O “boi de cara preta”, como os locais passam a chamar o bicho, encontra ali diversidades de espécies de animais, outra fauna, outra flora, e um novo povo.

4º SETOR – A CULTURA POPULAR MARAJOARA

Apesar de terem desaparecido muito antes da chegada dos búfalos na Ilha, os povos originários do Marajó deixaram um legado que é reconhecido até hoje. O quarto setor do desfile destaca o estilo único da cerâmica marajoara, que revela também a afeição deles com os animais que os cercavam. Na tradição oral, passada de geração em geração, os bichos costumam reproduzir ações humanas e participam dos folguedos populares locais.

5º SETOR – MOGANGUEIRO DA CARA PRETA

O termo “mogangueiro” retirado das páginas de Guimarães Rosa, um dos mais célebres autores especialista na cultura do interior do Brasil, significa “pessoa com várias facetas, trejeitos”. Dentro desse contexto, Mestre Damasceno, homenageado deste enredo ao lado do búfalo, assume também o papel de “mogangueiro da cara preta”. Descendente de escravo e índio, esse legítimo caboclo marajoara cria a própria manifestação cultural (o búfalo-bumbá) em uma forma de perpetuar todo o ensinamento adquirido oralmente ao longo da vida. Com uma trajetória repleta de percalços, Damasceno é o brasileiro de várias facetas que não desiste nunca! Até aqui, Oyá nos protegeu!

ROTEIRO DO DESFILE

ABERTURA

Comissão de Frente
UM CONTO PRA LÁ DO MARAJÓ

Elemento Cenográfico
A ÍNDIA E O MARAJÓ

1º SETOR – AS RIQUEZAS DA ÍNDIA

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Raphael Rodrigues e Dandara Ventapane
FLOR DE LÓTUS**

**Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-
Bandeira
SÉQUITO DE NOBRES INDIANOS**

Rainha da Escola
Carol Marins
DIVINDADE INDIANA

Ala 01 – Comunidade
**O PAVÃO SAGRADO (DANÇARINOS
INDIANOS)**

Ala 02 – Comunidade
**O TIGRE BRANCO (ARTISTAS
AMBULANTES)**

**Alegoria 01 – Abre-Alas
O ESPLendor DA ÍNDIA**

Ala 03 – Comunidade
MARAJÁS

Ala 04 – Comunidade
MAHARANIS

Ala 05 – Baianas
A ARTE INDIANA NAS CORES DO
DURGA PUJA

Ala 06 – Comunidade
GUARDA REAL

**2º SETOR – NESTE ROL DE ESPECIARIAS, A COMERCIALIZAÇÃO DOS
PRODUTOS INDIANOS**

Musa 01
Madu Vieira
JOIA DO MERCADO

**Alegoria 02
O MERCADO INDIANO**

Ala 07 – Comunidade
VENDEDORAS DE MANGA

Ala 08 – Comunidade
AMBULANTES DE RUA

Ala 09 – Comunidade
VACA SAGRADA

Ala 10 – Comunidade
MÚSICOS DE RUA

Ala 11 – Comunidade
SADHUS

**3º SETOR – O NAUFRÁGIO E A CHEGADA DOS BÚFALOS NA ILHA DO
MARAJÓ**

Musa 02
Fernanda Florentino
DELÍRIO AQUÁTICO

Ala 12 – Comunidade
ÁGUAS DO OCEANO

Alegoria 03
**“O MOGANGUEIRO CORREU PARA O
IGARAPÉ...”**

Ala 13 – Comunidade
PEIXES DA COSTA DA ILHA DO
MARAJO

Ala 14 – Comunidade
TARTARUGAS DA ILHA DO MARAJÓ

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Léo Thomé e Rebeca Tito
CHÃO DO PARAUARA

Ala 15 – Comunidade
BUBALINO NAUFRAGADO

Rainha de Bateria
Mayara Lima
DEUSA MARAJOARA

Ala 16 – Bateria
A DESCENDÊNCIA MARAJOARA

Destaque de Chão
Alex Coutinho
RESISTÊNCIA MARAJOARA

Ala 17 – Passistas
ARTE MARAJOARA

Ala 18 – Comunidade
A FLORA DA ILHA

Ala 19 – Comunidade
A FAUNA DO MARAJÓ

4º SETOR – A CULTURA POPULAR MARAJOARA

Alegoria 04
A RIQUEZA DA CULTURA MARAJOARA

Ala 20 - Comunidade
“DAS CANTIGAS DA VOVÓ”

Ala 21 – Comunidade
TRANSFIGURAÇÃO DO ESCRAVO EM
BOI

Ala 22 – Comunidade
VEM DANÇAR O CARIMBÓ

Ala 23 – Comunidade
BURRINHAS DO AUTO DO BOI

Ala 24 – Comunidade
PERSONAGENS DO AUTO DO BOI:
CATIRINA E PAI FRANCISCO

Ala 25 – Comunidade
PERSONAGEM DO AUTO DO BOI: PAJÉ

Ala 26 – Comunidade
O BOI-BUMBÁ MARAJOARA

5º SETOR – MOGANGUEIRO DA CARA PRETA

Musa 03
Escarlet Cristina
REALEZA DO BUFÓDROMO

Alegoria 05
O BUFÓDROMO

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Rosa Magalhães e João Vitor Araújo		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>O ESPLENDOR DA ÍNDIA</p>  <p>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações estéticas.</p>	<p>O abre-alas traz a grandiosidade e a opulência da cultura indiana por meio da religião hinduísta. No Hinduísmo, não há um sistema único de crenças e não prevê a existência de um único Deus — pode-se dizer que é hoje a maior religião politeísta do mundo, com mais de 80% dos praticantes sendo indianos. Para os hindus, alguns animais são a representação dos deuses, com episódios que narram essa relação. A alegoria traz na frente tigres brancos, a simbolização da deusa Durga. Na mitologia hindu, essa deusa guerreira assumiu a forma do felino para matar o espírito do mal <i>Mahishasura</i>, que é visto nas iconografias indianas como um búfalo. Tal espírito é representado pelo destaque João Helder e em “caretas” espalhadas pelo carro alegórico. Os indianos costumam reproduzir o maligno com deboche para evidenciar que o bem sempre vence, e que eles “não têm medo de careta”. O abre-alas do Tuiuti traz ainda outras imagens de divindades, invocando o simbolismo e a proteção deles. A agremiação de São Cristóvão abre o desfile com todo o Esplendor da Índia pedindo aos seus deuses por uma apresentação auspiciosa.</p> <p>Composições femininas: Dançarinas do Palácio Composições masculinas: Nobres Indianos Outras composições: Deuses Indianos</p>
02	<p>O MERCADO INDIANO</p>  <p>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações estéticas.</p>	<p>O termo “especiarias” era conhecido na Europa nos séculos XIV e XV para designar temperos e condimentos indianos, que não só davam mais sabor aos alimentos como serviam também para conservá-los, sendo alguns usados como remédios. Os preços altíssimos cobrados até então causaram indiretamente o “Descobrimento” da América e do Brasil. Seu alto custo era cobrado por importadores que bloqueavam sua comercialização. A saída foi procurar um caminho direto a seus produtores, dando origem às “descobertas” de novas terras. O segundo carro é o mercado indiano que sintetiza o comércio das especiarias porque lá se vende de tudo. Há trajes, elementos utilitários, de decoração e, sobretudo, um grande mostuário das famosas especiarias, o grande alvo da cobiça do mundo ocidental.</p> <p>Composições masculinas: Vendedor do Mercado Composições femininas: Vendedoras do Mercado</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

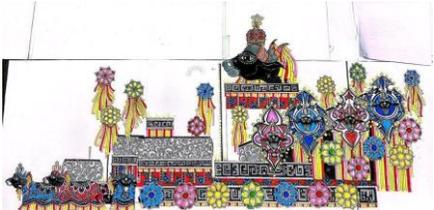
Criador das Alegorias (Cenógrafo)

Rosa Magalhães e João Vitor Araújo

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>“O MOGANGUEIRO CORREU PARA O IGARAPÉ...”</p>  <p>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações estéticas.</p>	<p>Narram as crônicas que os primeiros búfalos teriam entrado no Brasil, em meados do século XIX, após um naufrágio ao norte da Ilha do Marajó. Os animais sobreviventes nadaram até a Ilha iniciando a sua povoação. Devido à sua cor preta (que absorve muito o calor) e à baixa quantidade de glândulas sudoríparas, o búfalo precisa ficar imerso na água para se resfriar. A alegoria, além do barco e dos búfalos, apresenta monstros marinhos, que, na época, povoavam o imaginário dos marinheiros; e as ondas para simbolizar a pororoca, o famoso fenômeno natural caracterizado por grandes ondas que são formadas a partir do encontro das águas do mar com as águas do rio.</p> <p>Composições: Marinheiros Composições: Águas do Oceano* <i>*Apresentam o mesmo figurino do grupo performático que vem à frente da alegoria.</i></p>
04	<p>A RIQUEZA DA CULTURA MARAJOARA</p>  <p>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações estéticas.</p>	<p>A quarta alegoria resume a riqueza da cultura introduzida pelos marajoaras. O maior legado desse povo foi a estilizada cerâmica marajoara. São vasos, jarros, pratos, urnas, tudo ricamente enfeitado com desenhos bem particulares, fazendo desta arte um objeto único na iconografia brasileira. Nessas gravuras, era comum encontrar a sinalização em barro dos animais e seres da floresta, como tartarugas, peixes, aves, e muito mais. O carro representa a singularidade da cultura encontrada pelos búfalos na Ilha do Marajó, agora o seu novo habitat.</p> <p>Composições: Grafismos Marajoaras</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Rosa Magalhães e João Vitor Araújo		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>O BUFÓDROMO</p>  <p>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações estéticas.</p>	<p>Cadê o boi mogangueiro? A última alegoria do Tuiuti traz o personagem principal do enredo sendo coroado com o símbolo da agremiação em seu local de desfile: o bufódromo. No Marajó, a passarela do samba foi batizada em homenagem ao animal-símbolo da Ilha. Mestre Damasceno, ao fazer uma adaptação de todas as narrativas contadas oralmente e transformadas em manifestações culturais, cria o seu próprio folgado: o búfalo-bumbá. Exímio compositor e narrador de contos e histórias fantásticas, esse verdadeiro afro-indígena, montador da comédia do Búfalo-Bumbá, transita até hoje pelas ruas da cidade mostrando a relevante relação de seu auto com a comunidade local. Longe de ser reduto apenas da tradição oral, do saber local, o búfalo-bumbá influenciou e foi influenciado por outras formas e estéticas culturais. Pela história de vida de Mestre Damasceno, com limitações em função da cegueira contraída aos 19 anos, o conceito de cultura popular emerge como um campo multifacetado, cercado de significados. Assim como o búfalo marajoara, Damasceno é o nosso próprio mogangueiro da cara preta.</p> <p><i>“Eu era bom da vista até a idade de 19 anos, me criei em comunidade quilombola, foi pessoa de uma família super carente, que até eu falo para minha família que eu me criei numa comunidade bem pobrezinha, que é a comunidade de Salvar. Ali eu comecei a farinhar, ali eu passei o dia com fome, ali eu aprendi muito com a vida. Eu vim para Salvaterra com 13 anos e com 19 anos perdi a visão e passei pra arte de colocar o boi-bumbá na rua” - Mestre Damasceno</i></p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)

Rosa Magalhães e João Vitor Araújo

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>O BUFÓDROMO (Continuação)</p>  <p>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações estéticas.</p>	<p>Com todo simbolismo e misticismo apresentado ao longo do desfile, o búfalo carrega também a personificação da orixá Oyá (Iansã). É o boi mandingueiro de Oyá! A traseira do carro alegórico traz a senhora dos ventos e tempestades em um reforço de proteção aos desfilantes do Tuiuti. Até aqui, Oyá nos protegeu!</p> <p>Personalidade (destaque central baixo): Mestre Damasceno</p> <p>Personalidade: Fafá de Belém</p> <p>Personalidade: Rosa Magalhães</p> <p>Composições: Brincantes do Búfalo-Bumbá (alunos da Escola de Belas Artes (EBA-UFRJ) e do CETICT)</p> <p>Composições femininas: Musas do Auto do Búfalo-Bumbá</p> <p>Velha Guarda – Fantasia: Tradição oral</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><u>Alegoria 01 - O Esplendor da Índia</u> Destaque Central Baixo - João Helder Fantasia: O espírito do Mal - <i>Mahishasura</i></p>	Médico
<p>Semi-Destaque Central Médio - Murilo Fantasia: Nobre Indiano</p>	Maquiador
<p>Semi-Destaque Central Alto - Paulo César</p>	Maquiador
<p><u>Alegoria 02 – O Mercado Indiano</u> Destaque Central Baixo - Nabil Habbib Fantasia: O grande mercador</p>	Empresário
<p>Destaque Central Médio - Luiz Vigneron Fantasia: Vendedor de especiarias</p>	Empresário
<p>Semi-Destaque Lateral Direito - Raphael Horst Fantasia: Comerciante do mercado</p>	Bancário
<p>Semi-Destaque Lateral Esquerdo - Raphaela Vianna Fantasia: Comerciante do mercado</p>	Farmacêutica
<p><u>Alegoria 03 - “O Mogangueiro Correu para o Igarapé...”</u> Destaque Central Alto - Luiz Pizotti Fantasia: Perigos do mar</p>	Servidor Público
<p>Destaque Central Baixo - Jorge Amarelloh Fantasia: Ser aquático</p>	Dançarino
<p>Semi-Destaque Lateral Direito - Diego Reis Fantasia: A travessia</p>	Jornalista
<p>Semi-Destaque Lateral Esquerdo - Luana Reis Fantasia: A travessia</p>	Empresária
<p><u>Alegoria 04 - A Riqueza da Cultura Marajoara</u> Destaque Central Alto - Valter Costa Fantasia: Esplendor da arte marajoara</p>	Professor

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><u>Alegoria 04 - A Riqueza da Cultura Marajoara</u> Destaque Central Médio - Cláudio Hillary Fantasia: Povos originários do Marajó Destaque Central Baixo - Ruan Mendes Fantasia: O anajá (tribo marajoara) Semi-Destaque Lateral Direito Frontal - Fábio Aragão Fantasia: Arte decorativa marajoara Semi-Destaque Lateral Esquerdo Frontal - Carla Close Fantasia: Arte decorativa marajoara Semi-Destaque Lateral Direito Traseiro - Samantha Quadrado Fantasia: Cerâmica marajoara Fantasia: Arte decorativa marajoara Semi-Destaque Lateral Esquerdo Traseiro - Maria Finlândia Fantasia: Cerâmica marajoara</p>	<p>Decorador Modelo Servidor Público Modelo Atriz Modelo</p>
<p><u>Alegoria 05 - O Bufódromo</u> Destaque Central Baixo - Mestre Damasceno Destaque Central Médio - Samile Cunha Fantasia: Auto do búfalo-bumbá Destaque Central Alto - Diogo Ribeiro Fantasia: Esplendor do bufódromo Semi-Destaque Lateral Direito Frontal - Gustavo Krelling Fantasia: Brincante do búfalo-bumbá Semi-Destaque Lateral Esquerdo Frontal - Vinícius Souza Fantasia: Brincante do búfalo-bumbá</p>	<p>Artista popular Ator Artista Artista plástico Empresário</p>
<p>Local do Barracão Rua Rivadavia Correa, nº. 60 – Barracão nº. 03 – Cidade do Samba – Gamboa, RJ</p>	
<p>Diretor Responsável pelo Barracão Luiz Adriano e Renan Marins</p>	
<p>Ferreiro Chefe de Equipe Alan Duque</p>	<p>Carpinteiro Chefe de Equipe Brian Vieira</p>
<p>Escultor(a) Chefe de Equipe Rodrigo Bonam</p>	<p>Pintor Chefe de Equipe -</p>
<p>Eletricista Chefe de Equipe Natanael Ferreira</p>	<p>Mecânico Chefe de Equipe Jones da Silva Melo</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Outros Profissionais e Respectivas Funções

Rodrigo Bonam: O escultor atua há mais de 20 anos no Carnaval carioca, passando por diversas agremiações. O profissional foi o último a trabalhar com o exigente e renomado Joãozinho 30. Ao longo da carreira, acumula diversos prêmios como melhor escultor. Bonam se destaca com técnicas e acabamentos adquiridos fora do país em impressão 3D. Neste Carnaval, ele é o escultor chefe do Paraíso do Tuiuti e realiza trabalhos para o AquaRio e Pão de Açúcar, além de exportar projetos para Colômbia e EUA.

Paulinho da Luz: Responsável pela iluminação cênica das alegorias, instalando cabeamento, plugs, equipamentos como dimmers, refletores e mesa de comando, possibilitando uma luz cênica e criativa aos carros alegóricos.

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Rosa Magalhães e João Vítor Araújo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Divindade Indiana</p> 	<p>Na religião hindu, há crença em diversos deuses e deusas. A rainha da escola, Carol Marins, personifica uma divindade indiana para trazer boa vibração ao desfile da escola.</p>	<p>Rainha da Escola (2023)</p>	<p>Carol Marins</p>
01	<p>O Pavão Sagrado (Dançarinos Indianos)</p> 	<p>O pavão é o símbolo da Índia. Para os indianos, a ave representa a sorte, a beleza, o poder pessoal, o orgulho, a autoestima, a exuberância, a prosperidade e a realeza. Os hindus (praticantes da principal religião indiana) também consideram o pavão sagrado porque percebem as manchas nas caudas dos pássaros como os “olhos” dos deuses. A ave é tão venerada que, nos jardins dos palácios, templos hindus e lugares sagrados, ela é cuidada e alimentada de modo especial. A ala de abertura do Tuiuti traz dançarinos indianos simbolizando o pavão para caracterizar o país asiático com sua arte e rica cultura que encantam até hoje os viajantes.</p>	<p>Comunidade (2023)</p>	<p>Harmonia</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Rosa Magalhães e João Vitor Araújo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	O Tigre Branco (Artistas Ambulantes) 	<p>Além da exuberância e da sorte representada pelo pavão, o Tuiuti abre o desfile com a figura imponente do tigre branco indiano. O animal simboliza a realeza, a força e a determinação para espantar todo tipo de mal. Na mitologia da religião hindu, o tigre branco ajudou na guerra da deusa Durga contra o búfalo-demônio, <i>Mahishasura</i>, que representa o egoísmo e a ignorância. Sendo assim, a ala que vem à frente do abre-alas personifica os artistas ambulantes indianos carregando em sua arte a pujança do tigre branco.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia
03	Marajás 	<p>A saga do búfalo remonta ao período dos marajás na Índia (antes da colonização britânica até meados do século XX, na independência do país), quando poderosos locais governavam microestados e desenvolveram linhagens que deram origem às principais raças do gado indiano. Os marajás, ou "grandes reis", tinham um particular estilo de vida e exerciam liderança política e religiosa no país.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Rosa Magalhães e João Vitor Araújo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<p>Maharanis</p> 	<p>Assim eram chamadas as esposas dos marajás. As maharanis também detinham um modo de vida único. Acredita-se que elas foram as primeiras a utilizar produtos naturais extraídos dos búfalos.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia
05	<p>A Arte Indiana nas Cores do Durga Puja</p> 	<p>Os indianos, em especial, os marajás, são muito festeiros. A tradicional ala das baianas do Paraíso do Tuiuti traz as diversas cores de um dos maiores festejos hindus: o Durga Puja, em homenagem à deusa Durga. O povo indiano, com suas cores e músicas vibrantes, vê nos festivais uma forma de festejar, dançar, decorar suas casas, buscar bênçãos e trocar boas energias. Os símbolos místicos da arte indiana revelam a importância do sagrado na cultura indiana. Cada cor traz um significado do que se deseja transmitir:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Azul: calma • Rosa: amor • Verde: vitalidade / força • Branco: paz / pureza do pensamento. 	Baianas (1952)	Alexandre Federici

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Rosa Magalhães e João Vitor Araújo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	Guarda Real 	Os nobres indianos eram obcecados por acumular ouro, já que era possível avaliar a prosperidade de uma casa pela quantidade de metal precioso que detinham. Além disso, o ouro era oferecido em cerimônias de nascimentos, aniversários e aos deuses. Até os dias atuais, a Índia é a maior consumidora de ouro do planeta, representando mais de 24% da parcela deste tipo de comércio no mundo. Os componentes são os guardiões do ouro devotados para a deusa Durga.	Comunidade (2023)	Harmonia
*	Joia do Mercado 	No mercado indiano tem de tudo. A musa que vem à frente da segunda alegoria traz a exuberância das joias preciosas que são vendidas por lá.	Destaque de Chão (2023)	Madu Vieira
07	Vendedoras de Manga 	O mercado indiano e seus arredores são famosos pela exuberância das frutas, principalmente, a manga. A fruta foi uma das primeiras a ser exportada por causa do seu alto custo no mercado internacional. No Brasil, elas foram trazidas pelos portugueses e se adaptaram bem ao clima tropical.	Comunidade (2023)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Rosa Magalhães e João Vítor Araújo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<p>Ambulantes de Rua</p> 	<p>É o comércio popular da Índia feito através de ambulantes que oferecem as especiarias de porta em porta. A roupa traz itens dos temperos como a pimenta, o verde das hortaliças, e outras frutas.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia
09	<p>Vaca Sagrada</p> 	<p>Por causa do hinduísmo, a vaca é considerada sagrada na Índia, aproveitando-se desse animal os laticínios em boa parte de sua gastronomia. Segundo a religião, os derivados do leite influem na espiritualidade. O animal adorado é decorado com cores vibrantes e percorre as ruas livremente.</p> <p><i>“Deixe-me oferecer minhas respeitadas reverências ao Senhor Krsna, que é a deidade adorável de todos os brahmanas, que é o bem querente das vacas e dos brahmanas, e que está sempre beneficiando o mundo inteiro”.</i> (Visnu Purana, 1.19.65/CC, M-13.77)</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Rosa Magalhães e João Vitor Araújo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	Músicos de Rua 	<p>A ampla atividade pastoral indiana, com a criação no campo de animais como as vacas e os búfalos, fez com que os músicos do país “importassem” para as ruas ao redor dos mercados um dos instrumentos utilizados no trabalho com o gado. Por isso, é muito comum encontrar músicos utilizando o “bansuri”, uma espécie de flauta, bem perto das vacas que circulam ao redor dos mercados indianos. O comprimento desses objetos musicais depende da tonalidade do bansuri - os maiores produzem sons graves e profundos. Os componentes da ala vestem um carnavalizado <i>kamiz-pajama</i> (vestuário indiano) para representar os tradicionais músicos de rua indianos, que levam alegria e provocam admiração dos passantes.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia
11	Sadhus 	<p>A iluminação espiritual é um dos principais objetivos da vida dos indianos mais devotos. O caminho mais curto, porém o mais difícil, para se atingir esse nirvana é o da renúncia total ou do desapego material. Os brincantes desta ala representam os chamados <i>Sadhus</i>, personalidades indianas que “entregam” completamente sua vida para a busca espiritual e, conseqüentemente, querem atingir a iluminação. Tradicionalmente, vestem-se com roupas cor de laranja, usam colares de flores ao redor do pescoço e costumam andar pelas ruas ao redor dos mercados oferecendo conselhos em troca de alimentos.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Rosa Magalhães e João Vitor Araújo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Delírio Aquático</p> 	<p>O fascínio que as águas exerciam sobre o imaginário dos navegadores.</p>	<p>Destaque de Chão (2023)</p>	<p>Fernanda Florentino</p>
12	<p>Águas do Oceano</p> 	<p>A ala é formada por um grupo performático simbolizando o movimento das águas do Oceano Atlântico. O mesmo figurino dos componentes desta ala é utilizado em algumas composições que estão em cima da terceira alegoria, compondo o cenário da travessia marítima do búfalo até a Ilha do Marajó.</p>	<p>Comunidade (2023)</p>	<p>Harmonia</p>
13	<p>Peixes da Costa da Ilha do Marajó</p> 	<p>O arquipélago do Marajó é um território gigantesco cercado de belezas naturais. Considerada a maior ilha fluvial do mundo, a região fica no extremo norte do Pará, banhada pela foz do rio Amazonas e pelo oceano Atlântico. A fantasia sintetiza os peixes aquáticos que vivem nas águas doces da região, subindo rio acima no fenômeno da piracema.</p>	<p>Comunidade (2023)</p>	<p>Harmonia</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Rosa Magalhães e João Vitor Araújo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	Tartarugas da Ilha do Marajó 	A fauna marajoara é composta por uma infinidade de espécies de animais. A tartaruga, que vive essencialmente entre o ambiente marinho e terrestre, é uma das mais abundantes da Ilha. A roupa do folião também traz traços marajoaras para pontuar o local.	Comunidade (2023)	Harmonia
15	Bubalino Naufragado 	O búfalo negro, personagem central do enredo, escapou com vida do naufrágio. Chegou no chão do parauara! Após atravessar o Oceano e nadar pelas águas doces do Marajó, o animal vai se aclimatar e virar um verdadeiro nativo da Ilha. Esses bovinos se multiplicam, tornando-se ali o local com o maior rebanho deste tipo em todo o Ocidente.	Comunidade (2023)	Harmonia
*	Deusa Marajoara 	O imaginário feminino encontrado na arte marajoara, apresentando as mulheres como deusas poderosas e fundadoras de linhagens, sugere que elas não tinham um status mais baixo do que os homens. Ao contrário, eram muito valorizadas dentro da tribo. A rainha de bateria da SuperSom, Mayara Lima, encanta com essa força feminina marajoara, vestindo traje com a riqueza do grafismo decorativo dos povos originários do Marajó.	Rainha de Bateria (2023)	Mayara Lima

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Rosa Magalhães e João Vitor Araújo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	A Descendência Marajoara 	Apesar de terem desaparecido desde muito antes da chegada dos búfalos, os indígenas marajoaras mantêm grande presença na Ilha até os dias de hoje, seja na cultura ou na formação organizacional. Os ritmistas de Mestre Marcão desfilam em reverência aos descendentes dos povos originários.	Bateria (2023)	Mestre Marcão
*	Resistência Marajoara 	A civilização marajoara possuía aldeias que chegaram a abrigar de 5 a 6 mil habitantes. Alex Coutinho vem à frente da ala dos passistas representando o líder dessa complexa organização indígena, que resiste ao tempo por meio de sua arte característica.	Destaque de Chão (2023)	Alex Coutinho
17	Arte Marajoara  	Os passistas coordenados por Alex Coutinho e Jorge Amarelloh representam a arte dos indígenas marajoaras, que, tal qual como os indianos, tinham sua própria particularidade. Sendo esta, caracterizada pelos gráficos e motivos geométricos.	Passistas (1952)	Alex Coutinho e Jorge Amarelloh

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Rosa Magalhães e João Vitor Araújo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	A Flora da Ilha 	Além do clima favorável, a flora da Ilha deu condições para que os búfalos pudessem se “recriar” no novo habitat. Situada na foz do Rio Amazonas, a ilha é uma extensa planície, pontilhada de campos, matas, florestas, mangues e igarapés. O traje da ala sintetiza a natureza local.	Comunidade (2023)	Harmonia
19	A Fauna do Marajó 	O búfalo passou a integrar uma das faunas mais diversas do Brasil, a fauna da região Amazônica. A Ilha do Marajó reúne centenas de espécies, em que muitas delas estão ameaçadas de extinção. Seja pela caça predatória ou pela exploração econômica de maneira ilegal, a onça pintada se tornou um desses símbolos de alerta. A diversidade da fauna local é representada aqui pela onça pintada.	Comunidade (2023)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Rosa Magalhães e João Vítor Araújo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<p>“Das Cantigas da Vovó”</p> 	<p>Os escravizados chegaram na Ilha do Marajó no fim do século XVII e início do século XVIII, em substituição da mão de obra indígena na exploração econômica da floresta. A predominância foi de africanos originários do grupo banto, representações de nações, como: Angola, Congo, Benguela, e outros. Com forte tradição oral, os negros começaram a introduzir na cultura local histórias, cantigas, fantásticas sobre animais. Os brincantes desta ala carregam a ancestralidade (vovô e vovó) dos africanos contadores de histórias.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Rosa Magalhães e João Vitor Araújo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	Transfiguração do Escravo em Boi 	<p>O boi é um símbolo de bondade, de calma, de força pacífica; de capacidade de trabalho e de sacrifício. As cantigas populares envolvendo o boi, geralmente entoadas por cantadores de origem ou de descendência africana, rememoram o drama dos africanos escravizados no Brasil, amalgamando realidade e imaginário. Muitas histórias contadas oralmente produzem imagens referentes à não aceitação dessa condição escrava na figura do boi preto, quebrando as correntes do confinamento e da submissão. Nestas memórias cantadas, as características dos animais tornavam-se atributos qualificadores dos perfis humanos, ou seja, por muitas vezes, encorajando-os a resistir. Estas referências estão presentes nos cantos populares, nas cantigas de capoeira, nos cantos cerimoniais do candomblé e nas cantigas de ninar do povo marajoara.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Rosa Magalhães e João Vítor Araújo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p>Vem Dançar o Carimbó</p> 	<p>A dança típica do estado do Pará tem particularidade na Ilha do Marajó. Surgiu no Brasil a partir dos africanos escravizados, recebendo forte influência da cultura indígena. As vestimentas utilizadas são as que mais se destacam. As saias das mulheres são coloridas e bastante volumosas para garantir um efeito mais bonito ao movimento da dança. Já a roupa dos homens é mais simples. O casal geralmente utiliza adornos com temática floral; as mulheres, por sua vez, também enfeitam os cabelos com flores.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia
23	<p>Burrinhas do Auto do Boi</p> 	<p>O começo do mais famoso e singular folguedo popular da Ilha. As memórias de vida de Mestre Damasceno deixam ver mesclas afro-indígenas tanto no próprio fazer-se físico quanto cultural. Ele viveu até os 13 anos em uma comunidade quilombola, onde teve sua iniciação na principal manifestação cultural que conforma sua identidade até hoje. Foi lá que ele teve contato com a “burrinha”, forma antiga do “Bumba meu boi”.</p> <p>O chamado brincante usa vestimentas coloridas e de estampas fortes, com a burrinha como se fosse um balaio na cintura. Para servir de trilha sonora, eram entoados versos de carimbó, samba de roda e outros ritmos locais.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Rosa Magalhães e João Vitor Araújo				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
24	Personagens do Auto do Boi: Catirina e Pai Francisco 	<p>A história que envolve a dança do bumba meu boi está ligada à lenda de um casal de escravizados, chamados Pai Francisco e Mãe Catirina (ou Catarina). A partir do desejo de Catirina, Pai Francisco, ou simplesmente Chico, vai em busca da língua de um boi. Ele acaba matando o boi preferido do patrão. O animal era premiado e era proibido a qualquer um mexer com ele. É a partir desse conto que Mestre Damasceno irá criar o seu “búfalo bumbá” - uma adaptação do “bumba meu boi”. Nas encenações do auto, a personagem feminina, sempre é vista com roupas alegres e coloridas. Já o personagem masculino em questão usa vestes (coloridas) de um típico matuto.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia
25	Personagem do Auto do Boi: Pajé 	<p>Após a morte do boi, um pajé é convocado para ressuscitá-lo. O componente desta ala representa esse curandeiro indígena, personagem tão importante para o desfecho do auto do boi.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Rosa Magalhães e João Vítor Araújo

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
26	<p>O Boi-Bumbá Marajoara</p> 	<p>O ponto alto do bumba meu boi é a ressuscitação do boi. O animal volta à vida, e toda comunidade celebra com uma grande festa. Francisco e Catirina acabam recebendo o perdão do dono do boi. Toda essa narrativa faz parte de um dos mais populares folguedos da região Norte e Nordeste do Brasil. No Marajó, esses personagens influenciam Mestre Damasceno na construção do seu próprio personagem: o búfalo-bumbá.</p>	Comunidade (2023)	Harmonia
*	<p>Realeza do Bufódromo</p> 	<p>A beleza da majestade da festa do Búfalo-bumbá.</p>	Destaque de Chão (2023)	Escarlet Cristina

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadavia Correa, nº. 60 – Barracão nº. 03 – Cidade do Samba – Gamboa, RJ	
Diretor Responsável pelo Atelier Leandro Azevedo e Júlio César	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Flávia Jacob	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe -
Aderecista Chefe de Equipe Fernando Kieer e Leo Catapreta	Sapateiro(a) Chefe de Equipe Alexandre
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Rosa Magalhães e João Vitor Araújo	- Criadores do Projeto Plástico de Fantasia
Mauro Leite	- Desenhos e Figurinos
Alessandra Cadore	- Assistente
Outras informações julgadas necessárias	
<i>As imagens dos croquis reproduzidas nas fichas são originais e servem apenas como referência, pois foram realizadas modificações na execução das fantasias, de acordo com materiais disponíveis no mercado.</i>	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo Claudio Russo, Moacyr Luz, Gustavo Clarão, Júlio Alves, Alessandro Falcão, Pier Ubertini e W. Correia

Presidente da Ala dos Compositores

Aníbal Marenga

Total de Componentes da Ala dos Compositores	Compositor mais Idoso (Nome e Idade)	Compositor mais Jovem (Nome e Idade)
80 (oitenta)	Jurandir (81 anos)	Gabriel Russo (27 anos)

Outras informações julgadas necessárias

Cadê o boi?

O mogangueiro, o mandingueiro de oyá

Meu Tuiuti não tem medo de careta

Traz o boi da cara preta, do estado do Pará

Num mar de tempestade e ventania
 Foi trazendo especiarias que o barco naufragou
 Nós moscada, cravo, iguarias
 No caminho para as Índias a história eternizou
 O marinheiro se perdeu na madrugada
 O mogangueiro correu para o igarapé
 A curuminha entoou uma toada
 Enquanto abria-se a flor do mururé
 E nesse encontro entre o rio e o oceano
 A grande ilha que cultiva o carimbó
 Dizem que bichos ainda falam com humanos
 Há muitos anos na Ilha de Marajó

Ê! Batuqueiro no samba de roda curimbó

Quero ver você cantar como canta o curió

Okê caboclo onde vai a piracema?

Rio acima segue o voo de uma juriti pepena

Há mão que modela a vida
 No barro Marajoara
 E o búfalo que pisa
 Nesse chão do parauara
 Chama o Mestre Damasceno
 Pra entoar esta canção
 Das cantigas da vovó
 Do tempo da escravidão

É lá! É lá! É lá!

Canoeiro vive só morená

É lá! É lá! É lá!

Mas precisa de um xodó

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Defesa do Samba:

O samba-enredo do Paraíso do Tuiuti para o Carnaval 2023 traz a assinatura de compositores consagrados. A obra busca levar ao desfilante o clima, o sentimento e a alma do povo marajoara. Para isso, os poetas se utilizam de referências melódicas aos ritmos paraenses, como o carimbó e seus batuques, fazendo um entrelaçamento com uma letra pertinente que utiliza palavras tão particulares da região Norte do Brasil.

Os autores construíram um samba-enredo de diálogo com o público, ao trazer um questionamento logo no refrão principal (*Cadê o boi?*). Entretanto, não se trata de qualquer boi. Os compositores especificam: *é o mogangueiro, o mandingueiro de Oyá*. Tais características são atribuídas ao personagem principal do enredo, o búfalo. O boi e o búfalo são de espécies diferentes, mas pertencem ao mesmo grupo de animais: os bovinos. Em uma análise simplória: são parentes próximos. Não à toa, os búfalos são chamados de boi no Marajó.

A melodia do samba possui variações e nuances que enfatizam em acordes o que a letra retrata em cada momento histórico. Desde o naufrágio no litoral do Marajó até a beleza rítmica e a lembrança das brincadeiras de roda no refrão final do samba, mostrando que o Paraíso do Tuiuti *não tem medo de careta* – uma clara referência à canção de ninar tão difundida nos lares populares do país.

A obra criada por Claudio Russo, Moacyr Luz, Gustavo Clarão, Júlio Alves, Alessandro Falcão, Pier Ubertini e W. Correia embala o desfile da azul e amarelo de São Cristóvão com os acontecimentos visuais propostos pelos carnavalescos Rosa Magalhães e João Vitor Araújo. À época das grandes navegações, o comércio das *especiarias* fez o mundo “descobrir” novas terras e muita riqueza. Tudo isto em um cenário de *caminho para as Índias*, que se torna a rota mais explorada do período. Dali vieram *noz-moscada, cravo, iguarias...* Em meio a *tempestades e ventanias*, o barco que trazia tais produtos *naufragou* com um carregamento de búfalos. Alguns resistem e chegam, a nado, em terra firme, ao *igarapé*, à Ilha do Marajó.

Esses acontecimentos, assim como outros ao longo do samba-enredo, ganham versos de forma como se fossem uma história narrada oralmente. Ou seja, trazendo movimentos e ações na frente de contextualizações históricas. Essa opção estilística dos compositores evidencia mais uma vez uma característica da tradição cultural do povo marajoara.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Destrinchando o Samba:

**NUM MAR DE TEMPESTADE E VENTANIA
FOI TRAZENDO ESPECIARIAS
QUE O BARCO NAUFRAGOU
NOZ MOSCADA, CRAVO, IGUARIAS...
NO CAMINHO PARA AS ÍNDIAS
A HISTÓRIA ETERNIZOU
O MARINHEIRO SE PERDEU NA MADRUGADA
O MOGANGUEIRO CORREU PARA O IGARAPÉ
A CURUMINHA ENTOOU UMA TOADA
ENQUANTO ABRIA-SE A FLOR DO MURURÉ**

A história contada oralmente traz o acontecimento do naufrágio do barco com o carregamento de búfalos. A embarcação fazia parte do grande comércio marítimo da época em que o Caminho para as Índias virou exploração econômica internacional, devido aos seus temperos/especiarias. Enquanto o marinheiro se afogava na madrugada e o Búfalo, o Mogangueiro da Cara Preta, chegava ao igarapé mais próximo, os versos romantizam a vida no Marajó, com a curuminha (criança) entoando uma toada tão bonita para a exuberante natureza marajoara enquanto se abria a Flor do Mururé (planta típica).

**E NESSE ENCONTRO ENTRE O RIO E O OCEANO
A GRANDE ILHA QUE CULTIVA O CARIMBÓ
DIZEM QUE BICHOS AINDA FALAM COM HUMANOS
HÁ MUITOS ANOS NA ILHA DE MARAJÓ**

O búfalo chegou na Ilha do Marajó e presencia um encontro único: do rio com o oceano. É a ilha do povo festivo e de sangue quente, que cultivava a cultura do Carimbó e que adotou os búfalos como seus. Por lá, há muitas lendas, retratadas em canções, envolvendo bichos, dizendo que animais falam com humanos. O batuque não pode parar!

**EH! BATUQUEIRO NO SAMBA DE RODA, CURIMBÓ
QUERO VER VOCÊ CANTAR COMO CANTA O CURIÓ
OKÊ CABOCLO! ONDE VAI A PIRACEMA?
RIO ACIMA SEGUE O VOO DE UMA JURITI PEPENA**

Canta o curió do bico doce, o batuqueiro bate o seu tambor, o curimbó, e o caboclo de Marajó viaja nas ondas da piracema que sobe o rio seguindo uma Juriti Pepena (ave). Essas associações entre bicho e o homem são comuns no Marajó.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

**HÁ MÃO QUE MODELA A VIDA
NO BARRO MARAJOARA
E O BÚFALO QUE PISA
ESSE CHÃO DO PARAUARA**

Na grande Ilha, os povos indígenas fazem do barro a sua vida, é a arte marajoara em sua essência. Segue o rebanho pelo chão do Parauara numa convivência harmoniosa. Os búfalos já estão praticamente em casa.

**CHAMA O MESTRE DAMASCENO
PRA ENTOAR ESTA CANÇÃO
DAS CANTIGAS DA VOVÓ
DO TEMPO DA ESCRAVIDÃO**

Máximo representante da cultura local, Mestre Damasceno é um grande artista, poeta e cantador. Ele perpetua a ancestralidade das histórias contadas e cantadas oralmente na Ilha. Damasceno é ao lado do búfalo o grande homenageado do enredo.

**É LÁ! É LÁ! É LÁ!
CANOEIRO VIVE SÓ “MORENÁ”
É LÁ! É LÁ! É LÁ!
MAS PRECISA DE UM XODÓ**

Nesses versos, os compositores fazem uma referência melódica ao grande carimbó (intitulado de Ilha do Marajó) de autoria de Mestre Verequete, que é um dos maiores expoentes do ritmo no Brasil. O valor dos mestres do carimbó mais uma vez é reforçado quando a letra se une à melodia para dizer que *é lá, é lá, é lá* que o canoeiro sozinho sente o vento da praia e vive à espera de um xodó, da morena mais bonita, ah! “morena...”. O carimbó é o principal ritmo das toadas do auto do búfalo bumbá.

**CADÊ O BOI?
O MOGANGUEIRO, O MANDIGUEIRO DE OYÁ
MEU TUIUTI NÃO TEM MEDO DE CARETA
TRÁS O BOI DA CARA PRETA DO ESTADO DO PARÁ**

É carnaval e o Paraíso do Tuiuti reforça sua vocação cultural exaltando o Marajó, sua história, seu povo e seu morador mais inusitado, o “boi da cara preta”. Em busca de um desfile maravilhoso, perguntamos “Cadê o Boi?”. Aquele mesmo que iniciou a nossa história e nos cultos afros brasileiros se transforma em mulher poderosa. Salve o Mandingueiro de Oyá do estado do Pará! Salve o Morro do Tuiuti!

Por Cláudio Russo e Igor Ricardo

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Sobre os Compositores:

Claudio Russo: Consagrado compositor carioca e ganhador de diversos prêmios, como os Estandartes de Ouro de Melhor Samba-Enredo, nos anos de 2007, 2015 e 2017, é integrante da ala de compositores do Paraíso do Tuiuti desde 2015. Em 2016, compôs o samba-enredo que ajudou a Escola a subir para o Grupo Especial e, em 2018, compôs o marcante samba que conduziu o Tuiuti à conquista do vice-campeonato do Grupo Especial.

Moacyr Luz: Mestre do samba carioca, possui 13 CDs gravados, trazendo em cada trabalho importantes referências à música brasileira. Com mais de 100 composições gravadas por diferentes intérpretes da MPB, Moacyr ganhou vários prêmios no Carnaval carioca, como o Estandarte de Ouro de Melhor Samba-Enredo de 2015, além de ser co-autor do antológico samba do Paraíso do Tuiuti no ano de 2018.

Gustavo Clarão: Um dos mais celebrados compositores do samba nacional, tendo mais de 20 anos de atuação no Carnaval carioca. Clarão, como é carinhosamente chamado, detém importantes premiações, como o Estandarte de Ouro, e títulos. No ano passado, compôs o samba campeão da co-irmã Grande Rio, ajudando no título inédito da tricolor de Duque de Caxias.

Júlio Alves: Compositor carioca com várias vitórias no Carnaval. Possui músicas gravadas por Alcione, além de ser um dos autores do samba do Paraíso do Tuiuti em 2020.

Alessandro Falcão: É, acima de tudo, um torcedor fervoroso da agremiação e morador do bairro imperial de São Cristóvão. Compondo no Paraíso do Tuiuti desde 1999, teve sua primeira vitória em 2020.

Pier Ubertini: Do amor ao samba faz seu trabalho diário há 28 anos, trabalhando com artistas consagrados como: grupo Raça Negra, Fundo de Quintal e Mumuzinho. Desfilando no Tuiuti desde 2016, é um dos compositores do samba de 2022 e 2023 do Paraíso.

W. Correia: Mais um apaixonado pelo samba e por compor, Correia possui algumas vitórias além de ser um dos autores do samba de 2016 do Paraíso do Tuiuti.

FICHA TÉCNICA**Bateria**

Diretor Geral de Bateria Mestre Marcão				
Outros Diretores de Bateria Marquinhos Jr., Marquinho Passos, Jota, Yan Tuiuti, Guilherme (Sapão), Celso Frazão, Claudinho Tuiuti, Jeferson, George, Washington Paz e Felipe D’Lelis				
Total de Componentes da Bateria 250 (duzentos e cinquenta) componentes.				
NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS				
1ª Marcação 12	2ª Marcação 12	3ª Marcação 13	Reco-Reco 02	Ganzá -
Caixa 100	Tarol -	Tamborim 36	Tan-Tan -	Repinique 31
Prato -	Agogô -	Cuíca 24	Pandeiro -	Chocalho 20
Outras informações julgadas necessárias				
Bateria				
Nome da Fantasia: A descendência marajoara				
O que representa: Apesar de terem desaparecido desde muito antes da chegada dos búfalos, os indígenas marajoaras mantêm grande presença na Ilha até os dias de hoje, seja na cultura ou na formação organizacional. Os ritmistas de Mestre Marcão desfilam em reverência aos descendentes dos povos originários.				
<u>Rainha de Bateria: Mayara Lima</u>				
Nome da Fantasia: Deusa Marajoara				
O que representa: O imaginário feminino encontrado na arte marajoara, apresentando as mulheres como deusas poderosas e fundadoras de linhagens, sugere que elas não tinham um status mais baixo do que os homens. Ao contrário, eram muito valorizadas dentro da tribo. A rainha de bateria da SuperSom, Mayara Lima, encanta com essa força feminina marajoara, vestindo traje com a riqueza do grafismo decorativo dos povos originários do Marajó.				
Mestre Marcão: Marco Antônio da Silva é um dos mais respeitados mestres de bateria do Carnaval. Ele tem passagem pelas escolas de samba Império da Tijuca, Salgueiro, Cova da Onça (Escola de Uruguaiana), Camisa Verde e Branco e Império da Casa Verde (com Mestre Zoinho, SP). No comando da bateria do Salgueiro, onde ficou por 15 anos consecutivos, acumulou diversos prêmios da categoria, como dois Estandartes de Ouro e Tamborim de Ouro, assim como notas máximas dos jurados. Marcão atua na direção de bateria da escola de samba Cova da Onça, na cidade de Uruguaiana (RS), e na agremiação Imperadores do Samba, em Porto Alegre.				

FICHA TÉCNICA

Bateria

Outras informações julgadas necessárias

Em 2022, Marcão fez a estreia como Mestre de Bateria do Paraíso do Tuiuti e levou nove prêmios para casa, como Estrelas do Carnaval, SRZD, Troféu Bateria, entre outros. Para o Carnaval 2023, a “SuperSom”, como é conhecida a bateria da azul e amarelo de São Cristóvão, prepara a apresentação de até cinco bossas, com características de alto nível musical e remetendo a ritmos tradicionais nortistas, como o carimbó.

Mayara Lima: Um verdadeiro fenômeno. A descrição para a rainha de bateria do Paraíso do Tuiuti não poderia ser resumida de maneira diferente. Mayara Lima, de 25 anos, começou aos 10 anos no Aprendizes do Salgueiro. Em 2011, virou passista da vermelho e branco e, no mesmo ano, começou a desfilar no Tuiuti. Na agremiação de São Cristóvão, passou pela ala de passistas, virou musa, princesa da bateria, e agora é a rainha de bateria da SuperSom.

No pré-carnaval de 2022, um vídeo de Mayara exibindo impressionante sincronismo com as bossas executadas pelos ritmistas viralizou nas redes sociais, tornando-a uma das principais atrações do Tuiuti. Por conta da repercussão do show de samba no pé, a majestade foi convidada para participar do “Encontro com Fátima Bernardes”, do “Programa da Eliana”, do “Domingão com Huck, trocou figurinhas com Sabrina Sato (rainha da Vila Isabel), deu aulas para a cantora Pocah, fez participação no show da Ludmilla, e ultrapassou a marca de 700 mil seguidores nas redes sociais. A jovem também vem realizando diversas turnês com aulas de samba por países da Europa e América.

Para o desfile deste ano, Mayara vai exibir sua precisão característica e promete ousar com passos de ritmos nortistas, como na “paradinha” do carimbó. Tudo, claro, com muito samba no pé.

FICHA TÉCNICA**Harmonia**

Diretor Geral de Harmonia Luiz Carlos Amâncio e Jeferson Carlos
Outros Diretores de Harmonia -
Total de Componentes da Direção de Harmonia 60 (sessenta) componentes
Puxador(es) do Samba-Enredo Wander Pires (intérprete oficial) Auxiliares: Júlia Alan, Luanna Mahara, Roger Linhares, Hudson Luiz, Rafael Santos, Vandinho
Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo Direção Musical: André Felix / Cavaco: Tico do Cavaco e André Felix / Violão: Vitor Alves
Outras informações julgadas necessárias <u>Sobre os Diretores de Harmonia:</u> Luiz Carlos Amâncio: Iniciou como Diretor de Harmonia, em 1998, na Imperatriz Leopoldinense. Foi Diretor de Carnaval e Harmonia das escolas de samba Boi da Ilha do Governador (2003 a 2005), Império da Tijuca (2007 a 2014), Renascer de Jacarepaguá (2008 a 2010), Acadêmicos do Cubango (2011 a 2013) e Inocentes de Belford Roxo (2018 e 2019). Luiz Carlos Amâncio também foi Diretor Geral de Harmonia do Paraíso do Tuiuti em 2015, 2016 e 2017, retornando ao cargo nos anos de 2021 e 2022. Jeferson Carlos: Tem atuação como músico e ocupou o cargo de Diretor de Harmonia e Carnaval em diversas escolas tradicionais do Carnaval do RJ, SP, PA: Mangueira (1993-2013), Mocidade Alegre – SP (2012-2013), Salgueiro (2014-2016), Curicica (2014 e 2016), Caprichosos de Pilares (2015), Tamandaré – SP (2014-2020), Restinga – PA (2017), Grande Rio (2017), Viradouro (2018), U. Bangu (2019), Paraíso do Tuiuti (2019), Unidos de Padre Miguel (2020-2022). Para 2023, Jeferson está retornando para o Paraíso do Tuiuti na Direção Geral de Harmonia.
<u>Sobre o intérprete:</u> Wander Pires: Considerado por muitos como um dos grandes intérpretes do carnaval, Wander Pires iniciou a carreira na Mocidade em 1990, quando era apoio de Paulinho Mocidade. Quatro anos mais tarde, estreou como intérprete oficial da escola. Na Mocidade, interpretou sambas grandiosos, sendo campeão em 1996 e permanecendo até 1999. Wander já passou por outras agremiações no Carnaval carioca, como Grande Rio, Salgueiro, Viradouro, Imperatriz Leopoldinense, Portela, Porto da Pedra. Na capital paulista já defendeu o microfone de escolas tradicionais, como Vai-Vai, Império de Casa Verde e Tatuapé. Dono de uma voz ímpar, é colecionador de inúmeros prêmios, como o Estandarte de Ouro. Em 2023, faz a estreia como intérprete oficial do Paraíso do Tuiuti.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Outras informações julgadas necessárias

Sobre o Diretor Musical:

André Felix: Músico, produtor musical, técnico de áudio e diretor musical. André Felix iniciou a carreira no samba em 1990, produzindo grupos de pagode na Zona Oeste do Rio e na Acadêmicos de Santa Cruz como cavaquinista. Desde então, nunca mais parou. O músico tem passagens por agremiações como Porto da Pedra, Cubango, Estácio de Sá, Viradouro, Águia de Ouro (SP), Vai-Vai (SP), entre outras. Por dois anos consecutivos foi responsável pela produção do CD das escolas de samba do Amapá. Atualmente, é o diretor musical do carro de som do Paraíso do Tuiuti para este Carnaval de 2023.

FICHA TÉCNICA

Evolução

<p>Diretor Geral de Evolução André Gonçalves, Jeferson Carlos, Leandro Azevedo e Luiz Carlos Amâncio</p>
<p>Outros Diretores de Evolução Todos os diretores de Harmonia + coreógrafos das alas</p>
<p>Total de Componentes da Direção de Evolução 70 (setenta) componentes</p>
<p>Principais Passistas Femininos Thayane Oliveira e Tais Luíza</p>
<p>Principais Passistas Masculinos Mauro César</p>
<p>Outras informações julgadas necessárias</p> <p>Do trabalho de Evolução: Os componentes do Tuiuti são reconhecidos pela alegria, garra e espontaneidade no ato de desfilar. A direção defende, portanto, que eles tenham uma evolução livre e espontânea dentro das alas, dando liberdade de se divertirem. Algumas alas trarão movimentos coreografados, com o objetivo de abrihantar e contextualizar a leitura visual do desfile.</p> <p>Nome da Fantasia da Ala de Passistas: Arte Marajoara O que representa: Os passistas coordenados por Alex Coutinho e Jorge Amarelloh representam a arte dos indígenas marajoaras, que, tal qual como os indianos, tinham sua própria particularidade. Sendo esta, caracterizada pelos gráficos e motivos geométricos.</p> <p>Responsáveis pela Ala de Passistas: Alex Coutinho: Desfila no Tuiuti desde 2002, sendo convidado para ser o responsável da Ala de Passistas no Carnaval de 2008. É o responsável pelo desenvolvimento do elenco feminino da ala. Fundou o projeto “Samba no Pé aos Passos do Paraíso”, que consiste em formar futuros passistas a desenvolver o dom de sambar e defender essa nobre arte. O diretor é, atualmente, uma referência em matéria de samba, sendo convidado a ministrar workshops em diversas cidades do país e do exterior, tais como: São Paulo, Manaus, Buenos Aires, Moscou e Londres.</p> <p>Jorge Amarelloh: Responsável por recrutar e formar o elenco masculino da ala, Jorge chegou ao Paraíso do Tuiuti em 2010. Desde então, acumulou prêmios. Para o diretor, o passista não pode perder a essência do “malandro sambista” tão cultivada no imaginário popular.</p>

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Vice-Presidente de Carnaval Renato Marins, o “Renatinho”		
Diretor Geral de Carnaval André Gonçalves, Júlio César Garcia, Leandro Azevedo e Lane Santana		
Outros Diretores de Carnaval Bruno Valle (Diretor Executivo Geral)		
Responsável pela Ala das Crianças -		
Total de Componentes da Ala das Crianças -	Quantidade de Meninas -	Quantidade de Meninos -
Responsável pela Ala das Baianas Tia Sandra Maria		
Total de Componentes da Ala das Baianas 80 (oitenta)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Leda Rosa dos Santos (86 anos)	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Gabriela de Jesus Moreira (33 anos)
Responsável pela Velha-Guarda Maria Vitória		
Total de Componentes da Velha-Guarda 34 (trinta e quatro)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Ivonete da Silva Fernandes (90 anos)	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Inara (58 anos)
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) Mestre Damasceno (homenageado do enredo) e Fafá de Belém (cantora).		
Outras informações julgadas necessárias		
<u>Sobre a Direção Geral de Carnaval:</u>		
Diretor Geral de Carnaval: André Gonçalves Iniciou a trajetória no Carnaval carioca, no ano de 2000, integrando o carro de som do G.R.E.S. Tradição. Em 2011, assumiu a importante função de Diretor Financeiro do G.R.E.S. Império Serrano, adquirindo vasta experiência na área artística, operacional e gerencial dos desfiles das escolas de samba. No G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti, iniciou a trajetória no ano de 2015. Em 2016, contribuiu significativamente para a conquista do sonhado acesso ao Carnaval do Grupo Especial. Em 2018, atuou como Diretor de Carnaval, ajudando a comunidade de São Cristóvão a conquistar o vice-campeonato do Grupo Especial, em um desfile histórico. A agremiação saiu da Avenida aclamada pelos amantes do Carnaval, rendendo o título de “Campeã do Povo”. No Carnaval de 2020, André Gonçalves exerceu a importante função de Diretor de Operações, sendo responsável pela montagem da logística do barracão, criação de metas e gerenciamento dos prazos. Desde 2021, voltou a atuar como Diretor de Carnaval da agremiação. Nos ensaios de rua, busca sempre aprimorar o canto da comunidade e zela pela organização e evolução das alas.		

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Outras informações julgadas necessárias

Diretor Geral de Carnaval: Leandro Azevedo

Cria do Paraíso do Tuiuti, Leandro Azevedo iniciou a trajetória no Carnaval carioca na agremiação de São Cristóvão, em 2005, como diretor de harmonia. Em 2008, virou diretor geral de harmonia da azul e amarelo. A partir de 2011 até 2018, foi responsável pela Direção de Carnaval. Durante esse período, o Paraíso do Tuiuti viveu uma fase de grande ascensão. Em 2016 como campeão da Séria A, subindo para o Grupo Especial; já em 2018, a escola fez um desfile histórico se consagrando como vice-campeã do Grupo Especial. Em 2019, Leandro passa a integrar a Comissão de Carnaval do Salgueiro. Neste Carnaval de 2013, o profissional retorna para a Direção Geral de Carnaval do Paraíso do Tuiuti.

Diretor Geral de Carnaval: Lane Santana

Formado em Marketing pela Universidade Estácio de Sá. Tem técnico em desenho de estrutura e edificação, curso livre de cenografia, e especialização em artes plásticas (Uniasselvi). No Carnaval, integrou a equipe de criação do renomado carnavalesco Joãozinho Trinta nos anos de atuação dele na Unidos do Viradouro, inclusive, no ano do primeiro campeonato da agremiação em 1997. Lane ainda atuou como carnavalesco em diversas escolas de samba no eixo Rio-São Paulo tanto nos grupos de Acesso como Especial, com boas colocações em agremiações como São Clemente (2002), Unidos da Tijuca (2007), e Portela (2009). Para 2023, integra a comissão de carnaval do Paraíso do Tuiuti.

Diretor Geral de Carnaval: Júlio César Garcia

Morador da comunidade do Tuiuti, em São Cristóvão, Júlio César Garcia começou a desfilar na agremiação em 2008, em alas da comunidade. Em 2011, passou a integrar a bateria da escola. A partir de 2012, passou a integrar a equipe de barracão, chegando a ocupar o cargo de diretor de barracão. Em 2022, assumiu a Direção de Carnaval da Unidos de São Cristóvão. Atualmente, também integra a Direção Geral de Carnaval do Tuiuti.

Sobre o homenageado

Mestre Damasceno: Mestre Damasceno Gregório dos Santos, nascido na Vila de Mangueiras, comunidade quilombola do município de Salvaterra, pertencente ao Marajó dos Campos, no Estado do Pará. Hoje, deficiente visual, é pescador e desenvolve suas atividades diárias normalmente, seja em alto mar, seja nos rios onde é conhecido por pescar com as próprias mãos. É um exímio jogador de dominó (campeão local) e transita pelas ruas da cidade com a mesma tranquilidade que qualquer outra pessoa, sem o auxílio de instrumentos guias. É pai de nove filhos e destes apenas o mais velho o acompanha na atividade de cantar suas composições, que somam mais de 400 (quatrocentas). É montador da comédia do Búfalo- Bumbá, apresentada pelas ruas da cidade durante a quadra junina. Mestre Damasceno por sua história é um exímio representante da cultura oral salvaterrense marajoara.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente

Lucas Maciel e Karina Dias

Coreógrafo(a) e Diretor(a)

Lucas Maciel e Karina Dias

Total de Componentes da Comissão de Frente	Componentes Femininos	Componentes Masculinos
15 (quinze)	10 (dez)	05 (cinco)

Outras informações julgadas necessárias

Nome da Comissão de Frente: Um Conto pra lá do Marajó

A inédita narrativa da chegada dos búfalos ao Brasil, mais precisamente na Ilha do Marajó, parece uma típica fábula tirada dos livros de história. A trajetória começa em uma Índia encantada, onde encarnados búfalos iniciam sua jornada. Seria esse o surgimento de uma nova lenda?

Em um mar de simbologias, perdidos sem saber para onde ir, esses animais desbravam tempestades, sem imaginarem a riqueza que está por vir. O outrora Caminho das Índias agora é apenas um passado deixado ao tempo.

Mas o que poderia ser o fim se torna o recomeço para uma nova história...

Em busca de terra firme, chegam ao “Mibaraió”, a Ilha do Marajó. Sua nova casa se assemelha ao seu terreno de origem.

“Sou eu, o Búfalo das Índias, forte, bravo e altivo”.

Incorporado ao “chão do parauara”, vira parte integrante da cultura local. De simples animal, torna-se rei, coroado, adorado, cultuado. Batizado nessa nova terra em que cortejos se fazem, festivais surgem em seu nome. A mesma cara fechada virou lenda, os chifres arqueados aos céus o fazem único, a jóia rara das Índias agora é a pedra preciosa marajoara.

Enfim: “Me chamam de Boi da Cara Preta. As lendas que contam de mim são como ventos sinuosos que pairam pensamentos, mas sempre me apresento como brisa suave ao nascido, para que do colo materno de uma Rainha caiam em sono profundo. Sou eu, a pele sobre a Deusa dos ventos, o esconderijo robusto de Oyá, seu fiel mandingueiro”.

Boi, Boi, Boi... Boi da Cara...

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Nome do Elemento Cênico: A Índia e o Marajó

Criação do Elemento Cênico: Rosa Magalhães e João Vitor Araújo

O que representa: O elemento cênico da comissão de frente retrata um palácio indiano e um vaso típico da cultura marajoara. Esses cenários ajudam a compreender a travessia do búfalo.



* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações estéticas.

Sobre os coreógrafos:

Lucas Maciel: Graduado em Jazz, Ballet Clássico e Contemporâneo em instituições como a Escola Estadual de Danças Maria Olenewa, atual Escola de Dança do Theatro Municipal. Coursou durante quatro anos Ballet Clássico pelo Studio de Dança Com-passos, onde se aprimorou em Jazz Sapateado e Contemporâneo. Lucas Maciel carrega na bagagem profissional vastos conhecimentos na área artística em participações como bailarino em novelas e programas de entretenimento da TV Globo (*Novela Avenida Brasil* e *programa Domingão do Faustão*). Atuou também, no ano passado, como assistente coreográfico do casal Priscila Motta e Rodrigo Negri para a *Black das Black do Magazine Luiza*, contracenando com Anitta, Glória Groove, Zé Vaqueiro, entre outros. Atualmente, é Diretor Artístico do Studio de Dança Com-passos e Professor de Jazz e Sapateado no Centro de Movimento Déborah Colker (CMDC).

No Carnaval Carioca, iniciou sua trajetória em 2009, integrando o corpo de baile da Comissão de Frente do casal Priscila Motta e Rodrigo Negri. Com a consagrada dupla, Lucas participou de comissões de frente históricas e reconhecidas até hoje, como a da Unidos da Tijuca de 2010 (É Segredo!), 2012 (Gonzaguinha), 2014 (Ayrton Senna), Grande Rio 2015 (Baralho) e 2017 (Ivete Sangalo), Mangueira 2019 (História de Ninar Gente Grande) e Mangueira 2022 (Angenor, José e Laurindo). Nesse período, foram inúmeros prêmios.

Com maturidade e ampla experiência, o bailarino passou para a função de coreógrafo na Série Ouro. Pelo Império da Tijuca, em 2020 e 2022, conquistou relevantes prêmios da categoria, sendo aclamado pelo público e pela crítica como um dos grandes talentos de sua geração.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Karina Dias: Reconhecida como um dos maiores talentos do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, a coreógrafa iniciou seus estudos em dança na Escola Estadual de Danças Maria Olenewa (escola oficial do TMRJ). A profissional ingressou no Corpo de Baile do Theatro Municipal, através de concurso público, estreando como solista no ano de 1998. Desde então, passou a trabalhar com renomados profissionais da dança internacional como: *Nanon Thibon, Dora Lipka, George Garcia, Tatiana Leskova, Márcia Haydée, Pierre Lacotte, Elisabeth Platel, Leonard Meek, Wally Wolfgruber, Uwe Scholz, Oscar Arraiz, Mario Galizzi, Eugenia Feodorova*, entre outros.

No Carnaval, Karina atuou como assistente de coreografia da comissão de frente da São Clemente e foi jurada do quesito casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira, na Série Ouro. Atualmente, além de ser bailarina e professora do Ballet do Theatro Municipal do RJ e Escola de Danças Maria Olenewa, é Diretora e Maitre de Ballet Clássico da École de Danse KDias. Em 2023, terá dupla função no Paraíso do Tuiuti. Karina está ao lado de Lucas Maciel na assinatura da comissão de frente, e é responsável pela coreografia do primeiro casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira da azul e amarelo.

Assistente de Produção da Comissão de Frente: Danilo Costa Pereira

Assistentes Coreográficos da Comissão de Frente: Josué Seguro e Romilton Santana

Elenco:

- | | |
|---|---|
| 1. Ana Caroline Fernandes Prado | 16. João Carlos de Oliveira Santos |
| 2. Ana Clara Lyra do Nascimento | 17. Julia Macena |
| 3. Barbara Giulia Ricciotti | 18. Leonardo Oliveira |
| 4. Daniel Oliveira | 19. Leonardo Teixeira Clemente |
| 5. Dáwison Salustiano da Silva | 20. Lis Athayde Sayão |
| 6. Débora Maria Reis Gomes | 21. Lucas Borges |
| 7. Filipe Nascimento de Lima | 22. Maria Eduarda Lobato Vidal dos Santos |
| 8. Gabriel Carlos Henrique N. C. Teixeira | 23. Mariana Almeida |
| 9. Gabriela Mendes Felix | 24. Marina de Oliveira Tessarin |
| 10. Gabriela Vieira Castelo Branco | 25. Natalia Campos Freire |
| 11. Gheíse Ângeles da Silva | 26. Nayara Pastor Rosa |
| 12. Grégory de Souza Pinheiro | 27. Patrick Lima Meirelles da Silva |
| 13. Haikela Souto | 28. Raphael Brahiam Noberto Cabral |
| 14. Igor Soares Antunes | 29. Ruan Jonathan Silva Cardoso |
| 15. Isabelle Orlando Galante | 30. Thayssa Amanda E. de Souza |

Destacamos:

Thayssa Amanda E. de Souza

A bailarina será a pivô da Comissão de Frente, na qual representará Oyá, onde a mesma se esconde sob a pele de um Búfalo. Torna-se o ápice do segmento coreográfico da qual surge do Moganguero da Cara Preta em toda sua imponência e força.

FICHA TÉCNICA**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

1º Mestre-Sala Raphael Rodrigues	Idade 38 anos
1ª Porta-Bandeira Dandara Ventapane	Idade 31 anos
2º Mestre-Sala Leo Thomé	Idade 27 anos
2ª Porta-Bandeira Rebeca Tito	Idade 21 anos

Outras informações julgadas necessárias

Nome da Fantasia: Flor de Lótus

Criação do Figurino: Rosa Magalhães e João Vitor Araújo

Confecção: Ateliê Aquarela Carioca

Coreógrafo(a): Karina Dias

O que representa: O primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira do Paraíso do Tuiuti carrega o significado da flor de lótus que é importante para a cultura oriental, principalmente, a indiana. Raphael e Dandara simbolizam a pureza do corpo e da mente, o renascimento. A trajetória do búfalo até o Brasil nada mais é do que uma história de renascimento. A dupla emana energia positiva, apresentando bailado tradicional e característico da dança de mestre-sala e porta-bandeira com a introdução de elementos da arte indiana e marajoara.



* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações estéticas.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Nome da Fantasia: Séquito de nobres indianos

Criação do Figurino: Rosa Magalhães e João Vitor Araújo

Coreógrafo(a): Karina Dias

O que representa: Em cortejo e comitiva, os Nobres Indianos guardam o casal, protegem a Lótus das Índias, que empregam em suas mãos o Pavilhão da Escola. O cortejo é em proteção ao tesouro das Índias e ao Tesouro do Tuiuti.



* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações estéticas.

Raphael Rodrigues: O 1º Mestre-Sala do G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti é um dos mais consagrados e respeitados da festa. Raphael já defendeu os pavilhões das seguintes agremiações do Rio de Janeiro: G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel (2005 a 2007 e 2017 a 2020), G.R.E.S. Unidos do Viradouro (2008), G.R.E.S. Mocidade Independente de Padre Miguel (2009), G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira (2010 a 2016). O profissional atuou como professor na Escola de Mestre-Sala e Porta-Estandarte Manoel Dionísio e fez diversos workshops e desfiles pelo país, em cidades como Florianópolis, Porto Alegre, Alegrete, Cruz Alta, Uruguaiana, Manaus e Macapá. Também participou do Carnaval fora de época da África do Sul, em 2011, 2012 e 2013.

Dandara Ventapane: Atua desde 2013 no Carnaval carioca como Porta-Bandeira. Por sua experiência com o samba no pé, comissões de frente, casais de mestre-sala e porta-bandeira e dança de salão, também ministra aulas. Bacharel em Dança Contemporânea pela UFRJ, trabalha as danças influenciadas pela cultura negra como princípio gerador de movimento. Entre suas apresentações, há trabalhos solos na Cia. CCC, com direção de Isnard Manso, e na Cia. Étnica, com direção de Carmen Luz; shows de artistas brasileiros, como Martinho da Vila, Mart'nália, Arlindo Cruz, Beth Carvalho, Carlinhos Brown e Lucy Alves, entre outros; turnês no Brasil e na Europa, com grandes nomes da dança mundial, como o diretor Carlos Segovia, no espetáculo Brasil Brasileiro, além de participações em programas e novelas da TV Globo. No Carnaval, participou de comissões de frente e foi passista da Unidos de Vila Isabel, onde desfilou como 3ª Porta-Bandeira (2013 e 2014) e 1ª Porta-Bandeira (2015 e 2016). De 2017 a 2020, foi a 1ª Porta-Bandeira da União da Ilha do Governador. A partir de 2022, começa a desfilhar como 1ª Porta-Bandeira do Paraíso do Tuiuti.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Ensaiadora do Primeiro Casal:

Karina Dias: Reconhecida como um dos maiores talentos do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, a coreógrafa iniciou seus estudos em dança na Escola Estadual de Danças Maria Olenewa (escola oficial do TMRJ). A profissional ingressou no Corpo de Baile do Theatro Municipal, através de concurso público, estreando como solista no ano de 1998. Desde então, passou a trabalhar com renomados profissionais da dança internacional como: *Nanon Thibon, Dora Lipka, George Garcia, Tatiana Leskova, Márcia Haydée, Pierre Lacotte, Elisabeth Platel, Leonard Meek, Wally Wolfgruber, Uwe Scholz, Oscar Arraiz, Mario Galizzi, Eugenia Feodorova*, entre outros.

No Carnaval, Karina atuou como assistente de coreografia da comissão de frente da São Clemente e foi jurada do quesito casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira, na Série Ouro. Atualmente, além de ser bailarina e professora do Ballet do Theatro Municipal do RJ e Escola de Danças Maria Olenewa, é Diretora e Maitre de Ballet Clássico da École de Danse KDias. Em 2023, terá dupla função no Paraíso do Tuiuti. Karina está ao lado de Lucas Maciel na assinatura da comissão de frente, e é responsável pela coreografia do primeiro casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira da azul e amarelo.

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Nome da Fantasia: Chão do Parauara

Criação do Figurino: Rosa Magalhães e João Vitor Araújo

Confecção: Ateliê Aquarela Carioca

O que representa: O segundo casal de mestre-sala e porta-bandeira do Tuiuti marca a chegada em terra firme à Ilha do Marajó. O traje de Léo Thomé e Rebeca Tito traz o estilo artístico tão representativo do lugar.



* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações estéticas.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Leo Thomé: Leonardo Thomé iniciou a trajetória no Carnaval, na ala das crianças da Beija-Flor de Nilópolis, passando a integrar a ala de assistentes, em 2006, onde ficou até despertar a vontade de ser como o Mestre-Sala Claudinho. Assim, ingressou na escola do Escola de Manoel Dionísio, em 2010. Desde então, surgiram oportunidades de desfilar em escolas como Matriz de São João de Meriti, Sereno de Campo Grande, Em Cima da Hora, Acadêmicos da Abolição, Lins Imperial, Leão de Nova Iguaçu e Alegria da Zona Sul. A partir de 2022, começou a defender o pavilhão do Paraíso do Tuiuti.

Rebeca Tito: Começou no samba como assistente da escola mirim Tijuquinha do Borel aos 4 anos de idade. Conheceu o projeto “Madureira toca, canta e dança”, vinculado à Portela, se apaixonando ainda criança pela arte do “Padedê com Bandeira” e dando o pontapé inicial no segmento. Com passagem pelas escolas mirins Inocentes da Caprichosos e Filhos da Águia, estreou em uma escola “adulta” na Unidos de Vila Kennedy, onde permaneceu de 2008 a 2010. Rebeca teve a responsabilidade de empunhar seu primeiro pavilhão na Unidos de Maricá, aos 13 anos de idade, atuando de 2011 a 2014. No Carnaval de 2015, venceu o concurso de 3ª Porta-Bandeira do Paraíso do Tuiuti. Em 2016, foi promovida ao posto de 2ª Porta-Bandeira da agremiação, cargo ocupado com segurança e elogios até os dias atuais.

G.R.E.S. Portela



G.R.E.S.
PORTELA®

**PRESIDENTE
FÁBIO PAVÃO**

“O azul que vem do infinito”



Carnavalescos

RENATO LAGE E MÁRCIA LAGE

FICHA TÉCNICA**Enredo**

Enredo <i>“O azul que vem do infinito”</i>					
Carnavalesco Renato Lage e Márcia Lage					
Autor(es) do Enredo Fábio Pavão, Renato Lage e Márcia Lage					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Fábio Pavão					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Renato Lage e Márcia Lage					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	O Carnaval: seis milênios de história	ARAÚJO, Hiram	Gryuphus	2000	Todas
02	Natal: O homem de um braço só	ARAÚJO, Hiram & JORIO, Amaury.	Guavira Editores	1975	Todas
03	O Brasil do samba-enredo.	AUGRAS, Monique.	FGV	1998	Todas
04	Nos trilhos da memória ou “uma beleza que o Rio desconhece”.	BARATA, Denise.	Anais da 25ª Reunião de Brasileira de Antropologia, vol.01.	2006	Todas
05	Escola de Samba, a árvore que esqueceu a raiz.	CANDEIA FILHO, Antônio & Araújo, Isnard.	Lidador	1978	Todas
06	Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile	CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro.	UFRJ	2006	Todas
07	As escolas de samba do Rio de Janeiro.	CABRAL. Sérgio.	Companhia Editora Nacional,	2001	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
08	Salgueiro: Academia de samba.	COSTA, Haroldo	Record	1984	Todas
09	Velhas histórias, memórias futuras: o sentido da tradição na obra de Paulinho da Viola.	COUTINHO, Eduardo Granja.	Ed. Uerj	2002	Todas
10	Carnaval, malandros e heróis: por uma sociologia do dilema brasileiro.	DAMATTA, Roberto.	Rocco	1997	Pgs. 15 a 178
11	Escolas de samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados.	FERNANDES, Nelson da Nóbrega.	Arquivo Geral da Cidade do Rio de janeiro	2001	Todas
12	O livro de ouro do carnaval brasileiro	FERREIRA, Felipe.	Ediouro	2004	Pgs. 226 a 375
13	Três poetas do samba-enredo	GASPARINI, Gustavo, BRUNO, Leonardo & VALENÇA, Rachel.	Editora Cobogó	2021	Todas
14	O Estado Novo da Portela	GUARAL, Guilherme.	Paco Editora.	2012	Todas
15	O Palácio do Samba: estudo antropológico da escola de samba Estação Primeira de Mangueira.	GOLDWASSER, Maria Júlia.	Jorge Zahar	1975	Todas

FICHA TÉCNICA**Enredo**

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
16	O PCB cai no samba: os comunistas e a cultura popular (1945-1950).	GUIMARÃES, Valéria Lima.	Dissertação de mestrado em História, UFRJ,	2001	Todas
17	O trem do samba: uma festa da cultura popular.	GUIMARÃES, Valéria Lima	Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro – Secretaria Especial de turismo.	2008	Todas
18	A memória coletiva.	HALBWACHS, Maurice.	Vértice	2006	Todas
19	Escola de samba ritual e sociedade	LEOPOLDI, José Sávio.	Vozes	1978	Todas
20	90 anos de Portela	LISBOA, Salete e LOUREIRO, Marcelo.	Nova Criação	2013	Todas
21	Sambeabá: o samba que não se aprende na escola.	LOPES, Nei.	Casa da Palavra e folha seca	2003	Todas
22	Por que perdeu? Dez desfiles derrotados que fizeram história.	MELLO, Marcelo de.	Record	2018	Todas
23	Carnaval: da redentora à Praça do Apocalipse	MOURA, Roberto M	Jorge Zahar	1986	Todas
24	Entre o batuque e a navalha.	PAVÃO, Fábio Oliveira.	Monografia de pós-graduação em Sociologia Urbana, UERJ	2003	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
25	Uma comunidade em transformação: modernidade, organização e conflito nas escolas de samba.	PAVÃO, Fábio Oliveira	Dissertação de mestrado em Antropologia, UFF	2005	Todas
26	Viagem sentimental a Oswaldo Cruz: um passeio pela memória urbana de um subúrbio carioca.	PAVÃO, Fábio Oliveira	Anais da 7º Reunião de Antropologia do Mercosul	2007	Todas
27	A dança da identidade: Os usos e significados do samba no mundo globalizado	PAVÃO, Fábio Oliveira	Dissertação de mestrado em Ciências Sociais, UERJ.	2010	Todas
28	Samba são pés que fecundam o chão....Madureira: sociabilidade e conflito em um subúrbio musical.	RIBEIRO, Ana Paula Alves.	Dissertação de mestrado em Ciências Sociais, UERJ.	2003	Todas
29	Feitiço decente: transformações do samba no Rio de Janeiro (1917 – 1933)	SANDRONI, Carlos.	Jorge Zahar Editor / Editora UFRJ.	2001	Todas
30	O pesadelo da amnésia coletiva: um estudo sobre os conceitos de memória, tradição e traços do passado.	SANTOS, Myrian Sepúlveda dos.	RCBS nº 23,	1993	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
31	Paulo da Portela: traço de união entre duas culturas	SILVA, Marília & SANTOS, Lígia.	Edições Funarte	1980	Todas
32	Tantas páginas belas.	SIMAS, Luiz Antônio.	Verso Brasil editora.	2012	Todas
33	Carnavais de Guerra: o nacionalismo no samba	TUPY, Dulce.	ASB	1980	Todas
34	Candeia: Luz da inspiração.	VARGENS, João Baptista.	Editora Martins Fontes-Funarte	1987	Todas
35	Monarco, a dignidade do samba.	VARGENS, João Baptista M.	Almadena	2013	Todas
36	A Velha Guarda da Portela	VARGENS, João Baptista M. & MONTE, Carlos	Manati	2001	Todas
37	O mistério do samba	VIANNA, Hermano.	Jorge Zahar	1995	Todas

Outras informações julgadas necessárias**Matérias de jornal:**

- *Como falou ao diário do povo "Paulo da Portella" de Oswaldo Cruz.* Diário Carioca, 22 de março de 1933. pg. 11.
- *Uma noite no Sertão, no Pro-arte.* A noite, 12 de abril e 1933, pg. 03
- *Eleita a primeira directoria da União das escolas de samba – O Radical,* 07 de janeiro de 1934, pg. 11
- *A fala de um sambista...*A manhã, 16 de agosto de 1935, pg. 09
- *Nos redutos da cuíca, do pandeiro e do tamborim* A manhã, 05 de setembro de 1935. Pg.06
- *Ao repicar do tamborim...* A manhã, 24 de setembro de 1935. Pg.06
- *Os festejos da Penha animados pela presença de numerosas escolas de samba.* Diário Carioca, 29 de outubro de 1935, pg. 11.
- *O cidadão Momo desceu a cidade...*Diário Carioca, 21 de fevereiro de 1936, pg. 16

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

- *O dia das escolas de samba, na Praça XI, foi uma consagração.* Gazeta de Notícias, 11 de fevereiro de 1937, pg. 11.
- *Auxílio da prefeitura para as pequenas sociedades.* A Noite, 31 de janeiro de 1940. Pg. 02
- *Uma batucada na Escola de samba da Portela: Walt Disney entre a gente do morro.* A noite, 25 de agosto de 1941, pgs. 01 e 02.
- *Walt Disney esteve domingo à noite na “Escola de samba Paulo da Portela”.* O Jornal, 26 de agosto de 1941, pg. 08.
- *Morreu Paulo da Portela.* A manhã, 01 de fevereiro de 1949, pg. 12.
- *Da “sala de visitas” à “Capital do samba.”* A Manhã, 29 de dezembro de 1951. Pg.11
- *Anaulsado o julgamento das escolas de samba.* A Manhã 29 de fevereiro de 1952, pg. 11
- *Cariocas e Portela, respectivamente, campeões das Grandes Sociedades e Escolass de Samba.* Correo da Manhã, 20 de fevereiro de 1953, pg. 11.
- *Conquistou a “Portela” o título de super-campeã das Escolas de Samba.* A Manhã, 20 de fevereiro de 1953, pg. 07.
- *Portela vencedora (provisória) do carnaval.* Jornal do Brasil, 01 de março de 1960, pg. 11
- *Escolas de samba anulam o resultado oficial do desfile* Jorjal no Brfasil, 03 de março de 1960, pg. 09
- *Tijolo diz que plantar bananeira não é sambar e protesta contra concurso de passistas.* Jornal do Brasil, 13 de fevereiro de 1962, pg. 02
- *Portela é a campeã de 1962 das grandes escolas de samba.* Jornal do Brasil, 09 de março de 1962, pg. 05.
- *10 escolas travam esta noite duelo do samba até de manhã.* Jornal do Brasil, 24 de fevereiro de 1963, pg. 10
- *Portela, Salgueiro e Mangueira desfilarão na Presidente Vargas .*A Noite, 24 de fevereiro de 1963, pg. 04.
- *Natal disse que sua Portela terá Violinos de qualquer maneira.* Jornal dos Sports, 25 de janeiro de 1964, pg. 03.
- *Portela da receita para vencer: malícia e inteligência.* Jornal do Brasil, 27 de fevereiro de 1966, pg. 14.
- *Portela: o vôo da Águia.* Correio da Manhã, 14 de fevereiro de 1970, pg. 03.
- *Salgueiro Campeã,* Correio da Manhã, 27 de fevereiro de 1971, pg. 04
- *Natal está morto, viva a Portela!.* Jornal do Brasil, 08 de abril de 1975. Pg. 10.
- *Portela: O desfile é uma trégua na guerra da escola dividida.* Jornal do Brasil, 22 de fevereiro de 1979. Pgs. 04 e 05.
- *Escolas de samba entre o tradicional e o visual. Viva a diferença.* 23 de fevereiro de 1979, pg. 11
- *Escolas de samba,* 23 de fevereiro de 1979, pg. 04
- *Portela confirmou com o seu samba que é a grande favorita.* Tribuna da imprensa, 04 de março de 1981, pg. 03.
- *A vez da realeza do samba.* Revista manchete, 26 de fevereiro de 2000, pg. Pg. 62 e 63

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Links:

Quem fala de nós come mosca, 1920 -

<https://www.portelacultural.com.br/2016/12/02/quem-fala-de-nos-come-mosca/#:~:text=Famoso%20em%20Oswaldo%20Cruz%20e,cord%C3%A3o%20para%20fundar%20o%20bloco>

O concurso e o empoderamento de Heitor dos Prazeres

<https://www.portelacultural.com.br/2016/09/18/o-concurso-e-o-empoderamento-de-heitor-dos-prazeres/>

Disco produzido por Marisa Monte resgata a emoção da velha-guarda da Portela em tudo azul

<https://www.folhadelondrina.com.br/folha-2/disco-produzido-por-marisa-monte-resgata-a-emocao-da-velha-guarda-da-portela-em-tudo-azul-259671.html>

Portela celebra o amor em desfile impecável

<https://www.nsctotal.com.br/noticias/portela-celebra-o-amor-em-desfile-impecavel>

Deu “Madureira sobe o Pelô: samba da Portela para o carnaval 2012 e escolhido o melhor da década

<https://extra.globo.com/noticias/carnaval/deu-madureira-sobe-pelo-samba-da-portela-para-carnaval-de-2012-escolhido-melhor-da-decada-24233079.html>

A ‘jovem guarda’ que está ajudando a reerguer a Portela

<https://oglobo.globo.com/rio/carnaval/2014/a-jovem-guarda-que-esta-ajudando-reerguer-portela-1-11598777>

Portela viaja na Sapucaí na estreia de Paulo Barros na escola

<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2016/noticia/2016/02/portela-viaja-pela-sapucaia-na-estrela-de-paulo-barros-na-escola.html>

Portela é a campeã do carnaval 2017 após 33 anos de jejum

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/12/11/morre-no-rio-aos-88-anos-monarco-baluartee-presidente-de-honra-da-portela.ghtml>

Morre no Rio, aos 88 anos, Monarco, Presidente de honra da Portela;

<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/12/11/morre-no-rio-aos-88-anos-monarco-baluartee-presidente-de-honra-da-portela.ghtml>

HISTÓRICO DO ENREDO

Texto inicial

Completar cem anos de existência é especial para qualquer instituição. Fundada em 1923 como um Conjunto Carnavalesco, ou seja, antes mesmo do surgimento das escolas de samba propriamente ditas, a Portela é a primeira das atuais agremiações carnavalescas do Grupo Especial a alcançar esta marca. Para os portelenses de uma forma geral, sempre houve consenso para que, no ano de 2023, a escola transformasse em enredo sua própria história e a contasse na avenida. Todavia, mesmo que há muito fosse uma certeza, ainda faltava estabelecer um recorte capaz de apresentar de maneira clara e objetiva estas dez décadas de histórias, descrevendo-as, como é próprio de uma escola de samba, a partir de alegorias e fantasias. O resultado é o enredo “O azul que vem do infinito”, desenvolvido pelos carnavalescos Renato Lage e Márcia Lage.

Em nosso enredo, os cem anos da Portela são contados a partir do olhar de cinco personagens, que, em seus períodos de vida, foram protagonistas da Portela ou do carnaval de uma forma geral. Seguindo a ordem de apresentação, são eles:

1) Paulo Benjamim de Oliveira, o Paulo da Portela, que viveu entre os anos de 1901 e 1949. Paulo é o principal fundador da Portela, um homem cujos ensinamentos perpetuaram-se ao longo dos anos, orientando até hoje os destinos dos portelenses. Em nosso enredo, as lembranças de Paulo estão compreendidas entre os anos de 1923 e 1935, ano em que ele entrega para a jovem porta-bandeira Dodô o pavilhão da Portela, que se destaca neste carnaval que terminou com o primeiro título de nossa escola.

2) Maria das Dores Alves Rodrigues, a Dodô, que viveu entre os anos de 1920 e 2015. Ela recebe a bandeira das mãos de Paulo e, brilhando nos anos seguintes, assume a narrativa de nosso enredo entre 1936 e 1956, pouco antes de Natal convidar Vilma Nascimento para assumir a função de porta-bandeira da Portela.

3) Natalino José do Nascimento, o Natal, que viveu entre os anos de 1905 e 1975. Seguramente, ele foi o maior líder que a Portela já conheceu, conquistando vários campeonatos. Em nosso enredo, as lembranças de Natal compreendem o período entre 1957 e 1975, o ano de sua morte, logo após o desfile de “Macunaíma, herói de nossa gente”, cujo samba foi escrito por David Corrêa.

4) David Antônio Corrêa, o David Corrêa, que viveu entre 1937 e 2020. Um dos maiores compositores de todos os tempos, tanto da Portela quanto do carnaval. Mesmo após ter se afastado temporariamente de sua escola de coração, ele seguiu como protagonista da folia carioca. Em nosso enredo, suas lembranças perpassam os anos entre 1976 e 1999, no limiar de um novo século.

5) Hildmar Diniz, o Monarco, que viveu entre 1933 e 2021. No início do ano 2000, com o sucesso do Álbum “Tudo Azul”, produzido por Marisa Monte, Monarco assume o protagonismo da Portela como grande líder da Velha Guarda show. É dele a narrativa que conduz nosso enredo no século XXI, em que, graças aos seus ensinamentos, a Portela se modernizou e olhou para o futuro, mas mantendo vivo seus fundamentos e tradições.

Com a liberdade poética carnavalesca, cada setor é a lembrança de um destes personagens, a narrativa do que assistiram em seus períodos de protagonismo. As alas procuram seguir a ordem cronológica, excetuando a última, “Adelaide, a pomba da paz”, que é uma projeção do sentimento que a Portela espera para o futuro, um enredo que sintetiza aquilo que queremos para a nossa escola e para o planeta de uma forma geral. As alegorias, neste enredo são as principais lembranças de cada personagem, fechando os setores e a respectiva narrativa. Assim, a alegoria 02 representa a chegada de Paulo a Oswaldo Cruz, pois, em nossa visão, este é o fato mais marcante de nosso professor. A alegoria 03, as lembranças de Dodô sobre os carnavais de guerra, um momento contraditório para a sociedade e para os sambistas, porém vitorioso para a nossa escola. O tripé, o enredo “Lendas e mistérios da Amazônia”, último título da Portela que Natal presenciou. A alegoria 04, o enredo “Hoje tem marmelada”, samba de David Corrêa com o qual a Portela foi campeã. A alegoria 05, por sua vez, remete ao infinito portelense, ao voo da águia para o futuro preservando as tradições e os valores do passado, como queria mestre Monarco.

Por fim, vale esclarecer que, diante dos quase cem enredos que a Portela exibiu ao longo de sua existência, nosso recorte privilegiou desfiles que renderem para a escola as três primeiras colocações, ou, então, apresentações embaladas por obras musicais marcantes, vencedoras de prêmios importantes, como o estandarte de ouro. Como pano de fundo, está a transformação constante do carnaval, da Cidade do Rio de Janeiro e da própria sociedade. Como as temáticas de enredos muitas vezes se repetem, na medida do possível evitamos citar desfiles esteticamente semelhantes, o que poderia criar confusão para a leitura das fantasias. Desta forma, ao longo dos setenta minutos que temos disponíveis na avenida, acreditamos mostrar uma boa síntese da trajetória percorrida pela Majestade do samba até esta data especial, que é também o início de uma nova jornada, o caminho que nos levará aos próximos cem anos. Como diz a letra de nosso samba: “Eu vim me apresentar. Deixa a Portela passar!”

O azul que vem do infinito

1º Setor – Sob o olhar de Paulo da Portela – Período compreendido: 1923 a 1935

Contexto: O surgimento da Portela. Uma época em que as escolas de samba eram algo simples, quase feitas por improviso, desfilando na Praça XI. Oswaldo Cruz e Madureira eram bairros rurais, a roça, com um insipiente comércio de produtos agrícolas.

No início da década de 1920, Paulo Benjamim de Oliveira desembarca na Estação de Oswaldo Cruz acompanhado de sua mãe e sua irmã. Como muitos naquela época, eles buscavam uma vida melhor nos nascentes subúrbios, fugindo das transformações urbanas que repaginavam a região central do Rio de Janeiro, em especial bairros portuários como Saúde e Gamboa. Enquanto a urbanização avançava na antiga “Pequena África”, no vale do Rio das Pedras o jovem Paulo encontraria uma região rural, a roça, ainda desprovida da estrutura necessária para o desenvolvimento. Em nossa história, esse encontro entre “diferentes mundos”, isto é, o rural e o urbano, entre migrantes que, assim como ele, chegavam das áreas centrais da capital, mas também do interior dos Estados do Rio, São Paulo e Minas Gerais, dando origem a uma “cultura suburbana”, é a principal lembrança que Paulo da Portela traz consigo. Na visão poética de nosso enredo, ele chega a Oswaldo Cruz trazendo uma missão que atravessaria gerações, que se propagaria para muito além de sua própria vida.

Como resultado desse encontro entre diferentes realidades, Paulo Benjamim de Oliveira, um líder nato, coloca-se como mediador entre esta “cultura suburbana”, por essência a semente do que viria a ser toda a produção cultural da Portela nos cem anos seguintes, e a sociedade abrangente, idealizando de maneira pacífica um combate aos estereótipos que discriminavam os sambistas e, de uma forma geral, os descendentes dos ex-escravizados. É isso que está implícito nos ensinamentos que Paulo transmitia para os habitantes do subúrbio, como a elegância de se vestir com “pés e pescoço ocupados”, isto é, usando sapato e gravata, norma que até hoje orienta os portelenses.

Quando Paulo Benjamim de Oliveira, Antônio da Silva Caetano e Antônio Rufino dos Reis e outros fundaram o “Conjunto Carnavalesco Oswaldo Cruz”, primeiro nome da instituição que viria a ser a Portela, tinham como referência as festas na casa de Dona Esther e as experiências acumuladas nos blocos “Quem fala de nós como mosca” e “Baianinhas de Oswaldo Cruz”, além do caldeirão cultural que já fervilhava na região, especialmente com as manifestações de origem africana trazida pelos imigrantes, como o jongo. Da prancheta de Antônio Caetano, o artista do grupo, surge os símbolos até hoje cultuados e reverenciados no carnaval carioca, como as cores azul e branca, inspiradas no manto de Nossa Senhora da Conceição, padroeira; o pavilhão rajado que remete à antiga bandeira japonesa do sol nascente e, por fim, a grande Águia que alça seu voo majestoso a cada carnaval.

Na poesia de nosso enredo, no momento da fundação, Paulo, Caetano e Rufino uniram as mãos e tiveram um sonho. Um sonho de carnaval, isto é, o desejo de unir um grupo de amigos para festejar fantasiados, mas que resultaria na criação de uma instituição que, para muito além do subúrbio e do próprio ritual carnavalesco, seria reconhecida no Brasil e no

exterior por sua relevância para a cultura. A Rainha das escolas de samba, destinada a brilhar intensamente. Assim, banhada pelo ouro de Oxum, a coroa da Majestade do samba é cravejada pelas joias das conquistas incorporadas ao longo dos anos. O povo suburbano, humilde, torna-se a nobreza do samba e da cultura popular. Subverte-se, desta forma, a lógica de uma sociedade que na vida cotidiana oprime o povo negro e periférico, transformando-os, com o passar do tempo, em guardiões de um patrimônio cultural nacional. Cem anos depois, o rodopiar da porta-bandeira, empunhando o pavilhão criado por Antônio Caetano, acumula a história de toda a nobreza do samba que brilhou nas diversas avenidas carnavalescas. A frenética dança de seu companheiro traz para o presente não apenas uma longa linhagem de grandes mestres-salas, mas de sambistas, de uma forma geral, que riscaram o chão sujo de confetes e serpentinas, bailarinos que fizeram do asfalto seu palco sagrado.

Desta maneira, de desfile em desfile, na sucessão de gerações, o sonho dos fundadores se mantém vivo, brilhando no voo da Águia que mira o futuro, mas sem esquecer o passado. No final daquela distante década de 1920, mais especificamente em 1929, Heitor dos Prazeres ganha força e muda o nome do grupo para “Quem nos faz é o Capricho”. Heitor havia se unido ao pessoal de Oswaldo Cruz atendendo a um convite de Paulo, pois, de maneira perspicaz, nosso principal fundador entendeu a necessidade de trazer pessoas conhecidas nas regiões centrais da cidade, com uma visão mais comercial sobre o samba, em um momento em que a produção musical no subúrbio ainda era essencialmente comunitária. Neste mesmo ano, além de participar e se destacar no concurso de Zé Espinguela, no Engenho de Dentro, Heitor também registrava seus primeiros sambas, um deles com o sugestivo nome de “O Carnaval”.

Todavia, talvez pela origem diferenciada, Heitor dos Prazeres nunca foi unanimidade entre a turma de Oswaldo Cruz, e, quando os blocos pacíficos se organizaram para o primeiro desfile de escola de samba, em 1932, patrocinado pelo Jornal dos Sports, o “Quem nos faz é o Capricho” já havia passado a se chamar “Vai como Pode”. É com este nome, guiados pelos símbolos criados por Antônio Caetano e os valores e ensinamentos de Paulo, que a turma de Oswaldo Cruz participa dos primeiros desfiles. No dia 1º de março de 1935, no registro para a participação no primeiro “desfile oficial”, como costumam ser chamados os desfiles subvencionados e reconhecidos pelo poder municipal, por sugestão da autoridade policial o registro é protocolado com o nome de Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela.

Ostentando seu nome definitivo, alguns dias depois o G.R.E.S. Portela conquista seu primeiro campeonato, apresentando o enredo “O samba dominando o mundo”. Desenvolvido por Antônio Caetano, o tema sintetizava o que os sambistas sentiam naquele momento, pois, finalmente, após décadas de perseguição, o poder público reconhecia a importância cultural das nascentes escolas de samba. Mais que um enredo, aquele desfile tratou-se de uma profecia. Exibindo em sua alegoria um globo terrestre, os sambistas da Portela anunciavam que não apenas deixariam o gueto, como também conquistariam o planeta. Naquele momento, aquilo parecia conter uma boa dose de ousadia, algo pretencioso demais, porém, décadas mais tarde, podemos ver com clareza a força da mensagem deixada

por nossos fundadores. Neste carnaval de 1935, Paulo entrega o pavilhão da Portela para Maria das Dores Alves Rodrigues, uma jovem de apenas 15 anos, que se eternizaria como a porta-bandeira Dodô da Portela.

2º setor – Sob o olhar de Dodô. – Período – 1936 a 1956.

Contexto: As escolas de samba ganham cada vez mais espaço na cena cultural da cidade, deixando a Praça Onze para desfilarem no famoso tablado. A Portela se torna a principal escola de samba deste período, com nove títulos. Madureira cresce impulsionada pelo comércio, atraindo consumidores de todo o subúrbio.

Em nosso enredo, após o carnaval de 1935 Dodô assume a narrativa. Paulo continuaria por mais alguns anos sendo fundamental para a Portela, como no título de 1939, “Teste ao samba”, em que diplomou os componentes da escola num desfile que, pela primeira vez, uniu samba, fantasias e alegorias numa mesma proposta, mas, sob o olhar da jovem porta-bandeira, agora duas vezes campeã do carnaval, as escolas de samba iniciaram um processo de transformação que seria constante. Em pouco tempo, a Portela se tornaria a agremiação mais vitoriosa do “mundo do samba”, além da mais conhecida.

Em 1941, o empresário Walt Disney faz uma viagem pela América Latina. A Segunda Guerra Mundial já traumatizava as nações europeias, e a comitiva dos Estados Unidos que desembarca no Rio de Janeiro era parte daquilo que ficou conhecido como “Política de boa vizinhança”, iniciativa que visava ao estreitamento dos laços entre o Norte e o Sul de nosso continente. Paulo já havia brigado e se afastado da Portela, mas é ele quem ciceroneia Disney e seus desenhistas numa animada noite de samba no terreiro da escola, em Oswaldo Cruz. Pouco depois desta experiência, surge das pranchetas o personagem Zé Carioca, que, segundo muitos estudiosos, teve em Paulo uma de suas principais referências. Decerto, a imagem do sambista, antes discriminado, passava a ser o estereótipo do próprio brasileiro. Como anos antes nossos fundadores haviam profetizado, o samba deixava o gueto e começava a ganhar o mundo, tendo seus maiores exemplos nos sucessos de Zé Carioca e de Carmem Miranda no exterior.

Em nossa história, a principal lembrança de Dodô, neste período, é a aparente contradição de se fazer carnaval em meio a uma guerra mundial, sentimento que se agrava a partir de 1943, quando o Brasil ingressa diretamente no conflito. As escolas de samba desfilaram de maneira ininterruptas, algumas vezes no Estádio de São Januário, tendo seus enredos criados pela União Nacional dos Estudantes e pela Liga de Defesa Nacional, como parte dos esforços de guerra. Seguramente, o carnaval trouxe para a população um pouco de alegria em um dos momentos mais tristes da humanidade. Na história da Portela, estão incluídos neste contexto enredos como “Brasil glorioso”, de 1944, desenvolvido no auge do conflito, e “Alvorada do novo mundo”, de 1946, que exaltou o fim da guerra e o retorno dos Pracinhas da FEB. Na verdade, entre 1941 e 1947, culminando com o enredo “Honra ao Mérito”, uma homenagem a Alberto Santos Dumont, em um desfile realizado sob fortes chuvas, a Portela conquistou o heptacampeonato. Sete vitórias seguidas, feito até hoje inigualável por

qualquer outra agremiação carnavalesca. Esse período, em que a Portela e Dodô brilharam intensamente, forma o chamado “sete anos de Glória”.

Tão glorioso quanto foi o título de 1953. A Praça Onze já havia desaparecido para dar lugar à moderna Avenida Presidente Vargas. Num tablado montado nesta via, as escolas de samba se preparavam para aquele que já era considerado o maior desfile de todos os tempos. Depois de anos em ligas diferentes e da anulação da apuração no carnaval anterior, finalmente as grandes agremiações se encontravam para consagrar a supercampeã. Com uma apresentação arrebatadora, contando o enredo “Seis datas magnas”, a Portela é proclamada campeã com nota máxima em todos os quesitos, fato até hoje lembrado pelos sambistas mais antigos. Então, um novo personagem ganha espaço e força na Portela. Natalino José do Nascimento, o Natal da Portela, assume a condição de líder, trazendo Vilma Nascimento, então porta-bandeira da União de Vaz Lobo, para brilhar com o pavilhão azul e branco. Um período de novas conquistas se inicia.

3º setor – Sob o olhar de Natal. – Período – 1957 a 1975.

Contexto: As escolas de samba se tornam a principal manifestação carnavalesca do Rio de Janeiro, superando os Ranchos e Grandes Sociedades. As classes média e alta passam a participar dos ensaios e assistir aos desfiles, que acontecem nas Avenidas Rio Branco e Presidente Vargas, além da Presidente Antônio Carlos, por causa das obras do Metrô. A Portela conquista nove títulos. Madureira se torna a Capital do subúrbio, com um comércio pujante. Muitas ruas são asfaltadas e urbanizadas graças a influência de Natal junto aos políticos.

Em nosso enredo, Natal assume a narrativa deste período em que, graças a sua luta como líder e patrono, a Portela conquista oito campeonatos. Ele assume a missão de guardião da escola, dedicando cada dia de sua vida para este propósito, transformando-o na razão de sua existência. Seu legado é honrado até hoje por todos os portelenses, em especial pela Velha Guarda. Certa vez, em defesa de nossa escola, Natal se envolveu diretamente numa briga durante a apuração. Como consequência, excepcionalmente cinco escolas foram declaradas vencedoras. Na verdade, as outras escolas foram declaradas campeãs, pois, neste carnaval de 1960, com o enredo “Rio Capital eterna do samba”, a Portela sagrou-se tetracampeã, uma vez que também havia vencido nos três anos anteriores.

Na década de 1960, um acelerado processo de mudança afeta o carnaval, tornando-o em um espetáculo cada vez mais comercial. Em 1963, os desfiles deixam a Rio Branco e passam a acontecer na imponente Avenida Presidente Vargas, com cobrança de ingresso para a assistência que ocupava as novas arquibancadas tubulares. Deste período, a imagem das antigas decorações carnavalescas ficou marcada na memória dos amantes da folia, servindo de moldura para novas conquistas da Majestade do samba. Sob o comando de Natal, a Portela encara de frente este momento de transformações. Com olhar apurado, ele convida Nelson de Andrade, que, como Presidente do Salgueiro, iniciou uma verdadeira revolução estética nas escolas de samba, para ser Presidente da Portela. Juntos, Natal e Nelson de

Andrade, que já haviam conquistado o título de 1962, ainda na Avenida Rio Branco, numa homenagem ao pintor francês Rugendas, vencem também os carnavais de 1964 e 1966. Em 1964, com o enredo “O segundo casamento de Dom Pedro I”, em que um polêmico grupo de violinistas acompanhando a bateria fez história no carnaval. Em 1966, “Memórias de um Sargento de Milícia”, a escola foi embalada por um lindo samba assinado pelo jovem Paulinho da Viola.

De autoria de Paulinho da Viola também foi o esquentado que marcou a entrada da Portela na avenida para o carnaval de 1970, o que, em nosso enredo, é a principal lembrança de Natal. O grande líder já começava a demonstrar sinais de cansaço, mas seguia sendo um guerreiro em defesa da Portela. Após o título de 1970, “Lendas e mistérios da Amazônia, ele passou mal e precisou ser socorrido, no mesmo instante em que Oswaldo Cruz explodia de alegria e festejava a vitória neste desfile inesquecível, que, pela primeira vez, trouxe a estética indígena para as escolas de samba. No ano seguinte, a Portela apresentou o enredo “A Lapa em três tempos”. Exaltando a “Lapa de hoje” e a “Lapa de outrora”, como diz o belo samba de Ary do Cavaco, a Portela mostrava que o gingado de Malandros e Cabrochas é atemporal, unindo os tradicionais arcos ao já pujante comércio de Madureira. Na arte de sambar e de batucar, o Subúrbio e a Região Central se encontram em histórias do passado e do presente, reificando a malandragem como um ícone do Rio de Janeiro e das próprias escolas de samba.

Também são ícones das escolas de samba as referências à cultura africana, embora nem sempre os enredos carnavalescos contemplassem as origens do povo que criou esta manifestação cultural. Em 1972, a Portela desenvolve o enredo “Ily Ayê, Terra da vida”, idealizado inicialmente por Candeia, mas concluído pelo Departamento cultural da escola. Era um período de transformação das temáticas apresentadas em desfiles, e, em 1975, foi a vez da Majestade do samba exaltar a brasilidade e a mistura racial, criando o enredo “Macunaíma, herói de nossa gente”, inspirado na obra clássica de Mário de Andrade. Como todo portelense, Natal, já debilitado, cantou o refrão que entraria para a história do carnaval:

*Vou me embora
Vou me embora
Eu aqui volto mais não
Vou morar no infinito
E virar constelação*

Foi a última aparição de Natalino José do Nascimento desfilando pela Portela. Choraram os portelenses, alguns deles verdadeiros símbolos do carnaval carioca, como Maria Lata D'água. O samba deste desfile, agraciado com o prêmio estandarte de ouro, foi composto por David Corrêa.

4º Setor – Sob o olhar de David Corrêa. – Período – 1976 a 1999.

Contexto: As escolas de samba passam a atrair turistas do Brasil e de outras partes do mundo. Elas iniciam o processo de profissionalização, quase se tornando empresas, admitindo que os sambistas mudassem de agremiação. São as Escolas de Samba S.A., que desfilam no Sambódromo, um palco a altura da grandeza do espetáculo. O comércio de Madureira se diversifica.

Diz muito sobre a Portela que a narrativa do nosso enredo, neste período de intensas transformações estruturais no carnaval, passe para o olhar de um compositor. Com seus sambas empolgantes, David Corrêa foi protagonista dos desfiles da Portela, e, mesmo quando se afasta de Madureira para compor em outras agremiações, mantêm-se por muitos anos como protagonista do carnaval. Jamais ele deixou de retornar para sua escola do coração.

Entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, a Portela leva para a avenida uma boa sequência de sambas assinados por David Corrêa. Um deles, o que a escola cantou em 1980, “Hoje tem marmelada”, uma homenagem ao circo, ficou marcado pela conquista do vigésimo título da Portela. Em nosso enredo, esta é a principal lembrança do compositor, cujo samba embalou uma apresentação inesquecível. A forma como os artistas circenses são retratados faz deste desfile algo inovador, bem à frente de seu tempo.

No ano seguinte, 1981, David Corrêa compôs a obra musical que embalou o desfile de “Das Maravilhas do mar fez-se o esplendor de uma noite”. Um samba histórico, que fez sucesso para muito além do período carnavalesco, que até hoje é uma das principais canções do repertório portelense. Na verdade, este samba fez tanto sucesso que, ao empolgar o público, acabou promovendo a invasão da pista de desfile, contribuindo para que a Portela ficasse apenas com a terceira colocação. Em 1982, David Corrêa emplaca mais um samba na Portela, sendo o compositor de “Meu Brasil brasileiro”, uma exaltação ao folclore nacional. O resultado foi o vice-campeonato.

A sequência de sambas assinados por David Corrêa foi interrompida em 1983, quando a Portela levou para a avenida o enredo “Ressureição das coroas, reisado, reino, reinado”, obtendo novamente o vice-campeonato. Ter sua obra preterida pela direção da escola, que escolheu a composição de Mazinho da Piedade e Hilton veneno, motivou a jornada de David por outras agremiações, começando pelo Acadêmicos do Salgueiro, em 1984. É da vermelho e branco tijuicana, certamente com o coração partido, que David assiste a Portela desfilar pela primeira vez no imponente sambódromo, o novo palco dos sambistas, no domingo de Carnaval. Conforme estabelecia o regulamento da época, a Majestade do samba é campeã do primeiro dia de desfiles com o enredo “Contos de Areia”, uma homenagem a Paulo da Portela, Natal e Clara Nunes. Este carnaval de 1984 também ficou marcado por ter sido o primeiro sem a cantora mineira, que, meses antes, havia partido para o infinito. Ela e David já haviam participado juntos do carro de som da Portela, quando interpretaram um samba em desfile. Fatos como esse criaram uma relação intensa entre Clara e a azul e branca de Madureira, um vínculo tão forte que, em sua homenagem, a rua onde está localizada a quadra de ensaios da Portela muda de nome, passando a se chamar “Rua Clara Nunes”.

No início dos anos 1990, ainda distante da Portela, David Corrêa assiste à Majestade do samba desfilar com duas obras antológicas de outros compositores, sambas vencedores do prêmio Estandarte de Ouro. Um deles foi “Tributo à vaidade”, de Carlinhos Madureira, Café da Portela e Iran Silva, cantado por Dedé da Portela no carnaval de 1991. Tratava-se de um enredo inspirado na fantasia de Evandro Castro Lima, sobre a vaidade de uma forma geral, mas que, na poesia do samba-enredo, tornou-se uma homenagem à vaidade que todo portelense tem por sua escola. Até hoje é uma obra que mexe com o coração azul e branco. O outro desfile foi o clássico “Gosto que me enrosco”, de Noca da Portela, Colombo e Gelson, de 1995. Contando a história do carnaval, esta apresentação deixou a avenida aclamada pelo público e pela crítica, rendendo o vice-campeonato e os prêmios Estandarte de Ouro de melhor samba e escola. Pouco depois, na virada do século XX para o XXI, os compositores da Portela eram reconhecidos não apenas pelos sambas apresentados em desfile, mas também pelo crescente sucesso dos sambas de terreiro da Velha Guarda Show, a maioria embalada pela inconfundível voz de Monarco.

5º Setor – Sob o olhar de Monarco. – Período – A partir do ano 2000.

Contexto: As escolas de samba passaram a integrar o mercado internacional da indústria do entretenimento, com a transmissão dos desfiles para o mundo. A internet revolucionou as atividades das agremiações, que se estendem para muito além das quadras de ensaio. Madureira se moderniza, mas mantendo sua força cultural e a herança afro-brasileira. É um subúrbio que sintetiza o próprio Rio de Janeiro, palco da alegria e do caos.

A Velha Guarda da Portela sempre foi um dos grandes orgulhos da escola. Com o sucesso alcançado pelo álbum “Tudo Azul”, produzido por Marisa Monte, os veteranos portelenses ganharam projeção internacional. É neste contexto que Monarco assume cada vez mais um papel de liderança na Portela. Uma liderança moral, exercendo a função de “guardião da memória azul e branca”, inspiração e exemplo para os jovens. É ele quem comanda a narrativa desta última parte do nosso enredo.

Na primeira década do século XXI, a melhor colocação conquistada pela Portela foi o terceiro lugar de 2009, quando apresentou o enredo “E por falar em amor, onde anda você?”. Tratava-se de uma exaltação ao amor em suas várias formas de manifestação. Em 2012, a Portela retornou nas campeãs com a sexta colocação, mas o samba de “...E o povo na rua cantando...É feito uma reza, um ritual...”, entrou para a história do gênero samba-enredo. Composto por Vanderlei Monteiro, Luiz Carlos Máximo, Toninho Nascimento e parceiros, a obra introduziu um terceiro refrão, rompendo com um paradigma que há mais de uma década engessava as canções apresentadas na avenida. As arquibancadas dos dois lados do Sambódromo, que teve sua capacidade ampliada, sacudiram quando Gilsinho entoou o refrão “Madureira sobe o pelo”. Com batidas firmes e criativas, a bateria da Portela, popularmente conhecida como Tabajara do samba, trouxe para o desfile o gingado da Bahia, Estado homenageado pelo carnavalesco Paulo Menezes.

O sucesso do samba de 2012 nos mostra que, quase 90 anos após sua fundação, a Portela ainda revolucionava o carnaval, mas as vitórias tornaram-se escassas. Monarco ensinava aos mais jovens o passado glorioso da Majestade do samba, usando seu prestígio para tentar recolocá-la no caminho das conquistas. O carnaval 2014 é o primeiro de uma nova era na azul-e-branca de Madureira, quando Marcos Falcon promove uma verdadeira revolução, alçando Monarco à condição de Presidente de Honra. “Um Rio de mar a mar, do Cais do Valongo à Glória de Sebastião” foi o enredo deste ano especial, em que, exaltando a avenida Rio Branco, a Portela voltava a ser competitiva, terminando com a terceira colocação.

Em 2016, no primeiro carnaval idealizado pelo carnavalesco Paulo Barros, a Portela deixou a avenida aclamada como campeã. O enredo se chamou “No voo da Águia, uma viagem sem fim...”, apresentando a temática das viagens na avenida. Após a apuração das notas, a terceira colocação foi aquém do desejado, mas o samba de Vanderlei Monteiro, Samir Trindade e parceiros ganha todos os prêmios possíveis, incluindo o cobiçado Estandarte de Ouro. O vigésimo segundo título da Portela parecia questão de tempo, e ele se concretiza já no ano seguinte, com o enredo “Quem nunca sentiu o corpo arrepiar ao ver esse rio passar”, que homenageava as massas de água doce. A Portela voltava a ser campeã após 33 anos. Vibram os portelenses de norte a sul do país. As ruas de Oswaldo Cruz e Madureira voltam a ser tomadas pelo povo em festa. Vibra Monarco, reverenciado por todos os portelenses. A liderança moral de uma escola que voltava a sorrir!

Monarco nos deixou no dia 11 de Dezembro de 2021, quando a Majestade do samba, prestes a completar 99 anos, preparava-se para apresentar na avenida o enredo “Igi Osè Baobá”, desenvolvido pela dupla de carnavalescos Renato Lage e Márcia Lage. Ele partiu rumo ao infinito, para morar no brilho azulado das estrelas do firmamento. Lá no alto, no altar onde habitam os seres de luz que fizeram a história da Portela. Hoje, neste desfile especial, é de lá que eles observam a escola e transmitem suas energias positivas.

A missão iniciada pelo professor, que atravessou gerações ao longo das décadas, agora está nas mãos das novas gerações. O sonho dos fundadores é o mesmo dos mais de três mil componentes que desfilam neste carnaval de 2023, bem como dos jovens que fazem as bandeiras se agitarem nas arquibancadas. Quando a explosão de fogos no céu anunciar o início do desfile, passado e presente se unem não apenas para comemorar o centenário, mas para anunciar o futuro da Majestade do samba. Para finalizar este enredo, escolhemos a mensagem que a Portela deixou no carnaval de 1987, “Adelaide, a Pomba da Paz”. Ela representa exatamente o que esperamos para os próximos cem anos. Queremos, para o planeta e para a Portela, um futuro em que se respeite a natureza, que se preserve as florestas e, atualizada para os nossos dias, que se controle os impactos das mudanças climáticas. Como diz a letra do samba, premiado com o Estandarte de ouro, “são quatro letras que fazem sonhar, é o amor que se espalha no ar”. É isso que queremos para esta jornada que iniciamos rumo ao futuro. Que venham os próximos cem anos!

Sinopse

Era o início da década de 1920 quando cheguei ao vale do rio das Pedras, na localidade há pouco tempo conhecida como Oswaldo Cruz. Desembarquei de um trem vindo da Saúde, acompanhado de minha mãe e minha irmã. Eu ainda não sabia, mas trazia comigo uma missão. Um propósito que se iniciava ali, nas terras do antigo engenho do Senhor Miguel Gonçalves Portela, mas que não conheceria os limites geralmente impostos pelo tempo e pelo espaço. Seria algo perene, imortal, como parecia ser a alegria nas concorridas festas de Dona Esther, onde entendi que deveria elevar o samba e a cultura popular a um patamar jamais alcançado. Então, com as graças de Nossa Senhora da Conceição e São Sebastião, ou, como queiram, Oxum e Oxóssi, eu, Caetano e Rufino unimos nossas mãos e tivemos um sonho. Imaginamos um mundo azul e branco que não teria fronteiras, que se estenderia para além dos limites de nossas vidas terrenas. Fundamos o “Conjunto Carnavalesco Oswaldo Cruz”, primeiro nome de nossa criação. O primeiro nome da Portela! Era algo simples, pequeno, mas, logo no primeiro desfile oficial, fomos campeões deixando uma mensagem que, na verdade, tratava-se de uma profecia: “O samba dominando o mundo”. Isso foi há muito tempo. Hoje, Caetano, o que abre nosso cortejo no carnaval celestial é o bater das asas do Divino Espírito Santo. Lá embaixo, eles ainda fazem águia de isopor.

Faz muito tempo, Professor, mas eu lembro que tu me deste a honra de defender o pavilhão daquele primeiro campeonato. Eu também estava ao seu lado quatro anos depois, quando a Praça Onze se encantou com “Teste ao samba”, a primeira vez em que uma escola de samba apresentava fantasias, alegorias e samba representativos do enredo. Sua missão passou a ser a minha, e o sonho de vocês, fundadores, aos poucos ganhava forma. Eu vivi intensamente os “sete anos de Glória”. Sete vitórias seguidas, algumas delas em meio às incertezas dos carnavais de guerra. Eu vi os sambistas se dividirem, brigarem, formarem Associações diferentes, mas depois se unirem novamente. Vi as confusões de 1952, ano em que não teve apuração, e, no carnaval seguinte, conquistarmos o supercampeonato com as “Seis datas magnas”, tirando nota máxima em todos os quesitos. Hoje, em nosso carnaval celestial, quando rodopio movimento às nuvens brancas, que em forma de espiral rajam o azul do céu. Lá embaixo, eles ainda usam bandeiras de cetim.

Para rodar com o nosso pavilhão, menina, eu trouxe Vilma Nascimento, o Cisne da passarela, que está lá por baixo. Comigo não tinha malandro que se criava. Eu herdei esta missão e honrei cada dia da minha vida para cumpri-la. Fui tetracampeão, de 1957 a 1960. Quando cantamos “Legados de D. João VI” e “Brasil Panteão de Glórias”, os sambas eram de sua autoria, Candeia. Fomos campeões festejando o pintor “Rugendas” e usando violinos para ilustrar o “Segundo casamento de D. Pedro I”. Nós apresentamos a obra “Memórias de um sargento de milícias”, cujo samba foi escrito por aquele rapaz que está lá embaixo, o Paulinho da Viola. Lembro-me da festa ao conquistarmos o título de 1970, “Lendas e Mistérios da Amazônia”. No ano seguinte, Ary do Cavaco, você escreveu uma bela poesia homenageando a Lapa. Então, logo após exaltar “Macunaíma”, minha parte nesta missão se cumpriu. Vai, Betinho! É hora de um rufar de trovoadas. Lá embaixo, eles ainda fazem som batendo no couro de um surdo.

O Senhor sabe que eu fui o autor de Macunaíma, não sabe? Eu e a Clara cantamos juntos na avenida. Esta também foi a minha missão. Eu compus “Hoje tem marmelada”, samba com o qual fomos campeões, e o antológico “Das maravilhas do mar fez-se o esplendor de uma noite”, sucesso absoluto. Tudo bem, eu passei por outras escolas, mas sempre que partia deixava meu coração na Portela, e para ela retornava. Nas minhas andanças, vi o carnaval atrair turistas. Vi surgir o sambódromo! Aquilo que um dia foi pequeno se tornava as Escolas de samba S. A. Eu vi Silvinho ser campeão cantando “Contos de Areia”. Em um lindo amanhecer de carnaval, vi Dedé cantar a “pombinha da Paz”, e depois, anos mais tarde, arrepiar a todos com um belo “Tributo à vaidade”. Vi o “azul” ser cantado em todas as suas tonalidades! Eu vi o Noca, que está lá embaixo, sacudir a avenida com seu “Gosto que me enrosco”. Hoje, para o nosso carnaval celestial, componho orações unindo os sentimentos daqueles que expressam saudade. Lá embaixo, eles ainda estão limitados pelas letras escritas num papel.

Eu sei como se compõe, aqui e lá embaixo. Fui o último a chegar cá em cima. Vivi o que vocês só viram à distância. A parte que me cabia nesta missão foi levar a Portela para o século XXI, batendo suas asas em um novo milênio. Eu vi nossa escola cantar o “Amor”. Vi Madureira “subir o pelô” e revolucionar o gênero samba-enredo. Eu estava ao seu lado, Falcon, quando você apontou para frente e todos o seguiram. Eu vi a imponência da Águia redentora. Vi nossa escola cantar as “viagens”, e, em 2017, conquistar sua vigésima segunda estrela: “Quem nunca sentiu o corpo arrepiar ao ver esse rio passar”. Liderei por décadas a minha velha guarda, levando o nome de nossa escola para todo o planeta. Canta, Surica! Canta que o samba dominou o mundo, cumprindo a profecia de nossos fundadores. O sonho deles é realidade. Inspira cada jovem que agita suas bandeiras nas arquibancadas. Hoje, sinto-me leve. Minha voz ecoa livremente pela eternidade. Lá embaixo, eles ainda usam microfone e caixa de som.

Neste carnaval do centenário, quando a sirene da avenida tocar, não deixem de olhar para cima. Nós estaremos na claridade que emana da lua, no brilho de cada estrela do firmamento, no vento suave que toca seus corpos. Nós estaremos fantasiados daquilo que vocês costumam chamar de natureza. A Portela é o nosso legado. Iluminaremos seus caminhos, mas a missão agora é de vocês. A história da Portela é uma jornada atemporal. É a saga de gerações que se sucedem no tempo. É um sonho que nos une ao infinito. Os próximos cem anos nos aguardam.

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Este carnaval de 2023 é especial para a Portela. Com o coração em festa, exaltamos nosso centenário com o enredo “O azul que vem do infinito”, em que, através da narrativa de cinco personagens, perpassamos os cem anos de nossa existência. Começando com as lembranças de Paulo da Portela sobre a fundação da escola, que inspira de maneira lúdica a comissão de frente. Com a licença poética típica de uma escola de samba, um grupo de homens e mulheres, representando alguns de nossos fundadores, faz uma performance sobre a criação dos símbolos até hoje cultuados por todos os portelenses: As cores azul e branca, o pavilhão e a Águia.

Olhando para o passado, Paulo alça voo sobre as asas de nossa Águia, novamente sonhando ao lado dos demais fundadores. Um sonho que, cem anos depois, permanece vivo a cada carnaval, muito além de sua própria vida terrena. Um sonho dourado, de uma realeza suburbana, Reis e Rainhas que assumiram pela arte do samba o protagonismo na sociedade. É a nobreza que desfila humildade, representada pelo nosso primeiro casal de Mestre-sala e Porta-bandeira, Marlon Lamar e Lucinha Nobre. Um sonho que bate asas na forma de um grande pássaro. Uma Águia, naturalmente, que, enfeitada pelo ouro de Oxum, une o céu e a Terra, representada pelo grupo performático “Águias”. O sonho de se criar não apenas uma agremiação carnavalesca, mas a Majestade do Samba, que orgulhosamente ostenta sua Coroa cravejada de Joias, nossas vitórias e conquistas. Nossa primeira alegoria, “Deu Águia, a majestade”, que traz nossa grande Águia reluzindo como ouro, é inspirada na riqueza de nossa Orixá protetora, Oxum, e na coroa da Majestade do samba, a mais vitoriosa das escolas de samba. Erguem-se em nossa história os louros dourados da vitória. Nesta alegoria estão nossos baluartes, as “joias da Coroa”, pessoas que dedicaram suas vidas ao sucesso da Portela.

De suas experiências anteriores, compreende-se que Paulo, Caetano e Rufino eram verdadeiros amantes do carnaval. Por este motivo, as três alas que fazem referência aos nomes anteriores da Portela têm motivos carnavalescos. A ala 01, “Conjunto carnavalesco Oswaldo Cruz”, nome da nossa escola durante a fundação. A ala 02”, “Quem nos faz é o Capricho”, nome pelo qual a escola passa a ser chamada em 1929, após Heitor dos Prazeres ganhar força dentro do grupo. Isso ocorre, segundo alguns estudiosos, após a vitória do pessoal de Oswaldo Cruz no concurso de Zé Espinguela, graças a um samba de Heitor. Nesta época, ele também registrava suas primeiras obras musicais, como “O carnaval”. A ala 03, por sua vez, faz referência ao “Vai como Pode”, nome pelo qual a escola era conhecida nos primeiros desfiles, ainda organizados por jornais de grande circulação.

Na sequência, o grupo “sob o olhar de Paulo da Portela”, empunhando estandartes, nos lembra que esta parte do enredo está sendo contada sob a ótica de Paulo Benjamim de Oliveira. Naqueles longínquos anos, logo após a fundação, a agremiação carnavalesca de Oswaldo Cruz era apenas mais uma entre tantas que, em suas várias manifestações, faziam do carnaval carioca um espetáculo pujante. Ao longo das décadas seguintes, a maioria destes

grupos desapareceu, sucumbindo frente aos novos tempos. Se a Portela permaneceu vigorosa, ao ponto de comemorar agora seu centenário, muito se deve aos valores ensinados por Paulo da Portela, até hoje rigorosamente seguidos pelos portelenses.

Na sequência, na ala 04 desfila a nossa tradicional ala das baianas, um dos orgulhos de nossa agremiação. Elas estão vestidas com a fantasia “Sobre a tua bandeira, esse divino manto”, simbolizando a fé dos portelenses por Nossa Senhora, devoção que inspirou a própria bandeira da escola. A ala 05 representa o primeiro título da Portela, em 1935, naquele que é o primeiro desfile de escola de samba oficial da cidade, isto é, reconhecido e subvencionado pelo poder público, com o enredo “O samba dominando o mundo”. Em um momento em que os sambistas apenas davam seus primeiros passos rumo ao reconhecimento de sua relevância cultural, ainda perseguidos e discriminados por grande parte da sociedade, o título deste enredo, na verdade, soa como uma profecia. É o prenúncio de que, um dia, os sambistas deixariam o gueto e fariam sucesso em todo o planeta, pretensão simbolizada pelo globo terrestre idealizado pelo artista Antônio Caetano.

Fechando este primeiro setor, a principal lembrança de Paulo da Portela é sua chegada a Oswaldo Cruz, desembarcando na estação de trem no início da década de 1920. Ele chega em um bairro rural, cujo processo de urbanização ainda era incipiente, vindo da Zona Portuária da cidade. Ao mesmo tempo, migravam para Oswaldo Cruz ex-escravizados e seus descendentes vindos principalmente do interior dos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo. Deste verdadeiro caldeirão cultural, aquecido pela liderança e pelos valores de Paulo, surgiu uma cultura suburbana, a base do que até hoje caracteriza a produção cultural não apenas da Portela, mas dos bairros de Oswaldo Cruz e Madureira. A representação disso está no grupo “trabalhadores rurais”, que completa o cenário, e na alegoria 02, “Pelos bandas de Oswaldo Cruz”.

Nosso segundo setor está sendo narrado pela ótica de Maria das Dores Rodrigues, a Dodô da Portela. Após receber das mãos de Paulo o pavilhão do carnaval de 1935, ela se torna a primeira porta-bandeira da escola, iniciando sua trajetória de sucesso pela Portela. Em 1939, ela participa de “Teste ao samba”, o desfile em que, pela primeira vez, uma escola levou para a avenida samba, fantasias e alegorias relacionados ao enredo. Uma homenagem a educação em que, no calor da avenida, todos os componentes da Majestade do samba receberam diplomas. Neste carnaval de 2023, são os integrantes da ala de compositores Ary do Cavaco, outro orgulho de nossa escola, que estão sendo diplomados. Eles são os legítimos herdeiros do professor Paulo da Portela, os novos professores que encantam o Brasil e o mundo com seus sambas, desfilando na ala 06.

Pouco depois do título de 1941, os portelenses receberam uma visita ilustre em seu terreiro. Com a guerra se intensificando na Europa, Walt Disney e sua equipe realizam uma viagem pela América Latina, como parte da chamada “Política da boa vizinhança”. Na estadia do grupo pelo Rio de Janeiro, um dos compromissos foi assistir a uma roda de samba em Oswaldo Cruz. Os jornais descrevem a visita da comitiva de Disney ao subúrbio carioca como uma verdadeira aventura. O encontro de uma celebridade mundial com a realidade de

uma escola de samba, ainda exótica para os próprios habitantes da maior parte do Rio de Janeiro. Paulo da Portela já havia brigado e se afastado da agremiação que ajudou a fundar, mas ele ciceroneou os visitantes e apresentou-os ao legítimo samba carioca. Pouco depois, da prancheta dos desenhistas, surge o personagem Zé Carioca, um papagaio sambista que, para muitos pesquisadores, teve em Paulo uma de suas inspirações. Assim, conforme a Portela havia profetizado em seu primeiro trinco, o samba se espalharia pelo planeta, começando a “dominar o mundo”. Isso pode ser verificado pelos sucessos no exterior de Zé carioca e Carmem Miranda, neste desfile representados pelo nosso segundo casal de Mestre-Sala e porta-bandeira, Emanuel Lima e Camyllinha Nascimento.

O Grupo “sob o olhar de Dodô” nos lembra que, nesta parte do enredo, a narrativa está sendo contada sob a ótica de nossa eterna Porta-bandeira. Neste período, a Portela acumula uma sequência de vitórias. Em 1944, no desfile realizado no estádio de São Januário, a Majestade do samba apresentou enredo idealizado pela Liga de Defesa Nacional e pela União dos Estudantes, “Brasil glorioso”, representado pela ala 07, num momento de recrudescimento do conflito e da participação direta de nossos pracinhas. A Ala 08, “Alvorada do novo mundo”, mostra o título de 1946, em que o enredo retratava o fim do conflito e o retorno dos soldados da FEB.

No ano de 1947, Dodô e a Portela conquistam mais um campeonato, desta vez exaltando os feitos do pai da aviação. A Ala 09, “Honra ao mérito”, homenageou Alberto Santos Dumont, num desfile marcado por fortes chuvas. Todavia, se o mundo parecia finalmente entrar num período de paz, foi a vez dos sambistas brigarem e se dividirem. Depois de anos desfilando em Associações diferentes e da anulação, por questões meteorológicas, da apuração do carnaval de 1952, o ano de 1953 marcaria, finalmente, o confronto entre as principais escolas de samba do Rio de Janeiro. Ao vencedor, estava destinado o título de supercampeã, a primeira vez que uma agremiação alcançaria esse status. Sem dúvida, era o carnaval mais aguardado de todos os tempos, e, com um samba assinado pelo jovem Candeia e por Altair Prego, a Portela sagrou-se vitoriosa com o enredo “Seis datas magnas”. Para muitos, até hoje, este é o título mais importante da gloriosa história da Majestade do Samba, representado pela “ala 10”.

Como principal lembrança de Dodô, está a aparente contradição em festejar o carnaval em meio às dores de uma guerra mundial. Uma alegria um tanto quanto contida, é verdade, mas que, para o portelense, representou um momento de grandes conquistas. Os carnavais de guerra estão compreendidos entre os anos de 1941 e 1947, período que entrou para a história do carnaval como os “Sete anos de glória”, isto é, as sete vitórias consecutivas da Portela, feito jamais igualado e que também marcou a trajetória de Dodô como porta-bandeira. Tudo isso é representado por um destaque de chão, “colombina da esperança”, e pela terceira alegoria, “Carnavais de Guerra”.

Na sequência, apresentamos nosso terceiro setor. Natalino José do Nascimento, o famoso Natal da Portela, assume a narrativa de nosso enredo em 1957, quando, já em destaque como o “homem forte” da Portela, convida Vilma Nascimento para ocupar o posto de primeira

porta-bandeira. É neste período, compreendido sob o olhar de Natal, que a Galeria da Velha Guarda é formada, bem como é construída a Portelinha, antiga sede que, nos dias de hoje, é administrada pelos veteranos portelenses. A ala 11, nossa tradicional Velha Guarda, desfila representando “o legado de Natal”.

Seguramente, Natal foi a pessoa que mais lutou e defendeu nossa escola nestes cem anos de existência da Majestade do samba, cumprindo com êxito sua missão. No carnaval de 1960, ao perceber que a Portela seria prejudicada na apuração, sua revolta gerou uma briga generalizada, de forma que, para acalmar os ânimos, cinco escolas foram consideradas vencedoras: Portela, Salgueiro, Mangueira, Império Serrano e Unidos do Capela. De fato, todas foram consideradas campeãs, mas, na verdade, vitoriosa nos três carnavais anteriores, a Portela festejava seu tetracampeonato. O enredo deste carnaval especial foi “Rio Capital eterna do samba”, representado no desfile por um destaque de chão.

Vendo os rumos que o carnaval estava tomando, Natal convida Nelson de Andrade, ex-presidente do Salgueiro, escola que naquele momento revolucionava a estética dos desfiles, para assumir o posto de Presidente da Portela. Logo no primeiro carnaval que Natal e Nelson realizam juntos, em 1962, a Portela é campeã com um enredo em homenagem ao pintor francês Rugendas, com o título de “Rugendas, viagens pitorescas através do Brasil”, representado pela ala 12. O grupo “Sob o olhar de Natal”, na sequência, nos lembra que a narrativa deste setor está sendo contada sob a ótica de Natalino José do Nascimento. É ele quem, de maneira firme e segura, conduz a Portela por todas as transformações pelos quais o carnaval passava. Mudanças estruturais, pois envolvia à crescente participação de outras camadas sociais. Neste sentido, no ano de 1963, o desfile passa a acontecer na Avenida Presidente Vargas, com a construção de arquibancadas tubulares e a cobrança de ingresso. As decorações na pista de desfile é uma imagem marcante do carnaval deste período, representado pela ala 13, “Decoração da Avenida Presidente Vargas”.

Inovar pareceria ser a palavra-chave para se entender as escolas de samba naquele momento. Em 1964, a Portela trouxe um grupo de violinistas à frente da bateria, como parte do enredo “O segundo casamento de Dom Pedro I”, gerando polêmica. O resultado foi mais um título de campeã, hoje representado, primeiramente, pela presença marcante de Vilma Nascimento, porta-bandeira daquele desfile vitorioso, ao lado de Jerônimo Patrocínio, passista daquele ano, mas que também é um dos principais mestres-salas da história da Portela. Remetendo ao desfile de 1964, também está um grupo de personagens com o título do enredo, “O segundo casamento de Dom Pedro I”, incluindo alguns violinistas. Na sequência, a ala 14 lembra de “Memórias de um Sargento de Milícias”, enredo da Portela campeão de 1966, com uma obra musical antológica escrita pelo jovem Paulinho da Viola, que iniciava sua bem sucedida carreira musical.

A ala 15, nossa tradicional ala de passistas, faz, neste carnaval especial, uma homenagem a todos os mestres do samba que defenderam o azul e branco da Portela na avenida. A fantasia se chama “Tributo aos passistas da Portela”, artistas que, ao longo dos últimos cem anos, estabeleceram uma linhagem que até hoje orienta os jovens da escola. Nomes como

Claudionor Marcelino, Nega Pelé, Tijolo, Irene, Jerônimo, Mosquito, Gilson, Moisés, Valci Pelé e Nilce Fran, esta última desfilando como coordenadora da ala. Bianca Monteiro, que desde 2017 ocupa o posto de Rainha de bateria da Portela, reinando à frente da Tabajara do samba, é também um dos grandes nomes que a ala de passistas da Portela revelou em sua história. Neste carnaval, sua fantasia tem o título de “Diva da Lapa”, integrada aos seus ritmistas, vestidos de malandro, numa alusão ao enredo “A Lapa em três tempos”, com o qual a Portela foi vice-campeã, em 1971. A bateria é a nossa ala 16.

Na sequência, fazemos referências a dois outros carnavais que Natal participou: A ala 17, “Ilu Ayê, terra da vida”, de 1972, a primeira vez que a Portela traz para a avenida a temática africana, naquilo que hoje se convencionou chamar de “enredo afro”; e a ala 18, “Macunaíma, herói de nossa gente”, de 1975, inspirado na obra de Mario de Andrade, exaltando a brasilidade e a mistura racial. Nesta época, muitos foram os destaques da Portela na avenida, personalidades do carnaval que, com a popularização da festa, adquiriram fama para além dos amantes da folia. Entre eles, destacamos Maria Lata D’agua, representada na avenida por um destaque de chão.

Das lembranças de Natal, a principal delas, em nosso desfile, é o campeonato de 1970, representado pelo tripé que tem o mesmo título do enredo, “Lendas e mistérios da Amazônia”. Já adoentado, Natal passa mal durante a apuração, enquanto, na porta do Regimento Caetano de Farias, local da apuração, os portelenses festejavam com faixas e bandeiras, no mesmo instante em que Oswaldo Cruz e Madureira explodiam de alegria. Era o décimo nono campeonato conquistado pela escola.

Após a morte de Natal, a narrativa do enredo é assumida pelo compositor que, hoje em dia, é um dos maiores vitoriosos em disputas de samba da Portela. Entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, David Corrêa acumula uma séria de sambas assinados por ele na Majestade do samba, incluindo o que, para muitos, é o mais empolgante samba-enredo de nossa história. Sem dúvida, “Das Maravilhas do mar fez-se o esplendor de uma noite”, apresentado no carnaval de 1981, é um dos maiores sucessos musicais da escola, representado neste desfile pela ala 19. No carnaval de 1982, ele também foi um dos autores de “Meu Brasil brasileiro”, um desfile vice-campeão, representado pela ala 20.

Em seguida, o grupo “Sob o olhar de David Corrêa” nos lembra que a narrativa do enredo, neste setor, está sob a ótica deste grande compositor. A sequência de sambas da Portela assinados por David é interrompida em 1983, quando a escola levou para a avenida uma obra composta por Mazinho da Piedade e Hilton Veneno. A Portela foi vice-campeã com o enredo “Ressurreição das coroas, Reisado, reino, reinado”, representado pela ala 21, no último carnaval com a participação de Clara Nunes, homenageada por um Destaque de chão e pelo “Grupo Claridade”, formado pelo nosso Departamento Feminino.

Ter sido superado na disputa de samba interna da Portela, mesmo após seguidas vitórias contra grandes compositores, motivou, mesmo que temporariamente, o afastamento do poeta David de sua escola de coração. O profissionalismo ganhava espaço entre as escolas de

samba, com os sambistas frequentemente trocando de agremiação. Assim, é distante da Portela que David Corrêa assiste ao desfile de domingo no carnaval de 1984, quando a azul e branco, na inauguração do imponente sambódromo, apresenta o enredo “Contos de areia”, ala 22, conquistando mais um campeonato homenageando Paulo da Portela, Clara Nunes e Natal.

Na sequência, apresentamos dois desfiles embalados por grandes sambas, canções vencedoras do prêmio Estandarte de Ouro, escritos por compositores que também entraram para a história da Portela: “Tributo à vaidade”, de 1991, composto por Carlinhos Madureira, Café da Portela e Iran Silva, representado pelo terceiro casal de Mestre-sala e Porta-bandeira, Vinicius Jesus e Rosilaine Queiroz; e “Gosto que me enrosco”, de 1995, composto por Noca da Portela, Colombo e Gelson, que culminou com o vice-campeonato, representado pela ala 23. Fechando o setor, a principal lembrança de David Corrêa, em nosso desfile, é o carnaval de 1980, representado pelo grupo “Hoje tem marmelada”, mesmo título do enredo, e pela alegoria 04, “A brisa me levou”, frase que inicia o samba de David que embalou aquela apresentação vencedora. Foi o vigésimo título da Portela, exaltando a arte circense, num trabalho memorável do carnavalesco Viriato Ferreira.

Para concluir este enredo, nosso último setor é narrado por outro compositor, um mestre dos sambas de quadra e terreiro: Monarco. Na primeira década do século XXI, fazia bastante tempo que a Portela estava afastada das primeiras colocações. A melhor posição da escola neste período foi no carnaval de 2009, um terceiro lugar apresentando o enredo “E por falar em amor, onde anda você?”, representado pela ala 24. Ainda assim, a Majestade do samba seguia produzindo grandes obras musicais, como no ano de 2012, “...E o povo na rua cantando...É feito uma reza, um ritual...”, em que, numa homenagem ao Estado da Bahia, os compositores Vanderlei Monteiro, Toninho Nascimento, Luiz Carlos Máximo e parceiros, além de conquistarem todas as premiações possíveis, revolucionaram o gênero samba-enredo ao introduzirem um terceiro refrão, mudando um paradigma consolidado nas últimas décadas. É o que mostramos com a ala 25.

O grupo “Sob o olhar de Monarco” nos lembra que, nesta parte do desfile, o enredo está sendo contado sob a ótica de nosso grande Mestre, que sempre estava atento às mudanças da Portela e do carnaval. Seguindo Marcos Falcon, ele se torna a liderança moral de um movimento que retoma a competitividade da Portela, assumindo o posto simbólico de Presidente de honra. O primeiro desfile desta nova fase da escola foi em 2014, quando, apresentando o enredo “Um Rio de mar a mar, do Cais do Valongo à Glória de São Sebastião”, a escola terminou na terceira colocação, aqui representado pela ala 26.

Na sequência, apresentamos, na ala 27, o carnaval de 2016, “O voo da Águia, uma viagem sem fim”, em que a Portela deixou a avenida aclamada como campeã, mas que rendeu novamente a terceira colocação. O samba, escrito por Vanderlei Monteiro, Samir Trindade e parceiros, conquistou todos os prêmios de melhor samba. A ala seguinte, 28, representa o desfile de 2017, “Quem nunca sentiu o corpo arrepiar ao ver este rio passar”, em que a

Portela, após 33 anos, finalmente voltou a sagrar-se campeã, quebrando um jejum de mais de três décadas.

Em nosso enredo, a principal lembrança de Monarco é o seu olhar para o futuro. Ouvindo suas histórias, seguindo a tradição oral, muitas gerações de portelenses aprenderam que as transformações são inerentes às próprias escolas de samba, mas é sempre necessário preservar as tradições e os fundamentos. Assim, hoje festejamos nosso centenário sob a proteção daqueles que nos antecederam, recebendo as bênçãos dos seres de luz que, lá do alto, na vastidão do infinito, seguem iluminando nossos caminhos. Isso é representado pela quinta alegoria, “O céu de Madureira é mais bonito”.

É daqueles que nos antecederam que recebemos a missão. Cientes de que a história da Portela é a saga de gerações que se sucedem no tempo, somos nós, que hoje desfilamos na avenida, quem recebe a Majestade do Samba como um legado. Unindo o passado e o presente, voamos firmes para o futuro, iniciando a jornada para os próximos cem anos. Lá estarão nossos filhos e netos, que darão sequência a esta história, com a cabeça erguida, felizes, sorrindo quando seus olhos alcançarem nosso lugar no infinito. Deixamos, para finalizar este enredo, a mensagem da Portela em um desfile que julgamos especial, “Adelaide, a pomba da paz”, que ganhou o estandarte de ouro de melhor samba no carnaval de 1987, alcançando a terceira colocação. A mensagem deixada naquele carnaval é o que pretendemos para nossa escola e para toda a sociedade nos próximos anos e décadas. Uma mensagem em defesa da natureza, da paz e do amor. É isso que pedimos ao terminar o desfile com a ala 29, que faz alusão a este desfile.

ROTEIRO DO DESFILE

1º SETOR – SOB O OLHAR DE PAULO DA PORTELA

**Comissão de Frente
COMO TUDO COMEÇOU**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Marlon Lamar e Lucinha Nobre
A NOBREZA QUE DESFILA HUMILDADE**

**Grupo coreográfico
ÁGUIAS**

**Alegoria 01 – Abre-Alas
“DEU ÁGUIA, A MAJESTADE”**

**Ala 01 – Comunidade 01
CONJUNTO CARNAVALESCO
OSWALDO CRUZ**

**Ala 02 – Águia na Folia
QUEM NOS FAZ É O CAPRICHIO**

**Ala 03 – Comunidade 02
VAI COMO PODE**

**Grupo Performático
SOB O OLHAR DE PAULO DA PORTELA**

**Ala 04 – Baianas
“SOBRE A TUA BANDEIRA, ESTE
DIVINO MANTO”**

**Ala 05 – Sambart
O SAMBA DOMINANDO O MUNDO**

**Grupo da Comunidade
TRABALHADORES RURAIS**

Alegoria 02
“PELAS BANDAS DE OSWALDO CRUZ”

2º SETOR – SOB O OLHAR DE DODÔ

Ala 06 – Compositores
TESTE AO SAMBA

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Emanuel Lima e Camyllinha Nascimento
O SAMBA DA BOA VIZINHANÇA

Grupo Performático
SOB O OLHAR DE DODÔ DA PORTELA

Ala 07 – Comunidade 03 / Cadeirantes
BRASIL GLORIOSO

Ala 08 – Explode Coração
ALVORADA DO NOVO MUNDO

Ala 09 – Comunidade 04
HONRA AO MÉRITO

Ala 10 – Comunidade 05
SEIS DATAS MAGNAS

Destaque de Chão / Musa
Alice Alves
COLOMBINA DA ESPERANÇA

Alegoria 03
CARNAVAIS DE GUERRA

3º SETOR – SOB O OLHAR DE NATAL

Ala 11 – Velha Guarda
O LEGADO DE NATAL

Destaque de chão
Shayene Cesário
RIO, CAPITAL ETERNA DO SAMBA

Ala 12 – Impossíveis
RUGENDAS, VIAGENS PITORESCAS
ATRAVÉS DO BRASIL

Grupo Performático
SOB O OLHAR DE NATAL

Ala 13 – Comunidade 06
DECORAÇÃO DA PRESIDENTE
VARGAS

Destaques
VILMA NASCIMENTO E JERÔNIMO
PATROCÍNIO
(Representando eles mesmos)

Grupo Performático
O SEGUNDO CASAMENTO DE DOM
PEDRO I

Ala 14 – Comunidade 07
MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE
MILÍCIAS

Ala 15 – Passistas
TRIBUTO AOS PASSISTAS DA
PORTELA

Rainha de Bateria
Bianca Monteiro
DIVA DA LAPA

Ala 16 – Bateria
A LAPA EM TRÊS TEMPOS

Ala 17 – Comunidade 08
ILU AYÊ, TERRA DA VIDA

Ala 18 – Raízes da Portela
MACUNAÍMA, HERÓI DE NOSSA
GENTE

Destaque de Chão / Musa
Amanda Oliveira
MARIA LATA D'ÁGUA

Tripé
LENDAS E MISTÉRIOS DA AMAZÔNIA

4º SETOR – SOB O OLHAR DE DAVID CORRÊA

Ala 19 – Amoz e Paz
DAS MARAVILHAS DO MAR, FEZ-SE O
ESPLENDOR DE UMA NOITE

Ala 20 – Comunidade 09
MEU BRASIL BRASILEIRO

Grupo Performático
SOB O OLHAR DE DAVID CORRÊA

Ala 21 – Mocotó
RESSURREIÇÃO DAS COROAS –
REISADO, REINO, REINADO...

Destaque de Chão
Clara Santana
CLARA NUNES

Departamento Feminino
CLARIDADE

Ala 22 – Feijão da Vicentina
CONTOS DE AREIA

3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Vinícius Jesus e Rosilaine Queiroz
TRIBUTO À VAIDADE

Ala 23 – Comunidade 10
GOSTO QUE ME ENROSCO

Grupo da Comunidade
HOJE TEM MARMELADA

Alegoria 04
“A BRISA ME LEVOU”

5º SETOR – SOB O OLHAR DE MONARCO

Ala 24 – Sambola
E POR FALAR EM AMOR, ONDE ANDA
VOCÊ?

Ala 25 – Comunidade 11
“...E O POVO NA RUA CANTANDO... É
FEITO UMA REZA, UM RITUAL...”

Grupo Performático
SOB O OLHAR DE MONARCO

Ala 26 – Damas
UM RIO DE MAR A MAR: DO CAIS DO
VALONGO À GLÓRIA DE SÃO
SEBASTIÃO

Ala 27 – Comunidade 12
NO VOO DA ÁGUIA, UMA VIAGEM
SEM FIM...

Ala 28 – Comunidade 13
“QUEM NUNCA SENTIU O CORPO
ARREPIAR AO VER ESSE RIO PASSAR”

Alegoria 05
“O CÉU DE MADUREIRA É MAIS BONITO”

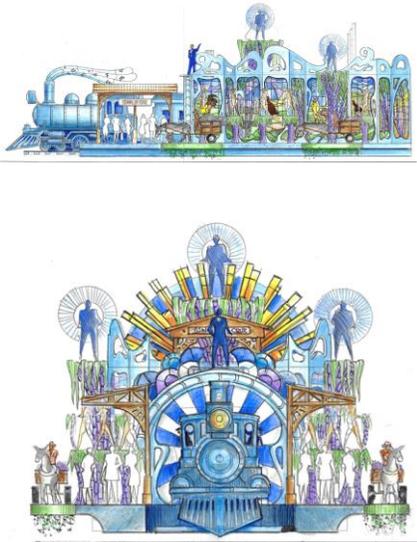
Ala 29 – Comunidade 14
ADELAIDE, A POMBA DA PAZ

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Renato Lage e Márcia Lage		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>“DEU ÁGUIA, A MAJESTADE”</p> 	<p>Nosso abre-alas para o carnaval de 2023 se chama “Deu Águia, a Majestade”. Os fundadores da Portela pretendiam criar uma instituição carnavalesca, mas foram muito além. De seus sonhos surgiu a Majestade do Samba. A Rainha das escolas de samba, cuja coroa, banhada pelo ouro de Oxum, está cravejada pelas joias das conquistas incorporadas ao longo dos anos. A alegoria é formada por três chassis. O primeiro apresenta as “joias da coroa”, membros da nossa galeria da velha guarda, velha guarda show, artistas identificados com a Portela e alguns dos portelenses mais representativos da nossa história. O segundo chassi, traz nossa grande Águia, símbolo que tradicionalmente abre nossos cortejos. O Destaque central tem o título de “Vencemos, mesmo marginalizados”. Nas laterais, as composições são pedras preciosas, com o nome de “O brilho azul da safira”. O terceiro chassi, no alto, exibe um globo terrestre, remetendo à abertura da Portela no carnaval de 1935, o primeiro título da escola, com o enredo “O samba dominando o mundo”. Da mesma forma que no chassi anterior, as composições “O brilho azul da safira” enfeitam as laterais.</p> <p>Destaque: “Vencemos, Mesmo Marginalizados”</p> <p>Velhas Guardas e Convidados: As Joias da Coroa</p> <p>Composições laterais: O Brilho Azul da Safira</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Renato Lage e Márcia Lage		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>“PELAS BANDAS DE OSWALDO CRUZ”</p> 	<p>A principal lembrança de Paulo Benjamim de Oliveira, o Paulo da Portela, foi sua chegada à Oswaldo Cruz, no início da década de 1920. Ele chegou de trem vindo da Saúde, região Central do Rio de Janeiro, desembarcando nas antigas terras do Engenho do Portela. Era uma zona rural, a “roça”, que recebia imigrantes vindos não apenas do centro da cidade, mas do interior e até de outros países, que ajudaram a impulsionar o comércio local. A alegoria, com o nome de “Pelas bandas de Oswaldo Cruz”, destaca o tipo de vida rural que caracterizava o bairro naquele período. Paulo da Portela aparece como Destaque. A plataforma da estação está repleta de imigrantes, gente “em busca de uma nova vida”. Eles chegam à roça, com produção e comércio incipiente de produtos agrícolas, representado pelo burro puxando a carroça. As composições nas laterais são os “lavradores”, os trabalhadores que cultivavam o solo. Os destaques nas duas laterais, ou seja, com visão apenas de um lado, representam “Nas terras do antigo engenho” e “o dia a dia na roça”. No alto, o destaque central significa “O sol que aquece o subúrbio”.</p> <p>Destaque central alto: O Sol que Aquece o Subúrbio</p> <p>Destaque central médio: Paulo da Portela</p> <p>Destaque lateral esquerdo: Nas Terras do Antigo Engenho</p> <p>Destaque lateral direito: O Dia a Dia na Roça</p> <p>Composições plataforma: Em Busca de Uma Nova Vida</p> <p>Composições laterais: Lavradores.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Renato Lage e Márcia Lage		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>“CARNAVAIS DE GUERRA”</p> 	<p>Sob o olhar de Dodô, a principal lembrança são os carnavais vividos durante a Segunda Guerra Mundial. Sem dúvida, um período de alegria um tanto quanto contida, principalmente a partir do momento em que o Brasil participa diretamente do conflito, mas a folia momesca resistiu. As chuvas de confete e serpentina, assim como a batida do bumbo do Zé Pereira e a galhofa do Rei Momo, reverberaram a luta pela Democracia travada nos campos de batalha. Entre as escolas de samba, este foi um período de muitas conquistas para a Portela. As vitórias nos carnavais de Guerra estão compreendidas nos “sete anos de glória”, isto é, o período em que a Majestade do samba conquistou sete vitórias consecutivas, entre 1941 e 1947. Na parte dianteira da alegoria, uma bomba está cercada de composições denominadas “Guardiões da Democracia”, numa alusão ao conflito. Nas laterais, as esculturas reproduzem personagens carnavalescos. Os destaques, Arlequim e Colombina, preto e branco, remetem ao carnaval, assim como as composições da plataforma, que são os “Guardiões da folia momesca”, brincantes que mantém viva a chama carnavalesca. Na frente, o semidestaque frontal também faz referência a nossa maior festa popular. No alto, uma grande escultura do Rei Momo, soberano que, mesmo em tempos difíceis, reina absoluto no carnaval do Rio de Janeiro.</p> <p>Destaque direito: Arlequim</p> <p>Destaque esquerdo: Colombina</p> <p>Semidestaque frontal: Carnaval, Festa da Resistência.</p> <p>Composições frente: Guardiões da Democracia</p> <p>Composições plataforma: Guardiões da Folia Momesca</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Renato Lage e Márcia Lage		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>Tripé</p> <p>“LENDAS E MISTÉRIOS DA AMAZÔNIA”</p> 	<p>Sob o olhar de Natal, a principal lembrança é o título de 1970, “Lendas e mistérios da Amazônia”. Após a conquista de nosso 19º campeonato, o último por ele presenciado, o grande líder portelense passa mal e precisa de cuidados médicos, tamanha é a emoção. O único destaque do tripé veste fantasia intitulada “Lendas e mistérios de um amor”, numa referência ao trecho no samba-enredo de 2023. A decoração remete às lendas abordadas no desfile de 1970, como a das “Amazonas”, da Vitória Régia e do Saci-Pererê. Animais típicos da floresta também enfeitam o tripé, como pássaros, jacarés e a grande iguana.</p> <p>Destaque: “Lendas e Mistérios de Um Amor”</p>
04	<p>“A BRISA ME LEVOU”</p> 	<p>Como principal lembrança de David Corrêa, apresentamos o carnaval de 1980, “Hoje tem marmelada”, no qual a Portela foi campeã com um samba por ele composto. “A brisa me levou”, frase que nomeia a alegoria, é o início daquela obra musical antológica. A decoração é uma homenagem à arte circense. O grande palhaço, na parte dianteira, traz dois destaques em suas mãos. Suas fantasias também têm nomes que remetem à trechos do samba que embalou o destile daquele carnaval. Um dele se chama “Como é doce ser criança outra vez”. O outro, “Onde eu me fiz menino Rei”. As composições, de uma forma geral, trazem personagens típicos do universo dos circos, com a nomenclatura abrangente de “Manifestações da arte circense”. São palhaços no monociclo, Mestres-de-cerimônia e algumas variações de palhaços. No alto, um carrossel traz trapezistas e equilibristas. Nas laterais traseiras, quatro personagens interpretam um teatro de fantoches. Também merece destaque os balões coloridos que completam o cenário, transmitindo um toque infantil para a experiência atemporal que é sorrir e se divertir diante do picadeiro.</p> <p>Destaque direito: “Onde Eu me Fiz Menino Rei”</p> <p>Destaque esquerdo: “Como é Doce ser Criança Outra Vez”</p> <p>Composições: Manifestações da Arte Circense</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Renato Lage e Márcia Lage		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>“O CÉU DE MADUREIRA É MAIS BONITO”</p> 	<p>Em nosso enredo, a principal lembrança de Monarco é o seu olhar para o futuro. Como se modernizar e se adaptar às transformações constantes do carnaval, ao mesmo tempo em que se preserva os fundamentos e tradições. O nome da alegoria, “O céu de Madureira é mais bonito”, é uma referência a um trecho do samba de 2023. Neste céu estão todos aqueles que fizeram a história da Portela. Homens e mulheres que agora, como seres de luz, seguem iluminando nossos caminhos. Como queria o Mestre, eles não serão esquecidos, pois continuarão ao nosso lado na jornada que se inicia para os próximos cem anos. A decoração apresenta o céu e o brilho das estrelas no firmamento, na vastidão do infinito azul e branco. As molduras trazem aqueles que construíram a história da Majestade do Samba. No alto da alegoria, uma grande Águia, estilizada, de asas abertas, levemente inspirada na emblemática Águia Redentora, apresentada no carnaval de 2015. Ela simboliza que, apesar de todas as mudanças e transformações que acontecerão nos próximos cem anos, da mesma forma que na jornada que se iniciou com Paulo e que nos trouxe aqui, a Portela no futuro certamente será uma escola renovada, mas preservando sua identidade. Os braços da Águia nos conduzem firmes e seguros para os novos tempos. O destaque Central tem como título uma das frases mais marcantes de nosso samba: “Te amo, Portela, além do infinito”. As composições, “O brilho da eternidade”, uma qualidade que acompanha a Portela desde a sua origem.</p> <p>Destaque: “Te amo, Portela, Além do Infinito”</p> <p>Composições: O Brilho da Eternidade</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><u>Alegoria 01</u> Carlos Reis (Destaque central) Fantasia: “Vencemos, Mesmo Marginalizados”</p>	Hair Stylist
<p><u>Alegoria 02</u> Carlos Ribeiro (Destaque central alto) Fantasia: O Sol que Aquece o Subúrbio Márcio (Destaque central médio) Fantasia: Paulo da Portela Carlos Martins (Lateral esquerdo) Fantasia: Nas Terras do Antigo Engenho Walter Costa (Lateral direito) Fantasia: N O Dia a Dia na Roça</p>	Pai de Santo Músico Cabelereiro Professor
<p><u>Alegoria 03</u> Rogéria Meneguel (Esquerdo) Fantasia: Colombina Ricardo Guedes (Direito) Fantasia: Arlequim Renata Medeiros (Semidestaque frontal)</p>	Atriz Empresário Empresária
<p><u>Tripé 02</u> Marsília Lopes (Destaque Central) Fantasia: “Lendas e mistérios de um amor”</p>	Aposentada
<p><u>Alegoria 04</u> Paulo Brito (Direito) Fantasia: “Onde eu me fiz menino Rei” Wagner Mendes (Esquerdo) Fantasia: “Como é doce ser criança outra vez”</p>	Empresário Empresário
<p><u>Alegoria 05</u> Nil de Yomonjá (Destaque Central) Fantasia: “Te amo, Portela, além do infinito”</p>	Pai de santo

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Local do Barracão Rua Rivadavia Correa, nº. 60 – Barracão 06 – Gamboa – Rio de Janeiro – RJ	
Diretor Responsável pelo Barracão Higor Machado	
Ferreiro Chefe de Equipe Adilson	Carpinteiro Chefe de Equipe Futica
Escultor(a) Chefe de Equipe Levi	Pintor Chefe de Equipe Gilberto
Eletricista Chefe de Equipe Fuca	Mecânico Chefe de Equipe Cal
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Luiz	- Borracheiro
Nino	- Fibra
Sandro	- Vidraceiro
Luciano, Sheila e Chica	- Decoração
Carlos Henrique	- Placa
Serginho	- Motorista
André	- Hidráulica
Caprichoso	- Movimento

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Renato Lage e Márcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	Águias 	<p>A Águia é o símbolo máximo da Portela. Unindo passado e presente, é cultuada e reverenciada pelas várias gerações de portelenses que se sucederam.</p>	<p>Grupo Coreográfico 01</p>	<p>Jean</p>
01	Conjunto Carnavalesco Oswaldo Cruz 	<p>Foi no carnaval que o sonho dos fundadores da Portela se tornou realidade. O primeiro bloco criado por Paulo Benjamim de Oliveira, após chegar a Oswaldo Cruz, chamava-se “Ouro sobre azul”. Ao lado de Caetano e Rufino, ele havia participado de outras manifestações carnavalescas, até fundar, em 11 de abril de 1923, o “Conjunto carnavalesco Oswaldo Cruz”, primeiro nome da instituição que, anos mais tarde, viria a se chamar G.R.E.S. Portela.</p>	<p>Comunidade 01</p>	<p>Direção de Harmonia</p>
02	Quem Nos Faz é o Capricho 	<p>Em 1929, Heitor dos Prazeres, que passou a participar do Conjunto Carnavalesco após convite de Paulo, consegue mudar o nome do grupo para “Quem nos faz é o Capricho”. Este empoderamento de Heitor, sambista da região central do Rio de Janeiro, deve-se, para muitos, a uma vitória no concurso organizado por Zé Espinguela, mas este é também o momento em que o artista consolidava sua carreira, com a gravação de seus primeiros sambas, incluindo “O carnaval”.</p>	<p>Águia na Folia</p>	<p>Renato Vasconcelos</p>

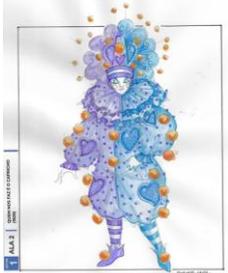
FICHA TÉCNICA

Fantásias

Criador(es) das Fantásias (Figuristas)

Renato Lage e Márcia Lage

DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p>Vai Como Pode</p> 	<p>É com o nome de “Vai como pode” que nossa escola participa do primeiro concurso de escola de samba, organizado pelo jornal dos Sports, em 1932, com o enredo “Carnaval moderno”. Na época, oficialmente ainda éramos um bloco, assim como todas as demais agremiações. A fantasia é uma homenagem a todos os blocos carnavalescos que, com muita alegria e irreverência, seguiram o processo civilizador de homens como Paulo da Portela, abandonando a violência. A partir de 1935, com o reconhecimento do poder público, todos passaram a ser oficialmente Grêmios Recreativos Escolas de Samba.</p>	Comunidade 02	Direção de Harmonia
*	<p>Sob o Olhar de Paulo</p> 	<p>Anuncia que este setor está sendo narrado pela ótica de Paulo da Portela, nosso principal fundador</p>	Grupo Performático	Jean

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Renato Lage e Márcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	“Sobre a Tua Bandeira, Este Divino Manto” 	<p>A fé é um sentimento que acompanha os portelenses desde o surgimento da escola. Do manto de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira, a Majestade do samba herdou a cor azul que colore a nossa bandeira. “Sobre a tua bandeira, este divino manto”, é um trecho de “Portela na avenida”, canção que, mencionando Nossa Senhora da Conceição Aparecida, fez sucesso na voz de Clara Nunes, revelando para o mundo a força da religião para a Portela.</p>	Baianas	Jane Carla
05	O Samba Dominando o Mundo 	<p>A ala faz referência ao carnaval de 1935 da Portela, ano em que nossa escola conquistou o primeiro título, naquele que é considerado o primeiro concurso oficial de escola de samba, isto é, subvencionado pelo poder público. Numa época em que os sambistas ainda eram marginalizados e perseguidos, a Portela profetiza na avenida o enredo “O Samba dominando o mundo”, vislumbrando um futuro em que o samba deixaria os guetos e faria sucesso no mundo inteiro. De forma estilizada, a fantasia remete aos sambistas da década de 1930, com o globo na cabeça fazendo alusão à alegoria que abriu o cortejo da Portela naquele carnaval.</p>	Sambart	Jerônimo Patrocínio

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Renato Lage e Márcia Lage

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Trabalhadores Rurais</p> 	<p>O grupo “Trabalhadores rurais” compõe o cenário para a alegoria 02. Quando Paulo da Portela chega a Oswaldo Cruz, desembarcando do trem na década de 1920, encontra um bairro rural, a “roça”, como os antigos costumavam chamar.</p>	<p>Grupo da Comunidade</p>	<p>Direção de harmonia</p>
06	<p>Teste ao samba</p> 	<p>Neste desfile histórico, realizado em 1939, pela primeira vez uma escola de samba apresentou no carnaval da Praça XI fantasias, alegorias e samba associado ao enredo. Idealizado Por Paulo da Portela, “Teste ao samba” exaltava os professores e a educação. Simbolicamente, Paulo diplomou na avenida todos os componentes, entregando-lhes um canudo. É este feito que nossa ala de compositores representa neste carnaval. São eles nossos atuais “Professores do samba”.</p>	<p>Compositores</p>	<p>Sérgio Procópio e Camarão Neto.</p>
*	<p>Sob o olhar de Dodô</p> 	<p>Anuncia que este setor está sendo narrado pela ótica de Dodô da Portela, nossa eterna porta-bandeira.</p>	<p>Grupo Performático</p>	<p>Jean</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Renato Lage e Márcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	Brasil Glorioso 	Em 1944, a Portela foi campeã com o enredo “Brasil glorioso”, desenvolvido pela União Nacional dos Estudantes e pela Liga de Defesa Nacional. O tema foi parte do “esforço de guerra”, e o desfile ocorreu no Estádio de São Januário. A fantasia alude a uma roupa militar, estilizada na cor azul, numa mistura com elementos carnavalescos.	Comunidade 03	Direção de Harmonia
08	Alvorada do Novo Mundo 	Em 1946, a Portela foi campeã com o enredo “Alvorada do novo mundo”, ressaltando o momento de esperança que surgia com o fim da guerra. O papel do Brasil neste contexto histórico é lembrado pelo brasão da República ostentado pelos componentes. O figurino remete a um tipo de fantasia comum nas escolas de samba daquele período.	Explode Coração	Egídio
09	Honra ao Mérito 	Em 1947, a Portela é mais uma vez campeã do carnaval, desta vez apresentando o enredo “Honra ao mérito”, uma homenagem a Alberto Santos Dumont. A fantasia é uma mistura entre o traje comumente utilizado pelo pai da aviação, com seus óculos e chapéu, e as asas que remetem ao Demoiselle, uma de suas principais criações.	Comunidade 04	Direção de harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Renato Lage e Márcia Lage

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p>Seis Datas Magnas</p> 	<p>Em 1953, depois de anos divididos e do cancelamento da apuração no carnaval de 1952, os sambistas voltaram a se unir para uma disputa histórica. Ganhando nota máxima em todos os quesitos, a Portela sagrou-se supercampeã do carnaval daquele ano, com o enredo “Seis datas magnas”. A fantasia remete aos “Dragões da independência”, numa alusão ao dia 07 de setembro de 1822, talvez a mais importante data nacional exaltada pela Portela.</p>	Comunidade 05	Direção de Harmonia
*	<p>Colombina da Esperança</p> 	<p>Integrada à alegoria 03, “Carnavais de Guerra”, a Destaque de chão /Musa Alice Alves ajuda a mostrar este período aparentemente contraditório, que é festejar o carnaval em meio a um conflito mundial.</p>	Destaque de Chão /Musa	Alice Alves

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)				
Renato Lage e Márcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	O Legado de Natal	<p>Neste carnaval, nossa galeria da Velha Guarda está representando o legado de Natalino José do Nascimento. Os veteranos portelenses acompanharam de perto a luta de Natal em defesa da Portela, desfrutando das muitas conquistas por ele alcançadas. No período em que nosso enredo descreve sob os olhos de Natal, há também a construção da Portelinha, antiga sede da escola que, hoje em dia, é um espaço gerido pelos nossos velhas guardas. Ninguém melhor do que eles, neste carnaval em que comemoramos o centenário de nossa fundação, para representar o legado deixado pelo nosso maior líder.</p>	Galeria da Velha Guarda	Aymoré Azevedo
*	Rio, Capital Eterna do Samba	<p>Em 1960, ao perceber que a Portela poderia ser prejudicada na apuração, Natal promoveu uma briga generalizada que acabou com cinco escolas declaradas vencedoras. Na verdade, as outras foram declaradas campeãs, pois, vencedora nos três anos anteriores, a Portela conquistava o tetracampeonato com “Rio, capital eterna do samba”. É esse enredo que está representado pela fantasia da Destaque de chão/Musa Shayene Cesário.</p>	Destaque de Chão	Shayene Cesário

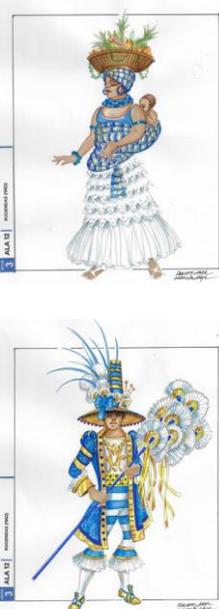
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Renato Lage e Márcia Lage

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p>Rugendas, Viagens Pitorescas Através do Brasil</p> 	<p>Em seus cem anos de existência, a Portela acumulou muitos enredos que exaltaram as artes. É o caso do desfile campeão no ano de 1962, que, intitulado "Rugendas, viagens pitorescas através do Brasil" homenageou o pintor francês Johann Moritz Rugendas. Foi o primeiro enredo desenvolvido pela dupla Natal e Nelson de Andrade. As fantasias, femininas e masculinas, representam personagens das pinturas do artista, que retratou a população carioca do século XIX.</p>	Impossíveis	Nilce Fran
*	<p>Sob o Olhar de Natal</p> 	<p>Anuncia que este setor está sendo narrado pela ótica de Natal, nosso grande líder.</p>	Grupo Performático	Jean

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Renato Lage e Márcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	Decoração da Presidente Vargas 	<p>Ao longo de seus cem anos, a Portela acompanhou todas as mudanças no desfile das escolas de samba, que, iniciando na Praça XI, ganhou novos palcos na medida em que se elevava o status social dos sambistas. A partir de 1963, o desfile se estrutura e passa a acontecer na Avenida Presidente Vargas, com a construção das arquibancadas tubulares e o início da comercialização do espetáculo, com a venda de ingressos para a assistência. Para simbolizar este momento de mudanças, esta ala remete às famosas decorações carnavalescas que enfeitavam a Avenida Presidente Vargas, servindo de moldura para as apresentações das escolas de samba.</p>	Comunidade 06	Direção de Harmonia
*	Vilma Nascimento e Jerônimo Patrocínio 	<p>Para representar o carnaval de 1964 da Portela, Vilma Nascimento e Jerônimo representam eles mesmos na avenida. Vilma Nascimento foi porta-bandeira daquele carnaval campeão. Jerônimo foi passista, mas, nos anos seguintes, se consagrou como um dos maiores mestres-salas da nossa história.</p>	Destaques de Chão	Vilma Nascimento e Jerônimo Patrocínio

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Renato Lage e Márcia Lage

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>O Segundo Casamento de D. Pedro I</p> 	<p>O grupo apresenta personagens do enredo campeão da Portela em 1964, “O segundo casamento de Dom Pedro I”, com destaque para os polêmicos violinos que a Majestade do samba introduziu em seu cortejo no carnaval daquele ano.</p>	Grupo Performático	Jean
14	<p>Memórias de um Sargento de Milícias</p> 	<p>Ao longo destes cem anos, apresentar na avenida enredos inspirados em obras literárias sempre foi uma tradição da Portela. No ano de 1966, embalados por um samba de Paulinho da Viola, nossa escola foi campeã com o enredo “Memórias de um sargento de milícias”, baseado no clássico de Manoel Antônio de Almeida. A fantasia retrata a roupa dos militares do século XIX.</p>	Comunidade 07	Direção de harmonia
15	<p>Tributo aos Passistas da Portela</p> 	<p>Neste carnaval do centenário, a ala de passistas da Portela presta um tributo aos grandes artistas do carnaval que vestiram a camisa de nossa escola. Mestres na arte de dançar que deixaram seus nomes gravados na cultura popular, riscando o asfalto com o bailado típico de Madureira.</p>	Passistas	Nilce Fran

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Renato Lage e Márcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	Diva da Lapa 	Integrada ao tema da bateria, que representa o enredo “A Lapa em três tempos”, a fantasia da Rainha Bianca Monteiro tem o nome de “Diva da Lapa”. Em comemoração ao centenário, haverá uma interação entre Bianca Monteiro e outras ex-rainhas de bateria da Portela, numa surpresa para o público.	Rainha de Bateria	Bianca Monteiro
16	A Lapa em Três Tempos 	A figura do malandro é um ícone das escolas de samba. Nossa bateria, a Tabajara do samba, representa o carnaval de 1971 da Portela, “A Lapa em três tempos”.	Bateria	Nilo Sérgio
17	Ilu Ayê, Terra da Vida 	Em 1972, a Portela levou para a avenida seu primeiro enredo de temática africana. “Ilu Ayê, Terra da vida”, rendeu para a majestade do samba a terceira colocação. A fantasia remete à temática africana, valorizando o azul da Majestade do samba.	Comunidade 08	Direção de harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Renato Lage e Márcia Lage

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<p>Macunaíma, Herói de Nossa Gente</p> 	<p>Em 1975, pouco antes do falecimento de Natal, a Portela apresentou o enredo “Macunaíma, herói de nossa gente”, que conquistou o prêmio Estandarte de Ouro de melhor samba-enredo. A fantasia remete à elementos presentes na obra clássica de Mário de Andrade.</p>	Raízes da Portela	Luciano Luck
*	<p>Maria Lata D’Água</p> 	<p>Ao longo de sua história, a Portela viu surgir uma série de artistas populares, personagens que engrandeceram nossa cultura e passaram a integrar o imaginário do Rio de Janeiro. Neste desfile, destacamos Maria Mercedes Chaves Roy, mais conhecida como Maria Lata D’água, figura marcante do carnaval carioca. A fantasia de Amanda Oliveira, Destaque de chão/Musa, é uma homenagem a este verdadeiro ícone do carnaval carioca.</p>	Destaque de Chão / Musa	Amanda Oliveira
19	<p>Das Maravilhas do Mar Fez-se o Splendor de Uma Noite</p> 	<p>Em 1981, um samba antológico de David Corrêa, que fez sucesso para muito além do carnaval daquele ano, embalou o enredo “Das Maravilhas do Mar fez-se o esplendor de uma noite”, idealizado e desenvolvido pelo Carnavalesco Viriato Ferreira. Até hoje, este é um dos sambas mais executados pela escola em seus shows. A fantasia remete a elementos daquele desfile, no qual a Portela ficou com a terceira colocação.</p>	Amor e Paz	Mariana Tavares

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Renato Lage e Márcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	Meu Brasil Brasileiro 	<p>Ao longo de sua história, muitas vezes a Portela apresentou na avenida temas que exaltavam a cultura popular e o folclore brasileiro. Foi o caso de “Meu Brasil brasileiro”, enredo com o qual a escola foi vice-campeã do carnaval, em 1982. O desfile foi idealizado por Viriato Ferreira, mas concluído por Edmundo Braga e Paulino Espírito Santo. Mais uma vez o samba foi escrito por David Corrêa. A fantasia, de burrinha, atualiza uma imagem marcante daquele carnaval.</p>	Comunidade 09	Direção de Harmonia
*	Sob o Olhar de David Corrêa 	<p>Anuncia que este setor está sendo narrado pela ótica do grande compositor David Corrêa.</p>	Grupo Performático	Jean
21	Ressurreição das Coroas - Reisado, Reino, Reinado 	<p>Em 1983, a sequência de sambas assinados por David Corrêa é interrompida. O enredo se chamou “Ressurreição das Coroas - Reisado, Reino, Reinado”, desenvolvido por Edmundo Braga e Paulino Espírito Santo. O resultado foi o vice-campeonato.</p>	Mocotó	Rafael

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Renato Lage e Márcia Lage

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Clara Nunes</p> 	<p>Homenagem à cantora mineira, falecida em 1983. Em sua homenagem, a rua em que hoje está a sede da Portela se chama “Rua Clara Nunes”</p>	<p>Destaque de Chão</p>	<p>Clara Santana</p>
*	<p>Claridade</p> 	<p>Formado por nosso Departamento Feminino, este grupo homenageia a devoção de muitos portelenses pela cantora mineira.</p>	<p>Departamento Feminino</p>	<p>Aldaleia Rosa Negra da Portela</p>
22	<p>Contos de Areia</p>  <p>PS. Por ser uma ala de Senhoras, apenas os homens, ao centro, levam estandartes.</p>	<p>Em 1984, ano da inauguração do sambódromo, a Portela sagrou-se campeã do desfile de domingo, conforme estabelecia o regulamento daquele carnaval. O enredo se chamou “Contos de Areia”, uma homenagem a nomes importantes de nossa escola, em especial Paulo da Portela, Natal e Clara Nunes. O samba, escrito por Dedé da Portela e Norival Reis, é um dos mais populares do acervo da majestade do samba.</p>	<p>Feijão da Vicentina</p>	<p>Tia Surica</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Renato Lage e Márcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	Gosto Que Me Enrosco 	Em 1995, a Portela é vice-campeã com o enredo “Gosto que me enrosco”, um desfile histórico idealizado pelo Carnavalesco José Felix, que contava a história do carnaval no Brasil. Embalada pelo samba escrito por Noca da Portela, Colombo e Gelson, a escola ganhou os prêmios Estandarte de ouro de melhor samba e melhor escola.	Comunidade 10	Direção de Harmonia
*	Hoje Tem Marmelada 	Compondo o cenário para a alegoria 04, que retrata a principal lembrança de David Corrêa, o grupo “Hoje tem Marmelada” apresenta personagens circenses.	Grupo da Comunidade	Direção de Harmonia
24	“E Por Falar em Amor, Onde Anda Você?” 	Sob o olhar de Monarco, a Portela entra em um novo século. Em 2009, nossa escola apresenta o enredo “E por falar em amor, onde anda você?”, que exaltou este sentimento sublime. O resultado foi a terceira colocação, melhor posição da Portela na primeira década do século XXI.	Sambola	Junior Escafura

FICHA TÉCNICA

Fantásias

Criador(es) das Fantásias (Figuristas)

Renato Lage e Márcia Lage

DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
25	<p>“..E o Povo na Rua Cantando...É Feito Uma Reza, Um Ritual...”</p> 	<p>São inegáveis a proximidade cultural entre Madureira e a Bahia. Em 2012, o enredo “E o povo na rua cantando...É feito uma reza, um ritual...”, permitiu um samba antológico, consagrando o refrão “Madureira sobe o Pelô”. Composto por Vanderlei Monteiro, Toninho Nascimento, Luiz Carlos Máximo e parceiros, a obra rompeu com a formatação engessada dos sambas-enredos ao incluir um terceiro refrão, revitalizando o gênero musical. Além da nota máxima, conquistou todos os prêmios oferecidos no carnaval daquele ano.</p>	Comunidade 11	Direção de Harmonia
	<p>Sob o Olhar de Monarco</p> 	<p>Anuncia que este setor está sendo narrado pela ótica de Monarco, nosso grande Mestre.</p>	Grupo Performático	Jean

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Renato Lage e Márcia Lage				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
26	Um Rio de Mar a Mar, do Cais do Valongo à Glória de São Sebastião 	<p>Liderada por Marcos Falcon, a Portela passou por uma mudança interna que a revitalizou como escola de samba, tendo na ascensão de Monarco como presidente de honra a certeza de que a tradição seria mantida. O primeiro carnaval nesta nova fase foi em 2014, que terminou com a Portela sendo a terceira colocada com o enredo “Um Rio de Mar a Mar: do Valongo à Glória de São Sebastião”, que exaltava os feitos sociais, culturais e políticos da Avenida Rio Branco. A fantasia de Dama faz referência às antigas vestimentas que enfeitavam a avenida central, o que, por sinal, também é uma fantasia tradicional nas antigas escolas de samba.</p>	Damas	Direção de Harmonia
27	No Voo da Águia, Uma Viagem Sem Fim 	<p>Antenada à modernidade, o enredo da Portela em 2016, "No voo da águia, uma viagem sem fim...", apresentou as viagens em suas várias formas, desde regiões insólitas até a imaginação dos filmes de ficção científicas, ficando em terceiro lugar e conquistando todos os prêmios de melhor samba. A fantasia traz uma mistura de elementos típicos daquele carnaval, desenvolvido pelo carnavalesco Paulo Barros, que foi do fundo do mar aos lugares históricos.</p>	Comunidade 12	Direção de Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Renato Lage e Márcia Lage

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
28	<p>“Quem Nunca Sentiu o Corpo Arrepiar ao Ver Esse Rio Passar”</p> 	<p>Em 2017, a Portela conquista sua vigésima segunda estrela, com o enredo “Quem nunca sentiu o corpo arrepiar ao ver este rio passar”, desenvolvido pelo carnavalesco Paulo Barros, que exaltou os rios, suas entidades, mitos e populações que deles tiram seus sustentos. Originalmente o título seria “Foi um rio que passou em minha vida”, mas, por uma questão de direito autoral, foi substituído por um trecho do samba escrito por Samir Trindade, Neyzinho do cavaco e parceiros.</p>	Comunidade 13	Direção de Harmonia
29	<p>Adelaide a Pomba da Paz</p> 	<p>Para fechar este desfile especial, deixamos a mensagem do nosso enredo de 1987, “Adelaide, a pomba da paz”, pois ela representa aquilo que esperamos para os próximos cem anos. Queremos, para o planeta e para a Portela, um futuro de respeito à natureza, que se preserve às florestas e, atualizada para os nossos dias, que se controle os impactos das mudanças climáticas. Como diz a letra do samba, premiado com o Estandarte de ouro, “São quatro letras que fazem sonhar, é o amor que se espalha no ar”. É isso que queremos para esta jornada que iniciamos rumo ao futuro. Que venha os próximos cem anos!</p>	Comunidade 14	Direção de Harmonia

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Local do Atelier Rua Rivadavia Correa, nº. 60 – Barracão 06 – Gamboa – Rio de Janeiro – RJ	
Diretor Responsável pelo Atelier Luciano Costa	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Valéria	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Luciano Costa
Aderecista Chefe de Equipe Luis Cláudio, Wagner, Beto, Proença, Claudia, Renata, Paulinha e Antony.	Sapateiro(a) Chefe de Equipe JBV Calçados, Washington e Pedro
Outros Profissionais e Respektivas Funções	
Levi	- Esculturas
Vitor	- Vime
Carlos Henrique	- Placas
Gilberto	- Pintura
Outras informações julgadas necessárias	
As imagens dos croquis reproduzidas nas fichas são originais e servem apenas como referência, pois foram realizadas modificações na execução das fantasias, de acordo com materiais disponíveis no mercado.	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo		
Vinicius Ferreira, Rafael Gigante, Edmar Jr, Bira, Marcelão e André do Posto 7		
Presidente da Ala dos Compositores		
Serginho Procópio e Camarão Neto		
Total de Componentes da Ala dos Compositores	Compositor mais Idoso (Nome e Idade)	Compositor mais Jovem (Nome e Idade)
100 (cem)	Noca da Portela (90 anos)	Rafael Faustino (26 anos)
Outras informações julgadas necessárias		
<p>Prazer novamente encontrar vocês Ali pelas bandas de Oswaldo Cruz Nosso mundo azul ganha vez E aquela missão nos conduz Eu, Rufino e Caetano No linho, no pano, pescoço ocupado... Vencemos mesmo marginalizados No bailar, uma porta bandeira A nobreza desfila humildade... Natal nos guiou, deu água! A majestade...</p> <p>"Abre a roda", "malandro, que o samba chegou" Andei na "Lapa", também já "subi o Pelô" "Macunaíma" falou: nas "maravilhas do mar" 'A brisa me levou" Eis um "Brasil de glórias" que incandeia A " vaidade" é um "conto de areia" Eu vim me apresentar: "Deixa a Portela passar!"</p> <p>"Lendas e mistérios" de um amor Casa onde mora a profecia Clara como a luz de um esplendor Cem anos da mais bela poesia Vivam esse sonho genuíno De fazer valer nosso legado Vejo um futuro mais lindo Nas mãos de quem sabe o valor do passado Ser Portela é tanto mais Que nem cabe explicação Basta ouvir os Baluartes Pra chorar de emoção</p> <p>Cavaco e viola... A velha linhagem A benção Monarco pra essa homenagem O céu de Madureira é mais bonito Te amo, Portela, além do infinito!</p>		
		BIS

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Justificativa:

Para o desfile do nosso centenário, o enredo “O Azul que vem do infinito” se divide em cinco setores. Cada um deles é apresentado a partir da ótica de um importante personagem da história de nossa agremiação, totalizando, assim, os cem anos de existência da Majestade do samba. São eles:

- 1) Paulo da Portela – 1923 a 1935
- 2) Dodô – 1936 a 1956
- 3) Natal – 1957 a 1975
- 4) David Corrêa – 1976 a 1999
- 5) Monarco – A partir de 2000

O samba enredo é contado na primeira pessoa, tendo Paulo da Portela como narrador. Com o olhar de hoje sobre o passado, Paulo reflete sobre a história da escola, seguindo a divisão setorial proposta pelo enredo:

1º Setor – Sob o olhar de Paulo da Portela

**Prazer novamente encontrar vocês
Ali pelas bandas de Oswaldo Cruz**

Paulo da Portela chega “pelas bandas de Oswaldo Cruz” no início da década de 1920, desembarcando de trem.

**Nosso mundo azul ganha vez
E aquela missão nos conduz**

O mundo azul portelense começa a tomar forma nas ideias de Paulo, Caetano e Rufino, mesmo que eles não tivessem noção do quão grande seria o que estavam criando. Esta missão, iniciada pelo nosso professor, atravessa gerações e conduz não apenas os personagens escolhidos para narrar o enredo, mas todos os portelenses que se entregam de corpo e alma pelo sucesso desta escola.

**Eu, Rufino e Caetano
No linho, no pano, pescoço ocupado...
Vencemos mesmo marginalizados**

Paulo lembra de Antônio Rufino e Antônio Caetano, que, juntos, formaram o triunvirato que geriu a Portela logo após a fundação. Entre os valores e ensinamentos deixados pelo Professor, estava a necessidade de se manter “pés e pescoço ocupados”, isto é, usar gravata e sapato. Esta era uma forma de lutar contra os estereótipos que vinculavam os sambistas à vagabundagem, enfrentando de forma eficiente e silenciosa o preconceito. Com o sucesso da Portela e das escolas de samba de uma forma geral, é possível dizer com orgulho: “Vencemos, mesmo marginalizados”

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

2º Setor - Sob o olhar de Dodô

No bailar, uma porta bandeira A nobreza desfila humildade...

Dando continuidade ao samba, temos representado nestes versos o segundo setor da sinopse, o qual tem como personagem principal a Dona Dodô, nossa porta-bandeira do primeiro campeonato. Dodô é parte de uma extensa linhagem de grandes porta-bandeiras, como Vilma Nascimento, Irene 15 e muitas outras. Todas elas, assim como o não menos importante legado de valorosos Mestres-salas, fazem parte da nobreza do carnaval. Um reino de gente simples, construído pela arte de bailar sobre o asfalto. De fato, a “Nobreza que desfila humildade”

3º Setor - Sob o olhar de Natal

Natal nos guiou, deu Águia! A Majestade...

O terceiro personagem da sinopse aparece citado nestes versos, que sintetizam em poucas palavras a grandiosidade de Natalino José do Nascimento. Natal recebeu a missão e honrou cada dia da sua vida para cumpri-la, tornando-se o maior líder da história da Portela. Guiados pela firmeza e segurança de Natal, a Portela viveu um momento de glórias e conquistas.

4º Sob o olhar de David Corrêa

"Abre a roda", "malandro, que o samba chegou"

Andei na "Lapa", também já "subi o Pelô"

"Macunaíma" falou: nas "maravilhas do mar"

"A brisa me levou"

Eis um "Brasil de glórias" que incandeia

A " vaidade" é um "conto de areia"

Eu vim me apresentar:

"Deixa a Portela passar!"

O falso refrão do meio nos traz citações a grandes sambas da nossa história. Desde a sua origem, a Portela sempre teve grandes compositores, gente que marcou o carnaval e a música popular brasileira de uma forma geral. Escolher David Corrêa como um dos narradores de nosso enredo é, também, uma forma de homenagear a todos eles, pois, além de um dos maiores vitoriosos em disputa de samba da história da Majestade do Samba, a robusta obra de David mostra que o samba-enredo é um gênero relevante para a cultura brasileira. Além de obras de David Corrêa, há citações a canções de Ventura, Vanderlei Monteiro, Luiz Carlos Máximo, Toninho Nascimento, Carlinhos Madureira, Dedé da Portela, Ary do Cavaco e Noca.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

"Lendas e mistérios" de um amor

A segunda parte do samba faz uma ligação temática com o falso refrão do meio ao citar “Lendas e mistérios da Amazônia”, outro grande samba. Ao mesmo tempo em que tenta explicar esse amor lendário e misterioso entre torcedores e a escola.

Casa onde mora a profecia

O samba nos remete ao enredo da Portela no carnaval de 1935, “O samba dominando o mundo”. Em um período em que os sambistas ainda eram perseguidos e discriminados, este tema pode ser visto como uma profecia anunciada pelos nossos fundadores: um dia, o samba deixaria os guetos e conquistaria o mundo. No final do século XX, isso já era uma realidade.

Clara como a luz de um esplendor

Uma breve citação a Clara Nunes, que neste desfile especial não poderia ficar de fora.

Cem anos da mais bela poesia

Com tantos grandes compositores, é como se a própria Portela fosse uma poesia. De fato, ao longo destes cem anos, a escola foi retratada de forma poética e inspirou inúmeros artistas.

5º Setor - Sob o olhar de Monarco

Vivam esse sonho genuíno

De fazer valer nosso legado

Vejo um futuro mais lindo

Nas mãos de quem sabe o valor do passado

Paulo reconhece que Monarco foi um líder moral para a Portela. Na melhor tradição oral, ele ensinava aos mais jovens os valores e tradições da Portela. Assim, o olhar de nosso Mestre para o futuro entendia que as transformações das escolas de samba são necessárias, mas mantendo vivo os fundamentos que são a identidade da escola.

Ser Portela é tanto mais

Que nem cabe explicação

Basta ouvir os Baluartes

Pra chorar de emoção

Paulo reconhece Monarco como a síntese de todos os nossos baluartes, além de representante maior da velha guarda. Ser Portela, ao contrário do citado por Paulinho da Viola em homenagem à uma co-irmã, não é um “pouco mais”, é tanto mais, é muito mais que qualquer explicação.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

**Cavaco e viola... A velha linhagem
A benção Monarco pra essa homenagem
O céu de Madureira é mais bonito
Te amo, Portela, além do infinito!**

Finalizamos o nosso samba do centenário lembrando que cá embaixo ainda usamos cavaco e viola como a velha linhagem portelense nos ensinou. Pedimos licença ao nosso mestre Monarco e vamos rumo ao céu de estrelas portelense. Te amamos infinitamente, Portela! E continuaremos a missão pelos próximos cem anos.

* Este material contou com a participação de Felipe Cantalice em sua produção.

FICHA TÉCNICA**Bateria**

Diretor Geral de Bateria Nilo Sérgio				
Outros Diretores de Bateria André, Pablo, Daniel, Arsênio, Luiz, Douglas, Nilson, Sidcley, Raul, Paulo Richard, Cacau, Demétrius, Léo e Orelha				
Total de Componentes da Bateria 280 (duzentos e oitenta) componentes				
NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS				
1ª Marcação 11	2ª Marcação 11	3ª Marcação 12	Reco-Reco -	Ganzá -
Caixa 93	Tarol -	Tamborim 36	Tan-Tan -	Repinique 36
Prato -	Agogô 28	Cuíca 24	Pandeiro -	Chocalho 28
Outras informações julgadas necessárias				
<ul style="list-style-type: none"> • 01 Xequerê 				
Fantasia: A Lapa em Três Tempos				
<p>Nilo Sérgio - Herdeiro de Mestre Marçal, Nilo Sérgio é três vezes vencedor do prêmio Estandarte de Ouro de Melhor Bateria, em 2010, 2012 e 2013, além de ter ganhado o prêmio de Revelação em sua estreia. Desde o carnaval de 2006 é Mestre de bateria da Portela, sagrando-se campeão em 2017.</p>				
Rainha de Bateria: Bianca Monteiro				
<p>Rainha da Comunidade, Bianca Monteiro começou no carnaval como passista da Portela, tendo integrado a corte do carnaval duas vezes, ocupando o posto de Princesa. É Rainha de bateria desde o carnaval de 2017, sagrando-se campeã logo em sua estreia.</p>				
Fantasia: Diva da Lapa.				
<p>Importante: Em comemoração ao centenário da escola, está prevista a participação especial de três ex-rainhas de bateria da escola, numa interação com Bianca Monteiro. São elas:</p>				
<p>Adriane Galisteu, Rainha de bateria entre 1997 e 2003 Sheron Menezes, Rainha de bateria em 2011 e 2012 Luiza Brunet, Rainha de bateria entre 1986 e 1994 Edcleia das Neves, Rainha de bateria entre 1996 e 2004.</p>				

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

Márcio Emerson, Jorge Barbosa, Sérvolo Alves e Walter Moura

Outros Diretores de Harmonia

Alan Aniceto Balduino, Alex França Rodrigues, Alexandre de Melo Costa, Alexandre Marcelino de Almeida, Alexsander Campos Rocha, Almir de Souza, Almir José Alves Bueno, Ana Paula Nogueira Bezerra, Anderson Mendes de Oliveira, Andreia Ribeiro da Silva Neves, Bianca Neves Alves de Mello, Camila dos Santos Lucio, Carlos Ary Silva Carvalho, César de Souza Lima, Charles Santos de Azevedo, Claudio Roberto Gralha da Silva, Claudio Roberto Seguins Soares, Cleber dos Santos Coutinho, Cleide da Silva Ferreira, Cristiane Montemurro Estevesda Silva, Diego Barcelos Gonzaga, Edilasio Alex dos Santos, Edison Jacob, Eduardo Medeiros de Souza, Elaine Mathias Pereira, Fausto Antunes Paes, Gilberto Rio Branco Junior, Glauce Maria Rodrigues Gusmão, Guilherme Rodrigues da Silva de Souza, Helder Silva Rosino, Iza Duarte Vila Nova, José Osier de Melo Almeida, Josenardo de Barros da Silva, Jussara Costa dos Santos, Leonardo Fartura Santos, Luan Felipe Xavier Gomes, Lucas dos Santos Faustino Cêda, Luciane Peres Lobo, Marcelo Pereira Ribeiro, Marcius Osni Marcolinio, Maria José Ferreira dos Santos, Marvio Araujo Canete Filho, Moacyr Antônio Cerbino Neto, Mônica Nogueira do Valle Madalena, Nilson Conceição do Amaral, Patrick Xavier da Costa Souza Oliveira, Paulo César Braz de Almeida, Paulo José da Silva Monteiro, Rachel Soares Pinheiro Monteiro, Raphael Baez Balducci, Raphael do Val Machado Camillo, Regina Celi de Amorim Galvão, Renato Tadeu da Silva, Rhuanderson Santos de Albuquerque, Rosângela Vitalino Lapa, Sandra Chaves de Melo, Selma Gomes de Jesus, Sidney Tavares Santiago, Tarruce Macedo Bernardo Fernandes, Thiago Amaral Pantoja, Thiago Marcelino de Almeida Elias e Vitor Pereira Leite

Total de Componentes da Direção de Harmonia

74 (setenta e quatro) componentes

Puxador(es) do Samba-Enredo

Gilsinho (Intérprete oficial), Niu, Rodrigo Tinoco, Edinho, Rafael Faustino, Felipe Tinoco e Clebinho.

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Leandro Lima (cavaco), Gabriel (cavaco), Igor Souza (violão) e Felipe Sorriso (violão)

Outras informações julgadas necessárias

Locutor oficial: Boca

Gilsinho: Filho de Jorge do Violão, músico da Velha Guarda da Portela, Gilsinho começou sua carreira em São Paulo, passando por escolas como Vai-Vai, Barroca da Zona Sul e Vila Maria. No Carnaval carioca, estreou na Portela em 2006, permanecendo como primeiro intérprete de nossa agremiação até 2013. Após breve passagem pela Unidos de Vila Isabel, retornou para a Portela no Carnaval de 2016, contribuindo para a conquista do título portelense de 2017. Ganhou o prêmio Estandarte de ouro de melhor intérprete nos anos de 2012 e 2022.

FICHA TÉCNICA**Evolução****Diretor Geral de Evolução**

Márcio Emerson, Jorge Barbosa, Servolo Alves e Walter Moura.

Outros Diretores de Evolução

Alan Aniceto Balduino, Alex França Rodrigues, Alexandre de Melo Costa, Alexandre Marcelino de Almeida, Alexsander Campos Rocha, Almir de Souza, Almir José Alves Bueno, Ana Paula Nogueira Bezerra, Anderson Mendes de Oliveira, Andreia Ribeiro da Silva Neves, Bianca Neves Alves de Mello, Camila dos Santos Lucio, Carlos Ary Silva Carvalho, César de Souza Lima, Charles Santos de Azevedo, Claudio Roberto Gralha da Silva, Claudio Roberto Segugins Soares, Cleber dos Santos Coutinho, Cleide da Silva Ferreira, Cristiane Montemurro Estevesda Silva, Diego Barcelos Gonzaga, Edilasio Alex dos Santos, Edison Jacob, Eduardo Medeiros de Souza, Elaine Mathias Pereira, Fausto Antunes Paes, Gilberto Rio Branco Junior, Glauce Maria Rodrigues Gusmão, Guilherme Rodrigues da Silva de Souza, Helder Silva Rosino, Iza Duarte Vila Nova, José Osier de Melo Almeida, Josenardo de Barros da Silva, Jussara Costa dos Santos, Leonardo Fatura Santos, Luan Felipe Xavier Gomes, Lucas dos Santos Faustino Cêda, Luciane Peres Lobo, Marcelo Pereira Ribeiro, Marcius Osni Marcolinio, Maria José Ferreira dos Santos, Marvio Araujo Canete Filho, Moacyr Antônio Cerbino Neto, Mônica Nogueira do Valle Madalena, Nilson Conceição do Amaral, Patrick Xavier da Costa Souza Oliveira, Paulo César Braz de Almeida, Paulo José da Silva Monteiro, Rachel Soares Pinheiro Monteiro, Raphael Baez Balducci, Raphael do Val Machado Camillo, Regina Celi de Amorim Galvão, Renato Tadeu da Silva, Rhuanderson Santos de Albuquerque, Rosângela Vitalino Lapa, Sandra Chaves de Melo, Selma Gomes de Jesus, Sidney Tavares Santiago, Tearruce Macedo Bernardo Fernandes, Thiago Amaral Pantoja, Thiago Marcelino de Almeida Elias e Vitor Pereira Leite

Total de Componentes da Direção de Evolução

74 (setenta e quatro) componentes

Principais Passistas Femininos

Victoria Campos, Carol Antunes, Ana Paula Costa e Amanda Gemaque

Principais Passistas Masculinos

Arthur Santos, Flávio Lopes e Lucas Mattos

Outras informações julgadas necessárias

Coordenadora da Ala de Passistas: Nilce Fran

Nilce Fran: Passista consagrada na Portela, vencedora do Prêmio Estandarte de ouro de Melhor passista feminino em 2012, Nilce Fran é também a Diretora Artística da Majestade do samba.

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Vice-Presidente de Carnaval Júnior Escafura		
Diretor Geral de Carnaval Júnior Scafura, Claudinho Portela e Higor Machado		
Outros Diretores de Carnaval -		
Responsável pela Ala das Crianças -		
Total de Componentes da Ala das Crianças -	Quantidade de Meninas -	Quantidade de Meninos -
Responsável pela Ala das Baianas Jane Carla		
Total de Componentes da Ala das Baianas 70 (setenta)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Dulcinea Oliveira (86 anos)	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Lívia Cardoso (37 anos)
Responsável pela Velha-Guarda Aymoré Azevedo		
Total de Componentes da Velha-Guarda 100 (cem)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Mirinho (92 anos)	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Márcia Marinho (57 anos)
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) Tia Surica, Paulinho da Viola, Marisa Monte, Luis Ayrão, Roberta Sá, Tereza Cristina, Diogo Nogueira, Adriane Galisteu, Sheron Menezes, Luiza Brunet, Alejandro Claveaux, Arthur Picoli, Clara Santana, Leona Cavalli, Paulo Rocha, Ícaro Silva, Giba e Fernanda Garay.		
Outras informações julgadas necessárias Diretor Financeiro: Felipe Guimarães Assistentes da Direção de Carnaval: Marcos Vinícios, Nívea Martini, Leonardo Brandão e Márcio Emerson Diretor de Barracão: Higor Machado Técnico de Segurança do Trabalho: Felipe Sorriso Secretária Barracão: Rosana Rosa Secretária Quadra: Jaqueline Gomes Administrador Quadra: Paulo Pedrazzi Chefes de Segurança: Mondego e Vinícios.		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente Léo Senna e Kelly Siqueira		
Coreógrafo(a) e Diretor(a) Léo Senna e Kelly Siqueira		
Total de Componentes da Comissão de Frente 15 (quinze)	Componentes Femininos 05 (cinco)	Componentes Masculinos 10 (dez)
Outras informações julgadas necessárias		
<p>"O COMEÇO DE TUDO"</p> <p>Carnaval, o maior espetáculo da terra. As luzes se acendem e os olhos do mundo miram a Sapucaí. Imaginar que essa grandiosidade nasceu do encontro de três pessoas que ousaram colocar o novo em prática, Paulo, Caetano e Rufino, fundadores da Portela, nos enche de orgulho e alegria.</p> <p>Eles não imaginavam a potência que suas criações iriam alcançar e a diferença que fariam para sua comunidade, para as outras escolas e para cultura do seu país.</p> <p>A comissão de Frente apresenta, de forma poética, os momentos de inspiração que levaram a criação do que se tornou sagrado para os portelenses: suas cores, a sua bandeira e a Águia.</p> <p>Nossa história começa com nossos personagens, uma representação onírica dos moradores de Oswaldo Cruz e Madureira, chegando num espaço de criação, um lugar onde se expressavam artisticamente.</p> <p>E é aqui onde a "mágica" acontece!!</p> <p>Esse lugar existia pela força do coletivo, da amizade e pela união de pessoas lideradas por Paulo Benjamin de Oliveira e seus dois companheiros, Antônio Caetano e Antônio Rufino.</p> <p>A Comissão recria os momentos da concepção dos símbolos, a bandeira e a Águia, e representa o momento em que Caetano, o artista do grupo, é inspirado pelo azul do manto de Nossa Senhora da Conceição.</p> <p>"Um azul que não é do céu e nem é do mar. É o azul da Portela!!" (Monarco)</p> <p>Nosso elemento alegórico foi pensado para que essas criações se materializassem.</p> <p>E nesse clima de realizações, nos permitimos trazer nosso mentor, Paulo da Portela, em quem nos espelhamos até hoje, num elo entre o passado, o presente e os próximos anos.</p>		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

A concepção do nosso elemento alegórico traz uma estilização de um espaço de criação, que possibilita assistirmos os movimentos sincronizados e incansáveis dos personagens principais, que são a essência da Escola de Samba, seus integrantes.

Tudo foi pensado para estabelecer uma identificação direta com o portelense, como, por exemplo, as imagens de Nossa Senhora da Conceição e de São Sebastião, que aparecem posicionados exatamente como estão há anos na quadra da escola.

Na Avenida, assistimos a magia de tudo o que foi construído. Nossa cena coreográfica mostra a magia da construção.

O coração da Portela é todo e cada portelense uma homenagem aos esforços individuais que mantém firme sonhos e ousadias vivos há 100 anos.

O figurino dessa comissão representa mais que uma época ou comunidade. Ele traz também o selo de elegância e primor que é fazer parte da Portela, um dos muitos legados que o mestre Paulo nos deixou, “ pés calçados e pescoço ocupado”. Ele trabalhou para ver o sambista dignificado. A elegância e o bom comportamento era uma preocupação para o visionário que já sabia que os sambista seriam Reis e Rainhas em uma passarela, mudando a imagem de marginalizados e, decerto, assumindo o papel de criadores de arte, cultura e história.

E assim, a Comissão de Frente celebra a ousadia da "Majestade do Samba", mostrando a todos que, naquele momento, eles não estavam dialogando somente entre eles. É como se eles estivessem falando com a gente, cem anos depois. Falando com você, que está lendo esta história agora. Com todos nós, que hoje estamos aqui representando e celebrando esta festa do Divino Carnaval.

Portela é a Deusa do Samba, o passado revela!!

E a cada um de vocês, fundadores e criadores desse legado, viemos aqui lhes pedir com todo o respeito,...."A BENÇA!"

E nós, da Comissão de frente, assim como fizeram os nossos fundadores, Paulo, Caetano e Rufino, que a para realização de um sonho se cercaram de um coletivo forte, de amigos fiéis e talentosos, também reunimos uma equipe feita por homens e mulheres que acreditaram no nosso sonho.

Nos asseguramos de trazer para a realização do Centenário os melhores nos seus segmentos.

Abram alas, a Majestade do Samba chegou!!

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

COREÓGRAFOS

Kelly Siqueira: Bailarina, coreógrafa diretora de arte e pesquisadora, Kelly Siqueira, graduada em Educação Física, Artes Cênicas e Ballet Clássico. Com formação corporal que passa por dança do ventre, artes circenses e performance, atua como Integradora Artística em suas criações. Realizou seus estudos, espetáculos e workshops em teatros, instituições artísticas e festivais pelo Brasil e no exterior, principalmente em Dubai onde se apresentou por 5 anos nos grandes eventos do mundo árabe. Atua há mais de 10 anos no Grupo Especial das Escolas de Samba do Carnaval do Rio de Janeiro e São Paulo, coreografando dezenas de carros alegóricos e a Comissão de Frente da Portela, campeã em 2017. Coreografou a cerimônia da final da Copa do Brasil de 2018, 2020, 2021 e 2022.

É coreógrafa e Diretora de movimento de diversos espetáculos teatrais como a

Peça Pandora, direção Leona Cavalli,

Elogio da Loucura, produzido por Manhas & Manias, direção de Eduardo Figueiredo, (2020), Peça Sexo, Champanhe e Tchau, direção Juliana Betti (2021), Novela Gênese - Record TV direção de Edgard Miranda (2021)

Em 2022, assinou também como figurinista e cenógrafa em grandes montagem em São Paulo como a remontagem de Elogio à Loucura, de Erasmo de Rotterdan e FAUSTO, dirigida por Zé Celso Martinez Corrêa.

Dirigiu seu primeiro curta-metragem “Mulheres da Independência, os Sussurros da Independência”, criou a empresa KL arte e movimento, em sociedade com Leonardo Senna, e voltou à direção da Comissão de Frente da Portela, no Carnaval de 2022, e dando prosseguimento ao trabalho agora em 2023.

Leo Senna: Coreógrafo, ator, sócio da KL Arte e Movimento.

Começou a trabalhar no Carnaval em 2001, na Grande Rio, com Joãozinho Trinta.

Desde então seguiu coreografando carros alegóricos na Mangueira, Salgueiro, Imperatriz, União da Ilha e Portela. Há 11 anos inicia uma parceria de criação com Kelly Siqueira.

Em 2016, convidado por Paulo Barros, fez o primeiro trabalho na Portela. Em 2017, assume a Comissão de Frente, ano em que a Escola foi campeã.

Em 2022, retorna a convite de Renato Lage e assume a Comissão de frente, com a Escola ficando em quinto lugar.

Coreógrafo das finais da Copa do Brasil, trabalhando para a CBF fazem 5 anos.

Em Teatro, atuou como ator, bailarino e cantor em grandes produções musicais por 9 anos.

Em Audiovisual, atua em séries como Rio Connection (Globo), Sentença (Amazon), o Mecanismo(Netflix) bem como em produções para TV Globo, SBT e Record.

Integrou a Intrépida Trupe por 10 anos, participando da criação e atuando nas produções dos espetáculos da Companhia.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

EQUIPE VRS

DIREÇÃO TÉCNICA:

Vincent Schonbrodt (Diretor técnico sênior Cirque du Soleil) : Com uma carreira de mais de 20 anos participando das maiores produções do Cirque du Soleil, teve a chance de desenvolver sua paixão pelo design mecânico em projetos complexos. Ele foi originalmente treinado como piloto comercial e ao fazê-lo, aprendeu um estilo de gerenciamento de projetos baseados na mitigação de riscos/ segurança em primeiro lugar.

Ele também supervisionou o desenvolvimento de numerosos projetos de entretenimento global em cargos como rigging, gerente de produção, diretor técnico e cenógrafo. Vincent é fundador da VRS.

ILUMINADOR:

Hugo Mercier Bosseny: Se formou na França e trabalhou como assistente do Iluminador na companhia Théâtre du Soleil de 2008 até 2013. Chegou no Brasil em 2013 e trabalha com a companhia Dos a Deux como iluminador (prêmio Cesgranrio, APTR e Questão de crítica), também trabalhou em musicais como Gonzagão a lenda, Elis a Musical e Simbora, O Musical. A partir de 2017 começou uma parceria com The Works Entertainment, uma filial do Cirque du Soleil para assinar várias luzes de espetáculos como Le noir (2017), The Unbelievables (2018), A Magical Cirque Christmas (2018-2019), Cirque Paris (2018) que estiveram em cartaz nos palcos norte americanos e também com o show The Illusionists nas adaptações para Broadway e turnê norte Americana em 2019 e outras versões em Viena e na Arábia Saudita. Em 2022, depois da pandemia ele assinou a iluminação de Mad Apple a última produção do Cirque du Soleil em Las Vegas. Hugo é também co-diretor da empresa Vertical Rigging Solutions que é especializada em desenho e fabricação de estrutura e sistema customizados para eventos e shows podemos destacar os projetos de voo para Vamps, Ayrton Senna, O musical da Aventura Entretenimento, a infraestrutura do Festival Internacional de Circo La Force em São Paulo em 2018, ou ainda a infraestrutura e iluminação da exibição imersiva Dr. Seuss Experience, mais recentemente a VRS forneceu também uma parte das cenografias e adereços para Mad Apple do Cirque du Soleil.

DIRETOR DE ARTE:

Diogo Monteiro : É um multiartista nascido no Brasil. Aos 17 anos ingressou na escola de teatro mais antiga da América do Sul. Diogo tem trabalhado como cenógrafo, pintor cênico, ilustrador e escultor.

Um destaque em sua carreira é sua participação como cenógrafo na última produção do Cirque du Soleil: Mad Apple em Las Vegas.

Em 2019 se formou como bacharel em artes cênicas na Universidade CAL do Rio de Janeiro.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

FIGURINOS

Marcelo Marques: O figurinista, cenógrafo, e Diretor de Teatro Marcelo Marques completa esse ano 46 anos de carreira. Tem em seu currículo mais de 290 espetáculos de teatro, ao lado de diretores como Bibi Ferreira, Jorge Takla, Charles Moeller, André Heller, Sergio Britto, e Marco André Nunes. Criou figurinos para Óperas desde 1998, para vários Teatros Líricos no Brasil e no Exterior. Criou os figurinos para o show "Opus Brazil" (comemorativo dos 30 anos de relações diplomáticas Brasil-China), realizado no National Sing And Dance Ensemble - a Ópera de Pequim, dando procedimento a uma carreira internacional que inicia em 1983, com figurinos para um espetáculo na Tel Aviv University, continuando com Óperas para o Teatro Solis de Montevideo, e o Theatro Nacional de São Carlos de Lisboa. Passou também pelas principais salas e festivais brasileiros como Festival Amazonas de Ópera, Palácio das Artes, Teatro da Paz de Belém, Theatro Municipal do Rio de Janeiro e de São Paulo. Recebeu o Prêmio Shell de melhor figurino em 2003. No ano de 2015, foi premiado com o Troféu Cesgranrio de Teatro, e com o Prêmio questão de crítica além de outros em sua carreira. Foi por cinco anos consecutivos julgador do Grupo Especial das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, a convite da LIESA. Em 2016, ganhou os prêmios Zilka Salaberry, e CBTIJ de melhor figurinista. Em 2017, dirigiu, fez cenário e figurinos para o Theatro da Paz de Belém, na ópera "La Voix Humaine", com o Grande soprano Eliane Coelho, "Kammersängerin" da Wiener Staatsoper . Foi indicado a sete prêmios no ano de 2017 por seu trabalho em vários espetáculos. Ganhou em 2019, o Prêmio CBTIJ de Melhor figurino.

Recebe em 2019 uma Moção Honrosa da Camara dos Deputados do Rio de Janeiro concedida a artistas que com sua Arte lutaram contra a segregação racial. Recebeu em 2020 o Prêmio Cesgranrio de Teatro por seus figurinos nos espetáculos "O Despertar da Primavera" , e "Cole Porter", dirigidos por Charles Moeller . Nos últimos anos, Marcelo Marques tem se dedicado também a palestras e workshops sobre o processo de criação de cenários e figurinos. E acaba de Dirigir, criar Cenário e figurinos para a Premiére nacional da Ópera barroca "Armide", de Lully, realizada numa produção do Teatro da Paz , de Belém do Pará.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

MAQUIAGEM E CABELO

Beto Carramanhos:

Experiência:

- Profissional há 30 anos especializado na área de beleza (visagismo) atuando em salão de cabeleireiros e noivas.
- Indicação ao Prêmio Shell de Teatro pela caracterização dos espetáculos O Mágico de Oz e As Mimosas da Praça Tiradentes em 2013.
- Vencedor do Prêmio Avon Color de Maquiagem do ano de 1997, com indicação de oito anos consecutivos posteriores.
- Jogos Pan-Americanos Rio 2007:
- Criação de maquiagem;
- Coordenação e treinamento de equipe;
- Compra de insumos;
- Execução.
- Teatro:
- Visagismo de aproximadamente 60 espetáculos teatrais.
- Espetáculos mais recentes:
- Cinderella;
- Kiss me Kate;
- A Noviça Rebelde;
- A Família Adams;
- O Mágico de Oz;
- As Bruxas de Eastwick;
- Entre outros.
- Atuação:
- Dentre os mais recentes trabalhos:
- Apresentador do quadro mensal Tapa no visual -Programa Ana Maria Braga - TV Globo
- Acredita na Peruca - Multishow
- Espinosa - Um Romance Policial - GNT

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Marlon Lamar	Idade 28 anos
1ª Porta-Bandeira Lucinha Nobre	Idade 47 anos
2º Mestre-Sala Emanuel Lima	Idade 30 anos
2ª Porta-Bandeira Camyllinha Nascimento	Idade 34 anos
3º Mestre-Sala Vinícius Jesus	Idade 25 anos
3ª Porta-Bandeira Rosilaine Queiroz	Idade 38 anos

Outras informações julgadas necessárias

1º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

Nome da fantasia: A nobreza que desfila humildade

Criação do figurino: Renato Lage a Márcia Lage

Confecção: Fernando Magalhães



Ensaiadora: Camille Sales

Apresentador: Rhuanderson Albuquerque

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

O que representa: A Portela é a “Majestade do samba”. Uma Majestade cuja realeza é formada por gente simples, artistas populares que receberam a missão de elevar o nome de nossa escola. Assim foi com os Mestres-salas e Porta-bandeiras incumbidos da tarefa de proteger nosso pavilhão. Gente comum, moradores do subúrbio, sambistas que no dia a dia enfrentam as dores da vida cotidianas. Pessoas que, graças ao talento na arte da dançar, superam o descaso social e recebem da sociedade o brilho dos holofotes. Como diz a letra de nosso samba, “no bailar uma porta-bandeira, a nobreza desfila humildade”. Assim, Lucinha Nobre, que traz a nobreza em seu próprio nome, hoje na avenida representa Dodô, Vilma Nascimento, Irene 15, Andrea Machado e todas as grandes porta-bandeiras que defenderam nosso pavilhão. Marlon Lamar, por sua vez, honra um legado que se inicia com Seu Euzébio, marido de Dona Ester, que foi baliza, isto é, um predecessor dos modernos mestres-salas, mesmo antes de nossa fundação.

Hoje, ele incorpora Sr. Antônio, Ari, Benício, Bagdá, Jerônimo Patrocínio e tantos artistas que na avenida, riscando o asfalto com seu bailado, protegeram nossa bandeira exibindo garbo e elegância. Neste desfile especial, nosso primeiro casal reproduz passos e movimentos de seus antecessores, reverberando na avenida a energia deles emanada. A fantasia simboliza esta nobreza, reluzindo o brilho dourado da Majestade do samba, um reino erguido com os pés no asfalto de Oswaldo Cruz. De fato, “A nobreza que desfila humildade”.

Marlon Lamar: Mestre-sala oriundo de São Paulo, passou por escolas como Príncipe Negro, Mocidade Unida da Mooca e Império da Casa Verde, conquistando, nesta última agremiação, o título de campeão do carnaval paulistano. Em 2017, estreou ao lado de Lucinha Nobre na Marquês de Sapucaí, defendendo a Unidos do Porto da Pedra. Desde 2018 ocupa o posto de Primeiro Mestre-sala da Portela.

Lucinha Nobre: Iniciou sua carreira como Primeira Porta-bandeira em 1992, desde então chamando a atenção do público e da crítica. Ao longo dos anos, construiu uma sólida trajetória no mundo do samba, conquistando, entre outros prêmios, seis Estandartes de Ouro e três Tamborins de Ouro. O último destes Estandartes foi conquistado em 2022, defendendo as cores da Portela. Lucinha também se destaca como apresentadora de eventos e comentarista de carnaval da Rede Globo de televisão. Após defender escolas como Mocidade Independente de Padre Miguel e Unidos da Tijuca, estreou na Portela em 2010, permanecendo como Primeira Porta-bandeira até o carnaval de 2012. Em 2018, retornou à Majestade do samba, sendo um dos trunfos da azul e branco para a conquista do campeonato.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

2º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

Nome da fantasia: O samba da boa vizinhança

Criação do figurino: Renato Lage a Márcia Lage

Confecção: João Vitor



Apresentador: Edilásio

O que representa: Na década de 1940, como parte das mudanças no contexto histórico e social, o samba, antes discriminado, começa a se transformar em símbolo da identidade nacional. Como parte da “política da boa vizinhança” do governo dos EUA, Walt Disney viaja para a América do Sul em 1941. Em sua passagem pelo Rio de Janeiro, ele cruza a cidade num dia chuvoso para assistir a uma animada noite de samba no terreiro da Portela, em Oswaldo Cruz. Pouco depois, surge das pranchetas de seus desenhistas, que o acompanhavam na aventura pelo subúrbio, o personagem Zé Carioca, um papagaio sambista. Segundo alguns estudos acadêmicos, os artistas da Disney tiveram várias inspirações para criar este personagem, sendo Paulo da Portela uma das referências. Assim, na proximidade do ingresso de nosso país na segunda guerra mundial, o samba atravessa fronteiras e faz sucesso no mundo, tendo Zé Carioca e Carmem Miranda como maiores expoentes da cultura popular brasileira em Hollywood. Era o samba começando a se espalhar pelo mundo, como havia profetizado nossos fundadores.

Emanuel Lima: Aprendeu a arte da dança no projeto social “primeiros passos”. Aos oito anos de idade, já desfilava como passista da Majestade do Samba. Estreou como Terceiro Mestre-sala da Portela em 2018, depois de passar por escolas como Rosa de Ouro, Arame de Ricardo, Lins Imperial e Acadêmicos da Rocinha. Hoje, Emanuel é mestre-sala da Unidos da Ponte, escola da Série Ouro, e segundo mestre-sala da Portela desde o último carnaval.

Camyllinha Nascimento: Deu seus primeiros rodopios como Porta-bandeira na escolinha que a avó, Vilma Nascimento, comandava na quadra da Tradição. Foi também na escola de Campinho que estreou na Avenida, sendo a 2ª Porta-bandeira de sua tia, Danielle Nascimento. Com a arte e o talento da família correndo em sua veia, Camyllinha foi Terceira Porta-bandeira da Portela entre os anos de 2014 e 2016. Entre 2019 e 2022, foi primeira porta-bandeira da Unidos da Ponte, escola da Série Ouro. Desde 2017, ocupa o posto de Segunda Porta-bandeira da Majestade do Samba.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

3º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

Nome da fantasia: Tributo à vaidade

Criação do figurino: Renato Lage a Márcia Lage

Confecção: João Vitor



Apresentador: Cleber dos Santos

O que representa: Em 1991, o carnavalesco Silvio Cunha desenvolveu o enredo “Tributo a vaidade”, inspirado numa fantasia de Evandro Castro e Lima. Em suas alegorias e fantasias, o enredo apresentou todas as formas de vaidade, mas o samba tocou o coração dos portelenses ao enfatizar do início ao fim a vaidade de ser portelenses. Poucos desfiles de nossa escola foram tão felizes ao expressar o sentimento de quem torce pela Majestade do samba. Por não descrever exatamente o que passava na avenida, o samba não ganhou nota máxima, mas a bela poesia de Carlinhos Madureira, Café da Portela e Iran Silva conquistou o prêmio Estandarte de Ouro e, ao deixar a avenida, imediatamente entrou na galeria de obras musicais de nossa escola. Foram esses compositores, também, que cantaram “O meu azul, veio lá do infinito”, inspiração para o título do enredo de nosso centenário. E é este azul, bordado pelo orgulho e pela vaidade de ser portelense, que está presente na fantasia de nosso terceiro casal de Mestre-sala e porta-bandeira.

Vinicius Jesus: Formado pela “Filhos da Águia”, escola de samba mirim da Portela, Vinicius Jesus é membro de uma tradicional família de portelenses, sendo irmão de Diogo Jesus, 1º Mestre-sala da Portela no carnaval de 2014. Depois de desfilar em escolas como Acadêmicos da Rocinha, Vinicius está em seu segundo ano como 3º Mestre-sala da Majestade do samba.

Rosilaine Queiroz: Iniciou a carreira no Império da Tijuca, em 2003. Entre 2004 e 2009, defendeu a Inocentes de Belford Roxo, conquistando, em 2006 e 2008, o prêmio Samba-net de Melhor Porta-bandeira do então Grupo B do carnaval carioca. Entre 2010 e 2012, defendeu a Acadêmicos do Sossego, de Niterói, e, em 2013, a Unidos de Vila Santa Teresa. Em 2013, também estreou como 2ª Porta-bandeira da Portela, permanecendo no posto até 2016. Após uma breve pausa, retornou ao carnaval em 2018, ocupando desde então o posto de 3ª Porta-bandeira da Majestade do Samba.

G.R.E.S. UNIDOS DE VILA ISABEL



**PRESIDENTE
LUIZ GUIMARÃES**

**PRESIDENTE DE HONRA
MARTINHO DA VILA**

“Nessa Festa, Eu Levo Fé!”



Carnavalesco
PAULO BARROS

FICHA TÉCNICA**Enredo**

Enredo <i>“Nessa Festa, Eu Levo Fé”</i>					
Carnavalesco Paulo Barros					
Autor(es) do Enredo Paulo Barros					
Autor(es) da Sinopse do Enredo Paulo Barros, Isabel Azevedo e Simone Martins					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile Paulo Barros					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	Carnaval, Seis Milênios de História	Hiram Araújo	Gryphus Editora	2003	Todas
02	“Dioniso ou Baco: o Deus do Êxtase e do Entusiasmo”. In: Mitologia Grega (vol. II)	Junito de Souza Brandão	Editores Vozes	1987	Todas
03	Dicionário Mítico-Etimológico: Mitologia e Religião Romana	Junito de Souza Brandão	Editores Vozes	1994	Todas
04	Dicionário da Mitologia Grega e Romana	Pierre Grimal	Bertrand Brasil	1993	Todas
05	As Formas Elementares da Vida Religiosa	Emile Durkheim	Martins Fontes	1978	Todas
06	História das Crenças e Ideias Religiosas	Mircea Eliade	Zahar Editores	1983	Todas
07	O Sagrado e o Profano	Mircea Eliade	Martins Fontes	1992	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
08	A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o Contexto de François Rabelais	Mikhail Bakhtin	Hucitec	1987	Todas
09	História	Heródoto	Ed. eBooksBrasil	2006	Todas
10	Ano Novo, Vida Nova: a Renovação com o Festival de Akitu na Babilônia	Maura Regina Petruski e Simone Aparecida Dupla	Revista Phoênix/UFRJ	2017	Todas
11	Festa do Sol: o Réveillon dos Povos Andinos	Augusto Pessoa	Revista Continente	2012	Todas
12	Religious Celebrations: an Encyclopedia of Holidays, Festivals, Solemn Observances, and Spiritual Commemorations	John Gordon Melton	ABC-CLIO Bloomsbury Publishing	2011	Todas
13	O Livro Ilustrado das Religiões	Philip Wilkinson	Publifolha	2000	Todas
14	Um Santo para Cada Dia	Mario Sgarbossa e Luigi Giovannini	Paulus Editora	2018	Todas
15	La Religiosidad Popular	Carlos Álvarez Santaló (Coord.)	Anthropos Editorial/Espanha	2003	Todas
16	Guerreiro	Cesar Fraga	Editora Clips	2018	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
17	Santos de Casa: Fé, Crenças e Festas de Cada Dia	Luiz Antonio Simas	Bazar do Tempo	2022	Todas
18	“Estudos sobre Festas Religiosas Populares”. In: Estudos da Festa	Sergio Figueiredo Ferretti (Linda Rubim e Nadja Miranda, Orgs.)	EDUFBA	2012	Todas
19	Festa à Brasileira: Sentidos do Festejar no País que “Não é Sério”	Rita de Cássia Amaral	Ed. eBooksBrasil Os Urbanitas	2001	Todas
20	Dicionário do Folclore Brasileiro	Luís da Câmara Cascudo	Editora Global	2012	Todas
21	O Boi-Bumbá de Parintins, Amazonas: Breve História e Etnografia da Festa	Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti	História, Ciência e Saúde - Manguinhos, Fiocruz	2000	Todas
22	A Arte de Festejar e Ritualizar a Morte	Ana Paula Zaguetto e Janaína Quitério	Revista ComCiência, Labjor/Unicamp	2014	Todas
23	Sobre os Dogon: a Terra, o Povo, os Cantos de YaSegei	Cláudia Neiva de Matos	Revista Gragoatá, UFF	2005	Todas
24	Viver é uma Festa, e Morrer Também	Dennis Vianêz	Jazz Mansion	2020	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
25	La Festividad Indígena Dedicada a Los Muertos en México	Óscar Romero Rojas (Coord.)	Patrimonio Cultural y Turismo, Cuaderno 16 (Conaculta), México	2006	Todas
26	“Muitos (Outros) Carnavais”. In: A Festa em Múltiplas Dimensões	Paulo Miguez (Ed.)	Revista Observatório Itaú Cultural 2013	2000	Todas
27	Pra Tudo Começar na Quinta-Feira: o Enredo dos Enredos	Luiz Antonio Simas Fábio Fabato	Mórula Editorial	2015	Todas

Outras informações julgadas necessárias

Também foram consultados sites oficiais das festas nacionais e internacionais, além de dossiês dos festejos brasileiros divulgados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

HISTÓRICO DO ENREDO

A Unidos de Vila Isabel pede passagem para apresentar o seu desfile “Nessa festa, eu levo fé!” O enredo conta uma história fantástica sobre como Baco, deus da alegria, realiza seu desejo de oferecer uma grande festa e comemorar a superação de um longo período de trevas que atingiu a humanidade, provocando tristezas e confinamento. Baco, acompanhado de sua corte, renasce no Carnaval para mostrar a diversidade da fé praticada por diferentes culturas onde todos os deuses fazem parte da história de uma só humanidade, que trilha caminhos distintos em busca da felicidade.

ABERTURA

A religiosidade que motiva grande parte das comemorações em todo o mundo tem sua origem em cultos a divindades consideradas profanas se colocadas em oposição à ideia monoteísta, de um único deus, propagada por algumas religiões.

A mitologia greco-romana nos revela que Baco, deus da uva, em Roma, também conhecido como Dionísio na Grécia, na época das colheitas, percorreu muitos lugares para semear essa devoção e a entrega absoluta ao mais irresistível desejo: o de celebrar! Ele ensinou os segredos do vinho que entorpecia os sentidos, encantava a alma, aproximava os corpos, libertando as mulheres, que dançavam em rodopios para homenageá-lo e se entregar ao êxtase místico. Seus ensinamentos frutificaram e atravessaram os séculos.

O desfile começa com uma celebração a Baco, o deus do vinho. Sempre acompanhado do velho Sileno, seu preceptor, e de uma corte de sátiros e ninfas, Baco embriaga seus seguidores, provocando o êxtase e o desprendimento das coisas terrenas.

No enredo da Vila Isabel, em meio ao transe de prazer e alegria, o deus do vinho e da transformação se torna Momo, figura mitológica que acompanhou Baco em suas viagens pelo mundo. É a ele que Baco confia a tarefa de organizar uma grande festa, um cortejo que aconteça na Avenida em que já foram contadas inesquecíveis histórias da humanidade. Momo já é o Rei do Carnaval e parte rumo ao Templo do Samba para convidar a Vila Isabel a divertir o público na grande festa de todos os povos. Um culto a Baco, de alegria e esperança, a quem pedimos a renovação e a colheita próspera da felicidade. Que comecem os festejos! A Vila Isabel entra na Sapucaí para iniciar seu desfile contando histórias de origens do Carnaval!

No período de festividades em homenagem a Saturno, deus da agricultura dos antigos romanos, as rígidas convenções da sociedade romana eram deixadas de lado e havia a troca de papéis entre a nobreza e os plebeus.

As festas ao deus Baco, na Roma Antiga, eram cultos místicos que levavam ao êxtase, à embriaguez sem limites de corpos e mentes, em devoção à divindade da fertilidade e da fartura. Bebam, comam e dançam no bacanal da folia, pedindo aos deuses por renovação e abundância! Espalhem pelo mundo a alegria!

O cortejo divino que invade a Avenida e contagia o público canta forte e canta alto, embalado pelo ritmo emocionante da bateria. Todos dançam para evocar a divindade que deu origem ao Carnaval! Evoé! Que soem os tambores! A festa de todas as festas vai começar!

QUEM NOS ENSINOU A FESTEJAR... FORAM DEUSES MILENARES!

Se os antigos gregos e romanos criaram o mais puro vinho e o êxtase da celebração, os egípcios nos ensinaram a comemorar o ano inteiro. Seus festivais eram uma espécie de libertação, de catarse coletiva dos problemas da vida dura e entediante, onde o que se queria era brincadeira e diversão para afastar as tensões das guerras, agradecer e pedir favores aos deuses.

De todas as festas, uma das mais populares era dedicada a Bastet, deusa da fertilidade, da reprodução, da embriaguez, da dança e do amor, que tinha o poder de fertilizar a terra e as pessoas, sendo celebrada na época da sementeira para invocar boas colheitas.

Da Babilônia, vem o Akitu, uma espécie de pacto, onde o destino da humanidade era receber fartura se cultuasse os deuses. Marduk, uma divindade de vida, morte e renascimento, inaugurava um novo ciclo de estações para a agricultura, sempre que os humanos o cultuavam. As sociedades se transformaram, mudaram as religiões, as tradições e os calendários. Mas o Festival de Akitu, de tradição assíria, celebrado há milênios, de acordo com o calendário sírio, se assemelha às festividades do Ano Novo, que se tornaram uma prática em todo mundo, com o sentido de pedir por prosperidade e paz. Feliz Akitu!

Uma explosão de cores encanta a Avenida com o Holi Festival, um dos mais antigos da Índia, que se espalhou por diversos lugares do mundo para comemorar a chegada da primavera e da renovação da esperança. As pessoas jogam pós coloridos umas nas outras, simbolizando as lendas das divindades hindus.

A Inti Raymi, Festa do Sol, é a mais importante festividade da cultura andina, que remonta aos tempos da chegada da ocupação Inca em território peruano. O festival teve origem em uma súplica para que o deus Sol iluminasse as montanhas geladas no topo das Cordilheiras dos Andes e garantisse bons períodos de plantios e colheitas. Mas, na verdade, esse culto foi inspirado pela antiquíssima civilização de Tiwanaco.

As tradições milenares representadas no Ano Novo Chinês, uma festa que dura 15 dias, ganham vida na Passarela! O Festival das Lanternas encerra as comemorações e é muito especial, pois é a primeira noite de lua cheia do calendário da China, marcado pelo retorno da primavera. Acredita-se que, nos tempos da dinastia Han, o imperador Han Ming, um defensor árduo do budismo, ao saber que os monges, em respeito ao Buda, iluminavam os templos com lanternas, no décimo quinto dia do primeiro mês lunar, ordenou que todos acendessem lanternas em suas casas nessa mesma data.

Iluminada a Avenida pelos cultos que pediam proteção e prosperidade aos antigos deuses mitológicos, o cortejo recebe diversas festas que direcionam a devoção de seus fiéis a divindades e santos protetores em diferentes lugares do mundo.

TEM PROTETOR E PADROEIRO NO MUNDO INTEIRO!

As ruas espalhadas por todo o planeta recebem devotos o ano inteiro, para louvar seus protetores e padroeiros. São milhões de pessoas que se dedicam a praticar a fé com a paixão de quem quer obter uma graça, agradecer ou, simplesmente, participar da festa! O sentimento coletivo de comunhão e alegria mantém vivas as tradições e manifestações populares mundo afora.

No Japão, são incontáveis as divindades e celebrações! De origem xintoísta, os festivais “matsuri” reverenciam guardiões de templos e cidades, por todo o país. O consagrado Santuário Okunitama celebra a divindade Okunitama-Okami, guardiã de sua antiga província, em dias e noites de festivais lotados, como o Kurayami. As procissões repletas de adereços coloridos, andores, ritos e trajes típicos simbolizam o encontro feliz do povo com o divino e perpetuam a cultura japonesa.

Pelas ilhas Filipinas, na Ásia, o Festival Sinulog recebe milhões de pessoas de diversos lugares, encantadas com as músicas e danças rituais em homenagem ao protetor Santo Niño. A devoção à imagem do Menino Jesus surgiu a partir da fusão do catolicismo com as crenças dos povos originários, que os colonizadores não conseguiram interditar totalmente.

Em terras irlandesas, irreverentes e animados desfiles celebram o Dia de São Patrício, padroeiro nacional, refletindo o sincretismo da fé católica com as tradições pagãs dos antigos povos celtas e seus sacerdotes druidas. O verde das fantasias de duendes e do trevo, símbolo de sorte e do início da primavera desde os ancestrais, toma conta das ruas, com muita música, comida e bebida!

Já em Valência, na Espanha, a adorada santa protetora recebe uma bela e colorida homenagem que deslumbra a todos. No cortejo da Oferenda de Flores à Virgem dos Desamparados, milhares de pessoas, com seus trajes típicos e bandas animadas, caminham pelas ruas até a praça da Basílica da Virgem, para ornar a imagem da padroeira da cidade. É um espetáculo de alegria e devoção!

Quem protege a Vila Isabel e abre seus caminhos, é santo protetor em vários lugares do mundo e cultuado por diferentes crenças religiosas. Diante da imagem de São Jorge, vencendo o dragão e derrotando todo o mal, milhões de fiéis fazem suas súplicas ao combativo soldado romano, invencível na fé. Tanto as igrejas católica, anglicana e cristã ortodoxa, quanto o candomblé, a umbanda, entre outras religiões, respeitam e pedem a proteção do escudo e das armas do glorioso guerreiro, em busca de coragem e de esperança.

A FESTA NOSSA DE CADA DIA

O desfile chega às terras brasileiras, onde os festejos também pertencem ao reino do sagrado e do profano. As festas nossas de cada dia têm o poder de espantar a dor e a miséria com a mais pura alegria! O Brasil possui inúmeros folguedos de fé que mostram a diversidade de tradições e o sincretismo de elementos cristãos, afro-brasileiros e indígenas.

Em várias regiões do país, multidões se encontram nas areias das praias ou participam de procissões para homenagear a divindade afro-brasileira e Rainha do Mar. Na Festa de Iemanjá, a vaidosa orixá recebe espelhos, flores, perfumes, bijuterias e comidas, que são colocados em pequenos barcos e lançados nas águas por seus devotos e admiradores. Oferendas no mar para Iemanjá e água de cheiro para Oxalá! Uma das maiores manifestações religiosas populares da Bahia é a Lavagem das escadarias do Bonfim. O ritual que reúne milhares de pessoas no Largo do Bonfim, bem em frente à igreja, no alto da Colina Sagrada, se repete todos os anos, desde o final do século XVIII. Todos se vestem de branco, a cor de Oxalá, o deus iorubá sincretizado com Nosso Senhor Jesus Cristo. As baianas da Vila fazem a festa do Senhor do Bonfim.

Mas “num tem festa mió” que a junina! É Santo Antônio, São João e São Pedro, é pular fogueira, dançar quadrilha e comer de um tudo que é comida típica! Colocar a roupa caipira, brincar no ritmo contagiante do “arraiá” e cair na festança até o dia clarear! E não perder o casamento na roça, que, além de divertido, faz homenagem ao santo casamenteiro.

Os festejos de fé se espalham pelos campos e cidades brasileiras. A Cavallhada, um folguedo que veio de Portugal, tem origem nos torneios de cavaleiros medievais. É a teatralização de uma batalha ao ar livre entre cavaleiros cristãos e mouros, belamente ornamentados, que acontece em diversas cidades do interior.

Em Belém do Pará, acontece o Círio de Nazaré, a maior manifestação católica do país e um dos maiores eventos sagrados do mundo! A cidade inteira é pura emoção e alegria! Milhares de pessoas querem participar da procissão e agarrar a corda utilizada para puxar a luxuosa berlinda que transporta a imagem da santa. Para os romeiros, a corda representa o elo com Nossa Senhora de Nazaré. Ao tocá-la, participam intensamente da fé do Círio.

O Festival de Parintins arrebatava multidões e brincantes, que, ao som das toadas, defendem as cores dos bois-bumbás e é uma das mais importantes manifestações culturais da região amazônica. A grande festa do folclore brasileiro envolve religiosidade e fantasia, para contar a história dos povos da floresta e as lendas do boi-bumbá. O apogeu do espetáculo é o auto da ressurreição do boi, com a intervenção do poderoso pajé. O público vibra!

A MORTE É UMA FESTA!

Existem festejos e ritos que encaram a morte como uma grande celebração à vida e à memória dos que partiram. Essas homenagens festivas fazem parte do legado de culturas e tradições ancestrais em que a morte é entendida como uma forma de renascimento espiritual,

um ciclo contínuo de vida, e não um fim! Também representam o momento de reencontro feliz e de reverência aos antepassados.

Galungan é uma das mais importantes cerimônias religiosas de Bali, na Indonésia. Os balineses acreditam que os deuses e os espíritos de seus parentes falecidos voltam à Terra para receber orações e oferendas e preparam uma festividade que dura 10 dias. Os habitantes vestem suas roupas tradicionais para rezar e a ilha é ornamentada com primorosos enfeites de flores e frutas e o cheiro de incenso se espalha no ar.

Já os povos africanos Dogon, da região de Mali, cultuam seus antepassados e realizam festivais e cerimônias, como a Dança das Máscaras, para que os falecidos descansem no mundo espiritual. Em solo sagrado, celebram com trajes e máscaras coloridas, que simbolizam a conexão entre o mundo do Sol e o da Terra, onde a vida e a morte se encontram.

O Festival do Fogo, que acontece nas Ilhas de Shetland, na Escócia, é celebrado por descendentes vikings, que, ao final do desfile, queimam uma embarcação lançada ao mar, ao som de cânticos, comidas e bebidas. A apoteótica cena que encerra o festival remonta às antigas celebrações funerárias dos guerreiros vikings, que acreditavam que a morte gloriosa em batalha os levaria a Valhala, o mítico Salão dos Mortos, onde viveriam e comemorariam com os deuses.

Em Nova Orleans, a música faz parte da vida e da morte! Os cortejos do Jazz Funeral são uma tradição religiosa importante da cultura afro-americana local. Nas marchas fúnebres, as bandas de metais começam tocando músicas solenes, mas, após o enterro, os ritmos se tornam comemorativos e catárticos. Todos cantam, dançam e agitam lenços, para festejar a vida e a história de quem partiu.

O Dia dos Mortos, no México, vem da cultura milenar asteca e celebra a vida e a memória dos antepassados. Acredita-se que somente nessa época as almas podem voltar para visitar seus entes queridos para saber se estão se divertindo. As pessoas se fantasiam, festejam e montam altares com comidas e bebidas, flores e velas, para guiar os espíritos em seu caminho. As caveiras, belamente pintadas, como “La Catrina”, são o símbolo mais popular da festa e da cultura mexicana!

CARNAVAL: NESSA FESTA, EU LEVO FÉ!

Todos os anos o mundo se prepara para comemorar uma das mais impressionantes festas do calendário religioso: o Carnaval! Inspirado nas celebrações pagãs da Antiguidade, ele foi incorporado pela Igreja Católica, como o tempo permitido aos fiéis para cometerem todos os pecados: embriagar-se, comer muito e se entregar aos prazeres da carne até a Quaresma. Alguns dos carnavais mais divertidos entram no cortejo da Vila, para revelar ao público formas diferentes de brincar nessa folia divina e profana que encanta multidões. O Rei Momo, acompanhado da trupe de conhecidos personagens da festa mais contagiante de

todas, convida o povo da Avenida a brincar nas ruas e praças para conhecer os carnavais mais animados do mundo.

No ano da consagração da Basílica de São Marcos, um monarca medieval local decretou que, no Carnaval de Veneza, todos deveriam se divertir, sem se preocuparem com a posição social. Desde então, a cidade recebe animados foliões, que, escondidos atrás de lindas máscaras e vestimentas, só se reconhecem na euforia da deliciosa brincadeira dos carnavais de rua!

Se, no mês mais frio do ano, para se divertir em Veneza, é preciso apenas uma máscara, na cidade de Nice, o terceiro maior Carnaval do mundo esquentava o inverno francês com atrações incríveis que recebem milhares de pessoas. Na Praça Masséna, acontece uma grande parada carnavalesca, apresentando carros alegóricos coloridos em torno de um tema escolhido a cada ano, além de apresentações de músicos de diversos países e da tradicional Batalha de Flores.

Bailes e bandas animam o Mardi Gras, na região de Louisiana, nos Estados Unidos, onde se misturam tradições europeias, africanas e caribenhas. A distribuição de colares de miçangas e contas para os brincantes é típica dos desfiles populares, além das cores roxa, verde e dourada nos adereços, fantasias e alegorias.

A Escola de Noel realizou o seu desfile conduzido pelo Rei do Carnaval, mostrando a diversidade das festas religiosas e nos encantando com seu legado de alegria e diversão. A festa termina exaltando a folia mais animada de todas, o maior espetáculo a céu aberto da Terra: o Carnaval carioca! O cortejo toma conta da Avenida, reverencia o Rei Momo, personagem histórico, expressão maior do nosso sentimento divino de realeza e do triunfo do prazer! Na Apoteose, o Rei anuncia:

“Diga aos súditos da folia
que, no final dessa história,
vocês que semeiam alegria
merecem colher a vitória!
Nessa festa, eu levo fé! Evoé! Evoé!”

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

A Unidos de Vila Isabel faz a festa em 2023! O enredo propõe uma viagem pelas festividades populares religiosas de diversos países, desde as celebrações realizadas pelos povos antigos até as folias dos dias de hoje. A Marquês de Sapucaí, a Avenida do maior espetáculo a céu aberto da Terra, é o lugar ideal para contar a história de como a humanidade começou a cultuar seus deuses, em busca da felicidade, e esse costume se espalhou pelo planeta, em diferentes formas e manifestações culturais. Momo, a figura mitológica eleita como o Rei da Folia, atendendo ao chamado do Deus Baco, escolheu a Vila Isabel para alegrar o público e mostrar como o povo se diverte nas ruas e praças mundo afora nas festas religiosas!

Segundo Mikhail Bakhtin, em sua famosa obra *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o Contexto de François Rabelais*, “as festividades (qualquer que seja o seu tipo) são uma forma primordial, marcante, da civilização humana”. O autor afirma:

As festividades têm sempre uma relação marcada com o tempo. Na sua base, encontra-se constantemente uma concepção determinada e concreta do tempo natural (cósmico), biológico e histórico. Além disso, as festividades, em todas as suas fases históricas, ligaram-se a períodos de crise, de transtorno, na vida da natureza, da sociedade e do homem. A morte e a ressurreição, a alternância e a renovação constituíram sempre os aspectos marcantes da festa. E são precisamente esses momentos – nas formas concretas das diferentes festas – que criaram o clima típico da festa. (1987: 7/8)

A concepção de um enredo leve que contagiasse o público na Avenida, em uma verdadeira explosão de alegria, nasceu dias após o término do desfile de 2022. Vencer o desafio de realizar o Carnaval desse ano, ainda sob os efeitos da sombra que abateu o mundo nos primeiros meses de 2020, nos fez refletir sobre a imensa tristeza que deixou marcas profundas nos corações de milhões de pessoas.

Às vésperas de comemorar 90 anos de existência em 2021, o desfile das Escolas de Samba foi interrompido pela COVID-19, pandemia que, segundo estimativa da Organização Mundial de Saúde, até maio de 2021, já havia ceifado 15 milhões de vidas em todo o planeta. Morte, medo, sofrimento e incertezas marcaram profundamente nossas vidas. Os dois anos de isolamento para evitar a propagação do vírus colocaram o Desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro sob suspensão até 2022, quando a festa, ainda sob ameaça, foi realizada fora de época, no período de 20 a 23 de abril, junto com os feriados do Dia de Tiradentes e do Descobrimento do Brasil.

O cancelamento por dois anos não afetou somente o Carnaval, mas todas as festas populares que deixaram de ocupar as ruas mundo afora. As orações, súplicas e pedidos a todos os santos e divindades cultuadas por diferentes nações, foram realizados no silêncio dos lares,

na reclusão dos corpos, na solidão de almas apartadas do convívio. E pediram pelo fim do desespero e do desencontro. Permaneceu, no entanto, a insuportável certeza de que a convivência com alguns entes queridos simplesmente deixou de existir.

Marcada a data, finalmente, os barracões abriram, os profissionais retornaram e nos dedicamos a construir os desfiles que brilharam naqueles dias de abril. As festas populares também foram, pouco a pouco, sendo retomadas e as multidões voltaram a ocupar as ruas e as praças. Em cada rosto, a expressão de alívio e a esperança de superação da tristeza provocada por esses anos difíceis e uma vontade incontida de comemorar e agradecer. Ainda precisamos lutar para virar, definitivamente, como diz o poeta, essa “página infeliz da nossa história”.

Passado o auge da pandemia e vivenciando o desejo de voltar à normalidade, a ideia de criar um enredo leve, alegre e descontraído foi ganhando contornos: realizar uma grande festa, em pleno Carnaval, trazendo diferentes culturas que buscam a renovação e a esperança de retomada dos caminhos da felicidade. Evoé Baco, Evoé Momo, a Unidos de Vila Isabel pede passagem! O desfile é uma homenagem à memória dos que se foram, uma celebração à vida e à superação dos infortúnios.

O que revelam as festas da relação entre o indivíduo e sua comunidade e entre aqueles que se unem para prestar homenagens ao divino? Por que a festa é o momento da fartura, refeições e bebidas em excesso, das brincadeiras, da exaltação e da liberdade, tão diferente do cotidiano?

O tempo festivo das antigas civilizações estava relacionado à vida na natureza, aos ciclos do Sol e da Lua, da vegetação e do calendário agrícola e pastoril. Os povos pediam aos deuses que a terra fosse fértil, que o plantio florescesse e que a colheita alimentasse a todos e garantisse fartura. Muitos dos alimentos e bebidas consumidos nas festas de hoje têm origem em costumes herdados dos povos antigos.

O calendário era baseado na relação do homem com a natureza e o cosmos. Durante o ano, estruturado em função de equinócios e solstícios e pelos ciclos lunar e solar, existiam dois grandes períodos festivos: o ciclo da Primavera/Verão, marcado pela abundância alimentar, decorações florais evocando a renovação da natureza, e o ciclo de Outono/Inverno, caracterizado pela intensificação da relação entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, manjares cerimoniais e culto aos antepassados. Os povos antigos precisavam observar a natureza e as estações do ano para descobrir o tempo certo de semear, proteger, cuidar e colher os frutos do plantio. E, a cada novo ciclo, faziam festas aos deuses, reunindo multidões com esse mesmo objetivo.

No livro *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, Émile Durkheim apresenta vários comentários sobre a estreita relação entre o ritual e as festas e constata:

Toda festa, mesmo quando puramente laica em suas origens, tem certas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos, ela tem por efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes mesmo de delírio, que não é desprovido de parentesco com o estado religioso. (1978: 547/8)

As religiões e as festas refazem e fortificam o “espírito fatigado por aquilo que há de muito constrangedor no trabalho cotidiano”. Nas festas, por alguns momentos, os indivíduos têm acesso a uma vida “menos tensa, mais livre”, a um mundo onde “sua imaginação está mais à vontade”. Além disso, o autor afirma que as festas têm o poder de superar as distâncias entre os indivíduos, produzir um estado de “efervescência coletiva” e transgredir as normas.

O Carnaval é, sem dúvida, o melhor exemplo de combinação dessas características das festas. No enredo da Vila Isabel, a Avenida Marquês de Sapucaí representa os espaços públicos ocupados pelos folguedos religiosos de países diversos, o lugar da experiência de efervescência coletiva, que, para além da superação das distâncias entre indivíduos, propõe o respeito e a aproximação entre nações de culturas diversas. É o lugar possível para reunir todas as festas e toda a fé que nos anima a ter esperança no futuro, extravasar a alegria do reencontro que acontece nas ruas, no meio da multidão.

A Vila Isabel propõe ao público uma potente experiência cultural de efervescência coletiva. A Marquês de Sapucaí é a Avenida que representa todas as ruas por onde desfilam as manifestações culturais religiosas que reúnem multidões de povos diversos e de diferentes tempos.

A Abertura do desfile apresenta alguns dos mais significativos mitos de origem do Carnaval, a festa de todas as festas religiosas, lugar possível de construção dessa narrativa: Deus Baco e o êxtase do vinho, uma bebida que acreditavam dar inspiração aos homens para a poesia e a música e aliviar suas tensões cotidianas (BRANDÃO, Junito, 1987), a Saturnália, com a irreverente inversão de papéis, onde era permitido aos plebeus se transformarem em reis (ARAÚJO, Hiram, 2003) e o culto à alegria nas festas oferecidas às divindades: o sagrado e o profano na história constitutiva das religiões.

Os temas dos setores do desfile foram selecionados com o objetivo de proporcionar ao público a experiência de atravessar o mundo, conhecendo festividades religiosas de diversos países. O que o enredo se propõe a expor é a riqueza e a diversidade da experiência coletiva de comemoração e culto às divindades. Acima de tudo, a necessidade de festejar a vida, renovar a esperança e extravasar a alegria de ocupar as ruas, viver os encontros em busca da felicidade.

A festa proposta por Baco, Deus do Êxtase, e comandada por Momo, Rei da Folia, no Setor 1 – “Quem nos ensinou a festejar... Foram deuses milenares!”, apresenta os cultos aos deuses de diferentes civilizações que deixaram os ensinamentos da sua devoção, para garantir boas colheitas e prosperidade e para que cada novo ciclo que se inicia seja pleno e virtuoso. O Setor 2 – “Tem protetor e padroeiro no mundo inteiro!” é um convite para que o público faça parte dos cortejos e festas aos protetores e padroeiros de lugares, cidades e países, e que são referências culturais de reafirmação da ancestralidade religiosa. Essas festividades constituem importantes processos de transmissão de tradições que atravessam gerações e exaltam uma parte da vida do(a) homenageado(a), suas qualidades ou a relação que possa ter com o território onde acontecem. O Setor 3 – “A festa nossa de cada dia” mostra a riqueza e a diversidade das festas e folguedos brasileiros, que movimentam as ruas, avenidas, arenas e praças do país e onde o nosso povo vai construindo afetividades, sociabilidades, esperanças e futuros. O Setor 4 – “A morte é uma festa!” revela que muitos povos têm uma relação especialmente festiva com a morte: quando um parente ou membro da comunidade se vai, eles fazem uma festa! Dançam, bebem e cantam para alegrar o falecido ou um antepassado. E o Setor 5 – “Carnaval: nessa festa, eu levo fé!” termina o desfile da Vila Isabel, apresentando as festas de Carnaval mais conhecidas do mundo para o povo cair na folia! O Carnaval da Vila Isabel só quer felicidade!

ROTEIRO DO DESFILE

PEDE-PASSAGEM

Obs.: O Pede-Passagem, que resgata uma antiga tradição dos desfiles das Escolas de Samba, vem antes do PRIMEIRO CONTINGENTE do desfile, que é a Comissão de Frente, e, por isso, não faz parte do enredo, de acordo com o regulamento da LIESA.

ABERTURA

Comissão de Frente
ÊXTASE

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Marcinho Siqueira e Cristiane Caldas
REINADO DO DESGOVERNO

Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
SACERDOTES DO TEMPLO DE SATURNO
(com Portal da Saturnália)

Alegoria 01 – Abre-Alas
CULTO A BACO NA ROMA ANTIGA

1º SETOR

QUEM NOS ENSINOU A FESTEJAR... FORAM DEUSES MILENARES!

Ala 01 – Comunidade
FESTIVAL DE BASTET

Destaque de Chão
Kauany Glória
FELIZ AKITU!

Ala 02 – Comunidade
FESTIVAL AKITU

Ala 03 – Comunidade
HOLI, O FESTIVAL DAS CORES E DA
PRIMAVERA

Ala 04 – Comunidade
INTI RAYMI, A FESTA DO SOL

Ala 05 – Comunidade
FESTIVAL DAS LANTERNAS

Alegoria 02
FESTIVAL DAS LANTERNAS

2º SETOR
TEM PROTETOR E PADROEIRO NO MUNDO INTEIRO!

Ala 06 – Comunidade
FESTIVAL KURAYAMI

Ala 07 – Comunidade
FESTIVAL SINULOG

Destaque de Chão
Paula Bergamin
O TREVO DA SORTE

Ala 08 – Comunidade
DIA DE SÃO PATRÍCIO

Ala 09 – Comunidade
OFERENDA DE FLORES À VIRGEM DOS
DESAMPARADOS

Ala 10 – Comunidade
FESTAS PARA SÃO JORGE

Destaque de Chão
Andrea Andrade
A FÉ INVENCÍVEL

Alegoria 03
FESTAS DE SÃO JORGE

3º SETOR
A FESTA NOSSA DE CADA DIA

Ala 11 – Comunidade
FESTAS DE IEMANJÁ, A RAINHA DO
MAR

Ala 12 – Baianas
LAVAGEM DO BONFIM

Rainha de Bateria
Sabrina Sato
A FLOR DA FESTA

Ala 13 – Bateria
FESTAS JUNINAS

Destaques de Chão
Dandara Barreto e Anna Karolina
NOIVAS EM FESTA

Ala 14 – Passistas
CASAMENTO NA ROÇA

Ala 15 – Comunidade
CAVALHADAS

Ala 16 – Comunidade
CÍRIO DE NAZARÉ

Ala 17 – Comunidade
FESTIVAL DE PARINTINS

Destaque de Chão
Dandara Oliveira
A MAGIA DE PARINTINS

Alegoria 04
FESTIVAL DE PARINTINS

4º SETOR
A MORTE É UMA FESTA!

Ala 18 – Comunidade
FESTIVAL GALUNGAN

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Jackson Senhorinho e Bárbara Dionísio
A DANÇA DOGON

Ala 19 – Comunidade
A DANÇA DAS MÁSCARAS

Ala 20 – Comunidade
FESTIVAL DO FOGO

Tripé
A CAMINHA DE VALHALA

Ala 21 – Comunidade
JAZZ FUNERAL

Ala 22 – Comunidade
DIA DOS MORTOS

Destaque de Chão
Gaby Martins
A BELEZA DAS FLORES

Alegoria 05
DIA DOS MORTOS

5º SETOR
CARNAVAL: NESSA FESTA, EU LEVO FÉ!

Ala 23 – Compositores
TRADICIONAL

Ala 24 – Velha-Guarda
TRADICIONAL

Ala 25 – Grupo Cênico
A CORTE DE MOMO

Ala 26 – Comunidade
CARNAVAL DE VENEZA

Ala 27 – Comunidade
CARNAVAL DE NICE

Ala 28 – Comunidade
MARDI GRAS

Ala 29 – Comunidade
ESCOLAS DE SAMBA DO RIO DE
JANEIRO

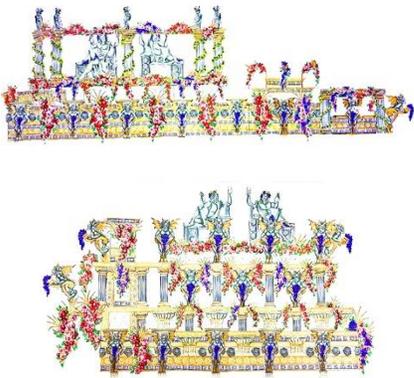
Ala 30 – Comunidade
BLOCOS DE RUA

Alegoria 06
CARNAVAL, A ALEGRIA DO POVO
(Obs.: com o veículo do Rei Momo)

Ala 31 – Amigos da Vila
A VILA FAZ A FESTA!

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Paulo Barros		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>PEDE-PASSAGEM</p> 	<p>À frente da Escola, o Presidente de Honra Martinho da Vila vem no tradicional Pede-Passagem, ornamentado por uma composição de coroas, símbolo da Unidos de Vila Isabel, com elementos de algumas das mais importantes festividades religiosas que vão animar a Sapucaí! A Azul e Branco entra na Avenida anunciando que o desfile vai começar!</p> <p>Obs.: O Pede-Passagem, que resgata uma antiga tradição dos desfiles das Escolas de Samba, vem antes do PRIMEIRO CONTINGENTE do desfile, que é a Comissão de Frente, e, por isso, não faz parte do enredo, de acordo com o regulamento da LIESA.</p>
01	<p>CULTO AO BACO NA ROMA ANTIGA</p>  <p><i>* Essas imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>O deus Baco percorria o mundo com seu cortejo de sátiros e ninfas, oferecendo aos homens seu presente: os segredos da preparação do vinho e as delícias das festas, onde todos bebiam e comiam em demasia. As homenagens ao deus do vinho representavam uma transgressão às separações sociais, e as pessoas gozavam de maiores liberdades, unidas pelo êxtase e pelo entusiasmo de festejar para se sentirem mais próximas da divindade das comemorações. No culto a Baco, na Roma Antiga, embriagados pelo vinho, homens e mulheres se entregavam ao prazer, esquecendo a dor e os males que os afligiam e, ao som da música, mergulhavam no transe místico do ritual de alegria dos festejos.</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Paulo Barros		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>FESTIVAL DAS LANTERNAS</p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>O Festival das Lanternas, criado no período da Dinastia Han, encerra as comemorações do Ano Novo Chinês, que duram 15 dias. O imperador Han Ming, que cultuava Buda, instituiu que todos sempre acendessem lanternas em suas casas, como faziam os monges nos templos budistas, no décimo quinto dia lunar. A festividade de origem milenar marcava o retorno da primavera, melhor época para plantio, cultivo e colheita. A cor vermelha sempre foi predominante, pois os antepassados acreditavam que ela espantava seres malignos que ameaçavam as vilas no primeiro dia do ano.</p> <p>A Alegoria é uma representação do festival, que, além das ruas iluminadas e coloridas pelas lanternas, apresenta desfiles e exposições de figuras lendárias: o imponente dragão, que se tornou símbolo da sabedoria e do poder do império chinês, e o leão, que, com sua bravura e destemor, protegia as colheitas e os seres humanos dos espíritos do mal. Todos os anos, o leão e o dragão ressurgem para trazer energias de boa sorte, felicidade, paz e prosperidade para todos. O leão encanta a Passarela, com sua dança cheia de energia e vitalidade.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)

Paulo Barros

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p data-bbox="266 516 634 548">FESTAS DE SÃO JORGE</p>  <p data-bbox="230 1010 670 1157"><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p data-bbox="695 516 1401 953">“Ó São Jorge, meu Santo Guerreiro, invencível na fé em Deus, que trazeis em vosso rosto a esperança e confiança, abre meus caminhos...”. A Alegoria representa a imagem de São Jorge, celebrado em diversos países do mundo. O santo é o padroeiro de Portugal, da Inglaterra, da Etiópia, da Sérvia, da Geórgia, da Lituânia, de Moscou, da região da Catalunha e do estado do Rio de Janeiro, entre tantos outros lugares. É cultuado pelas igrejas católica, anglicana e cristã ortodoxa, por religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda, além de ser honrado pelo islamismo.</p> <p data-bbox="695 957 1401 1318">Inúmeras narrativas surgiram em torno da lendária figura de São Jorge. Soldado cristão do exército romano, sofreu terríveis martírios e foi decapitado em 303 d.C., por não cumprir a ordem do imperador Diocleciano de perseguir e matar os cristãos. A devoção ao santo está associada à sua história de resistência e de fé inabalável. As Cruzadas contribuíram para a transformação do mártir em santo guerreiro, pois os cavaleiros acreditavam que ele os protegia em suas batalhas.</p> <p data-bbox="695 1323 1401 1759">A imagem de São Jorge, difundida em todo o mundo, é inspirada na lenda em que o corajoso guerreiro vence um terrível dragão que destruía vilas e aldeias. Na Avenida, ela reluz em metal, opção estética para evidenciar a força e a proteção rogada em sua oração: “Armas de fogo o meu corpo não alcançarão, facas e lanças se quebrarão sem ao meu corpo chegar, cordas e correntes se arrebentarão sem o meu corpo amarrar...”. Os símbolos de São Jorge brilham na Passarela, em respeito à diversidade de todas as festas que rogam a ele que se abram os caminhos para a felicidade.</p>

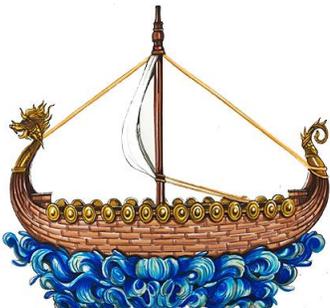
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Paulo Barros		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	FESTIVAL DE PARINTINS  <i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i>	<p>O Festival Folclórico de Parintins é uma das grandes manifestações culturais da Região Norte do Brasil, realizado nas três últimas noites do mês de junho. Tudo gira em torno da competição entre dois grupos de bois: Boi Garantido, branco com o coração na testa, cujas cores são o vermelho e o branco; e Boi Caprichoso, preto com a estrela na testa, cujas cores são o preto e o azul.</p> <p>O festival mantém as tradições dos bois-bumbás, que acontecem no Brasil, desde meados do século XIX, mas mistura a alegria da festa “à celebração emocionada da consciência da destruição de muitos povos indígenas amazônicos, afirmando, ao mesmo tempo, o valor positivo de uma identidade cabocla”, segundo a pesquisadora Maria Laura Cavalcanti. Na lenda, Pai Francisco mata o boi de um fazendeiro para satisfazer o desejo de sua esposa grávida, mas é descoberto. Para que ele não seja punido, o Pajé, líder espiritual indígena, ressuscita o boi, com seus rituais, representando o apogeu do espetáculo que envolve religiosidade, mitos populares e ritos sagrados dos povos da floresta.</p> <p>Em Parintins, cada boi se apresenta, separadamente, para ser julgado em diversos quesitos, como alegoria, evolução, coreografia, figuras típicas regionais, originalidade, tribos indígenas masculinas e femininas, galera, animação, organização, entre outros.</p> <p>No Sambódromo, é possível juntar os dois bois em uma só Alegoria e evoluir na Avenida, em uma homenagem que traduz a alegria de “brincar o boi-bumbá” e se encantar com essa festividade que mobiliza milhares de pessoas!</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Paulo Barros		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>Tripé Ala 20 - Festival do Fogo A CAMINHO DE VALHALA</p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução do Tripé.</i></p>	<p>A embarcação viking faz parte do Festival do Fogo, das ilhas de Shetland, na Escócia, remontando às celebrações funerárias festivas dos antigos povos guerreiros que habitaram a região. Na Avenida, ela compõe a cena mais importante que encerra essa festividade em homenagem aos ancestrais vikings, no ritual que os conduzia a Valhala, o Salão dos Mortos, onde viviam, por toda a eternidade, os deuses e os grandes guerreiros.</p>
05	<p>DIA DOS MORTOS</p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>O Dia dos Mortos, no México, é uma comemoração com características que remontam aos tempos antigos, aos cultos praticados pelos astecas, que, em homenagem aos mortos, conservavam seus crânios e os exibiam em rituais para celebrar o ciclo da vida, a morte e o renascimento.</p> <p>Com a colonização espanhola, as tradições dos povos originários se misturaram ao catolicismo e passaram a acontecer nos períodos dos dias de finados e de todos os santos, mantendo sua herança indígena de honrar os antepassados.</p> <p>Os mexicanos acreditam que os mortos visitam seus entes queridos, uma vez por ano, e comemoram seus ancestrais, com festividades. As ruas e as casas são enfeitadas e o povo canta e dança pelas ruas. As populares caveiras se tornaram um símbolo da cultura mexicana. “La Catrina”, a mais famosa, é a representação do esqueleto de uma dama da alta sociedade, com seu vestido e chapéu elegantes, para demonstrar que todos são iguais e as diferenças sociais não existem diante da morte.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Paulo Barros		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>DIA DOS MORTOS (continuação)</p>  <p><i>* Essa imagem é do croqui original e serve apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na execução da Alegoria.</i></p>	<p>Na festa que celebra a vida e a memória dos entes falecidos, todos se preparam com o mesmo objetivo. Afinal, quando os mortos voltarem para visitar seus parentes, precisam encontrá-los muito animados e prontos para recebê-los com alegria. Os esqueletos, de acordo com a tradição, são espalhados em diversos pontos das cidades. As flores também estão em toda parte, enfeitando os altares e as ruas, porque traduzem a beleza e a transitoriedade da vida. A Alegoria é uma representação dessa festividade que constitui parte significativa da identidade cultural do povo mexicano.</p>
06	<p>CARNAVAL, A ALEGRIA DO POVO</p>  <p>Veículo do Rei Momo</p> <p><i>* Essas imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na sua execução.</i></p>	<p>O Carnaval sempre foi uma das festas populares mais contagiantes em todos os tempos! Tem suas origens em diferentes cultos a deuses da mitologia greco-romana, como Baco e Saturno, entre tantos outros. As antigas celebrações pagãs foram adaptadas ao calendário religioso cristão, como um tempo de liberdade e prazeres, antes da Quaresma. A folia incorporou novos personagens e recebeu influências de diferentes religiões e costumes mundo afora. O Carnaval foi se transformando, através dos séculos, em uma festa cada vez mais democrática e diversa. Na Marquês de Sapucaí, a Alegoria “Carnaval, a alegria do povo”, da Unidos de Vila Isabel, encerra um desfile inebriante que inspira a comunhão em torno de sentimentos, como a celebração, a esperança e a afetividade, que sempre estiveram presentes em grande parte das festividades religiosas promovidas pela humanidade. A Alegoria representa o Carnaval, morada do Rei Momo, e traz elementos típicos da folia. De lá, Sua Majestade parte pelo mundo para mostrar ao público da Sapucaí carnavais incríveis que animam a multidão nas ruas.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)

Paulo Barros

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
06	<p data-bbox="261 520 643 625">CARNAVAL, A ALEGRIA DO POVO (continuação)</p>   <p data-bbox="302 1066 597 1098">Veículo do Rei Momo</p> <p data-bbox="232 1213 670 1360"><i>* Essas imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência, pois foram realizadas modificações de estética e de cor na sua execução.</i></p>	<p data-bbox="695 520 1398 737">O Rei da Folia cumpre, assim, o desafio de afastar a tristeza que atingiu o coração de seu povo. Espalhando a alegria, Sua Realeza veste a coroa da Vila Isabel, para cumprir a missão que lhe foi dada pelo deus Baco: lembrar que a maior devoção é aquela que pede por união, amor e felicidade! Evoé, Vila Isabel!</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><u>Alegoria 01</u> Ednelson Pereira - Fantasia: Evoé, Baco! Janaína - Fantasia: Fartura Paulo Robert - Fantasia: Sátiro</p>	<p>Empresário Empresária Empresário</p>
<p><u>Alegoria 02</u> Garrido - Fantasia: Boa Sorte Mary The France - Fantasia: Prosperidade Net - Fantasia: Tradição Milenar</p>	<p>Empresário Estilista Empresário</p>
<p><u>Alegoria 03</u> Dill San - Fantasia: Cavaleiro Medieval Ferrador - Fantasia: Devoção a São Jorge Amaro - Fantasia: Cavaleiro das Cruzadas</p>	<p>Empresário Empresário Empresário</p>
<p><u>Alegoria 04</u> Marcio - Fantasia: As Cores de Parintins Samantha - Fantasia: Cunhã-Poranga do Boi Garantido Jaison - Fantasia: Tuxaua do Boi Caprichoso</p>	<p>Empresário Empresária Estilista</p>
<p><u>Alegoria 05</u> Hoffstater - Fantasia: Ancestrais em Festa! Marquete - Fantasia: “La Catrina”</p>	<p>Comissário de Bordo Estilista</p>
<p><u>Alegoria 06</u> Andrea - Fantasia: Realeza da Folia Íve - Fantasia: Colombina Fabiana - Fantasia: Arlequim</p>	<p>Analista Financeira Modelo Modelo</p>
<p>Local do Barracão Rua Rivadavia Corrêa, nº. 60 – Barracão nº. 05 – Gamboa – Rio de Janeiro – Cidade do Samba</p>	
<p>Diretor Responsável pelo Barracão Moisés Carvalho</p>	
<p>Ferreiro Chefe de Equipe Joãozinho</p>	<p>Carpinteiro Chefe de Equipe Juracir</p>
<p>Escultor(a) Chefe de Equipe Alex Salvador</p>	<p>Pintor Chefe de Equipe Leandro Assis</p>
<p>Eletricista Chefe de Equipe Moisés Carvalho</p>	<p>Mecânico Chefe de Equipe Cleber da Silva Loyola</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Outros Profissionais e Respektivas Funções

Luiz Martins	- Diretor de Barracão e Compras
Paulo Barros	- Criador do Projeto Plástico das Alegorias
Paulo Barros e Júnior Barata	- Desenhistas e Figurinistas
Nino	- Fibra
Hildenberg Batista	- Engenheiro
Rogério Kennedy (Fuca)	- Iluminação
Sandro Marcio e filhos	- Vidraceiros
Alex Salvador	- Movimentos
Célio	- Almoxarife
Fábio Costa	- Direção Artística
Everaldo e Gláucia	- Atelier de Composições
Yasmin	- Projetista
Leandro Santos	- Chefe de Aderecistas
Adauto e Batista	- Portaria

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Sacerdotes do Templo de Saturno</p> 	<p>Na Avenida, sacerdotes de Saturno, o deus da agricultura, festejado pelos antigos romanos nos dias da Saturnália, acompanham a transformação do casal plebeu que governará durante o Reinado do Desgoverno no Carnaval da Sapucaí.</p>	<p>Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira (2022)</p>	<p>Harmonia</p>
01	<p>Festival de Bastet</p> 	<p>No Egito antigo, os deuses eram celebrados em grandes festejos que marcavam os ciclos das estações. Um dos festivais mais populares ocorria no período da sementeira, em homenagem a Bastet, a deusa da fertilidade e do amor, representada com uma cabeça de gata negra e seus símbolos sagrados. Segundo o historiador Heródoto, o Festival de Bastet atraía milhares de pessoas e os dias eram cheios de prazer, alegria, canto e dança, para louvar a divindade e invocar bons plantios e colheitas.</p>	<p>Comunidade (2022)</p>	<p>Harmonia</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Feliz Akitu!</p> 	<p>As celebrações do sagrado Festival Akitu inauguravam o tempo de renovação da vida e da natureza, garantindo ao império da Babilônia um novo ciclo de fartura, prosperidade e riqueza, desejos simbolizados pelo destaque.</p>	<p>Destaque de Chão Kauany Glória (2022)</p>	<p>Harmonia</p>
02	<p>Festival Akitu</p> 	<p>Da antiga Babilônia, vem o Festival Akitu, realizado no início da primavera, em honra ao deus supremo Marduk. Nos dias da passagem do ano babilônico, a população se reunia para celebrar um novo ciclo da agricultura, especialmente da cevada, cuja colheita deu origem ao nome do festival. Ao final das cerimônias, Marduk anunciava o tempo de renovação da natureza, garantindo fartura aos povos e ao império. A milenar tradição deixou seu legado nas comemorações de Ano Novo de países da região até os dias de hoje. Feliz Akitu!</p>	<p>Comunidade (2022)</p>	<p>Harmonia</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	Holi, o Festival das Cores e da Primavera 	<p>Um dos festejos religiosos mais antigos da Índia, o Holi comemora a chegada da primavera, época de renovação da esperança e da natureza. O belo Festival das Cores surgiu a partir das lendas e da devoção aos deuses hindus, como Vishnu e Krishna, simbolizando o triunfo do bem sobre o mal, o amor e a prosperidade. Pelas ruas e templos indianos, o evento continua a atrair multidões, que festejam a nova estação e brincam espalhando as cores e a alegria dos rituais ancestrais. É tempo de celebrar a vida e se colorir da cabeça aos pés. Esse é o espírito de Holi!</p>	Comunidade (2022)	Harmonia
04	Inti Raymi, a Festa do Sol 	<p>No início do inverno, os povos andinos ancestrais realizavam a Inti Raymi, a festa ao deus Sol, para louvar a poderosa divindade e clamar por bons períodos de plantios e colheitas. Considerada a mais importante celebração dos incas, a Festa do Sol tem origens nos cultos da milenar civilização de Tiwanaco, que foram incorporados pelo império inca. Com seu incrível legado de tradições, crenças, ritos e danças, a Inti Raymi atravessou os tempos e está presente, até hoje, na cultura peruana, sendo declarada Patrimônio Cultural da Nação.</p>	Comunidade (2022)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p>Festival das Lanternas</p> 	<p>De origem budista, o Festival das Lanternas chinês mantém vivas as suas tradições. A celebração acontece sempre na data da primeira lua cheia do calendário da China, encerrando o período de comemorações do Ano Novo e da chegada da primavera. Sua história remonta aos tempos do imperador Han Ming, que, em devoção a Buda, estabeleceu a tradição de acender lanternas pelos templos, palácios e casas, na primeira noite de lua cheia do ano. O evento continua a surpreender a todos, com seus ritos milenares, que buscam afastar os males e atrair boas energias e prosperidade a cada ciclo que se inicia.</p>	Comunidade (2022)	Harmonia
06	<p>Festival Kurayami</p> 	<p>Símbolos culturais do Japão, os festivais xintoístas celebram divindades guardiãs de santuários e localidades, por todo o país. Um dos consagrados santuários de Tóquio homenageia Okunitama-Okami, o deus protetor de sua província, no espetacular Festival Kurayami. São dias e noites repletos de alegria, canto e dança. Com seus trajes tradicionais e coloridos adereços sagrados, as procissões noturnas, que deram origem ao nome do festival, se espalham pelas ruas, em reverência ao espírito guardião.</p>	Comunidade (2022)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	Festival Sinulog 	<p>Nas Filipinas, o Festival Sinulog celebra o protetor Santo Niño, em um grandioso desfile de danças rituais (ou “sinulog”), coloridos trajes típicos e ritmos musicais nativos. A devoção à imagem do Menino Jesus surgiu a partir da mistura do catolicismo com as crenças dos povos originários. Diz a lenda que, durante a colonização espanhola, a pequena imagem de madeira foi encontrada intacta em um altar com ídolos nativos, após anos perdida. Desde então, o Santo Niño é considerado o milagroso protetor dos filipinos e o mais celebrado pela população.</p>	Comunidade (2022)	Harmonia
*	O Trevo da Sorte 	<p>Símbolo de boa sorte, o trevo de quatro folhas enfeita as ruas, avenidas e fantasias no Dia de São Patrício. O destaque representa a graça obtida pela fé no santo padroeiro.</p>	Destaque de Chão Paula Bergamin (2022)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantásias

Criador(es) das Fantásias (Figurinistas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<p>Dia de São Patrício</p> 	<p>A maior e mais aguardada festa da Irlanda acontece no Dia de São Patrício, em homenagem ao padroeiro nacional. Multidões vestidas de verde participam dos animados desfiles, sempre regados a muita bebida e música irlandesa. Pelas ruas, os populares duendes e trevos da sorte nas fantasias remontam à história do santo padroeiro, que buscou reunir os símbolos pagãos dos povos celtas às crenças cristãs, para difundir a fé católica no país.</p>	Comunidade (2022)	Harmonia
09	<p>Oferenda de Flores à Virgem dos Desamparados</p> 	<p>As ruas de Valência, na Espanha, se enchem de alegria e emoção na festa de Oferenda de Flores à Virgem dos Desamparados, padroeira da cidade. Milhares de pessoas, com trajes espanhóis tradicionais e estandartes da santa, participam do animado cortejo até a Basílica da Virgem, para ornar uma imagem da padroeira, instalada na praça, e agradecer a sua proteção. A devoção à santa se deve às curas milagrosas a ela atribuídas, ao longo dos séculos, pela população de Valência.</p>	Comunidade (2022)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p>Festas para São Jorge</p> 	<p>São Jorge, o popular santo guerreiro, é considerado padroeiro de diversos países, estados e cidades, além de ser reverenciado por diferentes religiões. As celebrações em sua homenagem atraem multidões mundo afora, em procissões e desfiles, para festejar o seu dia e rogar por proteção. O lendário mártir e soldado romano, que lutou pela sua fé cristã e venceu o terrível dragão do mal, atravessa os tempos como um símbolo de coragem e resistência em todos os lugares. Salve Jorge!</p>	Comunidade (2022)	Harmonia
*	<p>A Fé Invencível</p> 	<p>O destaque representa a fé invencível inspirada pela coragem e a força do santo guerreiro.</p>	Destaque de Chão Andrea Andrade (2022)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p>Festas de Iemanjá, a Rainha do Mar</p> 	<p>Divindade afro-brasileira das mais populares e veneradas, Iemanjá, a Rainha do Mar, é festejada por multidões em cerimônias nas praias de diferentes estados, como Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo. No movimento azul das águas, a amorosa e vaidosa orixá, com seu espelho prateado, recebe as oferendas lançadas ao mar. Mãe das águas e de todos os orixás, Iemanjá também é a mãe carinhosa de seus devotos e admiradores.</p>	Comunidade (2022)	Harmonia
12	<p>Lavagem do Bonfim</p> 	<p>Uma das maiores manifestações religiosas populares da Bahia é a lavagem das escadarias da Igreja do Senhor do Bonfim. Todos os anos, a procissão festiva percorre as ruas de Salvador até a Colina Sagrada, com seus ritos católicos e de matriz africana. O cortejo é levado por tradicionais baianas, que carregam vasos de flores e água de cheiro para lavar os degraus e o átrio da igreja. O branco de suas vestes é a cor de Oxalá, o deus iorubá associado ao Nosso Senhor. Coloridas fitas do Bonfim também são um símbolo do grande festejo marcado pelo sincretismo religioso brasileiro.</p>	Baianas (2019)	Vera

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>A Flor da Festa</p> 	<p>As festas juninas levantam a Sapucaí com a alegria contagiante da Rainha de Bateria! Ela traz a beleza das flores que enfeitam os arraiais do Brasil, dando aos festejos um colorido todo especial! Ô, balancê!</p>	<p>Rainha de Bateria Sabrina Sato (2022)</p>	<p>Harmonia</p>
13	<p>Festas Juninas</p> 	<p>As festas juninas, que celebram São João, São Pedro e Santo Antônio, transformam regiões do país em um grande arraial. Suas antigas tradições chegaram ao Brasil, no período da colonização portuguesa. Ao longo dos tempos, se misturaram aos costumes e crenças populares do interior e da vida nos campos e se espalharam pelas cidades, sempre com muita alegria, comidas e danças típicas. É só vestir a roupa caipira e brincar no ritmo contagiante do “arraiá”!</p>	<p>Bateria (2018)</p>	<p>Mestre Macaco Branco</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Noivas em Festa</p> 	<p>Os destaques são noivas muito animadas que entram na Avenida para encantar o público e anunciar: a festa de um casamento pra lá de especial vai começar!</p>	<p>Destaques de Chão Dandara Barreto e Anna Karolina (2019)</p>	<p>Harmonia</p>
14	<p>Casamento na Roça</p> 	<p>Como manda o figurino, o casamento na roça acontece durante os festejos juninos. Esse momento tão aguardado em todos os arraiais é uma versão divertida das cerimônias matrimoniais e também celebra Santo Antônio, o “santo casamenteiro”. No ritmo da dança e das brincadeiras típicas, os noivos fazem a alegria da festa!</p>	<p>Passistas (2019)</p>	<p>Gabriel Castro</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	Cavalcadas 	Os festejos de fé se espalham pelo interior do país, mantendo vivas as suas tradições. As cavalcadas são uma representação das batalhas medievais entre cristãos e mouros, na Península Ibérica. Trazidas pelos portugueses, para difundir a fé católica, as encenações se tornaram um grande folguedo popular. Com seus trajes coloridos e exuberantes, os cavaleiros se lançam nas cavalcadas e encantam a todos, ao som de músicas e danças típicas, principalmente nas cidades do Centro-Oeste, Sul e Sudeste.	Comunidade (2022)	Harmonia
16	Círio de Nazaré 	Em Belém do Pará, a devoção a Nossa Senhora de Nazaré toma conta das ruas, na maior manifestação católica do Brasil. O Círio de Nazaré reúne milhões de fiéis na procissão que transporta a imagem da santa até a sua Basílica. São dias festivos, cheios de alegria e emoção. Para os romeiros, a corda que leva a esplêndida berlinda simboliza o elo com a santa. Todos querem tocar ou “ir na corda”, como forma de demonstrar intensamente a sua fé. Os bispos das dioceses acompanham a festa e pedem bençãos a Nossa Senhora, para que seus filhos vivam em paz e harmonia.	Comunidade (2022)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<p>Festival de Parintins</p> 	<p>Símbolo da magia amazônica, o Festival de Parintins encanta multidões no espetacular duelo de cores dos bois Garantido e Caprichoso. A grande manifestação folclórica brasileira, repleta de religiosidade e tradições dos povos indígenas, conta a lenda da morte e ressurreição do boi-bumbá, que renasce, todos os anos, a partir dos rituais espirituais do pajé. Ao som das toadas, os grupos cantam, dançam e celebram o mítico boi, com seus coloridos símbolos tradicionais.</p>	Comunidade (2022)	Harmonia
*	<p>A Magia de Parintins</p> 	<p>A competição entre o Boi Garantido, cujas cores emblemáticas são o vermelho e o branco, e o Boi Caprichoso, de preto e azul, é vencida por aquele que desfilar com mais paixão e encantar o público. O destaque representa a magia do Festival de Parintins, que apaixonou a todos que entram nessa disputa.</p>	Destaque de Chão Dandara Oliveira (2022)	Harmonia

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	Festival Galungan 	<p>Em Bali, na Indonésia, a população celebra seus mortos e ancestrais em espetaculares e animados festejos. Uma das mais importantes cerimônias hindus, o Festival Galungan (que significa “voltar”) saúda os espíritos dos antepassados em dias consagrados. Os balineses acreditam que os deuses e os espíritos de familiares retornam à Terra para participar de rituais e receber homenagens e orações. Repletas de danças, trajes tradicionais e cestos de oferendas, as festividades lotam as ruas e templos, em sinal de acolhimento, reverência e gratidão.</p>	Comunidade (2022)	Harmonia
19	A Dança das Máscaras 	<p>O culto aos antepassados é essencial nas tradições dos povos africanos de Mali. Os Dogon mantêm uma relação festiva com a morte, como forma de ressurreição e fecundidade, dedicando cerimônias e festejos rituais aos seus ancestrais. Considerada patrimônio imaterial, a Dança das Máscaras é realizada para que os espíritos dos mortos façam uma boa jornada e transmitam a sua energia vital. Durante dias, celebram com vestes coloridas, decoradas com búzios, e suas máscaras sagradas, que simbolizam a conexão com o mundo espiritual.</p>	Comunidade (2022)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<p>Festival do Fogo</p> 	<p>Nas ilhas de Shetland, na Escócia, o espetacular Festival do Fogo é realizado por descendentes de vikings, em homenagem à memória e às tradições dos povos que habitaram a região. Todos os anos, milhares de pessoas desfilam com trajes vikings e tochas nas mãos, em meio a cânticos e muita bebida. O ponto alto é a queima de uma embarcação, remontando aos célebres funerais festivos dos antigos guerreiros, que acreditavam que a morte gloriosa os levaria a Valhala, o mítico Salão dos Mortos, onde viveriam e comemorariam com os deuses.</p>	Comunidade (2022)	Harmonia
21	<p>Jazz Funeral</p> 	<p>Em Nova Orleans, os cortejos funerários de jazz mantêm vivas as tradições religiosas afro-americanas e suas heranças culturais. Nos cortejos, a música e a dança garantem uma boa jornada aos mortos e transformam a despedida em uma alegre celebração à vida. As bandas começam com ritmos solenes, mas logo se tornam animados e comemorativos. Pelas ruas, todos dançam e agitam sombrinhas no ar, festejando a vida e a história de quem partiu. É impossível ficar parado! Como costumam dizer, foi assim que o jazz colocou “fun” (diversão) em “funeral”!</p>	Comunidade (2022)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	Dia dos Mortos 	<p>O Dia dos Mortos, no México, é uma celebração à vida e à memória dos entes queridos que faleceram, uma grande festa com muitas cores, enfeites, flores, música, dança e oferendas. Essa característica da cultura mexicana tem origem indígena e remonta aos tempos das civilizações pré-colombianas. A morte não é encarada como o fim, mas como a transformação ou o “rejuvenescimento da vida”. As caveiras pintadas e decoradas estão por toda parte, nas decorações e nas fantasias de milhares de pessoas que cantam e dançam durante as celebrações. O sentimento coletivo que se espalha pelas ruas é de felicidade!</p>	Comunidade (2022)	Harmonia
*	A Beleza das Flores 	<p>No Dia dos Mortos, as flores enfeitam altares, ruas e fantasias, simbolizando a beleza e a efemeridade da vida. O destaque representa o encanto das flores que ornaram a festa em homenagem aos ancestrais e dão um colorido especial às ruas das cidades mexicanas.</p>	Destaque de Chão Gaby Martins (2022)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p>Compositores</p> 	Os compositores desfilam com traje tradicional.	Compositores (2019)	Thalles Henrique
24	<p>Velha-Guarda</p> 	A Velha-Guarda desfila com seu traje tradicional.	Velha-Guarda (2019)	Cheila Rangel
25	<p>A Corte de Momo</p> 	O grupo cênico, composto por personagens do Carnaval, representa a Corte de Momo, que apoia Sua Majestade em suas viagens pelo mundo da folia.	Grupo Cênico (2022)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
26	Carnaval de Veneza 	<p><i>Inspirado nos costumes da Itália renascentista, o Carnaval de Veneza recebe animados foliões, que, escondidos atrás de lindas máscaras e vestimentas, só se reconhecem na euforia da deliciosa brincadeira da folia. Todos os anos, a cidade veneziana se transforma e seus moradores se fantasiam com máscaras e roupas típicas e luxuosas, no estilo dos nobres medievais ou do século XVII e de personagens da <i>Commedia Dell'Arte</i>, que permitem libertar a imaginação, voltar no tempo e celebrar. Os foliões se encontram na Praça de São Marcos para festejar e participar de concursos e desfiles pela cidade. Em 1296, a festa foi formalizada por meio de um decreto do Senado, que declarava que o último dia antes da Quaresma seria marcado pelo Carnaval.</i></p>	Comunidade (2022)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
27	<p>Carnaval de Nice</p> 	<p>As origens do Carnaval de Nice, na França, remontam ao final do século XIII, quando o então Conde da Provença, Charles d’Anjou, viveu os “dias da alegria do Carnaval” na região. Mas somente a partir de 1873 a folia passou a acontecer como conhecemos hoje – com fantasias, bailes e desfiles de carros alegóricos. Até então, as celebrações carnavalescas na cidade eram, principalmente, um festejo popular. Hoje, é o maior Carnaval da França e o principal evento da Riviera durante o inverno. A Batalha de Flores, representada nas coloridas fantasias da ala, faz parte das suas tradições, quando milhares de flores produzidas na região são atiradas aos espectadores.</p>	Comunidade (2022)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
28	Mardi Gras 	<p>Bailes e bandas animam o Mardi Gras (do francês, <i>Terça-Feira Gorda</i>), nas cidades da Louisiana, nos Estados Unidos, onde se misturam tradições europeias, africanas e caribenhas. As primeiras festas carnavalescas da região ocorreram no período da fundação da cidade de Nova Orleans, pelos franceses, no início do século XVIII. Ao longo dos tempos, os festejos do Mardi Gras se expandiram e se tornaram um dos grandes carnavais do mundo. A distribuição de colares de miçangas e contas para os brincantes é típica dos desfiles populares pelas ruas, além das cores roxa, verde e dourada nos adereços, alegorias e vestimentas.</p>	Comunidade (2022)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantásias

Criador(es) das Fantásias (Figurinistas)

Paulo Barros

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
29	<p>Escolas de Samba do Rio de Janeiro</p>  <p><i>* Abaixo de cada imagem, há indicação da variação de cores das fantasias da ala.</i></p>	<p>No Brasil, durante o período da folia, as escolas de samba tomam conta da Avenida, no maior espetáculo a céu aberto da Terra. Um dos símbolos sagrados de uma escola de samba é a sua bandeira. Com orgulho e reverência, casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira bailam sua arte, conduzindo seus divinos estandartes. Na Sapucaí, a Vila Isabel faz sua homenagem a algumas das mais importantes agremiações que fizeram história nos desfiles de Carnaval no Rio de Janeiro.</p>	Comunidade (2022)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Paulo Barros				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
30	<p>Blocos de Rua</p> 	<p>Arlequins, colombinas, melindrosas, bate-bolas, baianinhas e índios são personagens tradicionais dos carnavais de rua. Os blocos carnavalescos, geralmente, são animados por bandas, carros de som ou trios elétricos. Na folia da Vila Isabel, os blocos trazem a nostalgia dos carnavais de antigamente, que inspiram os foliões até hoje na hora de escolher suas fantasias!</p>	Comunidade (2022)	Harmonia
31	<p>A Vila Faz a Festa!</p> 	<p>Amigos, convidados e colaboradores da Unidos de Vila Isabel fazem a festa na Passarela do Samba.</p>	Amigos da Vila (2022)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadávia Correa, 60 – Barracão N° 05 – Gamboa – Rio de Janeiro – Cidade do Samba	
Diretor Responsável pelo Atelier Fábio França	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Dailza	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Leandro Santos
Aderecista Chefe de Equipe Leandro Santos	Sapateiro(a) Chefe de Equipe Zé
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Paulo Barros	- Criador do Projeto Plástico das Fantasia
Paulo Barros e Júnior Barata	- Desenhos e Figurinos
Paula	- Espuma
Artur	- Placas
Vitor	- Vime
Paulo	- Arames
Jorge Abreu	- Maquiagem
Leandro Assis	- Pintura
Wallace	- Corte
Outras informações julgadas necessárias	
As imagens dos croquis reproduzidas nas fichas são originais e servem apenas como referência, pois foram realizadas modificações na execução das fantasia, de acordo com materiais disponíveis no mercado.	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo Dinny da Vila, Kleber Cassino, Mano 10, Doc Santana e Marcos		
Presidente da Ala dos Compositores Thalles Henrique		
Total de Componentes da Ala dos Compositores 70 (setenta)	Compositor mais Idoso (Nome e Idade) Jonas da Vila 84 anos	Compositor mais Jovem (Nome e Idade) Douglas Santos 27 anos
Outras informações julgadas necessárias		
<p>Viver, sentir prazer Eu quero é mais me embriagar de tanto amor Ver o sagrado e o profano em sintonia Cair dentro da folia foi deus Baco que ensinou O mundo canta forte, canta alto Pelas ruas o cortejo No batuque e na dança Pedir, agradecer e celebrar é o dom de superar Renovando a esperança</p> <p>Eu sou da Vila batizado no terreiro São Jorge protetor, Salve o padroeiro! A voz do morro traz o samba na raiz O ano inteiro sou festeiro e sou feliz</p> <p>Seguindo em frente encarando o dia a dia É garantido e caprichoso emocionar Na explosão de cores, show de alegria Água de cheiro oferendas ao mar Pulei fogueira, anarriê no arraiá brinquei Na despedida também festejei Renasce na saudade a nossa devoção Vou respeitando a diversidade Seja qual for a religião</p> <p>O Rei Momo convidou minha Vila Isabel Nessa festa eu levo fé Sou herdeiro de Noel No tambor da Swingueira Toda a luz do meu axé... Evoé... Evoé!</p>		

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

JUSTIFICATIVA DA LETRA DO SAMBA:

Os compositores desta obra se uniram para compor um samba que representasse a comunidade do Morro dos Macacos, onde alguns nasceram, foram criados e moram até hoje. Decidiram, então, utilizar uma narrativa na primeira pessoa, para que cada componente pudesse abraçar o samba e sentir que a energia da mensagem contida na letra traduz a verdade e a vontade que vêm do próprio coração. O objetivo é que, a partir dessa composição, os componentes possam bater no peito e expressar o orgulho de fazer parte da história da família Unidos de Vila Isabel: uma escola de samba, uma escola de vida.

Com muita fé, muita festa e o total apoio da Comunidade, os compositores sagraram-se campeões da disputa, realizando um sonho coletivo e também individual.

Sou o Folião que, após passar por essa pandemia, “renasce das cinzas” e traz os festejos de fé no Brasil e no mundo. Chegou a hora de espantar a tristeza e voltar a sorrir. Sou da Vila e não tem jeito, comigo eu quero respeito, o meu negócio é sambar. VIVER, SENTIR PRAZER, EU QUERO É MAIS ME EMBRIAGAR DE TANTO AMOR, VER O SAGRADO E O PROFANO EM SINTONIA, CAIR DENTRO DA FOLIA FOI DEUS BACO QUE ENSINOU. Sou o povo que em diversas partes do MUNDO CANTA FORTE, CANTA ALTO, PELAS RUAS O CORTEJO NO BATUQUE E NA DANÇA. Trago a religiosidade na alma, aprendi com a vida a PEDIR, AGRADECER E CELEBRAR É O DOM DE SUPERAR, RENOVANDO A ESPERANÇA, abençoado por todos os deuses, EU SOU DA VILA BATIZADO NO TERREIRO, SÃO JORGE PROTETOR, SALVE O PADROEIRO, minha arte não se cala A VOZ DO MORRO TRAZ O SAMBA NA RAÍZ, O ANO INTEIRO SOU FESTEIRO E SOU FELIZ. Guerreiro não foge da luta, apesar das adversidades, vou SEGUINDO EM FRENTE, ENCARANDO O DIA A DIA, É GARANTIDO E CAPRICHOSO EMOCIONAR, NA EXPLOSÃO DE CORES SHOW DE ALEGRIA, ÁGUA DE CHEIRO OFERENDAS AO MAR, PULEI FOGUEIRA, ANARRIÊ NO ARRAIÁ BRINQUEI, em memória dos que já se foram NA DESPEDIDA TAMBÉM FESTEJEI, RENASCE NA SAUDADE A NOSSA DEVOÇÃO. A Constituição dessa Pátria Amada já diz, “somos um país laico”, VOU RESPEITANDO A DIVERSIDADE, SEJA QUAL FOR A RELIGIÃO. Sou eu o verdadeiro dono da maior festa do planeta, o Carnaval, onde o Comandante da Folia foi criado, inspirado em Deus Baco. E, hoje, ele, O REI MOMO CONVIDOU, MINHA VILA ISABEL, NESSA FESTA EU LEVO FÉ, sou sambista do bairro mais boêmio do meu Rio de Janeiro, SOU HERDEIRO DE NOEL, NO TAMBOR DA SWINGUEIRA, TODA LUZ DO MEU AXÉ... EVOÉ... EVOÉ!

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

JUSTIFICATIVA DA MELODIA DO SAMBA:

Propositalmente inspirados em grandes sambas que se tornaram antológicos, os autores optaram por uma melodia de estrutura autêntica, inédita, simples e de fácil memorização. Em tom maior e com variações em menor em algumas frases, onde a mensagem da letra sugere. Um samba sem quebras melódicas, com espaços para a respiração, sem palavras atropeladas, onde o ritmo e a duração das notas se destacam combinando versos e rimas. A finalidade foi criar uma melodia dinâmica para impulsionar e unificar o canto dos componentes da Escola, bem no estilo arrasta-povo, e assim remeter à alegria, que é a essência do enredo. O samba alterna caminhos melódicos e harmônicos, com a intenção de expressar sentimentos de pureza, saudosismo e fé. Uma melodia que contagia quem ouve, e incentiva a cantar.

FICHA TÉCNICA

Bateria

Diretor Geral de Bateria

Mestre Macaco Branco

Outros Diretores de Bateria

Buda, Jean, Menguinho, Cleber, Pulguinha, Mariozinho, Cassiano, Jorge Pedro, Rafael, Malcon, Mangueirinha, P.V, Wolverine, Pivete, Ivo Francis, Romulo, Cirilo, Thayane, Thalita e Geraldo

Total de Componentes da Bateria

276 (duzentos e setenta e seis) componentes

NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
13	13	16	-	-
Caixa 50	Tarol 50	Tamborim 36	Tan-Tan 01	Repinique 40
Prato -	Agogô -	Cuíca 24	Pandeiro 04	Chocalho 24

Outras informações julgadas necessárias

Xequerês – 05 Componentes

Bateria

Nome da Fantasia: Festas Juninas

O que representa: As festas juninas, que celebram São João, São Pedro e Santo Antônio, transformam regiões do país em um grande arraial. Suas antigas tradições chegaram ao Brasil, no período da colonização portuguesa. Ao longo dos tempos, se misturaram aos costumes e crenças populares do interior e da vida nos campos e se espalharam pelas cidades, sempre com muita alegria, comidas e danças típicas. É só vestir a roupa caipira e brincar no ritmo contagiante do “arraiaí”!

Rainha de Bateria: Sabrina Sato

Nome da Fantasia: A Flor da Festa

O que representa: As festas juninas levam a Sapucaí com a alegria contagiante da Rainha de Bateria! Ela traz a beleza das flores que enfeitam os arraiais do Brasil, dando aos festejos um colorido todo especial! Ô, balancê!

Diretor Geral de Bateria – Mestre Macaco Branco: O percussionista Anderson Andrade, mais conhecido como “Macaco Branco”, nasceu em Vila Isabel e, como bom representante do bairro de Noel, começou ainda criança a frequentar a escola de samba. O amor pela música vem desde então, quando a latinha de refrigerante e o palito de churrasco formavam o tamborim improvisado. Seu interesse e vocação eram notórios e, por isso, ganhou de presente um instrumento de verdade. Logo começou a desfilar na bateria de escolas mirins, como Herdeiros da Vila e Aprendizes do Salgueiro. Aos 14 anos, fez sua estreia na bateria da escola de samba G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel e, um ano mais tarde, já era o responsável pela ala de tamborins, além de dar aulas de percussão no projeto desenvolvido pela agremiação.

FICHA TÉCNICA

Bateria

Outras informações julgadas necessárias

Macaco Branco deu, aos 18 anos, um importante passo em sua carreira quando conheceu Márcia Alvarez, empresária, que reconheceu seu talento e o convidou para fazer parte da nova banda da cantora Mart'nália. Trabalhando ao lado da cantora, aprendeu a tocar outros instrumentos de percussão que ampliaram seu horizonte para além do universo das escolas de samba. Tal vivência foi fundamental para aprimoramento e lhe permitiu fazer shows ao lado de artistas como Alcione, Celso Fonseca, Emílio Santiago, Luiz Melodia, Márcia Castro, Maria Rita, Paulinho Moska e Zélia Duncan. Também participa de gravações de trilhas sonoras e do CD das Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Atualmente, o percussionista faz parte da banda do cantor Dudu Nobre, Pedro Luis, Hamilton de Holanda e Mart'nália, além de tocar junto à equipe do Samba de Santa Clara. Na carreira profissional, Macaco também atua dando aulas e workshops pelo Brasil afora. O músico já ministrou cursos de percussão na Colômbia e ocupou o posto de diretor musical da Unidos de Vila Isabel e da Acadêmicos do Sossego, onde também atuou como mestre de bateria. Atualmente, Macaco ocupa o posto de mestre de bateria da Unidos de Vila Isabel. Sua estreia no cargo ocorreu no Carnaval de 2019, tendo, antes disso, atuado em diversas funções dentro da bateria, como ritmista, diretor de tamborim e diretor de marcação. Em seu quarto Carnaval à frente da Swingueira de Noel, coordenará os 276 ritmistas da agremiação.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

Marcelinho Emoção

Outros Diretores de Harmonia

Valter Ferreira (Valtinho), Fernando Veiga (Faqui), Júlio César (Tio Júlio), Edson Guilherme, Expedito Azevedo, Sérgio Fernando (Preto Velho), Wanderson Sodré, Chico Branco, Marco Antônio (Marcão), Ednelson dos Santos (Didi), Alair Farias, Gilberto da Silva (Cabeça Rica) e Jorge Luiz Pitanga

Total de Componentes da Direção de Harmonia

70 (setenta) componentes

Puxador(es) do Samba-Enredo

Tinga

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Douglas (Cavaco), Léo Antunes (Cavaco), Kayo Calado (Violão) e Wandré (Violão)

Outras informações julgadas necessárias

Cantores de Apoio: Gera, Thiago Brito, Tuninho Jr, Rafael Tinguinha, Juan Briggs, Breno, Henrique e Yanick Bomfim

Direção Musical: Raphael Prates

Diretor Geral de Harmonia – Marcelinho Emoção: Começou na Tupy de Brás de Pina. Passou pela Harmonia do G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense, nos tempos áureos da escola. Foi para o G.R.E.S. Beija-Flor, no ano em que a agremiação conquistou seu bicampeonato. A seguir, passou pelo G.R.E.S. Unidos da Tijuca, onde vivenciou duas conquistas. No G.R.E.S. Estação Primeira de Mangueira, no início da atual gestão, foi campeão. Em 2023, lidera pelo quinto Carnaval consecutivo a Harmonia do G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel.

Intérprete Oficial – Tinga: Anderson dos Santos, o Tinga, é oriundo do G.R.C.E.S.M. Herdeiros da Vila. De 2002 a 2004, fez parte do carro de som do G.R.E.S. Unidos da Tijuca. Morador da comunidade do Morro dos Macacos, atuou como primeiro intérprete do G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel, durante 10 anos, entre 2004 e 2013. Em 2014, Tinga tornou-se a voz oficial do G.R.E.S. Unidos da Tijuca e, em 2019, retornou para defender com sua voz marcante sua escola de origem.

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução Moisés Carvalho
Outros Diretores de Evolução Valtinho, Faquir, Lucimar, Júlio, Toninho, Alexandre, Lúcia, Wânia, Edson, Marcelo, Expedito, Sérgio e Wanderson
Total de Componentes da Direção de Evolução 50 (cinquenta) componentes
Principais Passistas Femininos Anna Karolina Carvalho, Ênya Christine, Juliana Moraes, Elaine de Oliveira e Rafaela Xavier
Principais Passistas Masculinos Hudson Gaspar (Estandarte de Ouro 2019), Edson Cunha, Pedro Gaspar, Baltazar Júnior e Jairo Cruz
Outras informações julgadas necessárias <p>Diretor Geral de Evolução: Moisés Carvalho – Moisés traz em sua bagagem mais de 20 anos de vivência na direção de Escolas de Samba. Após 15 anos dirigindo a Unidos do Porto da Pedra e uma passagem pela Portela em 2017, chega em 2023 coordenando com maestria seu quinto projeto na Vila Isabel.</p> <p>Coordenador da Ala de Passistas: Gabriel Castro – Neto de Mestre Telinho da Mangueira e afilhado de batismo de João Nogueira, foi o diretor de passistas mais novo da história da Sapucaí aos 17 anos, em 2007. Recebeu do jornalista e colunista Hélio Ricardo Rainho o apelido de "Reizinho de Madureira" e é, também, o 2º Diretor/Coordenador mais premiado do Carnaval, destacando-se entre eles: 01 Estandarte de Ouro, 03 S@mbaNet, 02 Troféu SRZD, 02 Troféu Jorge Lafond e 03 Troféu Jornal do Sambista. Em 2019, conquistou o Prêmio S@mbaNet de Melhor Conjunto de Passistas.</p> <p>Nome da Fantasia da Ala de Passistas: Casamento na Roça O que representa: Como manda o figurino, o casamento na roça acontece durante os festejos juninos. Esse momento tão aguardado em todos os arraiais é uma versão divertida das cerimônias matrimoniais e também celebra Santo Antônio, o “santo casamenteiro”. No ritmo da dança e das brincadeiras típicas, os noivos fazem a alegria da festa!</p>

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Vice-Presidente de Carnaval		
-		
Diretor Geral de Carnaval		
Moisés Carvalho		
Outros Diretores de Carnaval		
-		
Responsável pela Ala das Crianças		
-		
Total de Componentes da Ala das Crianças	Quantidade de Meninas	Quantidade de Meninos
-	-	-
Responsável pela Ala das Baianas		
Vera		
Total de Componentes da Ala das Baianas	Baiana mais Idosa (Nome e Idade)	Baiana mais Jovem (Nome e Idade)
70 (setenta)	Clementina Ricardo Augusto (87 anos)	Geisa Anacleto (27 anos)
Responsável pela Velha-Guarda		
Cheila Rangel		
Total de Componentes da Velha-Guarda	Componente mais Idoso (Nome e Idade)	Componente mais Jovem (Nome e Idade)
70 (setenta)	Terezinha de Jesus Cardoso (91 anos)	Suely Fernandes da Silveira (62 anos)
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)		
Martinho da Vila (Presidente de Honra) e Sabrina Sato		
Outras informações julgadas necessárias		

FICHA TÉCNICA**Comissão de Frente**

Responsável pela Comissão de Frente Alex Neoral e Marcio Jahú		
Coreógrafo(a) e Diretor(a) Alex Neoral e Marcio Jahú		
Total de Componentes da Comissão de Frente 15 (quinze)	Componentes Femininos 04 (quatro)	Componentes Masculinos 11 (onze)
Outras informações julgadas necessárias		
<p>Comissão de Frente - Êxtase A Comissão de Frente representa o êxtase provocado pelo vinho, um estado da alma em que os sentidos se desprendem das coisas materiais, um prazer capaz de conduzir os seres à inspiração absoluta, de tirá-los do chão e aproximá-los da divindade a quem cultuam. Conta a mitologia greco-romana que, por onde o cortejo de Baco, o deus do vinho, caminha, brotam videiras carregadas de cachos de uva. Observado por seu preceptor, Sileno, filho de um sátiro com uma humana, Baco embriaga sua corte de sátiros (metade homem, metade bode) e ninfas, que dançam em frenesi em homenagem à divindade. No enredo da Vila Isabel, Baco se transforma em Momo, o Rei do Carnaval. O deus encarrega Momo de conceber uma grande festa, e Sua Majestade, entusiasmada, comanda o espetáculo de fé e alegria!</p>		
<p>Sobre os Coreógrafos: Alex Neoral: Carioca, iniciou os estudos em dança em 1994. Como bailarino, fez parte de importantes companhias, como: Cia de Dança Deborah Colker, Cia Nós da Dança, Grupo Tápias e Cia Vacilou Dançou. Em 2000, fundou a Focus Cia de Dança, experimentando suas primeiras criações, sendo atualmente uma das companhias mais atuantes do Brasil, já tendo se apresentado em mais de 100 cidades brasileiras e países como Alemanha, Itália, Panamá, França, Portugal, Estados Unidos, Canadá, México, Costa Rica, Bolívia e Colômbia. Como professor de dança contemporânea, ministrou aulas em Washington DC, Canadá, México e na Itália, além de vários workshops pelo Brasil. Como coreógrafo convidado, fez inúmeros trabalhos, destacando para o City Dance Ensemble de Washington DC, Lamondance em Vancouver, peças inéditas para o Teatro Bolshoi no Brasil, Cia Nós da Dança e São Paulo Cia de Dança, além de musicais e peças teatrais. Em 2016, sua Cia foi agraciada com a Comenda Ordem do Mérito Cultural, o prêmio mais importante do Ministério da Cultura. Em 2017, passou seis meses em Paris, residente na Cité des Arts. No Carnaval, Alex atua como coreógrafo de comissões de frente há 13 anos, já tendo passado pelas escolas de samba Imperatriz Leopoldinense, Unidos da Tijuca e Unidos do Viradouro. Em 2020, fez história na agremiação de Niterói, com a aclamada comissão de frente da “sereia”, conquistando diversos prêmios da categoria, como o Estandarte de Ouro. Atualmente, Alex está de volta, pela terceira vez, na Unidos de Vila Isabel, comandando a Comissão de Frente da terra de Noel, com Marcio Jahú.</p>		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Marcio Jahú: Bailarino carioca formado pelo Centro de Dança Rio e graduado em licenciatura em dança pela UniverCidade, em 2004 e 2005, respectivamente. Ingressou na Focus Cia de Dança, em 2006, onde atuou por 14 anos, participando de diversas criações de espetáculos e turnês pelo Brasil e exterior, dançando em palcos da França, EUA, Alemanha, Panamá, Canadá e outros, além de quase todas as capitais brasileiras. Foi indicado como melhor bailarino pelo Primeiro Prêmio Cesgranrio de Dança, em 2019, além de indicações e prêmios pela Focus Cia de Dança, como Melhor Elenco. Ao lado de Alex Neoral, desde 2009, assina coreografias em comissões de frente do Carnaval carioca (atualmente, integram juntos a Unidos de Vila Isabel). Marcio é hoje diretor artístico da Focus - Espaço de Criação.

FICHA TÉCNICA**Mestre-Sala e Porta-Bandeira**

1º Mestre-Sala Marcinho Siqueira	Idade 30 anos
1ª Porta-Bandeira Cristiane Caldas	Idade 38 anos
2º Mestre-Sala Jackson Senhorinho	Idade 37 anos
2ª Porta-Bandeira Bárbara Dionísio	Idade 23 anos

Outras informações julgadas necessárias**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira****Nome da fantasia: Reinado do Desgoverno**

O que representa: O Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira representam o Reinado do Desgoverno, quando eram selecionados membros mais humildes de uma família para tomar o lugar da realeza e governar durante o período da Saturnália, festa em homenagem a Saturno, deus da agricultura, divindade que simbolizava a igualdade entre os homens. Essa transformação de pessoas do povo na realeza, uma subversão da ordem social, é identificada por muitos estudiosos como uma das origens do Carnaval. Nos dias de folia, o povo veste a fantasia e vive a magia de se transformar no que quiser ser, uma inversão proposital da ordem estabelecida, onde todos podem se libertar das restrições impostas pela vida cotidiana.

**Portal da Saturnália**

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Nome da Fantasia: A Dança Dogon

O que representa: Os povos africanos Dogon, da região de Mali, celebram seus ancestrais em festejos rituais. O Casal da Vila Isabel representa a Dança das Máscaras, realizada para que os espíritos dos mortos façam uma boa jornada. Em solo sagrado, dançam com vestes coloridas, decoradas com búzios e palha. A Porta-Bandeira traz as máscaras sagradas, que simbolizam a conexão entre o Céu e a Terra.



1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira:

Marcinho Siqueira: Dando seus primeiros passos na arte do Mestre-Sala na Escola de Mestre Manoel Dionísio em 2005, Marcinho estreou na função já em 2006, como segundo Mestre-Sala da Unidos de Villa Rica. Em 2007, foi para a União da Ilha, como terceiro Mestre-Sala. De 2008 a 2011, desfilou como Mestre-Sala na Tradição. Retornando à União da Ilha, em 2010, como terceiro Mestre-Sala, passa para segundo no Carnaval de 2012, estreando, em 2014, como primeiro Mestre-Sala da escola, ao lado de Cristiane Caldas, e ganhando o Estandarte de Ouro de Revelação. Saindo da escola, em 2016, Marcinho defendeu a União do Parque Curicica, em 2017, e voltou a dançar com sua atual Porta-Bandeira, em 2018 e 2019, na Mocidade Independente de Padre Miguel, ganhando o Prêmio Sambanet de Melhor Casal já na estreia. Após um ano na Acadêmicos do Sossego, Marcinho defende o pavilhão da Unidos de Vila Isabel, desde o Carnaval de 2022.

Cristiane Caldas: Iniciando sua trajetória como Porta-Bandeira na Acadêmicos da Abolição e Vizinha Faladeira, na década de 1990, Cristiane sobe para o Grupo Especial com a Paraíso do Tuiuti, em 2000, e, com apenas 17 anos, ganha o Estandarte de Ouro de Revelação pela escola em 2001. Passando pela Portela, de 2002 a 2004, e Caprichosos de Pilares, em 2005, retorna a Paraíso do Tuiuti, em 2008. Fez sua primeira passagem pela Mocidade Independente, em 2010, indo para a Porto da Pedra, em 2012, e chegando à União da Ilha, em 2013. Na escola, dançou pela primeira vez com Marcinho, em 2014, e retornou à Mocidade Independente, em 2016. Nela, reencontrou Marcinho, em 2018, seguindo junto a ele para a Acadêmicos do Sossego, em 2020. Desde 2022, Cristiane está na Unidos de Vila Isabel, defendendo o pavilhão da branca e azul de Noel.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Coreógrafa do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira: Ana Formighieri – Coreógrafa, professora e bailarina, Ana é formada em dança pela UFRJ e pós-graduada em Conscientização do Movimento pela Faculdade Angel Vianna, tendo formação técnica nas modalidades jazz, balé clássico e dança contemporânea. Fez parte da Cia Nós da Dança, sob direção de Regina Sauer, por 10 anos, participando como bailarina de shows e programas de televisão. Foi também assistente de ensaios na Focus Cia de Dança, de Alex Neoral, e, desde 2015, é integrante da comissão artística do Sindicato dos Profissionais de Dança do Rio de Janeiro. No Carnaval, participou de comissões de frente como intérprete e assistente de coreógrafos. Já coreografou carros e alas em diferentes escolas do Grupo Especial e do Grupo de Acesso. Há 10 anos, desenvolve um reconhecido trabalho de coreografia e preparação corporal/artística para casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira. Nesse trajeto, conquistou importantes prêmios, notas máximas e reconhecimento junto aos casais com os quais trabalhou. Desde 2017, prepara o primeiro casal da Unidos de Vila Isabel e, na jornada intensa de cada Carnaval, acredita que, compartilhando sua experiência e unindo forças, se alcança o melhor resultado. Para isso, em 2023, o trabalho de Ana Formighieri com Cristiane Caldas e Marcinho Siqueira traz para a Avenida uma apresentação que se fundamenta em uma dança que se preocupa em lapidar o talento do casal, buscando acabamento impecável e qualidade técnica, sem deixar de se preocupar com a majestosa e tradicional forma de dançar o bailado do Mestre-Sala e da Porta-Bandeira apresentando seu pavilhão!

G.R.E.S. IMPERATRIZ LEOPOLDINENSE



**PRESIDENTE
CATIA DRUMOND**

*“O aperreio do cabra que o
excomungado tratou com má-querença
e o santíssimo não deu guarida”*



Carnavalesco
LEANDRO VIEIRA

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo					
<i>“O aperreio do cabra que o excomungado tratou com má-querença e o santíssimo não deu guarida.”</i>					
Carnavalesco					
Leandro Vieira					
Autor(es) do Enredo					
Leandro Vieira					
Autor(es) da Sinopse do Enredo					
Leandro Vieira					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile					
Leandro Vieira					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	A Chegada de Lampião no Inferno	José Pacheco	Luzeiro	1963	Todas
02	O Grande Debate de Lampião com São Pedro	José Pacheco	Luzeiro	Edição 2009	Todas
03	A chegada de Lampião no Céu	Guaiquan Vieira	Domínio Publico	1997	Todas
04	A Chegada de Lampião no Céu	Rodolfo Coelho Cavalcante	Luzeiro	2014	Todas
05	Lampião e Padre Cícero Num Debate Inteligente	Moreira de Acopiara	Luzeiro	2004	Todas
06	Estrelas de couro: a estética do cangaço	Frederico Pernambucano de Mello	CEPE	Edição 2022	Todas
07	Apagando o Lampião: Vida e morte do rei do Cangaço	Frederico Pernambucano de Mello	Global Editora	2018	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
08	Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil	Frederico Pernambucano de Mello	A Girafa	2004	Todas
09	Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço	Adriana Negreiros	Objetiva	2018	Todas
10	Memórias sangradas: vida e morte nos tempos do cangaço	Ricardo Beliel	Olhares	2021	Todas
11	Quem foi Lampião	Frederico Pernambucano de Mello	Stahli	1993	Todas
12	100 Cordéis Históricos Segundo a Academia Brasileira de Literatura de Cordel – ABLC	Organizador: Gonçalo Ferreira da Silva	Queima-Bucha	2008	Todas

Outras informações julgadas necessárias

HISTÓRICO DO ENREDO

Virgulino Ferreira da Silva - vulgo Lampião - é um famoso fora da lei brasileiro e o mais celebrado cangaceiro da história nacional. O mandatário do sertão nordestino – autoproclamado “rei” - não respeitou nem lei nem governo, para dominar a paisagem sertaneja entre o Ceará e o norte da Bahia até sucumbir em Sergipe aos quarenta anos e vinte e um dias de vida.

Vivo, esteve na boca do povo. Morto, ganhou a eternidade junto às palavras escritas pelos poetas populares. O fato é que a literatura de cordel, ao encontrar Lampião, não celebrou apenas o nascimento de seu personagem mais popular. Os cordéis foram os responsáveis por fomentar o roteiro que construiu um mito de contorno definitivamente ligado ao imaginário das coisas associadas ao universo nordestino.

Em linhas gerais, o cordel é uma manifestação literária tradicional da cultura popular brasileira, dotado de grande comunicabilidade. Apresentam-se como pequenos “folhetos” ilustrados com xilogravuras e seu contorno literário distante dos cânones tradicionais incorpora uma linguagem coloquial vinculada à oralidade com a intenção de provocar o riso e a comunicação de fácil assimilação.

É justamente sobre esse material artístico de grande apelo popular que o enredo O APERREIO DO CABRA QUE O EXCOMUNGADO TRATOU COM MÁ-QUERENÇA E O SANTÍSSIMO NÃO DEU GUARIDA está debruçado. Tirando partido dos cordéis que vislumbraram o destino pós morte de Lampião, a proposta carnavalesca apresentada mescla fatos históricos e uma pesquisa iconográfica baseada na estética regional com o conteúdo fantástico e delirante dos libretos populares.

Apresentando páginas de brasilidade e pronunciando palavras banhadas nos temperos orais nacionais, o enredo mergulha num ambiente de delírio e fantasia como quem faz da contação de história não apenas uma possibilidade de estímulo a uma imaginação febril, mas também, um artifício artístico que registra, documenta e resguarda a memória e a capacidade inventiva de nossa gente.

Folheando os libretos nordestinos que contam histórias fantásticas sobre a chegada de Virgulino Ferreira da Silva – o famoso Lampião – ao céu e ao inferno construímos a narrativa que desfila. Na sequência, está a sinopse que apresenta nossa proposta e seu contorno lúdico dado à permissividade fantástica dos cordéis. Com ela, a abordagem geral ganha seu contorno carnavalesco mais definitivo à medida em que nossa proposta se descortina ao apresentar em sequência as possibilidades literárias e estéticas que apresentamos como mote narrativo.

SINOPSE DO ENREDO “O APERREIO DO CABRA QUE O EXCOMUNGADO TRATOU COM MÁ-QUERENÇA E O SANTÍSSIMO NÃO DEU GUARIDA”

*Aperreio - de aperreação. Significa aperto, aborrecimento ou dificuldade / *Cabra - Referência genérica a uma pessoa, em geral do sexo masculino / *Má-querença - com má vontade; sem desejo algum / *Excomungado - Seria um dos apelidos dado ao diabo na linguagem popular brasileira / *Santíssimo – Aquilo que é santo / *Guarida - dar refúgio ou acolher alguém.

Cheiro de pólvora perfumando as ventas. O parabelo carregado e a bala cortando os ares. O calango rabisca o chão, a boiada se inflama; o cavalo galopeia aperreado. O rifle balança como menina na mão do cangaceiro. A faca talha. Fura. Mata gente.

O cabra grita, o suor desce pelo gibão de couro. O líder do bando canta e os bandoleiros se colocam a arrastar as chinelas. A poeira laranja sobe sobre o xique-xique ainda verde. Criança de colo corre. O gato late. O cachorro solta um miado fino e a turma se põe a xaxar. Xaxando, me ponho a contar, nome por nome do time que Lampião comandava: tinha Corisco e tinha Dadá. Tinha Pilão Deitado, Beato e um homem brabo, com nome de cobra, vulgo Jararaca, que ao morrer dizem ter virado santo. Tinha também Graúna, Zé Baiano, Azulão e Cirilo Antão. Não me perdoe se esquecer o nome de Cansação. Canário, companheiro de Adília, Pé de Pebra e Pé de Pato. Pajeú, Volta Seca e Zé de Julião. Juntos, essa turma esquentava como pitú com pimenta ou o sol que arde, queima e castiga o sertão. Arruaça, rebuliço, Deus nos acuda e, no meio disso, reluz - como a chama do candeeiro - a estrela de Salomão que brilha no chapéu de um cangaceiro, rei e capitão.

Contado nas palavras rimadas do cordel, cantado pelas cordas das violas do repente, tema para o gracejo do boneco mamulengo. Ele tá na boca e na reza dos beatos; nos aboios dos vaqueiros; na bagagem dos tropeiros; no motivo da lágrima que molha o rosto da carpideira. Tá lá o nome dele: Virgulino Ferreira da Silva. Vulgo Lampião, que morreu aos quarenta anos tiroteado numa emboscada que lhe separou a cabeça do cangote, no raiar de um dia vinte e oito, quando o calendário marcava o mês de julho, no ano de 1938.

Morto, Lampião foi direto aos portões do inferno. Morada do Encardido, Capiroto, Arrenegado, Pebra, Excomungado. De nome Filhote e sobrenome Danado. A casa do Tinhoso onde pensava ser tratado e aceito como bom moço. Barrado no portão, fedendo a enxofre, montado em seu cavalo – agora, só de osso - se aperreou com a demora pra entrar, fruto da discussão com um diabo ainda moço.

O certo é que Satanás, dono daquela morada, por saber de quem se tratava, não queria confusão. Se desse ingresso a um cabra com a fama de Lampião, logo, sem demora, lhe chegava a desmoralização. Diante da negação, Virgulino Ferreira se inflamou e, acredite o senhor ou não, fogo no inferno o sujeito tocou.

Em brasa, morreu pra mais de cem cão queimado. Morreu Desgraça Pouca e Bananinha. Morreu Propina. Morreu um cão chamado Preguiça. Morreu Luxúria e Avareza. Saudades, deixou o cão Safadeza. Gemendo, morreu Ypsilon. Em chamas morreu Furico. Morreu Belzebu muito apreciado por Satanás.

Sabendo do alvoroço, o Bicho Ruim mandou chamar Lubisome, gritando por Aucapone – este, com o pau da prensa – gritou por Ritlê e Moléstia. Veio uma Diaba boa e braba chamada Quem Me Dera. Uma velha, famosa como Língua de Sogra. Soltaram a Onça Caetana da coleira e foram, com a tropa armada, pro meio do tiroteio, onde o cacete batia, o filho chorava e a mãe não via. Em boa luta, pra mais de duas horas, Lampião ainda de pé, com uma caveira de boi, arreventou um cão, puxou do oitão, incendiou o mercado e lançou brasa no armazém de algodão. Prejuízo sem tamanho, matemática de se danar: perdeu-se todo o dinheiro que o Diabo ganhou com a rachadinha, queimou-se o livro de ponto, o Excomungado perdeu pra mais de vinte contos e Lampião, vendo que não era bem quisto, teve de se retirar.

Com a má-querença do excomungado, Capitão Virgulino montou-se nos costados de um azulão e arribou rumo ao portão do céu. Naquela porta, de cadeado bem trancado, bateu palmas dizendo querer entrar. Foi então que Pedro, santo carrancudo, largou do café que bebia, pra ver quem, na santíssima morada, queria estadia.

Sem crer no que via, São Pedro tratou de enxotar Lampião. Na mão esquerda sua chave, na direita, um papel de pão. Nele, escrito toda sorte de judiação: filho da gota serena, ladrão, furador de bucho e assassino ferino. Amancebado, marcador de gente, bandoleiro perigoso metido com rapariga. É pirangueiro que bulinou mulher casada. Meteu galho na testa do pai de família.

“Não seja dedo-duro”, respondeu Lampião e, com o rifle na mão, fez a exigência: “me leve até o pai, pois é ele quem sabe de tudo. Sou filho do homem. Por ele parido e não sou bastardo. Tu até parece brabo, mas nessa santíssima mansão tu não manda, tu é mandado”.

Diante da ousadia, São Pedro tocou o sino. Vejam vocês, chamou uma tropa de anjo menino. Mandou São Jorge selar o cavalo e ordenou a São Gonçalo: Chame Antônio e São Miguel. Chame também por Gabriel. Diga a Santa Rita que venha. Apresse Nossa Senhora da Penha. Diga à Bárbara que cesse a macumba; que São Longuinho apareça; que João menino traga o triângulo e a zabumba.

A santaria veio num pinote. Lampião corria, parecia uma festa junina, quando ele então, pendurou-se num balão e clamou ser levado à presença de “Cíço” Romão. “Isso é golpe baixo”, berrou São Judas Tadeu, interrompido por Santa Luzia que lhe advertiu: “Se tem padrinho, não morreu pagão. Deixe que o balão suba e leve o moço até os aposentos de Padre Cíço Romão”.

Lampião bem que tentou. Padim Ciço advogou. Mas São Pedro, o pé não arredou: “és um sujeito malcriado e o diabo também não lhe quis. Desça daqui pra terra. Vá vagar pelo sertão. Torne-se assombração, mas suma antes do fim do barulho de meu trovão”.

Mal quisto no inferno e sem a guarida do santíssimo, Lampião desceu à terra em busca de alguma morada. Astucioso, querendo a eternidade, o homem que em vida perdeu o coco para ser sabedor do que havia depois da morte, queria habitar agora o quengo que pertencia aos outros.

Primeiro, andou fazendo assombro ao abrigar-se por de trás do dente canino e pontiagudo de uma carranca que navegava no São Francisco. Na sequência, foi morar no breu do olho direito e cego de Patativa do Assaré. Esteve abrigado na sombra de cada palavra dita e escrita pela pena do poeta. Em dia de festa, esteve de tocaia na sanfona de oito baixos de mestre Januário. Durante anos, seu paradeiro foi o gibão de Luiz Gonzaga. Com ele, foi ao Sudeste, ao rádio, exibiu-se na televisão. Esteve sob a coroa de couro de outro rei, o do baião.

Astucioso, buscando uma morada que não lhe fosse perene, deixou-se amassar pelas mãos de Vitalino. Misturou-se então - pra sempre - nas entranhas de corpos sem osso e sem costela. Tá em toda sorte de gente, ainda hoje, feita de uma mistura que cozinha um bocado de barro mágico, pouca água e o fogo que arde feito o sol desfeito em brasa.

PESQUISA, DESENVOLVIMENTO E TEXTO: LEANDRO VIEIRA.

*Inspirado nos Cordéis "A Chegada de Lampião no Inferno" e "O Grande Debate que teve Lampião com São Pedro" de José Pacheco / "A chegada de Lampião no céu" de Guaipuan Vieira / "A Chegada de Lampião no céu" de Rodolfo Coelho Cavalcante / "Lampião e Padre Cícero num debate inteligente" de Moreira de Acopiara.

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

Dizem os especialistas que se debruçam sobre o estudo da literatura de cordel que um poeta popular que se preze terá dedicado ao menos uma obra ao mais famoso cangaceiro brasileiro. Não à toa, são incontáveis os libretos que dão conta de narrar os aspectos biográficos e os feitos - alguns delirantes - do ilustre pernambucano e célebre cangaceiro brasileiro natural de Serra Talhada. Para o deleite dos leitores, há histórias sobre Virgulino Ferreira da Silva, o famoso Lampião, em diferentes “braços” da literatura de cordel: no gracejo, na ficção, com traços de comédia e religiosidade, enfim, em centenas de títulos que descrevem a personalidade temida e venerada, amada e odiada, desse que, sem exageros, tornou-se a mais famosa personalidade do imaginário nordestino na cultura nacional.

Sem a menor sombra de dúvidas, foi a literatura de cordel que ajudou a escrever o roteiro desse mito que, ainda hoje, é o assombro e a personificação do sertão. Se foi o líder de um movimento social descrito por alguns ou o facínora da pior espécie apresentado por outros, pouco importou – e segue não importando - para a cultura popular que tratou de abraçar sua biografia e fomentar o roteiro da criação de seu mais venerado mito. O fato é que existem cordéis a seu respeito que ultrapassam gerações e encantam leitores das mais variadas vertentes poéticas que caracterizam as típicas viagens da clássica literatura popular.

É exatamente sobre esse vasto material literário que o enredo **O APERREIO DO CABRA QUE O EXCOMUNGADO TRATOU COM MÁ-QUERENÇA E O SANTÍSSIMO NÃO DEU GUARIDA** se debruça para mesclar fatos históricos e uma pesquisa iconográfica baseada na riquíssima estética regional sertaneja. Tirando partido do conteúdo fantástico e delirante dos cordéis populares que vislumbraram o destino pós-morte do famoso cangaceiro que reinou pelos rincões do Nordeste brasileiro, a Imperatriz Leopoldinense mergulha nas múltiplas possibilidades narrativas e estéticas características da cultura nordestina para manter-se banhada em águas de brasilidade e fantasia.

Convém destacar que, para a construção da narrativa proposta, o enredo se debruça sobre o braço épico do cordel. A poesia épica é aquela que se caracteriza por apresentar elementos históricos, ou seja, aqueles que realmente aconteceram, e mesclar seus personagens com fatos maravilhosos, colocando-os no reino das coisas extraordinárias e inverossímeis. Dessa maneira, nossa proposta artística carnavaliza a realidade dos fatos aproximando-se do fantástico exatamente como fez o poeta pernambucano José Pacheco ao escrever “A chegada de Lampião no Inferno” ou “O grande Debate de Lampião com São Pedro”, ambos cordéis emoldurados pela comédia e pelo delírio.

Com as duas obras mencionadas acima, Pacheco inaugura o “ciclo Lampiônico” no cordel brasileiro. A partir dele, vários folhetos vieram depois. Todos, empenhados a dar contorno fantástico ao destino do mais famoso cangaceiro da história nacional. Após a ideia de levar Lampião ao inferno e do debate de Lampião com São Pedro propostos por Pacheco, nasceu “A chegada de Lampião no céu” do poeta baiano Rodolfo Coelho Cavalcante. Com esse

mesmo título, o poeta piauiense Guaipuan Vieira escreveu mais um cordel sobre o tema incluindo na peleja de Virgulino Ferreira no céu a intercessão de Padre Cícero. Aliás, delirante encontro entre o famoso cangaceiro e o padre controverso de Juazeiro do Norte nos domínios celestiais foi também tema para um libreto do poeta cearense Moreira de Acopiara batizado de “Lampião e Padre Cicero num debate inteligente”.

Como se vê, muitos são os escritores populares dispostos a roteirizar um destino mágico para o fim do cangaceiro que teve a vida ceifada de forma trágica no dia 28 de Julho de 1938 quando ele, sua companheira, e parte de seu bando, foram surpreendidos por vários tiros de metralhadora na Grotta do Angico, nas proximidades da cidade de Aracaju, em Sergipe. A partir da morte de Lampião, a narrativa carnavalesca Leopoldinense parte definitivamente para a possibilidade de construção mágica predisposta ao fantástico tal qual os cordéis que livremente nos inspiram.

Dentro desse contexto de predisposição ao fantástico, não à toa, a presença de Lampião ao longo da narrativa apresentada pelo desfile se faz de maneira onipresente. Ou seja, ele se revela em toda e qualquer parte. Perpassa todo o desfile ao longo da apresentação que se derrama pela Avenida carnavalesca para ser visto materializado vivo e morto. Na terra e no inferno. No inferno e no céu. Na abertura do cortejo e no fim dele. Junto do figurino do mestre-sala, entre as fantasias das alas, em cima das alegorias. O mítico personagem é visto em todos os setores da apresentação, em uma trajetória que percorre a história de sua morte, sua tentativa de entrar no inferno e no céu, bem como seu renascimento junto ao imaginário popular brasileiro.

Assim, tirando partido de possibilidades artísticas banhadas em permissividades lúdicas, reivindicamos o delírio. A possibilidade de vislumbrarmos um inferno possível. De pintarmos a “cara do cão”. De fitarmos os céus. De avistarmos São Pedro e balões cruzando os ares. De fazermos de Lampião uma assombração. De trazê-lo para a terra novamente. Junto à sanfona do Rei do baião. Junto ao barro de Mestre Vitalino. Junto à coroa Leopoldinense.

Leandro Vieira. Fevereiro de 2023.

ROTEIRO DO DESFILE

PRIMEIRO SETOR: **PELAS BANDAS DO NORDESTE**

Comissão de Frente
PELOS CANTOS DO SERTÃO

Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-
Bandeira
O BANDO DE LAMPIÃO

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Phelipe Lemos e Rafaela Theodoro
“LAMPIÃO E MARIA BONITA”

Destaque de Chão
O VERDE DO MANDACARU

Ala 01 – Ala Chopinho de Olaria
PAISAGEM SERTANEJA:
MANDACARUS

Ala 02 – Ala Dó Ré Mi
SE ACHEGANDO COM O BANDO

Ala 03 – Ala das Baianas
LEOPOLDINENSE E CANGACEIRA

Alegoria 01
Abre-Alas
VIRGULINO NO COMANDO

SEGUNDO SETOR: **A NOTÍCIA CORRE CÉU**

Ala 04 – Ala Morro da Baiana
CORDELISTAS

Ala 05 – Ala Piscinão de Ramos
REPENTISTAS

Ala 06 – Ala Largo do Itararé
BEATOS

Ala 07 – Ala Bonecas Deslumbradas
CARPIDEIRAS

Ala 08 – Ala Bandeira Dois
MAMULENGUEIROS

Alegoria 02
DIA 28: REBULIÇÃO NO OLHAR DO
MAMULENGO

TERCEIRO SETOR:
NOS CONFINS DO SUBMUNDO:
A CHEGADA DE LAMPIÃO AO INFERNO

Ala 09 – Ala dos Compositores
O CORDEL DE JOSÉ PACHECO

Ala 10 – Ala Rio Antigo
A CHEGADA DE LAMPIÃO AO
INFERNO

Elemento Cenográfico
O CABRA NO PORTÃO DO INFERNO

Ala 11 – Ala 484
A TROPA DE EXPULSÃO

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Marcos Ferreira e Laryssa Victória
“O CÃO E A ONÇA CAETANA”

Guardiões do 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-
Bandeira
SECTO INFERNAL

Rainha da Bateria
Maria Mariá
A DIABA QUEM ME DERA

Ala 12 – Ala da Bateria
LAMPIÃO: “UM DIABINHO
NORDESTINO”

Ala 13 – Ala de Passistas
MALÍCIA FOGOSA

Ala 14 – Ala Rainha de Ramos
TOCOU FOGO NO INFERNO

Musas
ARDENDO EM CHAMAS

Alegoria 03
NOS CONFINS DO SUBMUNDO

QUARTO SETOR:
A CHEGADA DE LAMPIÃO AO CÉU

Ala 15 – Ala Parque Shanghai
A SUBIDA DE LAMPIÃO À CASA DO
SANTÍSSIMO

Ala 16 – Ala Tamarineira
ANJOS NORDESTINOS

Destaque de Chão
DELÍRIOS CELESTIAIS

Elemento Cenográfico
O GRANDE DEBATE DE LAMPIÃO COM
SÃO PEDRO

Ala 17 – Ala Cinco Bocas
MANDA CHAMAR SÃO JORGE

Ala 18 – Ala Baile da Gaiola
TODA A SANTARIA SE FEZ DE BEDEL

Ala 19 – Ala Deu no Poste
ROGANDO A PADIM CIÇO

Alegoria 04
UM LUGAR NO CÉU

QUINTO SETOR:
VAGUEIA PELOS CANTOS DO SERTÃO

Ala 20 – Ala Bar da Portuguesa
ASSOMBRAÇÃO SERTANEJA

Ala 21 – Ala Cigana Feiticeira
VAGUEIA NAS VESTES DO VAQUEIRO

Ala 22 – Ala Cortume Carioca
SEU DESTINO: O GIBÃO E A COROA
DO REI DO BAIÃO

Ala 23 – Ala Choro Suburbano
TAL QUAL BARRO FEITO À MÃO

Ala 24 – Ala da Velha Guarda
VAGUEIA NA POESIA SERTANEJA DE
PATATIVA DO ASSARÉ

Alegoria 05
O DESTINO DO VALENTE

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	Abre-Alas VIRGULINO NO COMANDO	<p>O visual geral do Abre-alas do GRESIL materializa com contornos visuais e carnavalescos uma invasão praticada pelo bando de Lampião em meio a uma paisagem sertaneja. Dividido em dois módulos e ambientado no semiárido, o verde da caatinga está nos adereços que reproduzem a vegetação de mandacarus e xique-xiques, enquanto o tom alaranjado do chão do sertão se mistura às massas escultóricas adornadas com artigos dourados.</p> <p>A porção superior do primeiro módulo ostenta uma imagem que funciona como uma espécie de monumento à Virgulino Ferreira da Silva – o senhor do sertão. Famoso como Lampião, o pernambucano de Serra Talhada, foi uma figura revolucionária e contraditória que entra para as páginas oficiais como a maior personalidade de um movimento social ocorrido no Nordeste do país nos séculos XIX e XX, historicamente conhecido como cangaço.</p> <p>Visualmente, sua figura se destaca junto ao conjunto de ossadas que complementam o visual geral para mencionar de forma subjetiva a revolta de Lampião contra a situação de miséria dos rincões do nordeste onde ganhou fama.</p> <p>No segundo módulo, o conjunto escultórico reproduz a cavalgada em bando dos cangaceiros comandados por Virgulino Ferreira, o “rei do cangaço” e autoproclamado “imperador do sertão”. O grupo - que vivia de furtos, sequestro de fazendeiros e roubos de boiadas - percorreu cidades do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba, Bahia, Sergipe e Alagoas durante o início do século XX, tornando-se célebre à medida em que seus nomes ganhavam fama em função da audácia de suas atividades.</p>
	<p><i>O croqui é uma simples referência que direciona a criação e pode facilitar o acompanhamento do roteiro. A materialização é o que desfila, as formas, os materiais e as opções estéticas do criador ao longo das decisões de seu processo de realização.</i></p>	

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>Abre-Alas VIRGULINO NO COMANDO (Continuação)</p> <p><i>O croqui é uma simples referência que direciona a criação e pode facilitar o acompanhamento do roteiro. A materialização é o que desfila, as formas, os materiais e as opções estéticas do criador ao longo das decisões de seu processo de realização.</i></p>	<p>Eternizados no visual geral da alegoria, montados em cavalos como homens corajosos, o conjunto de esculturas revela a estética típica do figurino dos cangaceiros (com ênfase para o indefectível chapéu meia-lua, com aba virada pra cima e enfeites na porção frontal). Em posição de galope e ataque, o bando “cavalga” enquanto a “boiada” que se espalha pela porção inferior do conjunto cênico se mostra arredia com a presença dos bandoleiros.</p> <p>No ar, o aroma anuncia uma invasão perfumada. Em uma situação na qual os banhos eram raros e o suor escaldante, a vaidade de Lampião se empunha por sua predileção pelo roubo de perfumes caros. Inúmeros relatos narram que a presença de Virgulino e seu bando chamava atenção não apenas pela exuberante indumentária daqueles que eram popstars do sertão, mas também pelo uso do perfume Fleurs d’Amour, da casa Roger & Gallet (a mistura de patchouli, rosas e bergamota lançada em 1902) que se tornou célebre como o “perfume do cangaço”. Há histórias que relatam banhos generalizados de perfumes quando até os cavalos recebiam a fragrância importada.</p> <p>Com Lampião comandando a sua chegada, junto de seu bando de cangaceiros, do alvoroço provocado por sua passagem e presença, a Imperatriz Leopoldinense pisa na avenida. Ela encontra nas aventuras mirabolantes dos que enfrentaram a miséria e as adversidades impondo a própria lei o combustível para a invasão cangaceira de perfil momesco que a abertura do desfile sugere.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p style="text-align: center;">Abre-Alas VIRGULINO NO COMANDO (Continuação)</p> <p><i>O croqui é uma simples referência que direciona a criação e pode facilitar o acompanhamento do roteiro. A materialização é o que desfila, as formas, os materiais e as opções estéticas do criador ao longo das decisões de seu processo de realização.</i></p>	<p>Destaque Central: “MEMÓRIA DO CANGAÇO” – O cangaço foi um movimento social que não deixou marcas apenas na historiografia brasileira. O cangaço deixou marcas estéticas enquanto construía identidades plásticas de força atemporal. Os figurinos utilizados por Lampião e seu bando tornaram-se uma das maiores referências visuais da cultura nordestina e construíram imaginários indissociáveis de brasilidade. É fazendo uso de signos populares ligados ao imaginário da cultura cangaceira em associação à exuberância da estética carnavalesca que a destaque PAOLA DRUMOND apresenta a fantasia MEMÓRIA DO CANGAÇO junto ao conjunto alegórico que desfila.</p> <p>Destaque/Personalidade: “O CANGACEIRO VOLTA SECA” – Na porção lateral da alegoria, nosso compositor mais idoso personifica o cangaceiro mais jovem do bando de Lampião. Zé Katimba, no abre-alas Leopoldinense, vestido de cangaceiro é Antônio dos Santos, o sergipano de Itabaiana mais conhecido como Volta Seca. Ingresso no bando de cangaceiro mais famoso da história brasileira com apenas 11 anos de idade, a biografia de Volta Seca guarda uma similaridade com a ilustre personalidade do GRESIL: Tal qual Zé Katimba, o cangaceiro é um célebre compositor, apontado como o autor de inúmeras canções ligadas ao imaginário da cultura nordestina.</p> <p>Destaque/Personalidade: “O CANGACEIRO ZÉ BAIANO” – No abre-alas, de cangaceiro, o eterno mestre-sala Chiquinho encarna o cangaceiro Zé Baiano. Em função da pele retinta, tal qual o nosso maior dançarino, Zé Baiano ganhou o apelido que o acompanhou ao longo de sua vida de aventuras: PANTERA NEGRA DO SERTÃO.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>Abre-Alas VIRGULINO NO COMANDO (Continuação)</p> <p><i>O croqui é uma simples referência que direciona a criação e pode facilitar o acompanhamento do roteiro. A materialização é o que desfila, as formas, os materiais e as opções estéticas do criador ao longo das decisões de seu processo de realização.</i></p>	<p>Destaque/Personalidade: “LAMPIÃO E MARIA BONITA” - Matheus Nachtergaele e Regina Casé fantasiam-se para personificar o mais famoso casal da história do cangaço: Lampião e Maria Bonita. Ele é Virgulino Ferreira da Silva (1897-1938) “o rei do cangaço” em pessoa e doses de bom humor. Ela, Maria Bonita, sua mulher e enamorada. Batizada Maria Gomes de Oliveira (1911-1938), Maria foi um dos ícones do movimento cangaceiro, sendo a primeira mulher a participar do grupo. Juntos, no Abre-Alas do Grêmio que desfila, eles emprestam simpatia aos célebres e mais importantes personagens do imaginário nordestino onde nossas intenções conceituais estão debruçadas para a criação do conjunto alegórico aqui mencionado.</p> <p>Destaque Central do Primeiro Módulo: “CORISCO” – No elemento cenográfico onde se vê Lampião, está inclusa a menção a seu braço direito mais famoso no cangaço: Cristino Gomes da Silva Cleto, o famoso Corisco. Ingresso no bando de Lampião com 17 anos, Corisco ganhou a confiança de capitão Virgulino e tornou-se o principal líder de um subgrupo de bandoleiros. Na linha de sucessão, ele era considerado o número dois do bando. Desfrutava de autonomia para ser o comandante das ações violentas pelas quais era famoso. Não à toa, foi popularizado como o “Diabo Louro”, tema que serve para a materialização do figurino de luxo apresentado pelo destaque LUISINHO 28.</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p style="text-align: center;">Abre-Alas VIRGULINO NO COMANDO (Continuação)</p> <p><i>O croqui é uma simples referência que direciona a criação e pode facilitar o acompanhamento do roteiro. A materialização é o que desfila, as formas, os materiais e as opções estéticas do criador ao longo das decisões de seu processo de realização.</i></p>	<p>Destaque Central Alto do Segundo Módulo: PILÃO DEITADO - Pilão Deitado é o apelido de um famoso cangaceiro que se autoproclamou o “governador do sertão”. Como tantos outros, entrou para o cangaço com o intuito de vingar a morte de familiares – no caso, seu pai Batistão do Pajeú, morto pela ação da polícia – e rebelar-se contra a vida miserável. Na alegoria, o destaque TON BRÍCIO dá contorno carnavalesco à figura ao apresentá-lo de forma luxuosa e mencionar uma das marcas mais características da personalidade dos bandoleiros que seguiam Lampião: a vaidade e o gosto pela exuberância de seus figurinos quase sempre enfeitados com artigos metálicos e brilhantes.</p> <p>Composições Gerais: “CANGACEIROS” - De forma carnavalesca, os figurinos gerais que vestem os brincantes que se espalham pela alegoria reproduzem os aspectos visuais característicos dos cangaceiros que compunham o bando de Lampião. Em linhas gerais, apresentavam-se como sujeitos fortemente armados que andavam em grupo pelos sertões do Nordeste. Os representantes do cangaço tinham características específicas, não apenas na forma de agir, como também na sua vestimenta. Tornaram-se famosos pela roupa de couro, pelo chapéu meia-lua com aba pra cima, os enfeites exagerados e as armas de fogo adornadas. Em linhas gerais são essas características que dão o contorno visual aos figurinos que se espalham pelos dois módulos da alegoria em variada versão estilística e comportamental.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>DIA 28: REBULIÇÃO NO OLHAR DO MAMULENGO</p>  <p><i>O croqui é uma simples referência que direciona a criação e pode facilitar o acompanhamento do roteiro. A materialização é o que desfila, as formas, os materiais e as opções estéticas do criador ao longo das decisões de seu processo de realização.</i></p>	<p>Lampião foi morto em 1938, no dia 28 de Julho e a notícia de sua morte se espalhou rapidamente por todo o Nordeste. Pouco mais de quinze minutos bastaram para findar a trajetória de uma das figuras históricas mais controversas e populares do país. Para seus algozes, o fascínio que a figura do cangaceiro exercia no imaginário do povo se encerraria naquele dia, quando sua morte – ao lado de Maria Bonita e mais nove bandoleiros - foi sacramentada a tiros no sertão sergipano. Ledo engano, já que, após perder a vida e ter a cabeça separada do corpo, capitão Virgulino tornou-se uma figura lendária, digna das aventuras mais fabulosas do imaginário sertanejo.</p> <p>Para mencionar, ludicamente, a trágica morte de Lampião e a bárbara cena da exposição das cabeças dos cangaceiros decapitados e exibidos como troféus da polícia na escadaria da Prefeitura de Piranhas (Alagoas), a alegoria faz uso da estética de um teatro de mamulengos. O mamulengo é um tipo de fantoche característico do nordeste brasileiro. Seus atores são bonecos articulados que falam, dançam, brigam e quase sempre morrem. Como tantas outras manifestações da cultura popular nordestina, o mamulengo traduz a rica expressividade do povo brasileiro na contação de causos e histórias.</p> <p>É com um teatro de mamulengos que a Imperatriz Leopoldinense conta “uma história de assombrar” ao encenar o fim da vida de Lampião com a peça “Adeus capitão.”</p> <p>Destaque Central: “A MAMULENGUEIRA EXPLENDOROSA” - Na porção inferior e frontal da alegoria, Samile Drumond veste luxuosa versão carnavalesca para personificar de forma lúdica os artistas populares que manipulam os bonecos articulados que são as estrelas do mais famoso tipo de teatro regional nordestino.</p> <p>Composições gerais: “MAMULENGUEIRA” – As composições gerais que se espalham pela alegoria vestem-se à moda e ao sabor da estética regional popular para apresentarem-se como as personalidades do povo que manipulam os fantoches mamulengos. Chamados de mamulengueiros(as), são artistas populares de grande comunicabilidade quando o assunto é a contação de histórias.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)		
Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>Elemento Cenográfico</p> <p>O CABRA NO PORTÃO DO INFERNO</p>  <p><i>O croqui é uma simples referência que direciona a criação e pode facilitar o acompanhamento do roteiro. A materialização é o que desfila, as formas, os materiais e as opções estéticas do criador ao longo das decisões de seu processo de realização.</i></p>	<p>Emboscado, Lampião conheceu a morte pelas mãos da polícia alagoana quando tinha quarenta anos e vinte e um dias de vida. A partir disso, ou seja, após a morte do capitão, o terceiro ato do desfile mergulha “nos confins do submundo” para apresentar uma narrativa recheada de fatos fantásticos que vislumbra o pós-morte do bandoleiro ao levá-lo ao reino das trevas debruçando-se no imaginário delirante do cordel “A CHEGADA DE LAMPIÃO AO INFERNO” do poeta pernambucano José Pacheco.</p> <p>Assim sendo, como sugere a construção visual, a figura da morte guia a chegada de Lampião ao inferno. A barca que realiza seu traslado até o “reino das trevas” ostenta uma carranca sertaneja em sua proa ladeada por duas esculturas de características funerárias. Ao fundo, o portão que dá acesso ao inferno. No interior da embarcação, o cavalo de Lampião ganha contornos sombrios e cadavéricos enquanto se mistura ao colorido ardente das chamas que queimam no imaginário visual associado ao inferno.</p> <p>Destaque Central “LAMPIÃO A SETE PALMOS”: Montado sobre o cavalo fantasmagórico está a figura de um cangaceiro cadavérico performado por KEVIN MARTINS. Ele é o próprio Lampião que “a sete palmos do chão” inicia sua peleja pós-morte tendo o inferno como primeira parada. O visual geral do figurino sugere morte e assombro. Um cangaceiro sombrio e esquelético que desce ao inferno em busca de morada.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>NOS CONFINES DO SUBMUNDO</p>  <p><i>O croqui é uma simples referência que direciona a criação e pode facilitar o acompanhamento do roteiro. A materialização é o que desfila, as formas, os materiais e as opções estéticas do criador ao longo das decisões de seu processo de realização.</i></p>	<p>Encerrando o setor que apresenta a epopeia de Lampião no reino das trevas, a alegoria apresenta-se como uma possível interpretação visual para o espaço territorial aonde se dão os delírios narrativos vislumbrados pelo cordelista José Pacheco ao contar de forma fantasiosa a ida de Lampião ao inferno.</p> <p>Dentro dessa possibilidade de construção visual delirante, o inferno alegórico apresentado se descortina em múltiplas nuances de apreciação, indo do cômico ao assombro. Para tal, quem personifica e performa de forma anedótica a figura de Satanás– na mitologia cristã a entidade sobrenatural que chefia aquilo que é mal - é a caricata Drag Queen Suzy Brasil.</p> <p>Na parte superior, o conjunto fantasmagórico de ossadas - onde duas cabeças caninas e esqueléticas se destacam - mencionam a tradição oral do povo nordestino de chamar o diabo com a alcunha de “cão”.</p> <p>Na porção frontal destacam-se dois tatus-pebas (conhecido como tatu papa-defunto) escavadores de buracos subterrâneos e, portanto, habitantes possíveis para uma fábula imaginária num inferno sertanejo.</p> <p>Complementando o visual geral, ossos e crânios se empilham enquanto o calor do conjunto cromático destinado a tingir a alegoria menciona o ardor e a queimadura comumente associados aos imaginários populares ligados ao espaço tido como o oposto do céu.</p> <p>Destaque performático: “O CRAMULHÃO” – O ator e humorista carioca Marcelo Souza personifica a figura de Satanás tirando partido dos atributos físicos e anedóticos de sua personagem mais popular, - a Drag Queen Suzy Brazil – apresentando-a como o CRAMULHÃO. Na linguagem do sertanejo a entidade sobrenatural tida como a personificação do mal é muito popular. Por mais repudiado que seja pelo matiz religioso, o capeta faz parte de suas crenças e fantasias. No Nordeste, a sinistra figura de contornos demoníacos recebeu inúmeros nomes. Por certo, uma de suas alcunhas mais populares e divertidas é CRAMULHÃO.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>NOS CONFINES DO SUBMUNDO (Continuação)</p>  <p><i>O croqui é uma simples referência que direciona a criação e pode facilitar o acompanhamento do roteiro. A materialização é o que desfila, as formas, os materiais e as opções estéticas do criador ao longo das decisões de seu processo de realização.</i></p>	<p>Destaques Laterais: “FOGO NO INFERNO” – As destaques BETE CONCEIÇÃO e SANTINHO vestem figurino carnavalesco que menciona através das cores e dos signos visuais que ostentam o ardor e a quentura do fogo tradicionalmente descrito como abundante nos domínios territoriais onde está situado o inferno.</p> <p>Composições gerais: “DIABAS” - Em versão seminua e contextualizada com o conceito da alegoria, as mulheres que complementam a cenografia geral apresentam uma versão feminina para uma figura diabólica.</p>

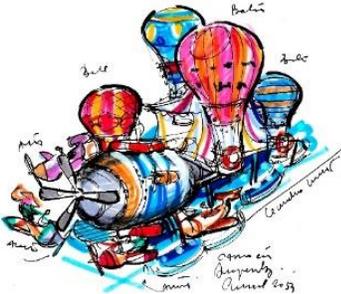
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>Elemento Cenográfico</p> <p>O GRANDE DEBATE DE LAMPIÃO COM SÃO PEDRO</p> <p><i>O croqui é uma simples referência que direciona a criação e pode facilitar o acompanhamento do roteiro. A materialização é o que desfila, as formas, os materiais e as opções estéticas do criador ao longo das decisões de seu processo de realização.</i></p>	<p>Sem conseguir ingresso no inferno, Lampião tenta entrada na morada celestial. Lá, entra em debate com São Pedro – aquele que a cultura popular aponta como “o porteiro do céu”, ou seja, quem permite ou não a estadia no ambiente. O fato é que o fundador da igreja católica, sabedor da extensa lista de crimes do cangaceiro, o trata com má-querença (pouca afeição) e não lhe concede abrigo. É assim que a literatura de cordel seguiu delirando na busca de um caminho para o mito que ela ajudou a construir. Batizado com o mesmo nome de um segundo cordel escrito pelo mesmo José Pacheco, o elemento cenográfico O GRANDE DEBATE DE LAMPIÃO COM SÃO PEDRO dá contorno estético ao conteúdo fantástico descrito pelo cordelista. A estrutura visual amplia também, através da permissividade própria da cultura carnavalesca, as possibilidades de alucinação imagética que se debruçam na criação de um registro visual que sugere o encontro de Lampião e São Pedro num espaço lúdico como o céu. É dessa maneira, contrapondo o ambiente sombrio do setor anterior – mas não menos delirante – que o primeiro elemento cênico do quarto ato do desfile Leopoldinense (batizado A CHEGADA DE LAMPIÃO AO CÉU) é apresentado com contornos líricos. Como se observa, a estrutura visual propõe um diálogo com a estética sacra tradicional dos altares católicos acrescida de contornos surrealistas. Enquanto se eleva de maneira verticalizada, ostentando variada sorte de divindades canonizadas pela cultura católica, passarinhos “pousam” sem cerimônia sobre a estrutura a fim de situar apresentação em um espaço não mais subterrâneo e sim aéreo.</p> <p>Personagens: “LAMPIÃO E SÃO PEDRO” - De um lado, (montado sobre um poético cavalo) ANDERSON BARROS é uma versão carnavalesca para o cangaceiro Lampião que, ao tentar entrar no céu, veste-se com contornos visuais e cromáticos que faz oposição ao perfil utilizado para vesti-lo em sua investida ao inferno. Do outro lado, no interior de um bule, VITOR MONDAINE veste uma versão carnavalesca para a figura de São Pedro. Cada um, a seu modo, personificam Lampião e São Pedro. As duas principais figuras do debate que dá nome ao conjunto cenográfico que desfila.</p>

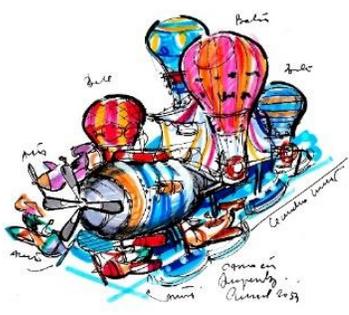
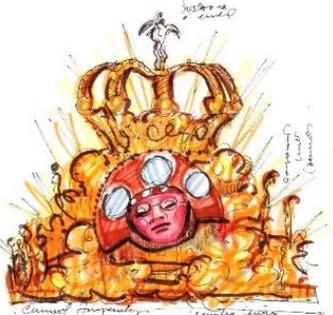
FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)		
Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p>UM LUGAR NO CÉU</p>  <p><i>O croqui é uma simples referência que direciona a criação e pode facilitar o acompanhamento do roteiro. A materialização é o que desfila, as formas, os materiais e as opções estéticas do criador ao longo das decisões de seu processo de realização.</i></p>	<p>O céu, morada dos santos, abrigo de seres celestiais, reduto de serenidade e tranquilidade para onde vão apenas aqueles que são bons, é transformado em palco para o alvoroço e a expulsão de um intruso que ali tenta se alojar sem ter tido consentimento.</p> <p>Em aeronaves de caráter quase infantil, brincantes performando figuras canonizadas no imaginário popular compõem uma risonha unidade de voo das forças aéreas celestiais que cercam o balão dirigível onde Lampião tenta se aproximar dos céus.</p> <p>O ambiente celestial aonde se dá a tentativa de impedir o cangaceiro de entrar na morada do “santíssimo” é apresentado com contornos visuais delirantes e impregnado de lirismo. Assim sendo, os brincantes que ocupam a alegoria fantasiaram-se com lúdicas versões carnavalescas que mencionam a indumentária de santos e santas presentes no imaginário popular para ampliarem de forma subjetiva essa possibilidade jocosa.</p> <p>De forma genérica, “santos” são indivíduos que viveram ao longo da história da humanidade e, em função de atos de fé desmedida ou virtudes excepcionais, foram elevados a uma categoria divina pela Igreja. Segundo o imaginário popular, estão no céu, junto de Deus e, segundo a literatura cordelística, após serem chamados por São Pedro, o “porteiro da morada divina”, foram os responsáveis pela inspeção – fizeram-se de bedel – que impediu o célebre cangaceiro de ter abrigo naquele ambiente. Em função disso, seguindo as premissas humorísticas dos cordéis que narram o tema, as figuras canonizadas que ali residem perdem seu comportamento venerável e os imaginários de virtude e santidade dão lugar a visões de humor que sugerem práticas mundanas, pouco virtuosas e imenso alvoroço.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p>UM LUGAR NO CÉU (Continuação)</p>  <p><i>O croqui é uma simples referência que direciona a criação e pode facilitar o acompanhamento do roteiro. A materialização é o que desfila, as formas, os materiais e as opções estéticas do criador ao longo das decisões de seu processo de realização.</i></p>	<p>Composições gerais: “A SANTARIA” - Como dito, os brincantes que se espalham pelo conjunto cenográfico personificam de maneira livre, lúdica e jocosa figuras divinas, pertencentes aos imaginários populares associados ao universo celestial de homens e mulheres santificados.</p> <p>Destaque central: “LAMPIÃO NO CÉU” - Na porção frontal da alegoria, sobre um balão dirigível e cercado por uma esquadrilha de aeronaves pilotadas por entidades sacras de contorno carnavalesco está a figura do intruso. Construído a partir de contornos lúdicos e carnavalescos, o personagem é identificado como o temido cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva em função da reprodução de seus signos populares mais comuns em associação à aspectos ligados ao imaginário cromático celestial.</p>
05	<p>O DESTINO DO VALENTE</p>  <p><i>O croqui é uma simples referência que direciona a criação e pode facilitar o acompanhamento do roteiro. A materialização é o que desfila, as formas, os materiais e as opções estéticas do criador ao longo das decisões de seu processo de realização.</i></p>	<p>Sem ingressar no inferno e sem abrigo no céu, Lampião vive então no imaginário popular das coisas eternamente associadas ao povo nordestino. Como mencionado nas alas do quinto e último setor de desfile, ele habita variada sorte de imaginários associados ao Nordeste. A herança de Lampião para a construção cultural do Nordeste é inquestionável. A música e o figurino que Luiz Gonzaga popularizou em todo o país, seu contorno estético difundido pela obra de Mestre Vitalino em suas esculturas de barro e os milhares de cordéis e poemas dedicados à sua personalidade, fazem com que Lampião habite de forma definitiva toda sorte de produção musical, estética, teatral e literária ligada a região.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Leandro Vieira		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>O DESTINO DO VALENTE (Continuação)</p>  <p><i>O croqui é uma simples referência que direciona a criação e pode facilitar o acompanhamento do roteiro. A materialização é o que desfila, as formas, os materiais e as opções estéticas do criador ao longo das decisões de seu processo de realização.</i></p>	<p>Dessa forma, celebramos a figura de Lampião como uma entidade que habita imaginários de brasilidades de contornos populares e, portanto, merecedor de todas as celebrações características da cultura popular brasileira. Assim, no momento exato em que a Imperatriz Leopoldinense cruza a Marquês de Sapucaí realizando sua apresentação carnavalesca, o destino do célebre cangaceiro é a folia momesca e a vocação Leopoldinense de carnavalizar signos de brasilidade.</p> <p>Virgulino Ferreira da Silva está agora junto de nossa coroa. Sua face está eternamente envolta pelos arabescos banhados de “ouro” e pelos espelhos que nos caracterizam no imaginário da folia. Abraçado pelo carnaval carioca, eis que reafirmamos o destino do valente Lampião: A ETERNIDADE.</p> <p>Destaque Central: “A MARCA DO CANGAÇO” - No topo da coroa que simboliza a Escola da zona da Leopoldina, Nathalia Drumond veste figurino livremente inspirado na estética eternizada por Lampião como uma marca do cangaço para apresentar seu visual carnavalesco e sinalizar que a Imperatriz Leopoldinense abraça, valoriza e resguarda a história e a estética desse ícone da cultura nordestina.</p> <p>Destaque Central Baixo: “A HERDEIRA DO CANGAÇO” - A alegoria que encerra o desfile também é palco para que a descendência de Virgulino Ferreira da Silva – portanto, seu sangue vivo - esteja presente em nosso cortejo carnavalesco. Na porção frontal, em meio aos arabescos dourados que caracterizam a mais notória estética gresilense (e vestida à moda das mulheres do cangaço) está EXPEDITA FERREIRA DA SILVA, única filha de Lampião e Maria Bonita que, aos 90 anos de idade, guarda a ancestralidade nordestina por nós evocada como sinônimo de brasilidade ao apresentar um pedaço do Brasil que se descortina na passarela.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)

Leandro Vieira

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>O DESTINO DO VALENTE (Continuação)</p>  <p><i>O croqui é uma simples referência que direciona a criação e pode facilitar o acompanhamento do roteiro. A materialização é o que desfila, as formas, os materiais e as opções estéticas do criador ao longo das decisões de seu processo de realização.</i></p>	<p>Composições gerais: “LEOPOLDINENSE E CANGACEIRA” - O dourado que tinga a coroa que ostentamos em nosso pavilhão como símbolo máximo da Escola da zona da Leopoldina se expande para a estética cangaceira. São as tradições plásticas da Escola – seu gosto pela extravagância barroca tão bem construída ao longo de décadas – se fundindo com as tradições visuais difundidas por Lampião ao longo do período em que ele imperou no cangaço.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
Luizinho 28	Estilista
Zé Katimba	Compositor e Baluarte
Bete Conceição	Empresária
Samile Drumond	Empresária
Nathalia Drumond	Empresária
Ton Brício	Empresário
Chiquinho	Mestre-Sala
Kevin Martins	Empresário
Santinho	Empresário
Paola Drumond	Empresária
Rogério Rodrigues	Empresário
Local do Barracão	
Rua Rivadavia Correa, 60 – Barracão 02 – Gamboa – Centro	
Diretor Responsável pelo Barracão	
Roni Jorge	
Ferreiro Chefe de Equipe	Carpinteiro Chefe de Equipe
Diego Henrique Ramos	Fabricio de Lima
Escultor(a) Chefe de Equipe	Pintor Chefe de Equipe
José Teixeira, Max Muller e Agles Ferreira	Leandro Assis
Eletricista Chefe de Equipe	Mecânico Chefe de Equipe
Allan	Robson Saturnino
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Renato Esteves	- Projetos Técnicos
Nino da Fibra	- Empastelação e Reprodução em fibra
Batista	- Mecanismos hidráulicos
Renato José / Novinha / Daiany Almeida	- Reprodução de adereços gerais

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

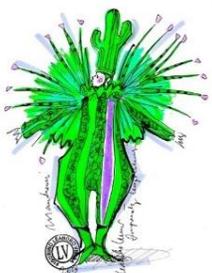
Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>O Bando de Lampião</p> 	<p>Os guardiões do primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira vestem figurino de sabor carnavalesco para mencionar a tradicional estética do bando de cangaceiros que acompanhavam o “rei” e a “rainha” do cangaço durante os anos nos quais o mais famoso casal fora da lei reinava no Nordeste brasileiro. Em bando - e armados – o grupo espalhava medo e fascínio dominando o imaginário sertanejo durante as décadas de 1920 e 1930. Vagavam pelo sertão nordestino cometendo crimes, agindo com violência e aplicando a própria lei enquanto dançavam e cantavam canções. Desse modo, atravessaram estados do Nordeste atacando cidades e cometendo pilhagens.</p>	<p>Guardiões do 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira (1959)</p>	<p>Comissão de carnaval</p>
*	<p>O Verde do Mandacaru</p> 	<p>O desfile Leopoldinense inicia-se ambientado no sertão. O calor do semiárido influi sobre a vegetação espinhosa e poucas plantas resistem. Apenas a verdadeira caatinga mantém o verde. Assim, à frente da ala “PAISAGEM SERTANEJA - MANDACARU” a musa da comunidade Carmem Mondengo veste o verde que tingem os mandacarus que se espalham raivosamente espinhados pela paisagem árida do sertão onde Virgulino Ferreira segue sendo sua maior lenda.</p>	<p>Musa (1959)</p>	<p>Comissão de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	Paisagem Sertaneja: Mandacarus 	<p>Ambientando a apresentação Leopoldinense “pelas bandas do Nordeste” de forma lúdica, o visual geral da ala que desfila apresenta-se como um campo de mandacarus carnavalescos. Símbolo de resistência para o povo que habita os rincões do Nordeste, o mandacaru é uma planta típica da paisagem sertaneja. O famoso cacto que “fulora” na seca é abundantemente associado na literatura, na música e nas artes visuais como um ícone do território onde Lampião criou fama. Para mencionar a típica vegetação, o figurino revela aspecto espinhoso através de artifícios estéticos carnavalescos enquanto o brincante apresenta como “chapéu” a tradução escultórica mais popular da vegetação que se destaca na caatinga do semiárido.</p>	Ala Chopinho de Olaria (1959)	Comissão de carnaval
02	Se Achegando com o Bando 	<p>Foi em meio à paisagem sertaneja que a figura dos cangaceiros se popularizou. Tidos como heróis ou criaturas fora da lei, bandidos e também justiceiros, os cangaceiros eram símbolos de violência, mas também de resistência à violência do Estado e dos grandes fazendeiros que se impunham como autoridades locais. Se foram bandidos ou heróis muito pode ser discutido. O que não se discute é que os cangaceiros não foram bandidos ou heróis dentro da normalidade.</p>	Ala Dó Ré Mi (1959)	Comissão de carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	<p>Se Achegando com o Bando (Continuação)</p> 	<p>Enquanto a aridez e a miséria descoloriam o solo e a paisagem do sertão, os cangaceiros exibiam-se orgulhosos, enfeitados com espelhos, artigos dourados, bornais bordados (espécie de bolsa presa lateralmente ao corpo onde levavam toda sorte de utensílio), bandoleiras cuidadosamente cobertas com moedas e armas enfeitadas. É exatamente essa descrição e o gosto pela estética extravagante e pitoresca que serve de referência para compor o visual geral do figurino da ala que desfila. Cangaceiros eram bandidos pitorescos e suas roupas beiravam naturalmente a estética momesca.</p> <p>Assim sendo, o visual geral da ala revela um bando de cangaceiros exuberante, clownesco e carnavalesco, como bem descreveu o Diário de Notícias, de Salvador, em 1929 ao narrar um típico ataque do bando de Lampião: “Todos armados de mosquetões, usando trajes bizarramente adornados, entram cantando suas canções de guerra, como se estivessem em plena e diabólica folia carnavalesca”.</p> <p>Convém ainda destacar o movimento coreográfico que o grupo apresenta. Enquanto desfilam, os brincantes mencionam alguns passos ligados ao xaxado.</p>	Ala Dó Ré Mi (1959)	Comissão de carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	Se Achegando com o Bando (Continuação) 	<p>A dança específica dos cangaceiros que faziam do rifle sua parceira feminina (tendo em vista que a dança era executada, inicialmente, somente pelos homens) enquanto invadiam cidades e praticavam furtos cantando e dançando.</p> <p>É assim que, misturando o samba e a cultura nordestina, vestida como um cangaceiro de sabor carnavalesco e empunhando seu rifle, que a Imperatriz Leopoldinense invade com o “seu bando” o mais famoso domínio carnavalesco carioca: a Sapucaí.</p>	Ala Dó Ré Mi (1959)	Comissão de carnaval
03	Leopoldinense e Cangaceira 	<p>A ala das baianas da Imperatriz Leopoldinense pisa na avenida vestida como uma típica cangaceira. Elas encarnam o espírito arredo das mulheres que deixaram seus nomes marcados junto ao bando de Lampião.</p> <p>Virgulino Ferreira da Silva é o responsável pela inclusão de mulheres no cangaço.</p> <p>Durante o período em que viveu de forma clandestina pelo sertão, Lampião conheceu Maria Gomes de Oliveira (ainda chamada Maria de Deia - futuramente, Maria Bonita) e por ela se apaixonou.</p> <p>Ingressa no bando em 1930, Maria tornou-se a primeira mulher a fazer parte do cangaço. Quando Maria entra para o grupo comandado pelo companheiro, o famoso bandoleiro comunica aos seus homens que suas parceiras poderiam então viver com eles no grupo.</p>	Ala das Baianas (1959)	Comissão de carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p>Leopoldinense e Cangaceira (Continuação)</p> 	<p>O bando chegou a ter cerca de cinquenta mulheres, todas, companheiras de algum cangaceiro. Foi assim que os nomes de Sila (esposa de Zé Sereno), Adília (mulher de Canário), Dulce (companheira de “Criança”), Lídia (parceira de Zé Baiano) e tantas outras mulheres ganharam protagonismo no histórico grupo fora da lei.</p> <p>Para recriar de maneira carnavalesca o perfil feminino das ingressas no bando, as baianas gresilenses vestem-se à moda das mulheres do cangaço: sobre a cabeça o chapéu de feltro (com aba larga, diferente dos de couro, no geral destinado aos homens); os cabelos protegidos pelo lenço; o vestido (releitura que estiliza o típico vestido de mescla azul) acrescido de uma combinação que faz uso de uma estampa que recria o bordado florido dos bornais (criação feminina que coloriu, enfeitou e lançou moda no bando).</p> <p>Para arrematar o visual, no pescoço, o lenço – também chamado jabiraca - de seda vermelha. Sandálias de couro, meias longas e coloridas. Galões e sianinhas compõem o visual geral. Nas mãos, o fato de empunharem armas, celebra um ícone feminino do cangaço: Dadá (Sérgia Ribeiro da Silva), a primeira mulher a tomar parte ativa e não defensiva nas lutas armadas do bando contra a polícia ao portar um fuzil.</p>	Ala das Baianas (1959)	Comissão de carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	Cordelistas 	<p>Inaugurando o setor que aborda o fascínio que a figura de Lampião exercia entre a população sertaneja e a difusão de sua personalidade junto aos imaginários populares, a ala CORDELISTAS apresenta uma das mais célebres tradições culturais do Nordeste brasileiro que ajudaram a espalhar a fama do bandoleiro: o cordel. É sabido que para as autoridades policiais Lampião era um homem cruel. No entanto, para a população nordestina mais pobre, o “capitão” era uma espécie de herói, honrado e corajoso.</p> <p>É assim que o “capitão” é apresentado na estampa do libreto de cordel que serve de estandarte e adereço de mão para o brincante que desfila. Vestindo o preto e o branco (menção às cores típicas das xilogravuras que acompanham os folhetos impressos de forma rudimentar) o figurino da ala menciona através dos signos gráficos ligados ao cordel (a xilogravura, a cor preta e branca e os pregadores – artigo que pendura os libretos populares em “cordas” ou “cordéis” para a comercialização) uma das maneiras mais comuns para fazer “correr por céu e chão” as notícias ligadas à fama de Lampião ainda em vida.</p>	Ala Morro da Baiana (1959)	Comissão de carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p>Repentistas</p> 	<p>Capitão Virgulino despertava o terror em muitos, admiração em outros, e foi assim que ainda em vida tornou-se uma lenda no sertão do Nordeste brasileiro. Na boca dos repentistas seu nome tornou-se o mote para a cantoria das feiras e seus feitos tornaram-se a palavra cantada para o fértil imaginário da cultura popular. Em linhas gerais, o repente é uma poesia falada de improviso inserida na tradição oral e da literatura popular. Nas exposições públicas, os violeiros nordestinos, nos seus desafios, tocam e cantam de improviso.</p> <p>É esse o tipo popular que o figurino da ala apresenta de forma carnavalesca ao estilizar o típico chapéu nordestino de forma permissiva e compor o visual geral da fantasia dando destaque às violas alegóricas construídas com aparência mambembe e rota ao tirar partido de uma construção baseada no uso de “sucatas”.</p>	Ala Piscinão de Ramos (1959)	Comissão de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	<p>Beatos</p> 	<p>Foi em meio a um cenário de abandono no sertão nordestino que proliferaram tanto a figura do cangaceiro, quanto a de religiosos místicos genericamente chamados de beatos. Um buscava a justiça com as mãos. Outro, a justiça advinda dos céus. Ambos, eram vistos pelos mais pobres como opções para o socorro da injustiça e da fome.</p> <p>Lampião era um indivíduo religioso e extremamente supersticioso. Devoto de Nossa Senhora e Padre Cícero, chegou a rezas, aos breves, às ladainhas, aos santos e aos beatos. Este último, um tipo popular nas estradas do sertão - com audiência similar a dos violeiros de repente e cordelistas de feira livre - que muito contribuiu para espalhar os mitos e as lendas sobre o cangaceiro mais celebrado da história brasileira, entre elas, a que parava pra rezar ao meio-dia e a proposição de que seu corpo era fechado contra o mal.</p> <p>Para mencionar o tipo, os componentes da ala vestem uma espécie de túnica ao gosto dos hábitos religiosos que vestiam os beatos sertanejos. Sobre a cabeça, o lenço como proteção do sol escaldante e o chapéu de palha maltrapilho queimado pelo calor do sertão. Na mão, o adereço funciona como um cajado de contorno carnavalesco. Nele, junto ao capim seco e às cabaças, uma ossada menciona a seca e o sofrimento de quem vive à espera de um milagre.</p>	Ala Largo do Itararé (1959)	Comissão de carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantásias

Criador(es) das Fantásias (Figuristas)

Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p>Carpideiras</p> 	<p>O figurino de tons sombrios apresenta de forma carnavalesca outra célebre figura muito presente nos imaginários da cultura popular sertaneja: a carpideira. Em geral as carpideiras eram mulheres convidadas a chorar nos velórios e enterros dos rincões do sertão nordestino. Muito apreciadas pelo universo religioso do catolicismo popular, caracterizavam-se pelas vestes negras e pelo choro abundante ao lado do caixão do morto. Virgulino Ferreira carregava centenas de mortes nas costas e seus requintes de crueldades para a prática tornaram-se tão famosos e temidos quanto foram responsáveis pela popularização de sua personalidade.</p> <p>Tirando partido da ludicidade e não desprezando o quanto a violência e a sombra da morte contribuíram para espalhar a fama do bandoleiro, a inclusão das carpideiras no conjunto de alas que abordam a fama de Lampião nos imaginários populares não despreza o aspecto perverso e sombrio do personagem destacado pela narrativa proposta.</p>	Ala Bonecas Deslumbradas (1959)	Comissão de carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	Mamulengueiros 	<p>A memória popular construiu uma imagem por vezes romantizada em torno do cangaço e da figura dos cangaceiros. Como já mencionado, uma mistura de bandido e justiceiro social que enfrentava o poder dos coronéis e a extrema pobreza da vida no sertão, sem que, com isso, deixassem de cometer violências.</p> <p>Foi assim que as experiências e as biografias de homens e mulheres ligados ao cangaço se popularizaram nas feiras e praças públicas, ganhando imaginários que se difundiram em inúmeras manifestações regionais ligadas à contação de histórias.</p> <p>Dentre estas manifestações, está um dos mais extraordinários artifícios artísticos de síntese e poder estético do povo nordestino: o teatro de bonecos mamulengos expresso pelos brincantes da ala que desfila. Nas mãos dos desfilantes - tal qual fazem os artistas do povo - estão a reprodução dos fantoches populares que personificam tipos matreiros onde difundiu-se a contação de histórias de sabor regional, entre elas, as histórias dos cangaceiros, sobretudo a história de amor de seu casal mais popular: Lampião e Maria Bonita.</p>	Ala Bandeira Dois (1959)	Comissão de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantásias

Criador(es) das Fantásias (Figuristas)

Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p>O Cordel de José Pacheco</p> 	<p>Vivo – como apresentado até aqui - capitão Virgulino esteve na boca do povo. Morto – como será apresentado a partir daqui - migrou para o delírio dos poetas. Com a morte de Lampião - mencionada de forma lúdica na alegoria que precede a ala dos compositores - inicia-se o conteúdo inverossímil do enredo proposto e o mergulho no “aperreio do cabra” que, em sua primeira investida pós morte, foi tratado com má-querença pelo excomungado (um dos nomes do diabo no vocabulário popular nordestino). Para esse mergulho – carnavalesco, delirante e fantasioso - sua ida ao inferno é debruçada sobre a narrativa fictícia do célebre cordel de autoria do poeta pernambucano José Pacheco.</p> <p>Vestindo colorido avermelhado – cor quente que sugere o ardor do território “onde não existe inverno” – a ala dos compositores inaugura o terceiro setor do desfile (NOS CONFINS DO SUBMUNDO: A CHEGADA DE LAMPIÃO AO INFERNO), menciona no figurino que veste o clássico da literatura de cordel que nos inspira enquanto celebra seu autor, José Pacheco.</p>	<p>Ala dos Compositores (1959)</p>	<p>Comissão de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	A Chegada de Lampião ao Inferno 	<p>Para narrar a chegada de Lampião ao inferno, José Pacheco cria um ambiente anedótico no qual o mandatário do sertão nordestino se dirige para “a morada do mal” em busca de abrigo. Assim começa o delirante “aperreio” protagonizado pela figura que nos serve de pivô para a narrativa carnavalesca apresentada. É nesse contexto estético – mesclando ironia e jocosidade – que mergulhamos agora com a intenção de ambientar a chegada de Virgulino Ferreira da Silva ao “andar de baixo”.</p> <p>Localizada à frente de um elemento cênico cuja cenografia revela um portão de acesso ao local, o figurino da ala que dá contorno à figura de Lampião transferida para o inferno se utiliza de artigos visuais regionais definitivamente associados ao Nordeste. Conduzindo uma burrinha tal qual um brincante dos famosos folguedos das típicas festas populares da região, o componente apresenta uma fantasia de contorno anedótico (ao sabor do cordel que livremente nos inspira), enquanto brinca de maneira jocosa com a figura do mandatário do sertão e sua chegada ao inferno.</p>	Ala Rio Antigo (1959)	Comissão de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p>A Tropa de Expulsão</p> 	<p>Junto de Lampião, e inspirados pela literatura de cordel, chegamos ao inferno. A partir daqui, o devaneio das imagens e da narrativa nos guia enquanto a coloração geral do setor nos ambienta no imaginário popular que dá o contorno visual associado aos domínios de Satanás.</p> <p>Na ficção, carregada de delírio, o cordel de José Pacheco descreve minuciosamente como se deu a visita do cangaceiro ao local conhecido por todos como “a morada do mal”. Na trama fictícia, não querendo ser incomodado, Satanás manda que se reúna uma tropa para que a tentativa do “capitão” de entrar em seu território seja impedida. É assim que partem ao encontro de Capitão Virgulino numeroso contingente de demônios objetivando impedir seu ingresso na casa do “excomungado”.</p> <p>De forma carnavalesca é isso que a ala sugere: Uma “tropa” que parte em ossadas de cavalos tingidos pelo fogo do ambiente em associação à uma estética tradicionalmente relacionada ao perfil regional nordestino. Ao visual geral são acrescentados ainda artifícios plásticos ligados a imaginários populares que trazem diálogos imagéticos com o inferno, o diabo e a morte.</p>	Ala 484 (1959)	Comissão de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Secto Infernal</p> 	<p>Um secto de figuras diabólicas de tom carnavalesco acompanha “O Cão e a Onça Caetana” (ambos personificados pelo segundo casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira respectivamente) aumentando a diversidade de figuras demoníacas convocadas para a expulsão de Lampião do inferno tal qual sugere a narrativa apresentada pelo enredo.</p>	<p>Guardiões do 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira (1959)</p>	<p>Comissão de carnaval</p>
*	<p>A Diaba Quem Me Dera</p> 	<p>Diante da presença de Lampião no inferno, segundo o cordel que nos inspira, a sinopse que dá contorno a narrativa e ao samba que cantamos - Satanás em pessoa manda reunir variado tipo de diabos mencionados com graça carnavalesca para que o cangaceiro não consiga ingresso em sua morada. Como já mencionado, no cordel que inspira essa abordagem, a picardia é uma saborosa companheira da leitura, sugerindo inclusive um número sem fim de imagens carnavalizadas. É em função dessas muitas possibilidades de carnavalização e bom humor que, à frente dos ritmistas, a rainha de nossa bateria performa uma provocativa, sensual, bela e seminua versão para uma “diaba” batizada de forma anedótica de “QUEM ME DERA”.</p>	<p>Rainha de Bateria (1959)</p>	<p>Comissão de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantásias

Criador(es) das Fantásias (Figurinistas)

Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p>Lampião: “Um Diabinho Nordestino”</p> 	<p>Por todo o período no qual esteve vivo à frente de seu grupo de cangaceiros, Virgulino Ferreira da Silva foi um sujeito temido em função da fama de seus feitos sanguinários. Não são poucos os relatos de atos bárbaros de crueldade desmedida contra homens e mulheres que supostamente haviam praticado algo que feria a “lei” estabelecida pelo “rei” do cangaço. O fascínio que a sua figura exuberante despertava no imaginário sertanejo sempre andou de mãos dadas com o assombro de suas práticas junto à população nordestina.</p> <p>Curiosamente, toda essa personalidade marcada pela crueldade foi o mote principal para o tom anedótico que marca a construção do ambiente malicioso do cordel que vislumbra que o mandatário do sertão nordestino não teria morada nem no local para onde, após a morte, são enviados aqueles que não são bons. O motivo é cômico: De tão ruim, Virgulino Ferreira da Silva seria “um diabo” e o “Diabo em pessoa” sofreria desmoralização se em seus domínios lhe fosse dado abrigo.</p> <p>Nesse contexto, inseridos no setor onde o temido cangaceiro tenta abrigo no inferno, os ritmistas Leopoldinenses são o próprio Lampião em sua cara “diabólica” acrescida de comicidade. Trata-se de um “diabinho nordestino”. Espalhafatoso como convém à moda do cangaço, reproduzindo à moda carnavalesca o indefectível chapéu, o bernal de estampa florida e a jabiraca no pescoço (o famoso lenço de seda vermelha que além de mostrar vaidade, secava o suor que escorria ao longo das duras caminhadas).</p>	Ala da Bateria (1959)	Comissão de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p>Malícia Fogosa</p> 	<p>Enquanto instaura a epopeia de Virgulino no inferno, o cordel de José Pacheco materializa em sua narrativa fantástica o conceito de carnavalização. Ao vislumbrar a visita do capitão “aos confins do submundo” o cordelista transforma o local no palco de uma delirante ópera popular recheada de sugestões visuais dotadas de fantasia e elementos visuais fantásticos. O Inferno austero, projetado pelo italiano Dante Alighieri, dá vez a um poço de paródia, algazarra e festividade que, por ser tão barulhento, é quase música e, por isso, quase dança.</p> <p>É nesse contexto de carnavalização possível que o samba no pé dos passistas da Leopoldina é inserido nesse momento de desfile. Ao figurino carnavalesco de contorno diabólico soma-se a malícia fogosa da dança que exhibe o calor do samba que faz com que os pés e os quadris requebrem ao som da bateria que embala a saga delirante de Lampião em ambiente infernal.</p>	Ala de Passistas (1959)	Comissão de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

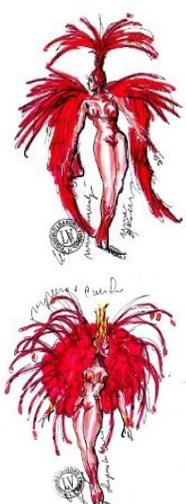
Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<p>Tocou Fogo no Inferno</p> 	<p>Arruaceiro, autor de inúmeros atos de maldade, temido pelo diabo em pessoa e impedido de ter morada até no território para onde os que são maus são enviados no pós-morte segundo os imaginários populares, Lampião realiza seu último ato de desordem e desobediência antes de ser expulso definitivamente do inferno: atear fogo naquele território causando imenso prejuízo. É assim que o cordel de José Pacheco encerra a passagem tragicômica do cangaceiro na casa do “excomungado” e é a isso, portanto, que a última ala do setor que aborda a passagem de Lampião pelos “confins do submundo” faz menção.</p> <p>Para tal, a ala em questão desfila próxima da alegoria que materializa o inferno fazendo uso de signos visuais - e coloração geral - que traduzem uma estética explosiva e incendiária que expande o calor das intenções cromáticas.</p>	Ala Rainha de Ramos (1959)	Comissão de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Ardendo em Chamas</p> 	<p>Juntas, em tons avermelhados, as musas localizadas à frente da alegoria “NOS CONFINS DO SUBMUNDO” vestem o imaginário dos signos ligados ao inferno e à coloração associada ao calor, ao ardor das brasas e das chamas que direcionam a construção visual do conjunto alegórico que as belezas precedem.</p>	<p>Musas (1959)</p>	<p>Comissão de Carnaval</p>
15	<p>A Subida de Lampião à Casa do Santíssimo</p> 	<p>Tratado com má-querença pelo excomungado – tal qual o título do enredo sugere e as alas anteriores apresentaram - Lampião agora tenta guarida na morada celestial. Inaugurando a abordagem do tema e o quarto setor do desfile (batizado de “A CHEGADA DE LAMPIÃO AO CÉU” – nome dos cordéis de Rodolfo Coelho Cavalcante e Guaipuan Vieira para o mesmo tema) a ala “A subida de Lampião à casa do Santíssimo” se utiliza de recursos lúdicos para apresentar uma permissiva releitura da típica figura do célebre cangaceiro – agora em tons e contornos celestiais traduzidos pela combinação de azuis, brancos e pratas – “montado” sobre um pássaro que lhe serve de burrinha carnavalesca para partir rumo às alturas na tentativa de guarida.</p>	<p>Parque Shanghai (1959)</p>	<p>Comissão de Carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p>Anjos Nordestinos</p> 	<p>Fazendo a transição do desfile para temas ligados à chegada de Lampião ao céu e ambientando o enredo em um novo tempo/espço, o figurino recria a tradicional figura alada tão presente no imaginário popular das coisas divinas com toques estéticos da cultura nordestina brasileira. Contrapondo a coloração do setor anterior, a cartela cromática da fantasia em questão dá lugar à combinação de tons alvos e azuis a fim de construir um visual com características celestiais. Sobre a cabeça do brincante, uma cabeça de reisado em tons de prata e fitas enfeitadas ao gosto da cultura popular nordestina. Como fica evidente em função dos signos exibidos no figurino, trata-se de um ser celestial, alado como os anjos descritos nas escrituras, porém, pertencente a um céu de sabor nordestino e ao gosto regional.</p>	<p>Ala Tamarineira (1959)</p>	<p>Comissão de carnaval</p>
*	<p>Delírios Celestiais</p> 	<p>À frente do elemento cenográfico intitulado O GRANDE DEBATE DE LAMPIÃO COM SÃO PEDRO, a musa Ketula veste uma combinação de cores e signos celestiais em associação a artigos reluzentes para ambientar o enredo no território onde o cangaceiro inicia sua segunda tentativa de abrigo: o céu.</p>	<p>Musa (1959)</p>	<p>Comissão de carnaval</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	Manda Chamar São Jorge 	<p>Após o tripé batizado de O GRANDE DEBATE DE LAMPIÃO COM SÃO PEDRO a ala “MANDA CHAMAR SÃO JORGE” faz menção à série de mártires católicos santificados que são mencionados nos cordéis que se debruçam a narrar com picardia e bom humor o alvoroço provocado por São Pedro ao convocar um número sem fim de figuras sacras para a expulsão do famoso bandoleiro que agora passa a tentar ingresso na morada celestial.</p> <p>Dos santos ligados às grandes batalhas ou aos embates mais difíceis, São Jorge talvez seja o mais popular em função de sua alcunha de “o santo guerreiro”. Não à toa, ele é um dos primeiros santos escalados na narrativa proposta pela ficção cordelista para participar ativamente da tentativa de impedir o ingresso de Lampião naquele espaço sagrado. Pertencente a um céu lúdico e brasileiro – como sugere o ambiente carnavalesco aqui apresentado - o santo da Capadócia ganha contornos regionais à moda nordestina.</p> <p>Espécie de guerreiro de reisado, o figurino mescla a típica indumentária do mártir às cores e aos signos da cultura popular do Nordeste do Brasil. A armadura dá vez ao colete enfeitado com artigos de acetato brilhante. O capacete mescla prata e estampa de chitão. Como adereço de mão, uma jocosa menção ao cavalo de São Jorge, companheiro do santo em suas batalhas e demandas, tão presente no imaginário do catolicismo popular.</p>	Ala Cinco Bocas (1959)	Comissão de carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<p>Toda a Santaria se Fez de Bedel</p> 	<p>Bedel é uma espécie de inspetor, um tipo de censor responsável por impor disciplina. Fazer-se de bedel quer dizer colocar-se na condição de praticar a censura. No contexto do cordel por nós transformado em carnaval é isso que as figuras canonizadas convocadas por São Pedro para a expulsão de Lampião do ambiente celestial realizam. Assim, unindo jocosidade, dança e bom humor – como sugere o ambiente literário e a estética cordelista que nos inspira - a ala que desfila exhibe uma dinâmica coreográfica onde a figura de Lampião apresenta-se em meio a um grupo de brincantes cuja a indumentária remete ao imaginário popular dos santos e santas católicos que, aos pares e dançando à moda junina, se empenham na expulsão do bandoleiro do ambiente celestial.</p>	Ala Baile da Gaiola (1959)	Comissão de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	Rogando a Padim Ciço 	<p>Lampião e Padre Cícero Romão são duas das maiores personalidades da cultura nordestina no que diz respeito à popularidade. Em vida, encontraram-se no ano de 1926 em Juazeiro do Norte. Após a morte, encontraram-se em inúmeros cordéis graças a pena e ao delírio dos poetas populares. Em variadas obras da literatura popular cordelista que narram a chegada de Lampião ao céu, é ao padre de Juazeiro que o bandoleiro pede auxílio e apadrinhamento para ter guarida, ainda que, de forma inútil.</p> <p>Tirando partido do bom humor e da jocosidade do ambiente anedótico do encontro dos dois personagens no céu, o figurino apresenta o “Padim” a quem Lampião pede a intercessão para ingresso na “morada dos santos” de forma pouco formal e tirando partido da ludicidade. A menção ao padre contraditório que o povo sertanejo entronizou, a força no altar dos santos na epopeia de Lampião no céu se dá através da bem-humorada citação de sua figura já idosa, transformada num jocoso boneco de pano, que ganha destaque junto ao figurino do brincante que desfila vestindo uma cartela cromática que sugere pureza.</p>	Ala Deu no Poste (1959)	Comissão de Carnaval

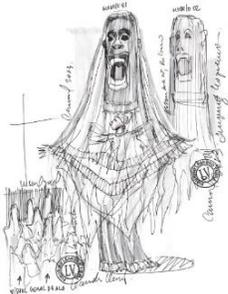
FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figuristas)

Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	Assombração Sertaneja 	<p>Sem abrigo no inferno e no céu, tratado com má-querença pelo “excomungado” e sem a guarida do “santíssimo” como apresenta a narrativa fantástica revelada até aqui, Lampião “vaga” então pela cultura nordestina e seus imaginários mais populares e definitivos. Nem vilão nem herói, nem bom nem mal, sua figura segue viva como uma espécie de “fantasma” que encontrou como a última morada o universo das coisas ligadas ao Nordeste do Brasil.</p> <p>Assim sendo, inaugurando o último setor do desfile Leopoldinense (batizado VAGUEIA PELOS CANTOS DO SERTÃO) a ala “Assombração Sertaneja” apresenta um contorno estético de perfil fantasmagórico. Mergulhando nos aspectos lúdicos e na permissividade subjetiva, o figurino que desfila apresenta-se tal qual uma pálida assombração construída com véus de tecidos translúcidos.</p> <p>Fazendo uso de imaginários nordestinos associados ao assombro e ao fantasmagórico, a estética peculiar das carrancas de proa do Rio São Francisco revelam-se junto ao conjunto visual que desfila. Em linhas gerais, carranca significa “cara feia” e é uma das maiores expressões da cultura popular sertaneja no que diz respeito às coisas assombrosas.</p>	Ala Bar da Portuguesa (1959)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	Vagueia nas Vestes do Vaqueiro 	<p>Impregnado de forma definitiva nos imaginários sertanejos, um dos “cantos” do sertão onde Virgulino Ferreira da Silva “vaga” de forma atemporal é na indumentária característica perpetuada pela figura do vaqueiro nordestino. A tradição estética de Lampião na manufatura de sua indumentária produzida a partir do couro - o chapéu, o gibão, as sandálias – segue sendo reproduzida e enfeitada para ser utilizada como proteção para a inóspita natureza da região.</p> <p>Esses acessórios popularizados pelo célebre cangaceiro no início do século passado foram gradativamente utilizados como símbolo da bravura da vida sertaneja e da luta do homem nordestino. Lampião ditou moda e perpetuou seu imaginário estético no gibão, nas sandálias e no couro destinado à produção de variados tipos de chapéus – as verdadeiras “coroas do Nordeste”.</p> <p>Debruçado sobre esse imaginário, o figurino que veste a ala menciona a típica figura nordestina. De forma carnavalesca, a fantasia reproduz a estilização estética da moda do cangaço perpetuada pelo vaqueiro enquanto o resplendor - de cor quente e solar - menciona o calor escaldante do sertão desbravado pelo tipo mencionado.</p>	Ala Cigana Feiticeira (1959)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p>Seu destino: O Gibão e a Coroa do Rei do Baião</p> 	<p>Dentro desse contexto de perpetuação de imaginários, um dos mais célebres destinos para a perpetuação estética de Lampião se deu pela figura de Luiz Gonzaga, o Rei do baião. Em meados dos anos 1940, o traje típico do cangaço ainda era associado ao bando de Lampião - morto pela polícia poucos anos antes, em 1938 - e ao banditismo. Ao optar por vestir-se à moda do Rei do Cangaço, o Rei do baião imprimiu sua imagem e o seu figurino em peças que seriam sua marca por décadas.</p> <p>Enquanto Gonzagão ganhava fama, a popularidade do chapéu do cangaceiro - adornado com espelhos e penduricalhos - e seu gosto pelos bordados e pelos enfeites junto aos artigos de couro ganhavam o imaginário nacional através das capas dos discos e das fotos promocionais do artista.</p> <p>É esse o visual que a fantasia da ala menciona: o perfil de Luiz Gonzaga e a incorporação dos trajes de Lampião à estética do astro da MPB que se imortalizou como o sanfoneiro vestido à moda do bandoleiro que fez história.</p>	Ala Cortume Carioca (1959)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Leandro Vieira				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	Tal Qual Barro Feito à Mão 	<p>A mais popular produção imagética figurativa associada ao Nordeste brasileiro está ligada à estética do barro de Mestre Vitalino. Filho de humildes lavradores, Vitalino Pereira dos Santos passou a desenvolver a modelagem de bonecos de barro para servirem como seus brinquedos ainda na infância. Em tempo, passou a representar o meio em que vivia e o modo de vida do sertão nordestino. Assim, não tardou para que o contorno físico de Lampião fosse tema para a obra do mestre do barro. Transformado em boneco pelo ceramista que fundou a escola da tradição figurativa do barro nordestino, o contorno visual do mais famoso cangaceiro se multiplicou aos montes para tornar-se a materialização do Nordeste em artigos de barro. É em função disso que a ala batizada de “Tal qual barro feita à mão” desfila transformando a figura de Lampião em uma espécie de boneco que reproduz a estética característica da obra do mestre ceramista.</p> <p>Com seu contorno físico e estético transformado em obra de arte, Lampião habita museus, centros culturais e um número sem fim de casas que fazem de seu tipo físico - transformado em souvenir - motivo decorativo.</p>	Ala Choro Suburbano (1959)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Leandro Vieira

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
24	<p>Vagueia na Poesia Sertaneja de Patativa do Assaré</p> 	<p>Encerrando o desfile, a Velha-Guarda louva os imaginários poéticos literários que perpetuaram Lampião através da celebração daquele que é considerado o “poeta porta-voz do sertão”, Patativa do Assaré (1909-2002).</p> <p>Representante da arte maiúscula nordestina do século XX, reproduzindo o linguajar rude falado pelo sertanejo, Patativa projetou-se nacionalmente por retratar a vida árida do povo do sertão. Com 16 anos, empunhando uma viola, começou a fazer repentes com os motes que lhe eram apresentados.</p> <p>Lampião esteve em suas lembranças de criança, em sua maturidade, e a memória do cangaceiro esteve em sua poesia até o fim dos seus 93 anos de vida.</p> <p>Assim, junto daqueles que salvaguardam a mais pura ancestralidade de nossa Escola, é que concluímos a apresentação do lúdico destino definitivo “do valente Lampião”. No terno que vestem – com estampa de motivo estético ligado ao imaginário sertanejo – observa-se o rosto daquele que eternizou em poesia as palavras, os costumes, as dores, as paisagens, os sabores, dissabores e as alegrias do universo aonde Lampião foi o rei e, mesmo após a morte, segue reinando.</p>	Ala da Velha Guarda (1959)	Direção de Carnaval

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadavia Correa, 60 – Barracão 02 – Gamboa – Centro	
Diretor Responsável pelo Atelier Leandro Vieira	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Crys Machado e Sirley dos Santos	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Rivelino
Aderecista Chefe de Equipe Vera Galvão, Gustavo Humberto, Rogério Rodrigues, Augusto Cezar, Lili de Niterói e Russa.	Sapateiro(a) Chefe de Equipe Gomes e José.
Outros Profissionais e Respektivas Funções	
Leandro Assis - Pintura de arte	
Vitor Negromonte - Trabalho de vime	
Élcio - Estrutura em arame moldado	
Outras informações julgadas necessárias	
<i>O croqui é uma simples referência que direciona a criação e pode facilitar o acompanhamento do roteiro. A materialização é o que desfila, as formas, os materiais e as opções estéticas do criador ao longo das decisões de seu processo de realização.</i>	
As fantasias de alas que eventualmente estejam ilustradas por desenhos, assim como destaques de chão, são croquis que podem sofrer alterações de forma e cromática em virtude da confecção e da natureza dos corpos, devendo ser interpretado o conceito do figurino e sua leitura, e não a fidelidade absoluta dos traços para a realidade.	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo Me Leva, Gabriel Coelho, Miguel Da Imperatriz, Luiz Brinquinho, Antonio Crescente e Renne Barbosa

Presidente da Ala dos Compositores

André Bonatte

Total de Componentes da Ala dos Compositores 60 (sessenta)	Compositor mais Idoso (Nome e Idade) Zé Katimba 90 anos	Compositor mais Jovem (Nome e Idade) Luizinho das camisas 23 anos
---	--	--

Outras informações julgadas necessárias

**Imperatriz veio contar pra vocês
 Uma história de assombrar,
 Tira sono mais de mês**

Disse um cabra que nas bandas do Nordeste
 Pilão deitado se achegava com o bando
 Vinha de rifle de corisco e cansação
 Junto de Cirilo Antão, Virgulino no comando
 Deus nos acuda, todo povo aperreado
 A notícia corre céu e chão rachado
 Rebuliço no olhar de um mamulengo,
 Era dia 28 e lagrimava o sereno

**E foi-se então... adeus, capitão!
 No estouro do pipoco
 Rola o quengo do caboclo
 A sete palmas desse chão**

Nos confins do submundo onde não existe inverno
 Bandoleiro sem estrada pediu abrigo eterno
 Atiçou o cão ca-trás, fer furdunço
 E o satanás expulsou ele do inferno
 O jagunço implorou um lugar no céu
 Toda santaria se fez de bedel
 Cabra macho excomungado de tocaia no balão
 Nem rogando a Padim Ciço ele teve salvação

**Pelo cantos do sertão... vagueia, vagueia
 Tal qual barro feito a mão misturado na areia**

**Quando a sanfona chora, mandacaru aflora
 Bate zabumba tocando no meu coração
 Leopoldinense, cangaceira, a minha Escola
 Eis o destino do valente lampião**

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Sobre a Letra do Samba

**IMPERATRIZ VEIO CONTAR PRA VOCÊS
UMA HISTÓRIA DE ASSOMBRAR,
TIRA SONO MAIS DE MÊS**

A primeira estrofe do samba cria um suspense para a narrativa do enredo que será apresentado em nosso desfile. A epopeia de um dos mais populares personagens brasileiros, Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião. Misturando a história real de um dos mitos do cangaço ao olhar delirante da literatura de cordel.

A expressão “tira sono mais de mês” pontua a regionalidade do tema, o Nordeste brasileiro.

**DISSE UM CABRA QUE NAS BANDAS DO NORDESTE
PILÃO DEITADO SE ACHEGAVA COM O BANDO
VINHA NO RIFLE DE CORISCO E CANSANÇÃO
JUNTO DE CIRILO ANTÃO, VIRGULINO NO COMANDO**

Dando sequência a narrativa, a letra do samba apresenta características fundamentais do movimento cangaceiro: O Nordeste, o agrupamento em bando e o uso do rifle. Personagens famosos do cangaço são apresentados, destacando-se Virgulino, protagonista do nosso enredo.

**DEUS NOS ACUDA, TODO POVO APERREADO
A NOTÍCIA CORRE CÉU E CHÃO RACHADO
REBULIÇÃO NO OLHAR DE UM MAMULENGO
ERA DIA 28 E LAGRIMAVA O SERENO**

A estrofe acima menciona o alvoroço que a passagem de Lampião e seu bando provocava junto aos populares além de criar a expectativa necessária para um dos momentos mais tensos do enredo: A morte do cangaceiro.

A poesia apresentada no verso “rebulição no olhar de um mamulengo” remete ao teatro de bonecos tipicamente nordestino, como forma de contar estórias. Aquela que contamos fazendo uso do típico teatro de fantoches é a ocorrida na madrugada do dia 28 de julho de 1938, quando lagrimava o sereno e Lampião e seu bando foram executados pela polícia alagoana.

**E FOI-SE ENTÃO... ADEUS, CAPITÃO!
NO ESTOURO DO PIPOCO
ROLA O QUENGO DO CABOCLO
A SETE PALMOS DESSE CHÃO**

O refrão central do samba inicia a divisão do enredo entre o real e o imaginário, inspirado nos cordéis “A Chegada de Lampião no Inferno” e “O grande debate que teve Lampião com São Pedro” de José Pacheco

Surpreendido pela polícia o bando de Lampião é encurralado. Cabeças separadas dos corpos serviram de exemplo para a população. Estava morto o Rei do cangaço, impresso na expressão “A sete palmos desse chão”

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

**NOS CONFINS DO SUBMUNDO ONDE NÃO EXISTE INVERNO
BANDOLEIRO SEM ESTRADA PEDIU ABRIGO ETERNO
ATIÇOU O CÃO CÁ-TRÁS, FEZ FURDUNÇO
E SATANÁS EXPULSOU ELE DO INFERNO**

A entrada na segunda parte do samba apresenta a chegada de Lampião ao inferno, para onde o cangaceiro vai imediatamente após a sua morte. Porém sua chegada deu-se com tamanho alvoroço, ou furdunço como dizemos na letra do samba e assim, o Cão, o Tinhoso, o satanás expulsa Virgulino.

**O JAGUNÇO IMPLOROU LUGAR NO CÉU
TODA SANTARIA SE FEZ DE BEDEL
CABRA MACHO EXCOMUNGADO DE TOCAIA NO BALÃO
NEM ROGANDO A PADIM CIÇO ELE TEVE SALVAÇÃO**

Expulso do inferno Lampião foi tentar sua entrada no céu, porém toda a santaria, como juiz, nega sua guarida. Virgulino Ferreira, excomungado, sorrateiramente sobe num balão e clama ser levado à presença de “Cíço” Romão... mas nem mesmo implorando a seu padrinho, conseguiu a salvação.

**PELOS CANTOS DO SERTÃO... VAGUEIA, VAGUEIA
TAL QUAL BARRO FEITO A MÃO MISTURADO NA AREIA**

Malquisto no inferno e sem a guarida do santíssimo, Lampião desceu à terra em busca de alguma morada. O fato é que ainda hoje, nosso capitão vaga no imaginário da cultura popular nordestina, presente na arte, na poesia, na música ... Tá em toda sorte de gente, feito de uma mistura que cozinha um bocado de barro mágico, pouca água e o fogo que arde feito o sol desfeito em brasa

**QUANDO A SANFONA CHORA, MANDACARU AFLORA
BATE ZABUMBA TOCANDO NO MEU CORAÇÃO
LEOPOLDINENSE, CANGACEIRA, A MINHA ESCOLA
EIS O DESTINO DO VALENTE LAMPIÃO**

O refrão principal do samba conclui de forma poética o enredo apresentado. É a Imperatriz com alma cangaceira, misturando sanfona e zabumba ao samba carioca, cantando que, a partir do nosso desfile, a verde, branco e ouro da zona da Leopoldina também será morada e destino do valente Lampião!

FICHA TÉCNICA**Samba-Enredo****Outras informações julgadas necessárias****Sobre a Melodia do Samba**

A Imperatriz Leopoldinense apresentará no desfile do carnaval de 2023 um dos mais belos sambas de sua história. Um samba com grande riqueza melódica, que faz citações, significativas, a outros gêneros musicais que dizem respeito ao enredo escolhido. A melodia reveste muito bem toda a teatralidade que o espetáculo irá proporcionar.

Inicia-se o samba com uma melodia suavemente tensa, sugerindo o suspense descrito pela letra. Afinal, será contada uma história de tirar o sono. É uma melodia em tom menor, com valorização das notas baixas, graves, insinuando um universo sombrio para o desenrolar da narrativa. Ali, a melodia faz o berço para o preâmbulo da história. O incomum é que a cabeça do samba já é um refrão, onde a chamada harmônica para a repetição conclusiva é feita por um acorde dominante substituto, com tensão apoiada na segunda menor. Esse acorde dá ênfase a expectativa ansiosa do porvir.

Ato contínuo, a melodia, ainda em tom menor, começa a dar fluidez a história contada. Melodia que sugere a musicalidade típica do repente da região nordeste do nosso País. Por ter esse compromisso com o estilo, não há, propositalmente, complicações ou rebuscamentos. Ainda na primeira parte existe um ápice. É no trecho em que se diz “DEUS NOS ACUDA”. Nesse momento existe uma modulação para o tom relativo maior, notas mais altas, brilhantes, assertivas que tem como meta emoldurar o clamor da frase.

A melodia do refrão central, também em tom menor, onde a letra diz “E FOI-SE ENTÃO, ADEUS CAPITÃO...” apresenta uma particularidade admirável. A melodia da primeira passagem do refrão retrata um distanciamento, como se o observador estivesse contando um caso ocorrido muito longe, há muito tempo, sobre o qual ele não tem nenhum envolvimento. Porém, na segunda passagem, a modificação da melodia incidindo sobre a expressão “ADEUS CAPITÃO” faz toda a diferença, aproximando o observador à cena retratada.

A segunda parte do samba se mantém em tom menor e continua a dar fluidez a história narrada. A melodia sistematicamente visita a tonalidade do seu relativo maior, principalmente em momentos onde ocorre a necessidade de ampliação do brilho na interpretação. Tons maiores carregam em si essa capacidade. O auge do trecho é onde se canta “O JAGUNÇO IMPLOROU LUGAR NO CÉU...” e suas frases seguintes. Ocorre ali uma grande felicidade na criatividade melódica. Nesta ordem, passa-se do tom original para o seu relativo maior. Em seguida retorna-se a origem para logo depois criar um ponto de tensão sobre a palavra “EXCOMUNGADO”. As notas escolhidas para a composição desta parte, em especial, incentivam o componente a cantar com muito entusiasmo.

Na parte seguinte ocorre outra citação a um gênero musical brasileiro diferente do Samba. É um refrão. Com a melodia modulada para o tom homônimo maior a peça musical se veste de Xote. É romântica, é amorosa e, para homenagear mais uma vez o maravilhoso nordeste brasileiro, pode se dizer que é “chameguenta”.

A finalização ocorre com mais um refrão que se mantém no tom maior homônimo do original. É o mais explosivo. É onde a zabumba se entrelaça as batidas do coração. Desta vez serão citados, melodicamente, o Xaxado e o Arrasta-pé. É uma melodia explosiva que sugere toda a alegria da musicalidade nordestina ornamentada pelo resflego da sanfona. A melodia envolvente dá ao componente a oportunidade de declarar seu amor a agremiação, batendo no peito e dizendo “LEOPOLDINENSE, CANGACEIRA, A MINHA ESCOLA”.

Por fim, este último refrão, na repetição conclusiva, harmoniosamente encaminha o canto para cabeça do samba, retornando para o tom original sem qualquer tipo de entrave.

FICHA TÉCNICA

Bateria

Diretor Geral de Bateria

Mester Lolo

Outros Diretores de Bateria

Mauro, Lucas, Nômade, Júnior, Jean, Baleado, Jhones, Nego Edy, Renan, Tikinho e Dedé

Total de Componentes da Bateria

250 (duzentos e cinquenta) componentes

NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS

1ª Marcação	2ª Marcação	3ª Marcação	Reco-Reco	Ganzá
13	13	15	-	-
Caixa 93	Tarol -	Tamborim 30	Tan-Tan -	Repinique 30
Zabumba 4	Triângulos 4	Cuica 24	Pandeiro -	Chocalho 24

Outras informações julgadas necessárias

***DADOS SOBRE O MESTRE DE BATERIA:**

Desde que assumiu o comando da bateria do G.R.E.S. Imperatriz Leopoldinense, Mestre Lolo coleciona elogios e notas máximas. Luiz Alberto – seu nome de batismo – está há oito anos no comando da Swing da Leopoldina e, ao longo desse período, construiu uma das mais bem sucedidas histórias de regência frente aos ritmistas. Talentoso e disciplinado, o trabalho de Mestre Lolo desfruta de reconhecimento junto à crítica, além de acumular um número sem fim de premiações e troféus.

Primando pela perfeita conversa rítmica entre as diferentes sonoridades de cada naipe que formam a bateria, o mestre se destaca pela preservação das características essenciais do samba buscando unir versatilidade, qualidade de execução rítmica e a mais perfeita cadência.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia Paulo Brandão e Thiago Santos
Outros Diretores de Harmonia Andre do Valle, Brinquinho, Coelho, Renato Cosme, Felipe, Elso, Fábio Churrasqueiro, Batatinha, Fabinho Caprichosos, Fábio Ribeiro, Jairo, Leo, Sidinho, Maurício, Macumba, Regis, Coelho, Nascente, Leo Neto, Fernando, Nelson, Olenir, Patrick, Renata, Giselle, Rafael, Rodrigo, Gago, Tony, Tuninho, Mariana, Wilmar, Renatinha e Zelito
Total de Componentes da Direção de Harmonia 40 (quarenta) componentes
Puxador(es) do Samba-Enredo Intérprete Principal: Pitty de Menezes Cantores de Apoio: Jonathan Fragoso, Maderson Carvalho, Lucas Macedo, Chicão, Jefão e Thati Carvalho
Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo Violão: Pedro Miguel Cavaquinho: Leandro Tomaz e Vinícius Marques
Outras informações julgadas necessárias Direção Musical: Pedro Miguel Produção Musical: Mário Jorge *DADOS SOBRE O INTÉRPRETE PITY DE MENEZES: O intérprete Pitty de Menezes começou sua carreira no final da década de 2000, como cantor da escola mirim da GRES Unidos do Viradouro. No mesmo ano - em 2007 - estreou como cantor de apoio da agremiação de Niterói, através do convite do então intérprete do Grêmio, Dominginhos do Estácio. Seguiu como cantor de apoio da Viradouro até o ano de 2016, quando finalmente estreou como intérprete oficial, no Grupo de Acesso C, na Sereno de Campo Grande. De 2016 a 2019, foi presença no canto de apoio de grandes agremiações do carnaval carioca, entre elas, a Unidos da Tijuca, a Vila Isabel e a Renascer de Jacarepaguá. Destacando-se no cenário musical carnavalesco, assume como cantor oficial da Porto da Pedra - dividindo o microfone com Luizinho Andanças – no ano de 2019. Por fim, em 2020, assume sozinho o microfone da agremiação de São Gonçalo garantindo, junto dos demais segmentos, a nota máxima no quesito samba-enredo e harmonia. Com atuação elogiada pela mídia especializada, ganhou reconhecimento como a voz revelação dos últimos anos. O profissionalismo e o talento de Pitty de Menezes o leva até a Imperatriz Leopoldinense. O ano de 2023 marca a sua estreia como intérprete de Grupo Especial de forma brilhante. O trabalho desenvolvido pela direção de harmonia do GRESIL teve como objetivo proporcionar o perfeito entrosamento entre o ritmo e o canto. Dessa maneira, tão logo o samba que nos impulsiona em desfile foi escolhido, demos início aos ensaios de canto. Dessa forma, o intérprete, os cantores de apoio, o time de cordas, os componentes de nossa comunidade e a nossa bateria começaram um processo coletivo de interpretação da obra que apresentamos.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Outras informações julgadas necessárias

Paralelamente aos ensaios realizados com alternância entre a quadra e as ruas de nosso bairro, o time que compõe o carro de som Leopoldinense trabalhou de forma a desenvolver um arranjo musical capaz de contemplar uma harmonia pertinente ao fortalecimento da interpretação do samba. Ao longo do processo de preparo para o desfile, buscamos desenvolver um trabalho interessado em atingir a excelência. cremos que é a soma das qualidades dos envolvidos que mostra na Avenida de desfiles os frutos de meses de ensaio e dedicação coletiva.

***DADOS SOBRE OS DIRETORES DE HARMONIA:**

Paulo Brandão iniciou a sua trajetória no carnaval desfilando em alas na Imperatriz Leopoldinense. Em 2009, foi convidado pelo então diretor, Chico Branco, a integrar o grupo da Harmonia. Em 2011, assumiu a Direção de Carnaval do GRES Paraíso do Tuiuti onde sagrou-se campeão. Em 2013, integrou a Comissão de Carnaval da Unidos do Porto da Pedra. No ano de 2014, assume a Direção de Carnaval da escola de São Gonçalo, função que exerce até o ano de 2017.

Em 2018, assume a direção de carnaval do GRES Acadêmicos do Sossego. Em 2019, retorna à direção de carnaval da Porto. Paulo Brandão integrou a equipe operacional da Direção de Carnaval do GRES Estação Primeira de Mangueira nos desfiles de 2011, 2012, 2014, 2015 e 2019. Em paralelo ao trabalho realizado nas agremiações carnavalescas, foi um dos produtores do Carnaval do Rio em San Luís dos anos de 2010 a 2015; integrou o elenco da Cerimônia de Abertura dos Jogos Pan Americanos do Rio de Janeiro em 2007; o Brazilian Day em San Diego 2012; a final da Copa do Mundo de 2014 e a cerimônia de encerramento dos Jogos Olímpicos de 2016. Paulo Brandão retorna à Imperatriz Leopoldinense em 2022. Para o carnaval que agora apresentamos, atua como Diretor Geral de Harmonia, ao lado de Thiago Santos.

Sobre Thiago Santos é importante destacá-lo como uma “cria” do pavilhão Leopoldinense e, portanto, uma aposta “da casa”. O ano de 2010 marca sua estreia como Harmonia de ala no Grêmio que guarda a sua paixão pelo território onde nasceu e se criou: a Imperatriz. Três anos depois de assumir responsabilidades junto aos componentes de ala, assume o cargo de Diretor de Harmonia. Em paralelo ao trabalho desenvolvido no GRESIL, seu talento organizacional e sua capacidade de estimular os ânimos dos componentes esteve à serviço de escolas populares como o GRES Tradição, o GRES União do Parque Curicica, o GRES Caprichosos de Pilares, o GRES Império Serrano, o GRES Acadêmicos da Rocinha e o GRES Unidos do Viradouro.

O ano de 2023 marca a sua estreia como Diretor Geral de Harmonia ao lado de Paulo Brandão. Juntos, Paulo e Thiago são as competentes lideranças que comandam com alegria e técnica a Harmonia Leopoldinense em desfile.

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução Mauro Amorim e André Bonatte
Outros Diretores de Evolução Diretores de Harmonia e Harmonias de Ala
Total de Componentes da Direção de Evolução 80 (oitenta) componentes
Principais Passistas Femininos Carmem Mondengo, Ketula Mello, Tati Rosa, Mayara Simões, Karolaine Souza e Karen Maremoto.
Principais Passistas Masculinos Wesley Rabisca, Pablo Araújo, Jhonny Pereira e Rodrigo Nascimento
Outras informações julgadas necessárias <p>Sabedores de sua importância para a qualidade da exibição Leopoldinense, nossos componentes não medirão esforços para estarem preparados para a apresentação que realizamos na Avenida de desfiles. São incontáveis os números de ensaios realizados na quadra e nas ruas do bairro. São incontáveis os encontros de nossos ritmistas, de nossos passistas, de nossas baianas, de nossos componentes de ala, dos integrantes de nossa comissão de frente e de nossos casais de mestre-sala e porta-bandeira para a busca da excelência.</p> <p>Assim, empenhados, estimulamos de forma participativa que cada um dos envolvidos com a exibição da Imperatriz Leopoldinense possa estar integrado de forma coletiva em busca de um só objetivo: A perfeita evolução das pessoas que pisam nessa Avenida carnavalesca para defender a nossa bandeira.</p>

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Vice-Presidente de Carnaval		
-		
Diretor Geral de Carnaval		
Mauro Amorim e André Bonatte		
Outros Diretores de Carnaval		
-		
Responsável pela Ala das Crianças		
-		
Total de Componentes da Ala das Crianças	Quantidade de Meninas	Quantidade de Meninos
-	-	-
Responsável pela Ala das Baianas		
Raul Cuquejo		
Total de Componentes da Ala das Baianas	Baiana mais Idosa (Nome e Idade)	Baiana mais Jovem (Nome e Idade)
80 (oitenta)	Neuza Nogueira (85 anos)	Carla Galvão (47 anos)
Responsável pela Velha-Guarda		
Solange Costa		
Total de Componentes da Velha-Guarda	Componente mais Idoso (Nome e Idade)	Componente mais Jovem (Nome e Idade)
70 (setenta)	Isa Teixeira Mello (92 anos)	Ana Claudia Muniz de Lima (51 anos)
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)		
Regina Casé, Matheus Nachtergaele, Zé Katimba e Preto Jóia		
Outras informações julgadas necessárias		
<p>*SOBRE OS PROFISSIONAIS RESPONÁVEIS PELA DIREÇÃO DE CARNAVAL:</p> <p>Mauro Amorim iniciou sua carreira em 2009 no segmento de harmonia, fazendo parte do time da Renascer após um curso de formação da própria escola. Depois disso, passou por escolas como Unidos de Padre Miguel, Mocidade e Caprichosos, até assumir sua primeira direção geral, na Unidos de Bangu. Com um trabalho diferenciado feito junto à direção geral da Imperatriz (de 2015 até 2017), o convite para comandar a direção geral da Viradouro surgiu em 2018 e foi prontamente aceito. O bom trabalho o levou a alcançar a nota máxima no quesito, ajudando no título do Acesso daquele mesmo ano. Lá permaneceu até o ano de 2020, onde contribuiu ativamente das conquistas recentes da Escola de Niterói (entre elas o vice-campeonato de 2019 e o título de 2020).</p>		

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Outras informações julgadas necessárias

Retornando à Imperatriz Leopoldinense em 2022 como apoio da Direção de Carnaval, após o desfile foi prontamente aceito o convite para o cargo de Diretor de Carnaval ao lado de André Bonatte.

Cria da Imperatriz, André Bonatte começou a desfilar na ala infantil da escola no ano de 1989. Foi ritmista - responsável pela coordenação do naipe de tamborins - entre os anos de 1991 e 2006. Atuou como diretor de harmonia entre os anos de 2007 e 2009 sendo convidado a integrar a direção de carnaval em 2010, como assistente. No ano de 2020 assumiu a direção geral de Harmonia no desfile campeão da Imperatriz, no grupo de acesso, recebendo além das notas máximas, inúmeras premiações no quesito. Em 2022 André Bonatte integrou a Direção de Carnaval do GRESIL permanecendo no posto para o desfile de 2023.

Além da atuação na Imperatriz Leopoldinense, Bonatte atua como julgador nos desfiles do grupo de acesso do Rio de Janeiro e nos grupos especiais de Uruguaiana (RS) e Vitória (ES), nos quesitos Harmonia, samba-enredo e bateria.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente

Marcelo Misailidis

Coreógrafo(a) e Diretor(a)

Marcelo Misailidis

Total de Componentes da Comissão de Frente	Componentes Femininos	Componentes Masculinos
15 (quinze)	-	15 (quinze)

Outras informações julgadas necessárias

PELOS CANTOS DO SERTÃO

A exibição da Comissão de Frente sintetiza o enredo com doses de humor e picardia. Uma espécie de teatro mambembe que dança ambientado em uma paisagem que remete alegoricamente a um pedaço de terra localizado em um canto do sertão nordestino. Uma casa sertaneja no meio de um varal de lençóis testemunha a cena. Nela, Lampião e seu bando ganham contornos lúdicos enquanto fogem de uma perseguição. Morto, o líder dos bandoleiros vai ao inferno e ao céu em busca de guarida.

A Malícia, o riso e a graça, como nos ensina a fina literatura dos cordéis que nos inspira.

***DADOS SOBRE O COREÓGRAFO MARCELO MISAILIDIS**

Iniciou suas atividades artísticas em 1986 com formação inicial em balé clássico, tornando-se primeiro bailarino do Theatro Municipal do Rio de Janeiro em 1991, onde também foi posteriormente diretor artístico do Corpo de Baile no período de 2006 a 2008. Como coreógrafo atua ininterruptamente no Carnaval do grupo Especial desde 1998, onde obteve notoriedade e diversas premiações. Coreografou e dirigiu também diversos espetáculos de ballet, óperas e musicais.

Atualmente é conselheiro artístico do Festival de Dança de Joinville por onde igualmente foi Curador. Possui experiência em cinema, televisão e teatro. Trabalhou com grandes nomes internacionais da dança, do canto, da música e do teatro, destacando a parceria com Ana Botafogo (com quem dançou a maior parte de sua carreira). Dividiu importantes trabalhos com o diretor de teatro Gabriel Vilélla, Sérgio Brito, Natália Makarova, Vladimir Vassiliev, maestro Rostropovich, Roberto Tibiriça, entre outros.

Ficha Técnica da Comissão de Frente 2023:

Assistentes: Aloani Bastos e Eliomar Bonavitta / Criação cenográfica e figurinos: Leandro Vieira / Projeto técnico: Renato Esteves / Cenógrafa responsável: Penha Maria / Confeção de figurino: Regina Fonseca / Cenotécnico e responsável por movimentos especiais: Leandro de Parintins / Pintura de arte: Leandro Assis / Escultura: Algles.

Profissionais envolvidos com o movimento coreográfico:

Antonio Mariano Ornellas / Átila Soares / Bráulio Gomes / Dinis Zanotti / Diogo do Nascimento / Eduardo Gama / Glaucí Vieira / Joao Henrique Rodrigues / Jamerson Oliveira / Luan da Silva / Lucas Severiano / Luís Otávio / Luiz Gabriel Laurindo / Marcelo de Souza / Michel Henrique / Milton Filho / Moisés Ferreira / Yago Gonçalves.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Phelipe Lemos	Idade 33 anos
1ª Porta-Bandeira Rafaela Theodoro	Idade 30 anos
2º Mestre-Sala Marcos Ferreira	Idade 31 anos
2ª Porta-Bandeira Laryssa Victória	Idade 20 anos

Outras informações julgadas necessárias



LAMPIÃO E MARIA BONITA – Logo no início do cortejo Leopoldinense, Virgulino Ferreira da Silva (o famoso Lampião) dança orgulhoso, em vida, sem saber a peleja de delírio e fantasia que enfrentará no pós-morte momesco que se descortinará ao longo do desfile. Transformado em fantasia carnavalesca, ele é o mestre-sala que se apresenta. Este encarna o próprio Rei do cangaço - o senhor do sertão – enquanto seu figurino estiliza o típico traje do célebre cangaceiro.

Se há um rei no cangaço, há também uma rainha. Ela é Maria Bonita. Eterna companheira e parceira enamorada. Cangaceira mulher, tingida com a tonalidade laranja que pinta a aridez da paisagem sertaneja. Rainha de contornos carnavalescos. O rei e a Rainha do cangaço. Lampião e Maria bonita. O mestre-sala e a Porta-bandeira. Phelipe Lemos e Rafaela Theodoro.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

*SOBRE PHELIPPE LEMOS E RAFAELA THEODORO:

Phelipe Lemos ingressou no carnaval das Escolas de Samba ainda criança como mestre-sala mirim na Acadêmicos do Cubango. Tornou-se primeiro mestre-sala aos 21 anos, na Imperatriz Leopoldinense, sendo premiado como revelação. Durante cinco anos consecutivos defendeu o pavilhão Leopoldinense até assumir o cargo de primeiro mestre-sala do GRES Vila Isabel, em 2016. De 2017 até 2020 defendeu o pavilhão da Ilha do Governador e, em 2022, o pavilhão da Unidos da Tijuca.

Premiado quatro vezes com o Estandarte de Ouro do jornal O GLOBO, Phelipe Lemos acumula experiência como professor da Escola de Mestre-Sala e Porta-Bandeira Manoel Dionísio e hoje, com seu retorno à Imperatriz Leopoldinense, atua como instrutor do Projeto Social de mestre-sala e porta-bandeira do Grêmio.

Rafaela Theodoro chegou ao carnaval das Escolas de Samba pelas mãos de sua avó, também Porta Bandeira. Aprendeu seus primeiros passos de dança na Escola de mestre-sala e porta-bandeira Manoel Dionísio. Poucos meses após entrar no curso foi escolhida para assumir o posto de segunda porta-bandeira do GRES Vila Isabel. Dois anos depois, com apenas 18 anos, é convidada para defender o Pavilhão da Imperatriz Leopoldinense, onde permanece até hoje no cargo. Celebrando seus 15 anos de Avenida, a premiada porta-bandeira também se dedica a ensinar sua arte aos jovens alunos do Projeto Social de mestre-sala e porta-bandeira da escola que defende a 12 anos de forma ininterrupta.

Phelipe Lemos e Rafaela Theodoro são parceiros de dança desde os primeiros dias de aula na escola de bailado. Juntos, foram escolhidos para assumir o segundo pavilhão do GRES Vila Isabel e, apenas dois anos depois, foram convidados para defender o primeiro pavilhão da Imperatriz Leopoldinense. O casal formou uma das mais elogiadas duplas durante o tempo em que dançaram juntos pela Verde Branco da zona da Leopoldina (de 2011 até 2015).

Em 2023, após sete anos afastados, Phelipe Lemos e Rafaela Theodoro retomam a parceria e o casal reestreeira na Escola onde fizeram história. O encontro é motivo de alegria para componentes da Escola, os torcedores da Imperatriz, os admiradores do carnaval carioca e os entusiastas da dança dos casais.

*DADOS SOBRE A ORIENTADORA DO PRIMEIRO CASAL:

Ana Paula Lessa é professora e diretora de movimento do Elevé Ballet Studio. É autora do título Alfabaletto. Julgou o quesito de Mestre-Sala e Porta-Bandeira do Grupo B e, há 10 anos, desenvolve um trabalho de refinamento artístico e profilaxia do movimento com casais do carnaval carioca. Com passagens pela Estação Primeira de Mangueira (de 2014 até 2022); Unidos de Padre Miguel (de 2016 até 2018) e Império da Tijuca (de 2019 até 2022). Em 2023, inicia a parceria de trabalho com o primeiro casal do GRES Imperatriz Leopoldinense.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

*DADOS SOBRE O SEGUNDO CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA.



O CÃO E A ONÇA CAETANA: Ele é o CÃO. Ou seja, um tipo de demônio apelidado com um dos muitos nomes que a cultura nordestina deu à figura que personifica o mal no imaginário popular cristão. Ela, a ONÇA CAETANA. A personificação da morte sertaneja como uma fera feminina tão bem descrita na literatura armorial de Ariano Suassuna.

Juntos, vestindo figurino de predomínio vermelho e localizados no setor que aborda a passagem de Lampião pelo inferno, O CÃO E A ONÇA CAETANA complementam os personagens mencionados pela sinopse do enredo envolvidos com a epopeia fantástica e fictícia que narra a expulsão “do senhor do sertão” do inferno.

G.R.E.S. BEIJA-FLOR DE NILÓPOLIS



**PRESIDENTE
ALMIR REIS**

“Brava Gente! O Grito dos Excluídos no Bicentenário da Independência”



Carnavalescos

ALEXANDRE LOUZADA E ANDRÉ RODRIGUES

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo					
<i>“Brava Gente! O Grito dos Excluídos no Bicentenário da Independência”</i>					
Carnavalesco					
Alexandre Louzada e André Rodrigues					
Autor(es) do Enredo					
André Rodrigues e Mauro Cordeiro					
Autor(es) da Sinopse do Enredo					
Alexandre Louzada, André Rodrigues, Mauro Cordeiro, Beatriz Chaves, João Vitor Silveira e Jader Moraes.					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile					
Alexandre Louzada, André Rodrigues e Mauro Cordeiro					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	A construção da ordem e Teatro de sombras.	DE CARVALHO, José Murilo.	Editorial da UFRJ/Relume Dumará	1996	Todas
02	A formação das almas: o imaginário da República no Brasil	DE CARVALHO, José Murilo.	Companhia das Letras	1990	Todas
03	A interiorização da metrópole e outros estudos.	DIAS, Maria Odila Leite da Silva.	Alameda	2005	Todas
04	A outra independência: o federalismo pernambucano de 1817 a 1824	MELLO, Evaldo Cabral.	Editora 34	2014	Todas
05	A saga dos botocudos: guerra, imagens e resistência indígena	MOREL, Marco.	Hucitec	2018	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
06	A vida não é útil.	KRENAK, Ailton.	Companhia das Letras	2020	Todas
07	Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro	MATTA, Roberto da.	Rocco	1997	Todas
08	Casa-grande & senzala.	FREYRE, Gilberto.	Global	2006	Todas
09	Colonização, Quilombos: modos e significações.	SANTOS, Antônio Bispo dos.	INCTI – UnB	2015	Todas
10	Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil.	LEAL, Victor Nunes.	Companhia das Letras	2012	Todas
11	Em guarda contra o perigo vermelho: o anticomunismo no Brasil (1917-1964)	MOTTA, Rodrigo Sá.	Eduff	2021	Todas
12	Encantamento (sobre política de vida).	SIMAS, Luiz Antônio e RUFINO, Luiz.	Mórula	2020	Todas
13	Escritos de liberdade: literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista	PINTO, Ana Flávia Magalhães.	Editora Unicamp	2018	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
14	Experiências da Emancipação: biografias, instituições e movimentos sociais no pós-abolição (1890-1980).	ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de.	Selo Negro	2015	Todas
15	Flecha no tempo	SIMAS, Luiz Antônio e RUFINO, Luiz	Mórula	2019	Todas
16	Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas	SIMAS, Luiz Antônio e RUFINO, Luiz.	Mórula	2018	Todas
17	História da África e do Brasil afrodescendente	SANTOS, Ynaê Lopes dos.	Pallas	2017	Todas
18	Independência do Brasil	PIMENTA, João Paulo.	Contexto	2022	Todas
19	Independência do Brasil: mulheres que estavam lá.	STARLING, Heloisa; PELLEGRINO, Antonia.	Bazar do Tempo	2022	Todas
20	Índios no Brasil: história, direitos e cidadania	CUNHA, Manuela Carneiro da.	Claro Enigma	2012	Todas
21	Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia de COVID-19 no Brasil.	PENSSAN, Rede.	-	2021	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
22	Maravilhosa e Soberana: Histórias da Beija-Flor	MOTTA, Aydano André	Verso Brasil	2012	Todas
23	O amanhã não está à venda.	KRENAK, Ailton.	Companhia das Letras	2020	Todas
24	O banquete dos deuses: conversa sobre a origem e a cultura brasileira.	MUNDURUKU, Daniel.	Global Editora e Distribuidora.	2015	Todas
25	O dia em que o povo ganhou	SANTOS, Joel Rufino dos.	Civilização Brasileira	1979	Todas
26	O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)	SCHWARCZ, Lilia Moritz.	Companhia das Letras	1993	Todas
27	O Jogo da Dissimulação - abolição e cidadania negra no Brasil.	ALBUQUERQUE, Wlamyra Ribeiro de.	Companhia das Letras	2009	Todas
28	O Movimento de Independência. O Império Brasileiro (1821-1889).	OLIVEIRA LIMA, Manuel.	Edições Melhoramentos	1958	Todas
29	O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação.	GOMES, Nilma Lino.	Vozes	2017	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
30	O Sequestro da Independência: Uma história da construção do mito do Sete de Setembro	JUNIOR, Carlos Lima; SCHWARCZ, Lilia; STUMPF, Lúcia Kluck	Companhia das Letras	2022	Todas
31	Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX.	DE AZEVEDO, Célia Maria Marinho.	Annablume	1987	Todas
32	Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros	SIMAS, Luiz Antônio.	Mórula	2013	Todas
33	Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto	HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.)	Bazar do Tempo	2019	Todas
34	Por um feminismo afro-latino-americano.: ensaios, intervenções e diálogos.	GONZALEZ, Lélia	Zahar	2020	Todas
35	Racismo brasileiro: uma história da formação do país.	SANTOS, Ynaê Lopes dos.	Todavia	2022	Todas
36	Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.	CARNEIRO, Sueli.	Selo Negro	2011	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
37	Rebelião escrava no Brasil: a história do Levante dos Malês em 1835	REIS, João José.	Companhia das Letras	2012	Todas
38	Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.	MUNANGA, Kabenguele	Vozes	1999	Todas
39	Revoltas Escravas no Brasil	REIS, João José; GOMES, Flávio.	Companhia das Letras	2021	Todas
40	Revoltas, Motins, Revoluções: Homens livres e libertos no Brasil do século XIX.	DANTAS, Monica Duarte. (org.)	Alameda	2011	Todas
41	Revolução cabana e construção da identidade Amazônida	RODRIGUES, Denise Simões	Editora da Universidade do Estado do Pará	2019	Todas
42	Sobre o autoritarismo brasileiro.	SCHWARCZ, Lilia Moritz	Objectiva	2020	Todas
43	Sociologia do negro brasileiro	MOURA, Clóvis.	Perspectiva	2019	Todas
44	Um defeito de cor	GONÇALVES, Ana Maria.	Record	2020	Todas
45	Um pé na cozinha	MACHADO, Taís de Sant'Anna.	Fósforo	2022	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Teses, dissertações e artigos consultados

- ALBUQUERQUE, Wlamyra. Civismo popular, algazarra nas ruas: comemorações da independência nacional na Bahia, IdeAs [Online], 20 | 2022.
- ALONSO, Angela. O abolicionismo como movimento social. Novos Estudos, v. no 2014, n. 100, p. 115-127, 2014.
- ARAUJO, Ivan Albuquerque. “Pela ordem política e social”: discussão sobre a segurança nacional no primeiro governo Vargas (1930-1945). Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Ciências Sociais, 2019.
- FACINA, Adriana. Sujeitos de sorte: narrativas de esperança em produções artísticas no Brasil recente. Rev. antropol. (São Paulo, Online) | v. 65 n. 2: e195924 | USP, 2022
- KAYAPÓ, Camilo; KAYAPÓ, Edson. Nossas ancestralidades são sagradas. Leetra Indígena, São Carlos, v. 19, n.1, 2021, p.34-37
- KRAAY, Hendrik. A invenção do Sete de Setembro, 1822-1831. ALMANACK BRAZILIENSE, v. 0, p. 52, 2010.
- QUERINO, Manuel Raimundo. O colono preto como fator da civilização brasileira (1918/1980). Afro-Ásia, n.13, p.143-158.
- REIS, João José. O jogo duro do Dois de Julho: o partido negro na Independência da Bahia. Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, v. 13, p. 47-60, 1987.
- RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. Tempo, Niterói, v. 11, n. 22, p. 5-30, 2007.
- SERRA, O Triunfo dos caboclos. In: CARVALHO, MR., and CARVALHO, AM., org. Índios e caboclos: a história recontada [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 55-77.
- ISBN 978-85-2321208-7
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os involuntários da pátria. 2016.

Sites consultados

- <http://bahiacomhistoria.ba.gov.br/?reportagem=reportagem-o-caboclo-o-dois-de-julho-e-o-candomble>
- <https://www.bbc.com/portuguese/resources/idt-sh/lutapelaabolicao>
- <https://bicentenario2022.com.br/>
- <https://www.geledes.org.br/os-cotistas-desagradecidos/>
- <https://www.historia.uff.br/impressoesrebeldes/>
- <https://www.vozesnegras.com/>
- <https://www.youtube.com/watch?v=kWMkB9mZm9o&t=2026s>
- <https://www.youtube.com/watch?v=tWkBBwqM2UI>

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Exposições de arte

- Atos de revolta: outros imaginários sobre independência
Curadoria: Beatriz Lemos, Keyna Eleison, Pablo Lafuente e Thiago de Paula Souza
MAM Rio – Museu de Arte Moderna Rio de Janeiro.
- *Nakoada: estratégias para a arte moderna*
Curadoria: Denilson Baniwa e Beatriz Lemos
MAM Rio – Museu de Arte Moderna Rio de Janeiro.
- *A construção do Estado 1822-1889*
Curadoria: Aline Montenegro Magalhães, Rafael Zamorano Bezerra, Vera Lúcia Bottrel Tostes, Ângela Telles, Ruth Beatriz Caldeira de Andrada, Lia Silvia Peres Fernandes, Jorge Cordeiro e Claudio Nelson Barbosa, Luiz Carlos Antonelli e Cristiane Vianna João
Museu Histórico Nacional
- *Cidadania 1889 até a atualidade*
Curadoria: Aline Montenegro Magalhães, Rafael Zamorano Bezerra, Vera Lúcia Bottrel Tostes, Ângela Telles, Ruth Beatriz Caldeira de Andrada, Lia Silvia Peres Fernandes, Jorge Cordeiro e Claudio Nelson Barbosa, Luiz Carlos Antonelli e Cristiane Vianna João
Museu Histórico Nacional
- *Protagonismo – memória, orgulho e identidade*
Curadoria: Erika Monteiro, Phelipe Rezende e Stephanie Santana
MUHCAB – Museu da História e da Cultura Afro Brasileira

Filmes e documentários

- Emicida: AmarElo – É tudo para ontem. Direção: Fred Ouro Preto. Produção: Evandro Fióti. Distribuidor: Netflix. Brasil: Sony Music sob licença exclusiva do Laboratório Fantasma, 2020.
- Guerras do Brasil.doc. Direção: Luiz Bolognesi. Produção: Buriti Filmes. Brasil: EBC/TV Brasil, 2019.
- Projeto Querino. [Locução de]: Tiago Rogero. Brasil: Rádio Novelo, 2022. Podcast.

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Perfil do Carnavalesco: Alexandre Louzada

Alexandre Louzada construiu uma carreira sólida tanto no carnaval do Rio de Janeiro quanto no de São Paulo. Sempre fazendo desfiles clássicos com assinatura carnavalesca muito luxuosa, detalhista e grandiosa. E assim, se tornando um dos grandes campeões da era Sambódromo. Detentor de seis títulos no grupo especial do Rio de Janeiro, o artista tem uma marca única: é quem mais tem títulos em escolas diferentes (Mangueira, Vila Isabel, Beija-flor e Mocidade Independente de Padre Miguel). Seu estilo agrada tanto os foliões mais tradicionais como traz frescor e inovação para suas criações.

A estreia foi em 1985, já na escola que mais fazia seu coração bater: a Portela, onde permaneceu no ano seguinte. Depois, passou por União da Ilha, Unidos do Cabuçu, Caprichosos de Pilares, Grande Rio e Estácio de Sá. Fez a sua estreia no carnaval de São Paulo na Camisa Verde e Branco em 1995. O seu primeiro e aguardado campeonato viria com a grandeza do seu homenageado e uma emoção que só quem pisa em solo verde e rosa sente. “Chico Buarque da Mangueira” marcou definitivamente sua vida e a história do carnaval no ano de 1998. Em 2006, falando sobre a latinidade na Vila Isabel, com “Soy loco por ti América” ganhou seu segundo título. A escola desde então, não saiu mais do rol das melhores do Rio.

Em 2007, fez uma movimentação inédita para a sua carreira e foi para a Beija Flor de Nilópolis para integrar a Comissão de Carnaval. Com o irrepreensível enredo “Áfricas”, conquistou mais um campeonato arrebatador. E logo no ano seguinte veio o bicampeonato na azul e branco de Nilópolis com “Macapaba”. Louzada permaneceu na Beija-Flor com ótimos resultados até 2011, ano em que conquistou mais um título com uma homenagem ao Rei Roberto Carlos com o enredo “Simplicidade de um Rei”. Nesse mesmo ano, ganhou também o seu primeiro campeonato no carnaval de São Paulo, com o enredo “A música venceu”, uma comovente homenagem ao maestro João Carlos Martins na escola de samba Vai-Vai.

Após uma passagem pela Mocidade, retornou à Portela. Ainda em 2015, Louzada ganhou mais um título pelo Vai-Vai, integrando uma comissão que elaborou o desfile cujo enredo foi “Simplesmente Elis”. Retornou à Mocidade Independente em 2016, mas foi em 2017, com seu enredo “As mil e uma noites numa Mocidade pra lá de Marrakech” que ele fez o Aladin voar em seu tapete mágico levando ao delírio o povo da Sapucaí e dando mais um título para Padre Miguel!

Em 2020, com o enredo “Se essa rua fosse minha”, Alexandre retomou um grande casamento bem-sucedido com a Deusa. Depois do hiato que as circunstâncias impuseram à festa, assinou o enredo “Empretecendo o pensamento”, levando a escola ao vice-campeonato. Este ano, divide o carnaval com o jovem André Rodrigues, uma parceria construída na obsessão por novas conquistas.

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Perfil do Carnavalesco: André Rodrigues

Reconhecido por seu trabalho como figurinista, projetista e designer no carnaval carioca, o artista André Rodrigues fará sua estreia no Grupo Especial como carnalesco da Beija-Flor de Nilópolis. Experiente apesar de jovem, André acumula quinze anos de trabalho ininterrupto nos barracões, passando por diferentes postos e agremiações, beneficiando-se dos múltiplos saberes adquiridos a partir desta experiência prática. Autodidata, o artista considera esta vasta trajetória de imersão na cadeia produtiva do carnaval a sua formação.

Começou na Lins Imperial em 2007, passou por Grande Rio, Império Serrano, União da Ilha e Vila Isabel desenvolvendo plantas e desenhos artísticos. Em São Paulo, onde atuou também em escolas como Águia de Ouro e Mocidade Alegre, destaca a vivência no Vai-Vai, em 2012, como experiência central em sua carreira. Ainda no carnaval paulistano, entre 2018 e 2022, foi o carnalesco da Mocidade Unida da Mooca, apresentando enredos autorais de destaque como o vitorioso “A Santíssima trindade de Oyó” de 2018 e o aclamado “A Ópera negra de Abdias Nascimento”, em 2020. No último carnaval, desenvolveu o enredo “Visões Xamânicas” na Acadêmicos do Sossego, escola da Série Ouro. Suas narrativas instigantes vem ganhando destaque e despertando atenção de público e crítica, transformando-se em uma marca de sua produção.

Nesta jornada, trabalhou com diversos carnalescos como Alexandre Louzada, Severo Luzardo, Alex de Souza, Cahê Rodrigues e Edson Pereira. Contribuindo decisivamente com o trabalho destes valorosos artistas, André agregou conhecimentos importantes para sua construção artística. Apaixonado e grande conhecedor da festa, André já fazia parte da equipe de Carnaval da Beija-Flor como Diretor Artístico, agora assume o posto de carnalesco ao lado de Louzada. Trata-se de um artista jovem e talentoso, mas que carrega sólida experiência no cenário do carnaval carioca e desponta com vigor, reconhecido pelo prêmio “Plumas e Paetês” como revelação em 2022.

Perfil do Pesquisador: Mauro Cordeiro

Mauro Cordeiro é doutorando em Antropologia PPGSA/UFRJ, mestre em Ciências Sociais pela PUC-Rio (2019) e licenciado em Ciências Sociais pela UFRJ (2017). É pesquisador do Observatório de Carnaval e do RISU – Núcleo de Estudos Ritual e Sociabilidades Urbanas, ambos da UFRJ, além de professor de Sociologia na rede pública estadual da educação básica, teve uma experiência como professor substituto na UFPI, atuando no ensino superior. É um dos idealizadores do projeto Pensamento Social do Samba, onde leciona cursos livres e promove debates acerca deste amplo universo. Suas pesquisas têm ênfase nas culturas populares, sobretudo nas manifestações afrodiáspóricas. Estuda as escolas de samba do carnaval carioca a partir da antropologia política. Oriundo de uma família de sambistas, cresceu no carnaval. Desfilou em alas, se arriscou nos concursos de samba enredo e de quadra e, este ano, faz sua estreia como pesquisador ao aliar a rigorosa formação acadêmica com a sólida vivência do universo do samba.

HISTÓRICO DO ENREDO

“A ideia deste enredo não surgiu como inspiração. Ele foi provocado pela percepção da enorme quantidade de sujeira, de lixo que nos cerca e nos está sufocando. (...) É obrigação de todos nós participar deste trabalho. Cada um deve agir à sua maneira. No nosso caso nós sabemos fazer Carnaval. É nosso ofício. Que seja através dele, então, que a gente proteste. Esperamos, assim, contribuir para o despertar do gigante que somos nós mesmos.”
Joãosinho Trinta

Quem não ouviu a nossa voz no ano que passou dessa vez sentirá a força que tem a Brava Gente da BAIXADA FLUMINENSE, unida às muitas vozes dos abandonados, dos marginalizados e EXCLUÍDOS.

Em 2022, neste mesmo local, falamos sobre a necessidade do reconhecimento da intelectualidade negra, desprendendo as bases de referência do conhecimento das matrizes branco-europeias. A necessidade de uma visão afro-centrada, segundo nosso enredo, vislumbrava um mundo mais igualitário, ao combater a lógica racista. Reconhecendo saberes para além da academia, o desfile falava também sobre a intelectualidade orgânica, esta que se manifesta diariamente nos terreiros das escolas de samba. O movimento EMPRETECER nos trouxe até aqui, neste mesmo lugar, para rever a história de um marco importantíssimo na formação do Brasil, desta vez por um viés afro-indígena, e, conseqüentemente, popular.

Estamos concentrados à espera da sirene e quando for a hora entraremos sem medo. Não haverá máscara, não nos esconderemos, seremos a nossa verdade; a mesma que nos veste e dá sentido aos nossos sonhos. De mãos dadas, respirando fundo, peito aberto e o olhar voltado ao céu. A confiança no irmão e irmã que está ao lado, tomados pelo espírito mais subversivo possível ao fazer carnaval, tomados pelo espírito Beija-Flor. Entrar na avenida para fazer história ao refazer a história.

ABRAM ALAS!

O processo de construção e desenvolvimento deste enredo foi tributário das contribuições produtivas e generosas de uma série de indivíduos e organizações. Uma obra coletiva que buscou a pluralidade desde sua concepção.

Agradecemos especialmente a participação de todos os segmentos da escola que gentilmente compartilharam conosco suas impressões, concepções e demandas no processo de feitura. Intelectuais orgânicos a serviço de sua escola.

Também agradecemos as críticas, sugestões, comentários e percepções, cuja importância é inestimável, de intelectuais cuja trajetória, compromisso com as causas sociais e o trabalho servem de inspiração como AD Junior, Adriana Facina, Ana Flávia Magalhães Pinto, Ana Paula Alves Ribeiro, Anielle Franco, Aydano André Motta, Carly Machado, Casé Angatu Xukuru Tupinambá, Daniel Munduruku, Dom Filó, Edson Kayapó, Flávia Oliveira, Gilson Rodrigues, Jurema Werneck, Leonardo Bruno, Lilia Schwarcz, Lola Ferreira, Lorraine Pinheiro Mendes, Luiz Rufino, Marcelo David Macedo, Messias Basques, Milton Ribeiro, Rutian Pataxó, Sueli Carneiro, Taís de Sant’ Anna Machado, Thayssa Menezes, Wlamyra Albuquerque e Zeneida Lima.

Além dessas lideranças, agradecemos a coletivos como Ação da Cidadania, Anistia Brasil, Coalizão Negra por Direitos, Federação das Associações de Favelas do Rio de Janeiro, Geledés - Instituto da Mulher Negra, Gerência de Relações Étnico-Raciais da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, Iniciativa Direito à Memória e Justiça Racial, Instituto Cultne, Instituto Enraizados, Instituto Marielle Franco, Movimenta Caxias, Movimento dos Trabalhadores por Direitos, Uneafro Brasil e Visão Coop.

A escola se beneficiou da realização de atividades que promoveu, como aulas públicas, mesas de debates e rodas de conversa em diferentes espaços. Destacamos a participação da Beija-Flor de Nilópolis na exposição “Atos de Revolta: outros imaginários sobre independência”, realizada no MAM Rio, cuja afinidade temática propiciou o convite de uma parceria feliz e de sucesso. A escola ocupou o museu através de uma série de atividades que valorizam a qualidade da produção artística e intelectual da agremiação, pautando as reflexões propostas no enredo para muito além do desfile.

No mês de janeiro, reconhecendo a importância do debate e identificando a densidade do enredo construído, a ONG Artigo 19 e a Organizações das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) entraram em contato para se somar no processo e efetivar uma colaboração que muito nos orgulha.

Este enredo é, portanto, uma obra coletiva, produzida a partir de um amplo processo de diálogos, escutas, trocas e comunhão de ideias, concepções, compreensões, desejos e sonhos, muitos sonhos.

Com enorme satisfação e confiança pela maneira ampla, diversa, plural e associativa que este trabalho foi concebido e realizado, apresentamos, orgulhosos, “Brava Gente! O Grito dos Excluídos no bicentenário da Independência”.

SINOPSE

Está no Dicionário:

Independência – estado, condição, caráter do que ou de quem goza de autonomia, de liberdade com relação a alguém ou algo.

Não existe autonomia quando apenas uma via é apresentada: a da exclusão.

Não existe liberdade quando estamos presos a decisões de uma minoria que não nos enxerga.

Por isso questionamos: QUE INDEPENDÊNCIA É ESSA?

Ainda vivemos à sombra de um Sete de Setembro, eternizado por uma história única contada nas escolas. História que constrói um mito fundador da “liberdade” de uma nação passada de pai para filho. A cena imortaliza a imagem de força de um libertador que mal conseguia manter suas calças limpas. História eternizada em um gigantesco quadro chamado “Independência ou Morte”, que fantasiou a realidade, a retratando como um ato de bravura e heroísmo.

Oferecemos, então, uma outra via, real e que pode ser sentida até hoje no coração do Brasil. Não é o brado solitário do imperador que representa a nossa libertação. O que demarca nossa independência, aquela em que acreditamos e que aqui reivindicamos como verdadeiro marco, é o ato incendiário de Maria Felipa, o sacrifício de Joana Angélica e a coragem de Maria Quitéria, heroínas das lutas travadas ao longo de mais de um ano na capital da Bahia, com vitória retumbante dos nativos, fundamental para a emancipação brasileira. O que nos inspira é a figura do caboclo, valente, lança em punho, esmagando o dragão, bradando um grito de êxito. Foi no dia Dois de Julho de 1823, na Bahia, que a luta popular expulsou de forma definitiva as tropas lusitanas que insistiam em subjugar o país.

O Dia da Independência que reivindicamos é comemorado ao som de batuques de caboclo e cantando que até o sol é brasileiro. Precisamos festejar os marcos populares em festas carregadas de brasilidade, reconhecendo o protagonismo feminino e afro-ameríndio. Somos aqueles e aquelas que, excluídos dos espaços de poder, ousam ter esperança no amanhã.

A história prova que foi através da luta incessante que conquistamos nossos avanços. Foi no brado forte e retumbante, não de uma voz única, mas sim pelo ecoar da vontade inabalável do povo brasileiro. Brado coletivo que se espalhou pelo Brasil, principalmente no norte e nordeste, bem longe de onde a história oficial fantasia o protagonismo da independência desta nação. Longe de São Paulo, seus museus e do Vale do Paraíba.

Não à toa, hoje, na Sapucaí, nos vestimos em honra e glória às grandes lutas desta nação, homenageando a galhardia daqueles que travaram as principais batalhas na busca por uma

nação livre de verdade. Convocamos o povo, para incorporar e orgulhar-se do legado combativo de nossa gente por justiça, liberdade e igualdade. O Brasil precisa reconhecer os muitos Brasis e suas batalhas genuínas, travadas pelos verdadeiros filhos deste chão.

Este é um chamado para todos aqueles que se sentem excluídos de um país que não os reconhece como cidadãos. Um país que ignora suas existências quando normaliza seus desaparecimentos. Um país que comemora duzentos anos da marginalização da sua própria gente.

Desfilamos o pesadelo do nosso algoz: a verdade! Sabemos que nossas histórias não terminam antes do fim.

Convocamos porque hoje não pode mais haver degredo. Não carregamos culpa, carregamos sonhos. Disputamos, dia após dia, em todas as frentes, um espaço no poder desta nação. A independência é uma obra em processo e que nos move ao alvorecer do dia que virá.

Intimamos o povo para este ato que pretende revelar que o enredo que eles criaram não tem cor e não há brilho no olhar de quem marcha em suas paradas. A República é a alegoria do tétano e seus dragões da opressão. Sambaremos em cima dos seus tanques: corpos e culturas que resistem e através do tempo reexistem para afrontar o bélico que marcha tendo o medo como aliado, no intuito de manter a ordem. É uma eterna tentativa de vigiar, dominar e aprisionar os povos dos muitos Brasis em uma história única, mitológica. Louvam seus heróis em um processo de apagamento das camadas populares. Processo de exclusão social, política, econômica e da própria história.

IRMÃO E IRMÃ, os símbolos que abraçam o poder, a tirania e a opressão sequer nos acenam com um cínico sorriso, como quem finge simpatia. Vivemos até então na *República Demagógica do Brasil*, que veste fardas e sustenta o lema da sua bandeira ao desfilar na rua o “orgulho da pátria”. Ruas essas que, nas paradas de Sete de Setembro, são impedidas de receber os verdadeiros agentes civilizatórios desta nação: os brasileiros e brasileiras. Esses que estão gritando por uma nação livre que quer ser cidadã com a garantia dos direitos fundamentais: trabalho digno, moradia, alimentação, participação popular, igualdade de direitos e liberdade plena.

Uma nação verdadeiramente independente é a que sonhamos para esta BRAVA GENTE brasileira, que segue derramando seu sangue e suor em busca de dignidade e autonomia. Desfilamos POR UM NOVO NASCIMENTO DO BRASIL. A partir daí, seremos a MÁTRIA SOBERANA, com o povo no poder do Brasil que queremos ter.

Em cortejo seguiremos, unidos, por via da maior manifestação cultural do país, como um grande cordão, formado pelos que sempre foram renegados na história nacional e que, para espanto dos detentores do poder, são os grandes construtores desta nação. Desfilarão diversas expressões culturais, recriando e apresentando os seus Brasis, lembrando que enquanto se luta, se samba também. Alegria é manifestação de esperança.

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

A Beija-Flor de Nilópolis acredita que o bicentenário da Independência é um momento propício para uma reflexão profunda acerca do próprio caráter do país. Afinal de contas, o que é o Brasil? Compreender a fundo a nossa história é fundamental para o entendimento dos dilemas, impasses, conflitos e contradições que nos constituem. Ao mesmo tempo, é indispensável para a projeção de futuros possíveis.

O carnaval carioca, *alegria e manifestação*³, não poderia ficar de fora da ampla discussão suscitada por esta efeméride. A festa, um espetáculo artístico de inegável dimensão política e pedagógica, consolidou-se como um espaço privilegiado para a discussão e a disputa de questões caras à sociedade brasileira. Ciosa de sua tradição contestadora, a Deusa da Passarela irá, por mais uma vez, ocupar o espaço público para debater um tema de interesse nacional.

Nosso desfile, um ato cívico, será uma intervenção crítica neste debate ao reivindicar o papel ativo, decisivo e protagonista do povo brasileiro na história do Brasil. Ato contínuo, também iremos denunciar os mecanismos da exclusão – material e simbólica – promovida contra esta brava gente que segue em luta para edificar um Brasil do tamanho dos seus sonhos. Um Brasil de muitos Brasis.

A narrativa do desfile se desdobra a partir da desconstrução do Sete de Setembro como mito fundador da nação, evidenciando que esta construção promoveu o apagamento do caráter conflitivo que envolveu o movimento da independência. Um mito apaziguador. Ao invés deste mito, reivindicamos o Dois de Julho de 1823 como o marco de uma independência conquistada decisivamente através de batalhas com forte protagonismo popular. É a defesa de uma abordagem mais inclusiva, plural e diversa sobre este processo histórico e do papel categórico cumprido por brasileiros e brasileiras que dedicaram suas vidas à causa nacional.

Em sequência, demonstramos que, concluída a emancipação política, o Estado nacional foi erguido através da manutenção do *status quo*, motivo pelo qual a brava gente brasileira, verdadeiros heróis e heroínas, seguiu mobilizada e organizou levantes, revoltas e motins em prol de direitos e, sobretudo, pela liberdade. São imaginações políticas que sustentaram atos de revolta.

Os mecanismos de exclusão e controle operados no período republicano são expostos no setor seguinte para promoção do entendimento do caráter autoritário e desigual que fundamenta esta nação. A parada militar do Sete de Setembro é um rito eficaz ao celebrar o mito fundador de uma nação forjada na violência para manutenção da ordem.

Logo após esta denúncia, o desfile faz o reconhecimento do papel civilizatório e exemplar dos movimentos sociais em diferentes lutas por autonomia, dignidade e justiça, tarefas inadiáveis para que sejamos, de fato, uma nação independente.

³ Verso do samba enredo da Beija-Flor no carnaval de 1989, o lendário “Ratos e urubus larguem a minha fantasia”, de autoria dos compositores Betinho, Glyvaldo, Zé Maria e Osmar.

Por fim, compreendemos as criações e reconstruções artísticas dos cortejos, ritos, procissões, atos e manifestações da cultura popular como formas de esperar, ou seja, alimentar a utopia real, a crença concreta e coletiva de converter sonhos em realidades. A cultura popular brasileira emerge como um grande manancial de aspirações e fabulações de futuros possíveis. É a expressão da pluralidade e diversidade que entendemos como potência de um país que somente será independente quando valorizar a riqueza da diferença.

Naquele Dois de Julho, o Sol do Triunfar

A história nacional é uma narrativa única, uma produção política tecida pelos detentores do poder para forjar um sentido do que somos enquanto nação através da invenção e da seleção de símbolos pátrios. A fabricação do Sete de Setembro de 1822 como o grande mito fundador do Estado brasileiro é central neste processo. Por meio de símbolos e de obras de arte, como o quadro “*Independência ou Morte*” do pintor Pedro Américo, o grito do Ipiranga transformou-se no ato histórico decisivo da emancipação política do Brasil. O brado heroico do príncipe regente teria sido o gesto definitivo da libertação.

O mito do Sete de Setembro, criado retrospectivamente, originou a ideia da independência como um movimento negociado e pacífico, um “desquite amigável”, como definiu o diplomata e historiador Manuel de Oliveira Lima. Enquanto elevou Dom Pedro I ao posto de herói libertador, este mito provocou o apagamento da história das guerras de independência, uma série de conflitos bélicos que ocorreram no decurso do processo emancipatório. Para além das margens plácidas do riacho, houve morte para consolidação da independência.

A invenção do grito do Ipiranga como gesto inaugural da nação é um mecanismo de exclusão e silenciamento do papel popular na consecução da autonomia política. O historiador João Paulo Pimenta assinala que as guerras de independência foram determinantes para construir a unidade política e territorial do Império do Brasil. Batalhas emblemáticas foram cruciais para que a causa brasileira triunfasse, atestando a relevância destes eventos para a compreensão do processo de independência.

Pela sua duração, envergadura e desdobramento, a guerra que se instalou na província da Bahia foi certamente a mais marcante dentre estas. Durante um ano e quatro meses, tendo, portanto, início anterior e desfecho posterior ao Sete de Setembro, o destino nacional teve este território como palco privilegiado. O confronto - na província onde os invasores portugueses aportaram em 1500 - foi central no processo de ruptura que garantiu a soberania.

Até que em Dois de julho de 1823 *até o sol foi brasileiro*⁴. **O dia em que o povo ganhou**, como de maneira feliz e inspirada cunhou o historiador Joel Rufino dos Santos. Esta data marca a vitória brasileira com a expulsão dos portugueses e, desde então, é lembrada através de uma grande festa popular que tem cheiro, cor e sabor de brasilidade. Uma comemoração cívica que reproduz o trajeto da entrada triunfal das tropas patrióticas em Salvador.

⁴ Verso do Hino do Dois de Julho, Hino oficial do estado da Bahia. Composição de Ladislau dos Santos Titara e José dos Santos Barreto.

Esta algazarra nas ruas, encontra nas figuras do caboclo e da cabocla símbolos do triunfo, funcionando tanto como uma referência ao papel de indígenas na guerra, quanto como uma reverência à ancestralidade dos donos da terra. A frente de batalha contava com a presença de vários grupos negro-mestiços, um partido negro em luta pela liberdade. O papel de destaque de muitas mulheres, como Joana Angélica, Maria Quitéria e Maria Filipa, verdadeiras heroínas da pátria, acentua o protagonismo feminino que se contrapõe a uma escrita da história centrada no paradigma da masculinidade.

O bicentenário daquele Dois de Julho de 1823 é a data que celebramos como marco da emancipação política. Como afirma a historiadora Wlamyra Albuquerque, a independência foi garantida nos campos de batalhas e não apenas nos palácios. Por isso, reivindicamos o caráter nacional desta data e louvamos, de forma festiva, os heróis e heroínas que o realizaram. Desta forma, defendemos uma representação mais inclusiva sobre este processo histórico ao trazer para o centro da cena a presença de personagens historicamente invisibilizados.

Atos de revolta: a heroica desobediência civil

Ainda que a participação popular tenha sido crucial para obtenção da soberania em relação a antiga metrópole, as elites oligárquicas ergueram um Estado cujo objetivo era garantir a permanência do caráter violento, desigual e excludente, em uma lógica que se estabeleceu na colonização e se estende até hoje. As diferentes elites regionais possuíam divergências e eram muitas as tensões sociais existentes naquele período. Porém, o medo de uma insurreição de negros e mestiços, como houvera no Haiti, e o desejo de manutenção da estrutura social, serviram para efetivar uma unidade em torno de três pilares fundamentais: a escravidão, o latifúndio e a monarquia.

Por sua vez, nosso povo permaneceu em luta. Formou redes de proteção comunitária e fortalecimento coletivo, além de ter organizado um conjunto de movimentos de reivindicação e contestação. Se a ordem é injusta, a desobediência civil é a resposta. Foram incondições, levantes, motins, revoltas e insurreições que atestam distintas imaginações políticas e projetos de país.

Compreender a imaginação política destes heróis e heroínas de tantas lutas inglórias é reivindicar o seu legado nos desafios do presente. Mais do que inspiração e exemplo, são ancestrais que se encantaram sonhando e lutando por um país melhor. Retratamos a galhardia, a bravura e o destemor de personagens populares que se mobilizaram no empenho de alcançar melhores condições de vida e pelo direito de ter direitos.

Síntese do espírito contestatório e mobilizador deste período histórico, o movimento abolicionista é um exemplo vitorioso de organização política que exerceu forte pressão sobre as instituições imperiais até conseguir a façanha de realizar sua pauta. Compreendido aqui como primeiro grande movimento social brasileiro, o movimento abolicionista envolveu e mobilizou amplos setores da sociedade civil através de um repertório de práticas e formas de ação tão diversificadas quanto eficazes⁵.

⁵ Conferências, manifestações, concertos, assembleias, prêmios, ações de propaganda, declarações públicas, discursos, jornais, panfletos, obras de arte, arrecadação de fundos, compra de liberdades individuais, libertações coletivas de escravizados, incitação e auxílio a fugas, obstrução do embarque de escravizados em portos e estações, enfrentamento e etc.

Manutenção da Ordem e o Progresso da Exclusão

A proclamação da República, no crepúsculo do século, também teve caráter extremamente conservador. Este período histórico marcou a conclusão do longo processo de construção nacional. Se o Império ofereceu o mito fundador, a República forneceu a bandeira e o lema: *ordem e progresso*.

Provando que no Brasil as ideias estão sempre fora de lugar, nossa República já nasceu velha. Da espada, oligárquica, dos coronéis e barões, do café com leite e dos ideais eugenistas. Restringindo a participação na vida cívica a pouquíssimos, discriminando por raça, credo, gênero e orientação sexual. O povo brasileiro seguiu ausente dos espaços decisórios. Brutalmente violento, o Brasil é descrito por seus *intérpretes/inventores* como um país pacífico e harmônico, destinado à glória no porvir enquanto, no presente, seus filhos e filhas morrem de fome. Excluídos, à margem. O tal “país do futuro” foi eficaz em elaborar uma imagem de si que mascara sua verdadeira face.

A elite agrária firmou um estado de compromisso com os militares, uma aliança que lhes permitiu manter seu poder e dominação em troca de votos em um país onde, até hoje, não houve uma reforma agrária. Após a abolição, não houve qualquer política de integração ou reparação e o racismo se perpetuou através de um aparato jurídico cujo objetivo era o controle dos corpos negros e a discriminação de suas crenças.

Os negros e negras se transformaram em assunto de polícia e não de política. Entregues à própria sorte, foram preteridos do trabalho assalariado enquanto assistiam um amplo incentivo à vinda de imigrantes brancos, subsidiados em um país cuja intenção era eliminar a presença negra.

A democracia, entre nós, sempre foi um terrível mal-entendido. É curioso constatar que foi pretensamente com a intenção de defendê-la que corriqueiramente a golpearam. O fantasma do comunismo, o *perigo vermelho*, recorrentemente foi mobilizado como justificativa para o recrudescimento do controle social.

O Sete de Setembro é transformado em “Dia da Pátria” e ritualizado no espaço público, todos os anos, através de desfiles bélicos. O rito histórico que exalta a independência nacional é uma parada militar, um desfile de armas, onde o povo é um mero espectador. Esta ritualização do nascimento da nação é um mecanismo que evidencia o caráter hierárquico e violento de um país que nega a cidadania aos seus habitantes e silencia acerca do seu papel na história.

Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino, no livro “Encantamento: sobre política de vida”, alcançam a instigante conclusão: o Brasil deu certo. O projeto de nação que o Império e depois a República idealizaram foi exitoso no seu intento primordial: a manutenção da ordem através da força. Desigualdade e violência, este é o Brasil projetado pelas nossas elites e que provoca a nossa exclusão – social, simbólica e física. Este é o Brasil.

Brava gente por um novo nascimento

Enquanto o Estado, através de dispositivos como a tutela, o controle e a violência, negou direitos e não garantiu a cidadania plena aos seus habitantes, o povo se organizou em coletivos para exigir e implementar melhores condições de vida e a restauração da democracia.

Através do enfrentamento e da denúncia, do debate público e da ação institucional, os movimentos sociais ocupam as ruas afirmando sua existência e disputando o hoje sem jamais se submeter.

Nós, dos sertões, das roças, florestas, quebradas, favelas, subúrbios, aldeias, quilombos, terreiros, do campo e da cidade, estamos à margem, excluídos deste projeto de país que venceu. Mas nós estamos vivos, resistindo e produzindo, sonhando e avançando, e nós jamais iremos nos curvar. Esta é nossa história e nossa forma de ser: viver é lutar!

Em conversa preliminar sobre este enredo, a filósofa e ativista Sueli Carneiro nos ensinou: “os movimentos sociais são os verdadeiros agentes civilizatórios deste país”. Esta frase objetiva, direta e carregada de sentido histórico, sintetiza a nossa compreensão sobre a função social e política da sociedade civil organizada na história do Brasil.

As pautas fundamentais para uma nação soberana, independente e justa são muitas e passam, inescapavelmente, pela garantia de conquistas cívicas do povo. Lutamos pela terra, igualdade plena, trabalho digno, saúde, educação, alimentação, liberdade de ser e participação popular. Enaltecemos os diferentes movimentos que através da ação coletiva colocam estas pautas na ordem do dia.

É através da força das nossas mobilizações, dos nossos movimentos e da nossa coletividade que não apenas disputamos os rumos deste país, mas solidificamos as bases para sua reconstrução. É a Beija-Flor clamando por um novo nascimento.

Pela Nossa Independência, Por Cultura Popular

No encerramento do cortejo, mergulhamos na cultura brasileira para demonstrar a potência de sentidos que ela exprime, sementes de um amanhã que há de chegar. A brava gente brasileira não apenas sobrevive, ela, permanentemente em luta, também ousa ter esperança no amanhã. Esta é uma necessidade material, é preciso ter utopias, projetar no futuro a realização do que hoje é um sonho. É preciso constituir um Brasil outro, um Brasil dos muitos Brasis que existem. Um país que respeite, promova e valorize a sua diversidade como um fundamento nacional.

Esta utopia de um país diverso e plural encontra justamente na arte e na cultura seus principais veículos de promoção. São expressões daquilo que a antropóloga Adriana Facina classifica como narrativas de esperança. “*A esperança, portanto, remete a um futuro em aberto, indeterminado e sempre por fazer, que tem a semente como metáfora de uma potencialidade*”. Nas palavras do grande educador brasileiro Paulo Freire, “*esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...*”. Esperançar é o verbo que nos move.

Idealizamos, através de outros ritos, perspectivas e projeções desses muitos outros Brasis que nos inspiram. Pensamos e repensamos os símbolos, personagens, temas e narrativas nacionais e oferecemos aqui outras representações, ideias e conceitos. Pautados pela valorização da contribuição popular, desfilamos as muitas possibilidades de futuro ao romper com a lógica excludente e hierárquica que caracteriza a história brasileira. Por meio de nossas manifestações artísticas, festivas e religiosas, cultuamos e preservamos nossa ancestralidade e os saberes tradicionais resistindo a toda fúria de domesticação dos corpos e aniquilação da diversidade de práticas, costumes e experiências. Ao mesmo tempo, alimentamos anseios, desejos e sonhos que almejamos realizar no porvir.

ROTEIRO DO DESFILE

ABERTURA

**Comissão de Frente
ONDE O POVO FEZ HISTÓRIA E A
ESCOLA NÃO CONTOU**

1º SETOR: NAQUELE DOIS DE JULHO, O SOL DO TRIUNFAR

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Claudinho e Selminha Sorriso
ENCANTAMENTO CABOCLO**

**Destaques de Chão
(Personagens)
Urânia Vanério (Criança), Joana Angélica,
Tambor Soledade, Corneteiro Lopes e Maria
Quitéria**

**Tripé 01
Pede Passagem
BEIJA-FLOR APRESENTA**

**Alegoria 01 – Abre-Alas
DESCONSTRUINDO A FANTASIA HISTÓRICA**

**Ala 01 – Comunidade
EXÉRCITO LIBERTADOR**

**Alegoria 02
O DIA EM QUE O POVO GANHOU –
ALEGORIA AO DOIS DE JULHO**

2º SETOR: ATOS DE REVOLTA: A HERÓICA DESOBEDIÊNCIA CIVIL

**Ala 02 – Amigos do Rei
GLÓRIA A REPÚBLICA DO NORDESTE**

Ala 03 – Comunidade
ODE AOS BOTOCUDOS

Ala 04 – Comunidade
SONHO DE LIBERDADE MALÊ

Ala 05 – Comunidade
ORGULHO CABANO E
A IDENTIDADE AMAZÔNIDA

Ala 06 – Comunidade
UM GRITO DE LIBERDADE
QUILOMBOLA

Destaque da Ala das Baianas
Tia Lúcia
MÃOS QUE TRAMAM A RESISTÊNCIA

Ala 07 – Baiana
DO BALAIO VEM A REVOLUÇÃO

Ala 08 – Comunidade
O ZUMBIDO DA RESISTÊNCIA

Destaque de Chão
Charlene
A COR DA LUTA

Alegoria 03
PELA VIDA E LIBERDADE DO IRMÃO

3º SETOR: MANUTENÇÃO DA ORDEM E O PROGRESSO DA EXCLUSÃO

Ala 09 – Ala Vamos Nessa / Karisma / 1001
Noites
REPÚBLICA DA ESPADA E DO
COTURNO

Ala 10 – Comunidade
CORONELISMO E
O VOTO DE CABRESTO

Destaques de Chão
Aieny Mendes
MAGIA DO CORPO NEGRO

Flávia Custódio
MAGIA DO CORPO NEGRO

Ala 11 – Passistas
MAGIA NEGRA

Rainha de Bateria
Lorena Raissa
A LIBERDADE POR NEGRAS EXPRESSÕES

Destaque da Bateria
Neide Tamborim
MELODIAS ENVOLVENTES

Ala 12 – Bateria
VADIOS E CAPOEIRAS

Ala 13 – Comunidade
COTA PARA BRANCO

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
David Sabiá e Fernanda Love
PESADELO VERMELHO

Ala 14 – Comunidade
“AMEAÇA VERMELHA” – O
FANTASMA DO COMUNISMO

Destaque de Chão
Thiago Avanci
O DOCTRINADOR

Ala 15 – Comunidade
DOCTRINA DA SEGURANÇA
NACIONAL

Destaque de Chão
Carla Cachoeira
SÍMBOLOS DE PODER

Alegoria 04
CHUMBO DA AUTOCRACIA

4º SETOR: BRAVA GENTE POR UM NOVO NASCIMENTO

Ala 16 – Ala Signos / Ala das Borboletas /
Ala Cabulosos
LUTA PELA TERRA

Ala 17 – Comunidade
ENQUANTO HOUVER RACISMO NÃO
HAVERÁ DEMOCRACIA

Ala 18 – Comunidade
SE A CLASSE OPERÁRIA TUDO
PRODUZ, A ELA TUDO PERTENCE

3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Muskito e Emanuelle Martins
SAÚDE É DIREITO DE TODOS E DEVER
DO ESTADO

4º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Hugo Almeida e Naninha Fidélis
SE A EDUCAÇÃO SOZINHA NÃO
TRANSFORMA A SOCIEDADE, SEM ELA
TAMPOUCO A SOCIEDADE MUDA

Ala 19 – Comunidade
A PRESSA DA FOME

Ala 20 – Comunidade
NEM MENOS NEM MAIS, DIREITOS
IGUAIS!

Ala 21 – Comunidade
A REVOLUÇÃO SERÁ FEMINISTA

Alegoria 05
POR UM NOVO NASCIMENTO

5º SETOR: PELA NOSSA INDEPENDÊNCIA, POR CULTURA POPULAR

Ala 22 – Comunidade
O CORDÃO DOS EXCLUÍDOS E
OUTROS BRASIS

Personagens dos ritos da cultura popular

Tripé 02
O AMANHÃ NÃO ESTÁ À VENDA

Ala 22 – Comunidade
O CORDÃO DOS EXCLUÍDOS E
OUTROS BRASIS

Personagens dos ritos da cultural popular

Alegoria 06
FUTURO ANCESTRAL

Ala 22 – Comunidade
O CORDÃO DOS EXCLUÍDOS E
OUTROS BRASIS

Personagens dos ritos da cultural popular

Tripé 03
SUBVERSIVO BEIJA-FLOR
DAS MULTIDÕES

Ala 23 – Compositores
POETAS DAS MULTIDÕES

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada e André Rodrigues		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>TRIPÉ 01 PEDE PASSAGEM</p> <p>BEIJA-FLOR APRESENTA</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>A Beija-Flor de Nilópolis pede passagem para seu ato cívico. A brava gente da Baixada Fluminense se apresenta para disputar a história e os sentidos da Independência do Brasil. A Revolução começa agora, em um desfile popular de cultura e arte, alegria e manifestação. Sob as bênçãos da grande Pajé, que tantas vezes nos inspirou em apresentações memoráveis, e guiados pelos caboclos encantados iniciamos o nosso cortejo. Abram alas ao Cordão dos Excluídos: chegou a Beija-Flor de Nilópolis!</p> <p>Personagem: Pajé Zeneida Lima</p> <p>* A Pajé Zeneida é uma importante personagem na luta indígena brasileira. Uma das poucas mulheres pajé, além de ícone cultural e do seu forte simbolismo místico que tem origem na sua história como líder religiosa, Zeneida lembra também o combate a intolerância e ao sexismo. Foi duramente perseguida em episódios assustadores como o cerco que sofreu em sua casa, ameaçada com tochas, facões e armas de fogo, violência pautada na não compreensão de sua espiritualidade que se manifestava em um corpo de mulher.</p> <p>Zeneida é também um símbolo importante para a Beija-Flor de Nilópolis, foi ela a responsável pelos principais enredos que trouxeram a agremiação de volta ao protagonismo da disputa em 1998 (com um título que contava uma das histórias da Pajé) entre outros grandes desfiles como 2001 com a história de Agotime.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada e André Rodrigues		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>DESCONSTRUINDO A FANTASIA HISTÓRICA</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>A memória nacional foi fabricada através da seleção - estrategicamente orientada - de um conjunto de datas, símbolos e personagens, para formar uma ideia do que é o Brasil. Assentada nos interesses e valores de uma elite predatória, promoveu apagamentos e silenciamentos para manutenção e justificação do poder estabelecido. Neste processo, o dia sete de setembro de 1822 foi forjado como o grande marco da nossa independência. O mito de origem da nação brasileira. Esta produção simbólica encontrou no quadro “Independência ou morte!”, do pintor Pedro Américo, sua melhor e mais eficaz forma de expressão. A tela, pintada sob encomenda e entregue em 1888, criou uma imagem síntese sobre o mito, uma “lenda dourada da independência”, a qual subvertemos na desconstrução desta fantasia.</p> <p>Esta obra de arte consagrou uma ideia de passado, gestando sentidos específicos e encobrendo outras narrativas possíveis sobre o desenvolvimento histórico. A verdade é que a emancipação política do Brasil em relação a Portugal foi fruto de um processo conflitivo e contraditório que teve a participação decisiva e heroica de milhares de brasileiros e brasileiras; não um ato isolado de um príncipe português como nos faz acreditar tal mito de origem. A independência foi conquistada também nos campos de batalha, não apenas nos salões. Houve guerra e muito sangue brasileiro foi derramado para o triunfo da causa nacional. Ao silenciar esta memória, negou-se ao povo brasileiro seu papel de verdadeiro protagonista da nossa história. No ato da Beija-Flor o povo reivindica e conquista o lugar que lhe é de direito mostrando que, organizados, nós, o povo, restabelecemos a verdade histórica.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada e André Rodrigues		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>DESCONSTRUINDO A FANTASIA HISTÓRICA (Continuação)</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>O carro Abre-Alas da Beija-Flor é uma provocação artística. A alegoria traz a história oficial, aquela fantasia que foi disseminada através do tempo como real, e a desconstrói. De forma nítida, e proposital, esta farsa é menor que a história que ela encobre. O marco popular que mais representa a luta do povo brasileiro e nos serve como inspiração está na alegoria seguinte, esta, por sua vez, muito maior, como poderão testemunhar.</p> <p>Personagens:</p> <p>Grupo 1: Dom Pedro / Nobres / Militares Grupo 2: O Povo (Negros (as), indígenas, homens e mulheres livres, Ciganos)</p>
02	<p>O DIA EM QUE O POVO GANHOU – ALEGORIA AO DOIS DE JULHO</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>Em vez de celebrar o mito oficial, argumentamos em favor de um novo marco, capaz de oferecer um sentido que consideramos mais próximo da verdade histórica de uma independência que foi conquistada; não proclamada. Este marco é o Dois de julho de 1823, data da vitória das tropas brasileiras na guerra pela independência instalada na Bahia com a expulsão dos portugueses e, desde então, ocorre uma comemoração cívica através de uma grande festa popular que tem cheiro, cor e sabor de brasilidade.</p> <p>A guerra que libertou a Bahia e separou em definitivo o Brasil de Portugal foi protagonizada por indígenas, negros - livres e escravizados - e mulheres. Festejamos o Dois de Julho em uma grande alegoria carnavalesca, onde saudamos e homenageamos os principais pilares da revolução.</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada e André Rodrigues		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>O DIA EM QUE O POVO GANHOU – ALEGORIA AO DOIS DE JULHO (Continuação)</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>No primeiro módulo da alegoria, reverenciamos os indígenas como ancestrais primordiais e legítimos do povo brasileiro. Além da participação ativa de diferentes etnias no confronto, saudamos a resistência histórica das nações indígenas desde a invasão colonial. Por serem os povos originários, representam o povo brasileiro na imagem que anuncia a vitória da data pelas ruas de Salvador. Todos os anos, dois andores, um da cabocla e outro do caboclo, que mata o dragão com sua lança, simbolizam a vitória dos populares sobre a tirania portuguesa.</p> <p>Celebramos no segundo módulo a bravura e a galhardia do partido negro da independência, pessoas de cor que asseguraram o triunfo nacional nas frentes de batalha pela emancipação. Movidos pelo ideal da liberdade, a comunidade negra ocupou a linha de frente do conflito, dispondo de suas vidas pela independência.</p> <p>Um beija-flor dourado simboliza o sol, poeticamente citado no Hino desta data tão festejada na Bahia. Os versos dizem: “Nasce o sol a 2 de julho / Brilha mais que no primeiro / É sinal que neste dia / Até o sol, até o sol é brasileiro”. Brilhar mais que o primeiro é a provocação que fazemos em nossa segunda alegoria. Um novo sol raiou, uma nova liberdade, uma nova história, mais cintilante, imponente e representativa que a primeira. Representamos também a pira -a centro da alegoria- que existe até hoje no festejo e que tem importância principalmente fora de Salvador. A cerimônia do fogo simbólico começa em Cachoeira, porque a cidade foi o quartel das tropas que lutaram pela Independência na Bahia em 1823. Um ano antes, em 25 de junho de 1822, os cachoeiranos já se rebelaram contra Portugal. A corrida com o fogo simbólico faz o trajeto dos batalhões que partiram das vilas do Recôncavo a Salvador, para enfrentar as tropas portuguesas, e lá acende uma pira que arde até o último dia da celebração. Como já é de tradição, a tocha passa pelas cidades que também fizeram parte dessa luta como: Candeias, Simões Filho, Saubara, Santo Amaro e Salvador.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada e André Rodrigues		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>O DIA EM QUE O POVO GANHOU – ALEGORIA AO DOIS DE JULHO (Continuação)</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>Louvamos as mulheres que através de diferentes táticas e estratégias protagonizaram esta árdua batalha e cumpriram papel decisivo para a conquista no último módulo desta alegoria. Destacamos as mulheres marisqueiras de Itaparica, que lideradas pela heroína Maria Filipa de Oliveira, aplicaram uma surra nos inimigos utilizando folhas de cansaço e incendiaram embarcações lusitanas em defesa do seu território. Em Saubara, no recôncavo, mulheres saíam às ruas à noite, cobertas por lençóis brancos, para abastecer de alimentos e armamentos seus maridos e filhos que estavam nas trincheiras. A vestimenta era uma estratégia, pois, caso topassem com o inimigo, as mulheres simulavam ser ‘almas penadas’, amedrontando os invasores. Estas eram as “Caretas do Mingau” que se apresentam na parte da alegoria dedicada à participação feminina.</p> <p>Destques – Parte 01: Giovana Lancelotti – Centelha da Revolução (Atriz) Zezito Ávila – Exaltação Indígena (Estilista) Semidestaques – Celebração aos Povos Originários Composições – Caboclos e Caboclas Encantados</p> <p>Destques – Parte 02: Edson Asis – Chama da Vitória (Empresário) Semidestaques – Exaltação Afro-brasileira Composição – Bravura Afro-ameríndia</p> <p>Destques – Parte 03: Linniker – Maria Filipa (Cantora e Atriz) Semidestaques – Exaltação às Mulheres Composição - Bravura Afro-ameríndia Composição Cênica - Caretas do Mingau</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada e André Rodrigues		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>PELA VIDA E LIBERDADE DO IRMÃO</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>A manutenção da escravidão após a independência foi uma escolha política. Uma escolha e também uma aposta, ao projetar no futuro a permanência de um sistema cujos valores eram amplamente difundidos por toda sociedade brasileira. A escravidão foi uma sólida instituição nacional, atributo central e definidor do caráter brasileiro.</p> <p>Porém, na segunda metade do século XIX, o cenário se transformou tanto pelas constantes ações de fugas e revoltas que ocorriam por todo território desafiando o regime, quanto pelo eco de ideias abolicionistas que sopravam da Europa e da América do Norte. A verdade é que a abolição se transformou no debate central da política brasileira. A ‘questão servil’ mobilizava sujeitos de diferentes grupos sociais e dividia a sociedade entre aqueles que defendiam a permanência da estrutura escravocrata, e os abolicionistas, que exigiam a superação desta instituição desumana.</p> <p>Paulatinamente, através de um conjunto de leis, em uma marcha lenta e gradual, negros e negras alcançaram a liberdade. Com destaque para a Lei do Ventre Livre e a Lei do Sexagenário, a população de pessoas de cor em liberdade cresceu significativamente. Segundo dados do Censo demográfico de 1872, havia no país aproximadamente 5,8 milhões de descendentes de africanos, dentre estes, cerca de 4,2 milhões eram livres ou libertos, enquanto perto de 1,5 milhão permaneciam na escravidão.</p> <p>Estes números são o resultado da ação de um grande quantidade de coletivos, associações e organizações abolicionistas que contribuíram neste longo movimento até a assinatura da Lei Áurea em 1888. Uma campanha de dimensão nacional e forte participação popular. Findando de uma vez esta instituição central na construção do Brasil, a Lei assinada naquele 13 de maio consagra um movimento social e político emancipatório cujo poder de mobilização e caráter civilizatório são incontestáveis. Ainda que reconheçamos aqui a importância do engajamento de indivíduos de diferentes grupos sociais na causa, o protagonismo desta vitória é da negritude brasileira.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>PELA VIDA E LIBERDADE DO IRMÃO (Continuação)</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>Ademais, o movimento abolicionista se beneficiou do acúmulo de forças, da consciência crítica e política de toda série de revoltas, levantes, motins e conflitos que o antecederam. Os malês, balaios, cabanos, quilombolas e tantos outros revoltosos ajudaram a edificar este processo.</p> <p>Em nossa alegoria, valorizamos o protagonismo de homens e mulheres negras neste processo através da premissa que a liberdade não foi uma concessão, mas uma conquista. A experiência negra no Brasil é pautada pela organização, resistência e produção de alternativas. Ao longo dos séculos onde vigorou o horror da escravidão, houve atuação, mobilização e crença até tornar real o sonho da liberdade.</p> <p>Por pensar o processo da libertação como um processo coletivo conquistado por esses sujeitos e sujeitas, a alegoria traz esculturas que se ligam, poeticamente, formando um cordão de apoio. A força coletiva é a grande mensagem, a mesma força que impulsiona também defende os seus iguais. Ao formar este cordão, as esculturas também protegem a Liberdade, representada aqui por uma mulher grávida alada. É esta criança, fruto da Liberdade, o cidadão ou cidadã de um novo Brasil. Os tambores tocam em ritmo de guerra e também de festejo.</p> <p>Destaques: Destaque Frontal - Rose Reis – Senhora Liberdade (Empresária) Destaque Central - Raphaela Reis – A Esperança (Publicitária) Semidestaques (Em volta do Grande Tambor) - A Força Feminina na Luta da Abolição Composição – Asas da Liberdade</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada e André Rodrigues		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	CHUMBO DA AUTOCRACIA  <i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i>	<p>Se a República é uma forma de governo onde a soberania reside na vontade popular, podemos afirmar que a nossa experiência jamais se guiou por esse objetivo. Uma República que nunca foi republicana. A vivência plena da cidadania, pressuposto para o sucesso deste regime, encontrou no próprio Estado - que a deveria promover - um obstáculo, um inimigo. Em vez de garantir e fazer cumprir direitos, nossa experiência republicana impôs aos brasileiros e brasileiras um país violento que exerce o controle através do cárcere, da bala e do canhão.</p> <p>O exercício do poder no Brasil nunca teve a promoção do interesse público como um propósito. Na realidade, o poder se estabeleceu sobre e contra o povo brasileiro para manutenção de uma estrutura social desigual e hierárquica. Vivemos em um Estado patrimonialista desde sua origem, ou seja, onde os bens públicos são historicamente apropriados por interesses privados.</p> <p>A ditadura civil-militar (1964-1985) é a face mais genuína deste estado de coisas. Suprimindo direitos e garantias individuais, reprimindo as dissidências e exercendo um brutal monitoramento dos cidadãos, configurou-se como um período de terrorismo de Estado. Trata-se de um exemplo de autocracia, um exercício de poder absoluto, sem limitações, realizado pelos militares para conservação da ordem social. Mecanismos como a tutela, a vigilância e a censura são exemplos da sua forma de ação.</p> <p>Um regime de restrição da autonomia e de privação da liberdade. Eis o chumbo da autocracia desfilando nas ruas de Setembro a sua demagogia, um espetáculo bélico e mórbido. Os militares marcham e apresentam suas armas, vangloriando a si mesmos como heróis, enquanto o povo brasileiro assiste, lembrando que sempre esteve na mira destes canhões.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada e André Rodrigues		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	<p>CHUMBO DA AUTOCRACIA</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>A alegoria apresenta duas grandes torres de vigilância, representando o controle da cidadania. Três dragões militarizados são os pilares do cerceamento dos direitos que impedem o exercício da autonomia e da liberdade civil. O carro faz uma provocação ao brasão republicano, entre outros símbolos de poder. Os canhões, usados como atributos da opressão armada, também adornam este imenso tanque que cruza nosso ato cívico popular. É o povo retratando seus algozes, construindo representações de medo e verdade.</p> <p>Destaques:</p> <p>Destaque Frontal – Cássio Dias – Cultura que Resiste a Opressão (1º Bailarino)</p> <p>Destaque Central Médio – Tingo Palma – Vigilante do Poder (Promotor de Eventos)</p> <p>Destaque Central Alto – Fernando Odnã Carvalho – General Autocrata</p> <p>Semidestaques frontais Panópticos – Bruna Gonçalves e Nathalia Deodato – Comando de Direito (Dançarina e Atriz)</p> <p>Semidestaques Altos – Andrea Gonçalves e Lorraine Gonçalves – Militarizando o Rito</p> <p>Composição 1 – Soldados Mandados</p> <p>Composição 2 – Vigias</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada e André Rodrigues		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p style="text-align: center;">POR UM NOVO NASCIMENTO</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>Símbolos pátrios são instrumentos de legitimidade e identidade que operam para forjar um sentimento de unidade e pertencimento. A bandeira nacional figura, ao lado do hino, como as principais expressões simbólicas de uma nação. Por sua importância na produção de sentido, a escolha e a definição deste símbolo envolvem batalhas árduas em torno dos muitos interesses que, constantemente, estão em jogo e em disputa.</p> <p>A bandeira brasileira foi elaborada a partir da preservação de elementos tradicionais que remetem a bandeira do Império e com a forte influência da facção positivista no seio do movimento republicano. Pensada como um emblema de conciliação e continuidade, o brasão transformou-se em uma imagem-síntese deste país erguido para manter a ordem, onde o progresso é mera ilusão.</p> <p>O povo brasileiro demanda um novo nascimento. Para muito além de uma nação pautada na desigualdade e na violência, na exclusão e no silenciamento, urge erguer um Brasil que tenha a diversidade como fundamento. Um país que supere as querelas da lógica patriarcal, racista e misógina.</p> <p>Uma mátria Brasilis, de fato soberana, ao garantir aos seus cidadãos a promoção dos direitos humanos. Uma verdadeira bandeira nacional precisa ser plural, feita da contribuição dos diversos e distintos grupos étnicos e sociais que habitam este imenso território. Um emblema constituído de retalhos, como um grande mosaico. Bordada à mão, pela resistência produtiva de quem constrói a vida alimentando sonhos de outros futuros possíveis.</p> <p>Fazendo um contraponto a tela “A Pátria”, do pintor Pedro Bruno, nossa alegoria propõe uma bandeira, não com o intuito de substituir a que existe, mas com a provocação de dizer-lhes o que ela deve simbolicamente. A tela de 1919 idealiza uma pátria, pouco representativa da diversidade étnica, cultural ou social dos seus cidadãos.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p style="text-align: center;">POR UM NOVO NASCIMENTO (Continuação)</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>A tela apresenta quatro mulheres brancas costurando a bandeira nacional. Contudo, essas mulheres laboriosas em missão cívica e, naturalmente, não remunerada, estão limitadas ao espaço privado. Filhas da elite, cumprem os papéis sociais desde sempre reservados às mulheres nesta sociedade patriarcal: esposas, donas de casa e mães.</p> <p>Aqui trazemos uma representação da esperada vitória dos anos de luta. Uma mulher negra, que compõe o grupo mais marginalizado em nossa pirâmide social, pelas opressões de raça e gênero, reestrutura uma idealização artística da bandeira que representa a nação utópica, o Brasil que lutamos para erguer. Ela reconfigura esta bandeira sozinha. Idosa, é fruto de muitos anos de luta social, de reivindicações nas ruas e embates políticos. Ao costurar, nossa representante não figura num lugar machista imaginado por estar juntando esses retalhos, pois ela está enfaixada, ela é a Mãtria Soberana, ela reconfigura e reconstrói a bandeira a partir de um lugar político.</p> <p>Este é o Brasil que queremos ter.</p> <p>Um país que atende as necessidades de todos e, sem exclusão, orgulha-se de uma bandeira que representa a todos, todas e todes. Um país que proporciona de forma efetiva liberdade e autonomia para que seus cidadãos possam ter o direito a uma vida digna e orgulhem-se em dizer que são independentes.</p> <p>A bandeira desta alegoria foi confeccionada a partir de muitas mãos, um mosaico que teve cada pedaço enviado para diferentes grupos sociais que nos devolveram seus retalhos da bandeira com um simbolismo próprio, confeccionando-a com aquilo que mais lhe representa em seu próprio entendimento de independência. Grupos indígenas, grupos de mães do sistema prisional, grupos LGBTQIA+, estudantes e também a própria comunidade da Beija-Flor participaram desta ação que formou este imenso mosaico.</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

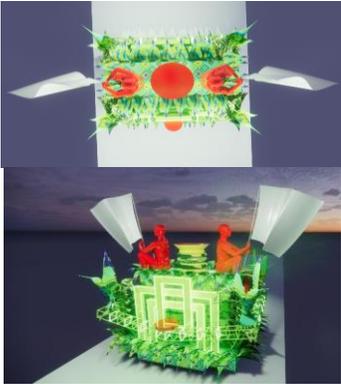
Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada e André Rodrigues		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>POR UM NOVO NASCIMENTO (Continuação)</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>O lema que escolhemos “Por um novo nascimento” não apenas figura de forma direta, já que esta bandeira, alegoria e desfile propõem o renascimento da independência desta nação, mas está atrelada também aos versos do samba enredo do carnaval anterior que dizia: “Por um Novo Nascimento Um Levante, Um compromisso”; que é exatamente o que pretendemos como mensagem neste quase final de desfile. Para um novo nascimento da nação independente Brasil, há de se mobilizar a sociedade para um levante que esteja fortemente atrelado ao seu compromisso.</p> <p>Destaques Central – Raíssa Oliveira – Mãtria Soberana (Empresária, Rainha de Bateria)</p> <p>Semidestaque – Azul – Inclusão e Participação a Diversidade de Gêneros</p> <p>Semidestaque – Branco – Igualdade de Classes</p> <p>Semidestaque – Amarelo – Respeito ao Direito de todas as Raças</p> <p>Semidestaque – Verde – Direito à Vida Digna</p>

FICHA TÉCNICA

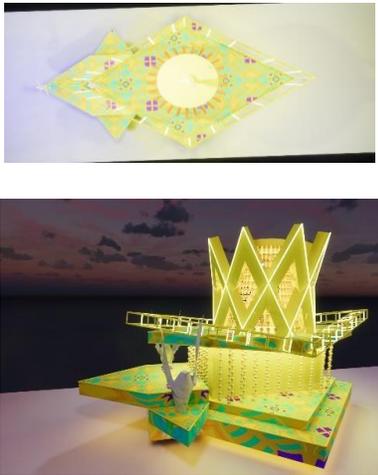
Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p style="text-align: center;">Tripé 02</p> <p style="text-align: center;">O AMANHÃ NÃO ESTÁ À VENDA</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>Exaltamos em meio ao cortejo as projeções de futuro a partir do ponto de vista de artistas indígenas, assim como algumas das manifestações presentes na ala. Uma alegoria que traz duas esculturas desses representantes erguendo suas próprias bandeiras de Brasil (lembrando que estas bandeiras são provocações utópicas), e é formada a partir da referência estética de Daiara Tukano, que hoje é umas das principais artistas do país e alimenta, através de suas produções, este olhar proveniente de um repertório de experiências e conceitos indígenas.</p> <p>A relação com a terra é o principal fator do sentimento de nação e está intrinsecamente conectado com a ideia de independência dos povos indígenas. Apesar das muitas diferenças, as nações indígenas compartilham entre si algumas compreensões e filosofias oriundas de uma história comum de resistência à invasão colonial e de garantia de sua sobrevivência e autonomia. Mas estas comunidades não se resumem à lógica da resistência, pois, ao mesmo tempo que resistem, estão produzindo conhecimento e, sobretudo, sonhando com um futuro outro que se empenham em construir.</p> <p>Não basta reconhecer os povos, comunidades e nações indígenas como povos originários, atestando a sua presença histórica no território brasileiro. É preciso também reconhecer e valorizar a imensa contribuição cultural indígena através de sua ciência, arte, culinária e tantas outras inestimáveis construções.</p> <p>Em memória e em respeito aos seus antepassados, os povos, comunidades e nações indígenas permanecem cultivando suas crenças e exercitando seus costumes como forma de resguardar suas identidades e seu histórico e pujante patrimônio cultural. A prática e a revitalização das suas tradições é, ao mesmo tempo, uma maneira de manutenção, proteção e desenvolvimento das suas múltiplas concepções de vida.</p> <p>Destaque Frontal – Thais Muller – Esperança Vermelha (Atriz) Destaques Central Alto – Marcos Jasmim – Dono do Brasil (Produtor de Eventos)</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

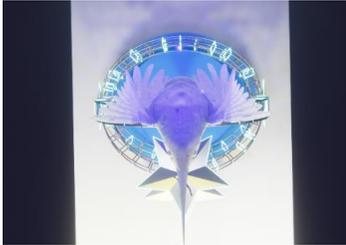
Criador das Alegorias (Cenógrafo) Alexandre Louzada e André Rodrigues		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
06	<p>FUTURO ANCESTRAL</p>  <p><i>* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</i></p>	<p>As distintas manifestações culturais afro-brasileiras são marcadas, desde suas origens, pela preservação do passado, o questionamento do presente e a construção do futuro. Nesta alegoria, a presença da Velha Guarda junto a outros produtores da memória coletiva do país, atua como símbolo desta compreensão no amplo universo das escolas de samba e de outras organizações da cultura negra. Ao mesmo tempo que representam a salvaguarda da história, garantem o futuro através da disseminação de seus saberes, perpetuando sua existência.</p> <p>Reinventando a vida em um cenário adverso, a negritude forjou a sua experiência na manutenção da tradição e a projeção de um novo amanhã, que aqui representamos através das muitas bandeiras de Brasis utópicos imaginadas por artistas negros.</p> <p>É inegável as múltiplas contribuições e heranças africanas nas formas de conhecimento, práticas, crenças, hábitos e costumes disseminadas no país representadas pelos fios de contas que entrelaçam a alegoria como uma grande estrutura do DNA ancestral passada por gerações.</p> <p>A ancestralidade é um princípio filosófico, uma tecnologia que reivindicamos como força motriz das formas culturais afro-brasileiras. Um princípio que arregimenta valores e organiza modos de pensar, ser e estar no mundo.</p> <p>São muitos os caminhos descortinados pela perspectiva de um futuro ancestral. Outros Brasis emergem destas fabulações. As contribuições intelectuais do povo negro ampliam o campo de possibilidades ao requerer a construção de um país que valorize as sofisticadas estruturas de pensamento e prática que elas expressam.</p> <p>Artistas negros têm desenvolvidos trabalhos de repensar e ressignificar a bandeira nacional justamente para que ela dê conta de demonstrar a presença, a relevância e a potência dos saberes talhados em ébano.</p> <p>Destaque Frontal – Sonia Capeta – Cultura Negra Brasileira (Rainha de Bateria) Destaque Médio – Michele Nobre – A cor do Futuro Destaque Central – Cláudia Lobo - O Futuro é Ancestral (Empresária) Composição – Velha Guarda – Fundamentos Ancestrais Composição – Bandeiras – Novos Possíveis Brasis Convidados - Produtores da memória coletiva do país</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p style="text-align: center;">Tripé 03</p> <p style="text-align: center;">SUBVERSIVO BEIJA-FLOR DAS MULTIDÕES</p> <div style="display: flex; flex-direction: column; align-items: center;">   </div> <p style="text-align: center;">* As imagens são dos croquis originais e servem apenas como referência. Algumas modificações cromáticas, estéticas e de iluminação foram realizadas na execução da alegoria</p>	<p>Construímos ao lado da nossa gente nilopolitana, que sintetiza o povo brasileiro, a nossa soberania no carnaval, e é no carnaval que defendemos a voz da nossa BRAVA GENTE. Gente que quer ser livre e independente. Somos a areia na farofa de quem constrói o Brasil oficial, pois seremos eternamente o grito do Brasil Real.</p> <p>Um beija-flor, símbolo de liberdade, subversivo e indomável que figura no círculo azul central trazendo os seus próprios dizeres da bandeira que defende: Pela Independência do seu povo e pela liberdade em exercer o seu papel na cultura.</p> <p>Personagem – Eloina dos Leopardos (Rainha de Bateria)</p> <p>Destaque Alto – Vitória Rossano – Além dos Carnavais</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
Pajé Zeneida Lima	Ativista
Giovanna Lanceloti	Atriz
Zézito Ávila	Estilista
Edson Gouveia	Empresário
Linniker	Cantora e Atriz
Rose Reis	Empresária
Raphaela Reis	Publicitária
Fernando Odnã	Empresário
Bruna Gonçalves	Dançarina
Nathalia Deodato	Atriz
Tingo Palma	Promotor de Eventos
Cássio Dias	1º Bailarino
Raíssa Oliveira	Empresária
Marcos Jasmim	Produtor de Eventos
Thais Muller	Atriz
Sonia Capeta	Rainha de Bateria
Cláudia Lobo	Empresária
Eloina dos Leopardos	Rainha de Bateria
Vitória Rossano	Empresária
Local do Barracão Rua Rivadávia Corrêa, nº. 60 – Unidade 11 – Cidade do Samba – Gamboa – Zona Portuária	
Diretor Responsável pelo Barracão Ângela da Costa e Alexandre Esposito “Jiló”	
Ferreiro Chefe de Equipe Cláudio José e Alan Duque	Carpinteiro Chefe de Equipe João Paulo e Washington Castelinho
Escultor(a) Chefe de Equipe Léo, Andreia, França, Sorriso e Dilsinho	Pintor Chefe de Equipe Leandro Assis
Eletricista Chefe de Equipe Dedé	Mecânico Chefe de Equipe Cléber Loiola

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Outros Profissionais e Respectivas Funções

David Augusto “Tigorofi”	- Supervisor de Barracão
Fabio Santos	- Destaques e Composições
Mauro Cordeiro	- Pesquisa
Airton Barbosa	- Assistente de Carnaval
Cheyenne Santos	- Projetos e Produção de Carnaval
Jorge Baiano, Cara Preta e Bolinha	- Empastelação e Fibra
Zeli Lanao	- Esculturas em Ferro e Movimento
“Baixinho”	- Placas de Acetato
Lenile Pessoa e Cleilton Costa	- Compras
Evandro, Vagner e “Pagodinho”	- Almojarifado
Edgar Laurindo, Elson “Bigode” e Cléber Santos Cunha	- Portaria
Josilene	- Assistente de Copa
Tiago Martins	- Aderecista Carros 02 e 05 e Comissão de Frente
Adriano	- Aderecista Carros 01 e 03
Luiz	- Aderecista Carro 04
Batista	- Hidráulica

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Outros Profissionais e Respectivas Funções

Pajé Zeneida Lima – A Pajé Zeneida é uma importante personagem na luta indígena brasileira. Uma das poucas mulheres pajé, representa também o combate à intolerância e ao sexismo. Foi duramente perseguida em episódios assustadores como o cerco que sofreu em sua casa, ameaçada com tochas, facões e armas de fogo, violência pautada na não compreensão de sua espiritualidade que se manifestava em um corpo de mulher.

Zeneida é também um símbolo importante para a Beija-Flor de Nilópolis, foi ela a responsável pelos principais enredos que trouxeram a agremiação de volta ao protagonismo da disputa em 1998 (com um título que contava uma das histórias da Pajé), entre outros grandes desfiles como o de 2001 com a história de Agotime.

Zezi Ávila – Principal destaque de luxo da agremiação. Desfila na escola desde 1987 como componente na ala Flor do Samba (estandarte de ouro). Iniciou como chefe de ala, chefe de ateliê e nos anos 2000 torna-se destaque de alegoria.

Edson Gouveia – Apaixonado por carnaval, escolheu a Beija-Flor pela força de sua comunidade.

Linniker – A atriz e cantora tem uma relevante participação no enredo que trata sobre a independência. Subjetivamente nos desdobramentos do debate do tema, traz a importância de um corpo trans representar com legitimidade uma referência negra e da luta feminina como Maria Felipa.

Cássio Dias – O artista Cássio Dias é o Primeiro Bailarino da Beija-Flor. Renomado na escola desde 1990, começou como passista, em 1991 ganhou estandarte de ouro como melhor passista. Em 1992 desfila na frente da bateria ao lado de Sônia Capeta, configurando assim um dos primeiros Reis de Bateria, sucessor de Moisés que já habilitava este cargo de “partner” da Rainha de Bateria.

Raíssa Oliveira – Raíssa de Oliveira notabilizou-se no Carnaval carioca ao ser escolhida como rainha de bateria da escola de samba GRES Beija-Flor aos 12 anos de idade, no ano de 2003, após ganhar um concurso de TV no qual concorriam passistas mirins de diversas escolas. Ocupava o posto todos os anos desde então.

Nasceu e cresceu no meio do samba e tornou-se a mais jovem Rainha de Bateria de Escolas de Samba do Rio de Janeiro.

Ao contrário da maioria das rainhas de bateria do grupo especial carioca na década de 2000, Raíssa foi uma rainha de bateria escolhida na própria comunidade, e manteve-se fixa num posto considerado rotativo. Antes de desfilarem como rainha de bateria, era integrante da ala das crianças.

Marcos Jasmim – Destaque de Luxo desde 1997, Jasmim é componente da escola há 41 anos.

Sônia Capeta – Cria da Beija-flor de Nilópolis, Sônia Maria Regina ganhou o codinome Capeta pela forma acelerada que sambava. Mexendo os quadris com extrema rapidez. Ela foi descoberta pelo carnavalesco Joãozinho Trinta, que se encantou com a passista, que se tornou rainha de bateria em 1983 e reinou até 2002. Tem título de Patrimônio Cultural e é vencedora de um Estandarte de Ouro

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Outros Profissionais e Respectivas Funções

Eloina dos Leopardos – A 1ª rainha de bateria do Carnaval, Eloína dos Leopardos, reinou à frente dos ritmistas da nossa azul e branco de Nilópolis, em 1976, a convite do saudoso Joãozinho Trinta.

Belíssima e encantadora, Eloína roubou os holofotes, se tornando um dos grandes acontecimentos daquele ano, dando sequência ao seu reinado nos dois anos seguintes, conquistando junto à escola o primeiro tricampeonato.

Eloina carrega o título de ser a também a primeira rainha transgênero da história do carnaval. Em um enredo que trata sobre liberdade e autonomia, a pioneira rainha remete à representação na cultura da luta por representatividade e direitos LGBTQIA+.

Trazemos aqui um espaço para apresentar de maneira mais direta - não subjetiva - alguns dos conceitos que envolvem a criação do conjunto alegórico para o carnaval 2023.

O desfile da Beija-Flor propõe uma provocação à comemoração dos 200 anos da Independência do Brasil, comemorados oficialmente em sete de setembro de 2022. Além da data, provocamos as heranças físicas e simbólicas desta construção de narrativa, entre elas, a mais proeminente de todas: o desfile militar do Sete de Setembro, o maior ritual que envolve a data oficial.

Para esta provocação, o desfile se propõe a ser o avesso da parada militar, logo, um desfile cívico (construído por civis) que tenha muito mais a ver com o povo brasileiro e incorporando, principalmente, dois símbolos desta brasilidade: o desfile da Independência da Bahia, que louvamos como o melhor exemplo do que poderia ser nossa comemoração da emancipação; e o próprio desfile de escola de samba como um desfile de civis e também como ato político. Ambos oferecem um valor muito importante: a ampla participação popular.

Por considerar nosso desfile um ato cívico popular que provoca a história, simbolicamente, assim construímos **o conceito** do conjunto alegórico:

*Tripé 01 - Pede Passagem

O conceito de ato cívico popular que guia nossa apresentação não poderia abrir de maneira diferente que não com um pede passagem. Elemento histórico dos desfiles de escola de samba, carrega o nome da agremiação anunciando que a partir dali a história começará a ser contada, após seus anunciantes (comissão de frente) e os representantes da sua bandeira (casal de mestre-sala e porta-bandeira). Não ao acaso, o pede passagem este ano traz uma líder indígena, a pajé Zeneida, o que traz similaridade conceitual, não estética, do elemento alegórico do Dois de Julho, que exibia pelas ruas durante o ato, um personagem indígena mais velho.

*Alegorias 01 e 02

A primeira alegoria remete ao quadro "Independência ou Morte" do pintor Pedro Américo. Principal símbolo de 1822, este quadro no desfile simboliza a primeira história que nos foi contada, as referências nos livros de história da escola que sempre acompanhavam a imagem da obra de arte.

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Outros Profissionais e Respectivas Funções

Há uma provocação que é construir o que seria o carro “Abre-Alas”, o primeiro carro, a primeira história, muito menor que o segundo carro, a história contada depois. Na realidade, o conceito é desconstruir a imagem oficial da independência que aqui compreendemos como uma fantasia histórica, produzida com intenções políticas manifestas em seus protagonismos e apagamentos. Já a segunda alegoria representa um novo quadro para contemplação, reverenciando os heróis e heroínas do Dois de Julho de 1823, uma imagem que consideramos mais fiel a uma independência que foi disputada, batalhada e conquistada não apenas nos salões, mas em campos de batalha. Construindo o conjunto visual da entrada da agremiação, essas duas alegorias se contrapõem também pois enquanto uma é ação, movimento e transformações, a outra é contemplação, magnitude e celebração.

*Alegoria 03 e Alegoria 04

Reparem como a primeira imagem humana a despontar solitária e ao mesmo tempo profusa, é justamente a que representa a liberdade. Antes, a alegoria 02, compõe-se de várias esculturas de humanóides, trazendo o sentido de coletivo que foi a luta do Dois de Julho. Já na alegoria 03 a única escultura solitária é a liberdade, apesar de grande e protegida por outras esculturas de negros, ela desponta solitária no alto. A solidão da liberdade faz sentido nesta construção de conceito, pois, poeticamente, será a criança que nascerá dela que viverá no Brasil republicano do setor seguinte.

No efeito do setor sequente, o conjunto sugere que tudo é uma grande prisão, onde vivem os sujeitos “libertos”. As torres de vigilância passam a sensação que tudo está sendo acompanhado. Ora vigilantes, ora vigiados, este setor nos leva à alegoria do medo. Como se fosse devorar tudo aquilo que condena os dragões foram escolhidos para representar a opressão, sugerindo uma ligação à própria alegoria do Dois de Julho, onde esta figura, dominada pelo caboclo, simboliza a tirania portuguesa. Agora não mais sozinho, como no andor da independência da Bahia, ele se apresenta em três faces, retratando a estruturação do sistema opressivo. É como um ciclo, apesar das lutas e conquistas simbólicas de liberdade e autonomia, os comandantes criam estratégias de fortalecimento para a manutenção do poder, e a dominação é mantida através do tempo.

*Alegoria 05

Como uma das principais figuras do desfile, rouba a cena, nesta alegoria, a grande mulher que reconfigura a bandeira do Brasil. Fazemos aqui uma grande virada estética. Uma única figura que se transforma na alegoria inteira, sem estruturas prediais, valoriza-se a unidade escultórica. Como solução de comunicação das mensagens diretas, existem três frases: “Mátria Soberana” atua como um anúncio do cenário sonhado a ser apresentado. Imaginamos como nos antigos quadros de pinturas, quando o nome da obra era esculpido em sua moldura. Outra frase é da bandeira “Por Um Novo Nascimento”, que carrega a grande mensagem do desfile, e, por fim, uma terceira “Devolve o Brasil Pra Nós” (inspirada na artista plástica Iuna) que age como se estivesse no verso da pintura, como um recado para quem investiga a obra por trás. Ao mesmo tempo esta frase é um chamado provocativo para o setor que vem logo em seguida a alegoria. Assim, passando a mensagem central do desfile, esta alegoria se encontra na conclusão do setor dos agentes sociais que estão na rua, assim como conduz a massa do cordão dos excluídos que vem logo a seguir.

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Outros Profissionais e Respectivas Funções

As frases nas alegorias são importantes artifícios de comunicação para alertar, anunciar ou provocar quem assiste o ato cívico. Há uma similaridade também nas alegorias de pequenos cortejos que traziam dizeres. Todo o desfile da Beija-Flor é pensado como um ato cívico formado por populares para desfilar nas ruas, logo partimos dessas referências, porém ele é concebido para o tamanho do espetáculo.

*Tripé 02 - Alegoria 06 - Tripé 03

Por se tratar de um setor que aborda as construções utópicas de Brasil a partir da cultura, pensamos em muitos - dentre os milhares - de cortejos que acontecem no país, que de alguma forma, conceitual ou essencialmente, projetam essas ideias de futuro. Como a concepção é um enorme bloco formado por estes excluídos, decidimos que não caberia fechar o desfile com uma única alegoria que sintetize tantas ideias de Brasil. Por isso, decidimos fechar o ato de maneira diferente: três alegorias que pudessem estar dentro do cortejo final. É um ato dentro do grande Ato, ou mesmo um cortejo final, o grito dos excluídos.

De alguma maneira, as três alegorias trazem (em cima ou nas laterais) bandeiras do Brasil reimaginadas por artistas plásticos dentro de seus contextos culturais.

Como a reconstrução do País neste setor está ligada também a outras idealizações do símbolo pátrio (a bandeira), as três alegorias são também a desconstrução dela: o primeiro a forma retangular verde, o segundo o formato amarelo do losango e por fim o formato azul do círculo.

A diversificação da montagem do desfile deste ano desconsidera valores de mensagem entre alegorias e elementos alegóricos. Todos são artifícios cênicos que nos auxiliam não apenas a figurar a história, mas também a contá-la criando conceitos entre suas atuações e disposições.

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Destaques de Chão (Personagens)</p> 	<p>O cortejo da Beija-Flor de Nilópolis se inicia apresentando personagens emblemáticos da guerra de independência na Bahia.</p> <p>Urânia Vanério de Argollo Ferrão era uma criança quando testemunhou, da sua janela na cidade de Salvador, a violência praticada pelos lusitanos na capital baiana. Em sua mais tenra idade, a jovem registrou os conflitos que assistiu e publicou um panfleto, de maneira anônima, denunciando o despotismo de Portugal.</p> <p>Joana Angélica de Jesus, era uma abadessa pertencente à Ordem das Reformadas de Nossa Senhora da Conceição, mártir e heroína da Independência brasileira. Quando soldados portugueses atacaram o Convento, Joana praticou o ato de bravura final de sua vida, onde morreu nobremente para defender suas irmãs e sua entidade, resistindo à selvageria dos invasores.</p> <p>A memória coletiva dos habitantes de Cachoeira, no recôncavo, registra que um homem negro, responsável pelo toque do tambor das tropas brasileiras, foi morto por estilhaços de canhão. A morte de Tambor Soledade, inflamou ainda mais a população contra a embarcação portuguesa, que sequer desembarcou seus homens às margens do Paraguaçu.</p>	Destaques de Chão	Márcio Vieira e Fabricio Ligiero

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Destaques de Chão (Personagens)</p> 	<p>Na batalha de Pirajá, decisiva para os rumos da guerra, celebrou-se a figura do Corneteiro Lopes. Incumbido da missão de tocar para ordenar a retirada das tropas brasileiras, frente a iminente derrota, o corneteiro desobedece às ordens recebidas e toca para que a cavalaria avance e degole. O resultado, premeditado ou não, é a fuga desordenada das tropas portuguesas ao pensar que os baianos conseguiram reforços.</p> <p>Maria Quitéria de Jesus foi a primeira mulher a integrar as Forças Armadas. Contrariando sua família, alistou-se para lutar na guerra da independência utilizando uma identidade masculina. Corta os cabelos, veste-se de homem e se alista como ‘soldado Medeiros’, nome apropriado de seu cunhado. Mesmo descoberta, suas habilidades de combate garantiram sua permanência nas tropas e seu destaque inspirou outras mulheres a entrarem na guerra.</p>	Destaques de Chão	Márcio Vieira e Fabricio Ligiero

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p>Exército Libertador</p>  <p>*Ala de Figurino Múltiplo com Variedade de Personagens</p>	<p>A fantasia representa a entrada do Exército Libertador na cidade de Salvador, em Dois de Julho de 1823. A Bahia foi o palco da mais dramática e decisiva entre as guerras de independência do Brasil. Tendo início antes e desfecho posterior ao sete de setembro de 1822, a luta pela independência na Bahia é episódio central e definitivo da causa nacional. Desde o final de 1821, o clima entre brasileiros e portugueses já era acirrado na província. Com o retorno de Dom João VI, ficou evidente que a revolução em curso em Portugal tinha como objetivo a retomada do regime colonial, dissolvendo o Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. A desconfiança mútua foi virando ódio e este sentimento dividia as tropas militares, pois estas eram compostas tanto por brasileiros quanto por portugueses. Em fevereiro de 1822, a facção portuguesa, sob o comando do veterano das guerras napoleônicas Madeira de Melo, tenta subjugar a província através das armas. Houve resistência. Durante um ano e quatro meses, brasileiros e portugueses travaram um conflito bélico. Do lado brasileiro, o Exército Libertador era composto por populares, negros, mulatos, indígenas, mestiços e brancos pobres que lutaram e morreram pelo triunfo patriótico.</p>	Comunidade (1948)	Valéria Brito e Michel

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p>Exército Libertador (Continuação)</p>  <p>*Ala de Figurino Múltiplo com Variedade de Personagens</p>	<p>Em Dois de julho de 1823, após a expulsão das tropas portuguesas no dia anterior, o Exército Libertador fez sua entrada triunfal na cidade de Salvador, sendo celebrado efusivamente pela população, em um clima festivo e de orgulho que, ainda hoje, marca as celebrações da data.</p> <p>Por honra a glória de sua vitória, retratamos as diversas origens dos populares que participaram desta jornada fazendo uso de muitos tons de dourado. Iluminados pelo sol que, como diz o hino do Dois de Julho, <i>neste dia foi muito mais brasileiro</i>, a roupa contrasta com a retratação dos portugueses inseridos nesta abertura.</p>	Comunidade (1948)	Valéria Brito e Michel

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	<p>Glória a República do Nordeste</p> 	<p>Em Dois de julho de 1824 uma outra proclamação de independência agitou o país: nascia a Confederação do Equador, um projeto de República federalista no nordeste brasileiro.</p> <p>Movimento de caráter separatista e de contestação à política imperial, este levante defendia tanto a efetiva autonomia do Brasil em relação a Portugal, em meio a posturas ambíguas do Imperador brasileiro, herdeiro do trono português; quanto a autonomia das províncias no pacto constitucional em relação ao governo central.</p> <p>Embora tenha sua origem em Pernambuco, se alastrou para o Rio Grande do Norte, o Ceará e a Paraíba, configurando um amplo movimento dissidente no decurso do processo de independência, período de construção e consolidação da ordem nacional, a invenção da nação.</p> <p>A dissolução da Assembleia Constituinte pelo Imperador, em novembro de 1823, foi o estopim para um questionamento ao caráter centralizador e autoritário do Estado nascente, desfazendo a ilusão de uma política democrática. O Império era lido como uma continuidade da dominação lusitana.</p>	Amigos do Rei	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
02	<p>Glória a República do Nordeste (Continuação)</p> 	<p>Este movimento evidencia que existia, no seio das discussões acerca do modelo político, um projeto republicano e federalista. A suspensão do tráfico negreiro na Confederação é um elemento exemplar de uma imaginação política de um Brasil alicerçado em outros valores.</p> <p>A predominância pelo tom dourado, marca dos figurinos deste setor, é uma escolha de representar estes atos de revolta em uma aura gloriosa. A indumentária inclui um estandarte que estampa a bandeira da causa, ícone dos ideais que alimentavam. Trechos originais das cartas trocadas pelos principais líderes da revolta compõem a vestimenta.</p>	Amigos do Rei	Diretoria de Harmonia e Desfile
03	<p>Ode aos Botocudos</p> 	<p>A ala representa a resistência heroica, o destemor e a bravura dos botocudos na luta pela sua própria existência e pela autonomia.</p> <p>No ano de 1808, assim que a Corte Portuguesa chegou ao país, Dom João declarou uma <u>guerra ofensiva</u> aos botocudos que só seria revogada em 1831. O principal intento desta medida era a questão da posse das terras. No século XIX, eles ocupavam os sertões de Minas Gerais e do Espírito Santo, na região dos rios Doce, Mucuri e Jequitinhonha, lugar cobiçado no roteiro de expansão econômica que tinha justamente na questão das terras uma pauta decisiva.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p>Ode aos Botocudos</p> 	<p>Mesmo durante as guerras da independência, os conflitos entre as tropas do nascente Império brasileiro e os indígenas não cessaram. No alvorecer de um Brasil emancipado de Portugal, indígenas, filhos desta terra, foram combatidos como inimigos da nação a se construir.</p> <p>Em 1824 os botocudos realizam um cerco na cidade de Vitória, Espírito Santo, em um episódio emblemático de insubmissão em um contexto violento onde a própria existência desta nação indígena estava em jogo.</p> <p>Indígenas integrantes do complexo Macro-jê, os botocudos são caçadores e coletores seminômades que cultivam a crença nos espíritos encantados dos mortos. Seus hábitos e modos de vida foram classificados pelo olhar eurocêntrico do colonizador, desde o primeiro contato, como obstáculos a um projeto civilizatório homogeneizador e violento.</p> <p>Reconhecemos sua bravura através de diferentes táticas e estratégias em uma saga de resistência heroica.</p> <p>A construção da fantasia procura dar altivez e grandiosidade a essas importantes figuras e contém representações iconográficas dos botocudos. Ainda que massacrados na história, merecem o reconhecimento por resistirem na luta por suas terras em um país tão hostil, principalmente com seus povos originários.</p> <p>Fazemos aqui nossa ode a estes heróis e heroínas.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<p>Sonho de Liberdade Malê</p> 	<p>A compreensão da escravidão é indispensável para o entendimento da formação histórica do Brasil e de muitas revoltas e levantes sociais. O tráfico transatlântico de africanos escravizados para o continente americano teve o país como seu principal importador. Esta é a dimensão do papel brasileiro nesta tragédia humana. Após a independência, pressionado pela Inglaterra, o Império assinou, em 7 de novembro de 1831, a Lei Feijó que proibia a importação de escravizados. Na prática, o tráfico permaneceu, agora de maneira ilícita, pois tanto fornecia mão de obra para o trabalho quanto configurava, ele mesmo, um comércio altamente lucrativo. Rio de Janeiro e Salvador eram as duas cidades mais importantes deste tráfico internacional. A capital baiana, que entre escravizados e libertos, tinha 78% da população composta por afrodescendentes, foi palco de diversas rebeliões negras sendo a mais significativa dentre estas a Revolta dos Malês. Um protesto coletivo, um levante, uma rebelião que, embora tenha sido rapidamente controlada, estremeceu a classe senhorial em seu temor de um novo Haiti.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<p>Sonho de Liberdade Malê (Continuação)</p> 	<p>Este movimento pode ser compreendido a partir de uma combinação <i>sui generis</i> de três elementos: pertencimento étnico, condição de classe e religião. Os malês eram negros muçulmanos de origem iorubá – nagôs, haussás, ewes e etc. - e esta identidade étnica e religiosa se articulava a condição de classe: a maior parte dos revoltosos eram escravizados. Mesmo os revoltosos libertos, compunham o estrato mais baixo da pirâmide social. Ainda que contasse com a presença de africanos não-muçulmanos, a verdade é que os malês foram os responsáveis pelo planejamento, a organização e a liderança da rebelião. Protagonizaram o levante desde a sua gênese. Partilhavam coletivamente a crença no poder protetor de amuletos, usavam joias e trunfas na cabeça. Nas reuniões de mobilização havia a leitura e a memorização de passagens do Alcorão e o levante foi programado para o final do mês sagrado do Ramadã.</p> <p>No peito da fantasia, o patuá, artifício que guardava trechos do Alcorão. Usado também para identificar seus iguais, foi um atributo importante durante a trama e mesmo enquanto acontecia o combate. Na casaca, escritos em árabe que foram tirados de alguns desses pequenos papéis resgatados nas pesquisas sobre a revolução malê.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	<p>Sonho de Liberdade Malê (Continuação)</p> 	<p>Os filhos de Alá na Bahia ensejaram transformar radicalmente a sua realidade e embora não tenham sido vitoriosos, os malês legaram heranças históricas e culturais até hoje presentes em nosso cotidiano, mas, acima de tudo, nos ensinaram, através de sua experiência, a importância da organização coletiva para os nossos anseios de liberdade.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
05	<p>Orgulho Cabano e Identidade Amazônica</p>   	<p>A manutenção do <i>status quo</i> após a independência demonstrou ao povo brasileiro que a construção da nação no Império era uma continuidade histórica do modelo implementado desde a colonização. Este caráter conservador do poder gerou forte contestação pois as condições de vida da população tornaram-se ainda mais precárias com a crise econômica que sucedeu a emancipação. Este contexto é fundamental para entender a Cabanagem. O ódio ao mandonismo branco e as autoridades de um Estado que não proveu condições materiais de uma vida digna para ampla maioria de sua população, foram motores para a emergência do movimento cabano, a <i>revolução infinita</i>.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	Orgulho Cabano e Identidade Amazônica (Continuação) 	<p>Na província do Grão-Pará teve lugar uma revolução tão importante e extensa – no tempo e no espaço – quanto mal compreendida. A Cabanagem nasceu em Belém do Pará, mas avançou até as fronteiras do Brasil central, além do litoral norte e nordeste. Embora tenha sido iniciada na capital da província, espalhou-se pelas florestas, rios e igarapés interiorizando uma luta armada que envolveu populações indígenas e quilombolas, mestiços, negros e negras na construção de uma identidade a partir de uma experiência coletiva de luta por liberdade e pelo direito de ser.</p> <p>Com os elementos cenográficos que compõem a temática da fantasia, indígenas e ribeirinhos interagem orgulhosos na avenida. Ao vestir essas fantasias, o componente nilopolitano representa no desfile esses personagens que, retratados de forma dourada, encenam o sucesso do reconhecimento de seus feitos. A oca, que também é cabana, aqui faz o papel da extensão da representação.</p> <p>A experiência cabana é um exemplo de ampla mobilização e participação popular, da construção de uma forma de governo e administração coletiva verdadeiramente democrática e de uma Amazônia plural, diversa e pujante. O espírito cabano transformou-se em um ideal que ainda encanta mentes e corações amazônicas.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	<p>Um Grito de Liberdade Quilombola</p> 	<p>Submetidos a longas e extenuantes jornadas de trabalho, a população negra escravizada construiu diversas formas de resistência, sobretudo fugas, revoltas e quilombos. Um exemplo é a revolta quilombola de Manuel Congo e Marianna Crioula.</p> <p>A região do Vale do Paraíba, sul fluminense, abriga um conjunto de municípios que, ainda na primeira metade do século XIX, transformaram a localidade na maior produtora de café do país. Esta produção em larga escala que fez do café a base de sustentação econômica do Império, seu principal item de exportação, estava assentada na brutal exploração do trabalho escravo, elemento primordial do sucesso desta empreitada.</p> <p>No dia 5 de novembro de 1838, na então freguesia de Paty do Alferes, na vila de Vassouras, importante localidade do Vale do Café, irrompeu uma revolta liderada por Manuel Congo e Marianna Crioula após o assassinato brutal e a sangue frio de Camilo, um negro escravizado, por um capataz da fazenda Maravilha, de propriedade do Capitão-mor Manoel Francisco Xavier. Uma fuga em massa das duas fazendas do senhor ocorreu entre os dias 6 e 10 de novembro de 1838, contando com a adesão subsequente de cativos de outras fazendas da região, ampliando o movimento e disseminando o sentimento de ruptura com a dominação senhorial. Esta seria a maior revolta negra do meio rural brasileiro.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
06	<p>Um Grito de Liberdade Quilombola (Continuação)</p> 	<p>Organizaram um Quilombo que tinha como ideal o amor pela liberdade que desafiava a própria morte. O objetivo era garantir sua defesa e produzir para subsistência.</p> <p>As correntes quebradas do figurino representam o ensejo da liberdade, fator de existência dos quilombos. Cruzando o peito, tecidos trazem um trabalho de estamparia com as imagens de Manuel Congo e Marianna Crioula, principais líderes desta revolta.</p> <p>O destemor, a rebeldia coletiva e insubmissão são valores fundamentais daqueles e daquelas que ousaram buscar melhores condições de vida. “Morrer sim, entregar não!”.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
*	<p>Mãos que Tramam a Resistência</p>	<p>Tia Lúcia, coordenadora da ala das baianas, representa aqui uma personagem da Balaiada, artesã que a partir de seus talentos teceram saberes na revolta, destacando o papel feminino nas empreitadas de inteligência e também na luta armada.</p>	Destaque de Chão	Tia Lúcia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	<p>Do Balaio Vem a Revolução (Baianas)</p> 	<p>A Balaiada foi um movimento revolucionário que marcou decisivamente o período regencial. Através do envolvimento de amplos setores populares, o levante desenvolveu uma cultura política democratizante e igualitária que constituía uma ameaça ao conservadorismo da política imperial. Alastrou-se por vastos territórios nas províncias do Maranhão, Piauí e Ceará, mobilizando milhares de rebeldes ao propagar a chama da revolução a partir de dezembro de 1838.</p> <p>Os heróis deste levante social são figuras do povo. O vaqueiro Raimundo Gomes Vieira Jataí, o Cara Preta; Cosme Bento das Chagas, o Negro Cosme; e, por fim, Manuel Francisco dos Anjos Ferreira, o Balaio. É justamente do ofício de confecção e venda de pequenos cestos de palhas de Manuel que a revolução herdou seu nome.</p> <p>Em um período onde a própria ideia de nação estava em formação, esta experiência histórica de luta por direitos, acesso e justiça, é central para a compreensão das muitas outras possibilidades que existiam e da forma violenta e autoritária pela qual a ordem se estabeleceu no país.</p>	Ala das Baianas (1948)	Tia Lúcia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	Do Balaio Vem a Revolução (Baianas) (Continuação) 	<p>O amplo contingente revolucionário deste movimento mesclava escravizados, quilombolas, artesãos, sertanejos, lavradores, vaqueiros, camponeses e trabalhadores livres que transformaram seus instrumentos de trabalho em armas. Homens e mulheres comuns que, em busca de dignidade, denunciaram e desafiaram a lógica privatista da dominação das oligarquias constituídas pelos grandes proprietários de terras e escravizados.</p> <p>A fantasia das nossas matriarcas reproduz os balaio que estão sendo carregados em suas cabeças. Esta arte da trama de palha está reproduzida também em seu pano da costa e na saia. O figurino traz uma mistura da tradicional representação dos signos de uma baiana, estilizados nos símbolos da revolução. No cesto, elas carregam as armas da revolta: facas, foices e canivetes eram os instrumentos de trabalho na confecção dos balaio que foram transformados em instrumentos de luta.</p> <p>“Balaio chegou Balaio chegou Cadê branco? Não há mais branco Não há mais sinhô”</p>	Ala das Baianas (1948)	Tia Lúcia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<p>O Zumbido da Resistência</p> 	<p>Entre o final de 1851 e o início de 1852, um levante agitou o Nordeste brasileiro. Em províncias como Pernambuco, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Ceará e Rio Grande do Norte, homens livres e pobres, camponeses e sertanejos, em sua grande maioria agricultores de subsistência, se insurgiram contra o Império.</p> <p>O estopim foi a publicação do Decreto 798, um regulamento que estabelecia o registro civil da população brasileira, como uma etapa necessária e preliminar para a realização de um censo. Como a Lei Euzébio de Queiroz havia sido recentemente promulgada, determinando o fim da importação de escravizados africanos, a interpretação popular para tal decreto era de que na verdade se tratava de um mecanismo para estabelecer a escravização de livres e libertos, sobretudo das crianças. Afinal de contas, a importação estava proibida, mas a escravidão continuava dentro da legalidade.</p> <p>Uma ampla e decidida resistência popular ganhou as ruas e as repartições públicas, impedindo que documentos fossem lidos e afixados, exigindo e garantindo a suspensão de tais medidas. Indignados e destemidos, os desvalidos conseguiram através de suas ações fazer o governo recuar.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	O Zumbido da Resistência (Continuação) 	<p>Este levante ficou conhecido como Guerra dos Marimbondos, em referência ao zumbido provocado pela multidão ao se aproximar das repartições e espaços públicos.</p> <p>Os integrantes vestem uma fantasia inspirada em referências sertanejas, já usadas pelos vaqueiros da região. Em sua estampa a foto da época de crianças negras livres e em suas mãos uma estaca perfura os papéis dos cartórios, locais que foram os principais alvos dos revoltosos. Um esplendor de penas douradas adorna a figura do sertanejo, tão desvalorizada no imaginário brasileiro.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
*	A Cor da Luta 	<p>Reivindicamos o papel decisivo e fundamental da negritude para a conquista da abolição. Neste sentido, recusamos a ideia da liberdade como uma concessão, pois entendemos que esta foi o resultado de um longo processo de lutas protagonizado por abolicionistas negros através de distintas estratégias e ações. Exibe-se aqui a artista Charlene, mulher negra, que representa a ancestralidade africana na luta incessante pela liberdade.</p>	Destaque de Chão	Charlene

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p>República da Espada e do Coturno</p> 	<p>A República no Brasil já nasceu velha, restringindo a cidadania a poucos e protagonizada por militares. Se o tripé que sustentava o Império brasileiro era composto pela relação <i>monarquia-latifúndio-escravidão</i>, não surpreende perceber que com a abolição da escravatura em 1888, as oligarquias latifundiárias descontentes retiraram seu apoio a monarquia e, no ano seguinte, é proclamada a República que decreta o banimento da família imperial do território brasileiro.</p> <p>É neste período, da Primeira República, que se consolida o projeto de nação iniciado no Império em suas características principais: a exclusão, a desigualdade e o autoritarismo. Operando através da construção de símbolos, o movimento republicano irá forjar uma ideia de Brasil que terá êxito na promoção dos seus valores. O país do futuro que silencia as mazelas do passado e as agruras do presente.</p> <p>O lema da bandeira nacional tem inspiração positivista. O progresso foi pensado como consequência da manutenção da ordem. Esta ordem, no Brasil, foi mantida através da violência, a partir da ação autoritária do Estado em um país desigual desde o seu alvorecer. Em nome da ordem e para manutenção da desigualdade, brasileiros e brasileiras sangraram nos sertões, nas florestas, campos e cidades.</p>	<p>Ala Vamos Nessa</p> <p>Ala Karisma</p> <p>Ala 1001 Noites</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p>República da Espada e do Coturno (Continuação)</p> 	<p>A indumentária inicia a construção de um setor que se apresenta com cores menos vivas, predominando o prata e o chumbo. A intenção de trazer um aspecto mais pesado em um cenário que passe a sensação de seriedade, tensão e expectativa amedrontadora. Na bandeira que compõe a fantasia, ao invés de reproduzir o lema, ideias que consideramos mais coerentes com a República que foi erguida: opressão, desigualdade, força, medo e autoritarismo. Assim como em outras alas do setor, duas fantasias representam os panópticos, torres de vigilância que retratam a ideia da tutela e controle que o Estado sempre exerceu sobre seus cidadãos. Eis a nossa República.</p>	<p>Ala Vamos Nessa Ala Karisma Ala 1001 Noites</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>

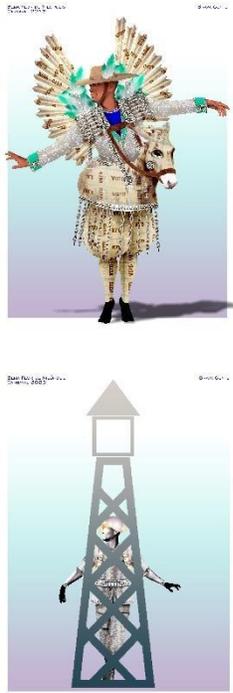
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
10	<p>Coronelismo e o Voto de Cabresto</p> 	<p>Fenômeno político que sintetiza o caráter do sistema representativo da primeira República, o coronelismo é um “compromisso” entre o poder público, progressivamente fortalecido, e o poder privado, decadente. Ao invés de combater o mandonismo de lideranças locais, o Estado, a República nascente, estabeleceu uma aliança, uma cadeia de favores de benefício mútuo.</p> <p>Enquanto o poder público oferecia aos “coronéis” - fazendeiros, grandes proprietários de terras - uma série de vantagens que permitiam a manutenção de seu poder local; estes garantiam os votos necessários no mundo rural através do controle agressivo sobre os trabalhadores.</p> <p>Baseado em uma estrutura agrária com ampla concentração de terras, o poder privado dos coronéis era de interesse do poder público graças ao estabelecimento do sufrágio amplo. Os barões promoviam o voto de cabresto, fazendo com que os trabalhadores rurais elessem os candidatos de seu interesse em pleitos onde o voto sequer era secreto.</p> <p>Charges da época já retratavam os coronéis em cima de burros, que na linguagem artística representavam o povo. É exatamente essa figura que replicamos na construção da fantasia: coronéis que montam seus burros que por sua vez estampam os votos. Caindo do animal, linhas de correntes que incrementam a mensagem da falta de autonomia do eleitor que era sufocado por seus mandatários.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Magia do Corpo Negro</p> 	<p>O corpo negro foi censurado e impedido de praticar suas gingas, ritmos em movimento, que traziam as heranças do sagrado africano. Aqui, duas destaques de chão, crias da Beija-Flor de Nilópolis, representam o corpo negro e seus movimentos que estão para além da sexualização dos corpos femininos. Neles existem saberes, ritos e heranças ancestrais sagradas, tratados como magia de maneira racista pelo Estado que criminalizou estes corpos e movimentos.</p>	<p>Destaques de Chão</p>	<p>Aieny Mendes e Flávia Custódio</p>
11	<p>Magia Negra (Passistas)</p>  	<p>A primeira constituição republicana, em 1891, decretou a separação entre o Estado e a Igreja, garantindo o Estado laico e a liberdade religiosa. Porém, na prática, este instrumento não garantiu o livre exercício do culto ao sagrado afro-brasileiro pois o Código Penal de 1890 manteve a perseguição e a criminalização sobre as religiosidades negras, classificadas como magia, ou seja, este dispositivo jurídico tinha o objetivo de, no pós-abolição, manter o controle sobre as populações negras. A fundação do Museu da Polícia Civil do Rio de Janeiro, em 1912, foi um marco deste processo. Este foi o lugar por excelência do aprisionamento do sagrado afrobrasileiro na então capital. Tratava-se, sobretudo, do epistemicídio das culturas de matriz africana. Uma política de exclusão. O racismo institucionalizado.</p>	<p>Ala de Passistas (1948)</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p>Magia Negra (Passistas) (Continuação)</p> 	<p>Durante anos, o Estado interveio em locais de culto, prendendo lideranças religiosas e, sobretudo, confiscando objetos sagrados. A permanência do olhar eurocêntrico e colonial acerca das culturas afro-brasileiras sob a égide do Estado de direito. Esta violência estrutural reflete o medo das formas de crença, das práticas de saber e das filosofias ancestrais que não se encaixam no modelo judaico-cristão.</p> <p>A questão da corporeidade é relevante para esta compreensão. Nas diversas formas de vida afrodiaspóricas, temos um corpo que não é culpa, nem precisa se redimir de um pecado original, mas que, ao contrário, é sagrado pois se faz morada dos deuses. O corpo que entra em transe, o corpo que samba, o corpo que não é domesticado nem disciplinado pois reage ao som do tambor. É a magia negra que amedronta a concepção colonial do mundo.</p> <p>Nossos passistas vestem uma indumentária baseada nestas culturas afro-brasileiras. Turbantes, flores, búzios e rendas adornam os negros corpos dos dançarinos de Nilópolis que, para além da roupa, em suas próprias existências materializam o fato histórico que representam.</p>	Ala de Passistas (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	Liberdade Por Negras Expressões 	<p>Em um setor que debate a exclusão de grupos sociais e raciais da compreensão e alcance, físico e simbólico, da cidadania, nossa Rainha de Bateria, jovem nilopolitana, representa justamente a liberdade para todas as expressões que justificam a marginalização dos mesmos. É a esperança de um futuro de compreensão e respeito. Mais que uma fantasia, um manifesto.</p>	Rainha de Bateria	Lorena Raíssa
*	Melodias Envolventes 	<p>Eram dos couros dos tambores e também outros instrumentos, que a batucada sagrada movimentava os corpos pelos guetos das cidades. Corpos renegados e marginalizados eram embalados pelo ritmo das macumbas, sambas, capoeiras e outras inspirações africanas. Sons estes que aqui são simbolicamente tocados pela mais ilustre percussionista da bateria soberana: Neide Tamborim.</p>	Destaque da Bateria	Neide Tamborim

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

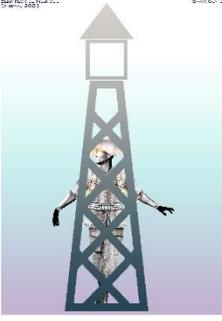
Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p>Vadios e Capoeiras (Bateria)</p> 	<p>A lei dos vadios e capoeiras era um ordenamento legal que previa o encarceramento das classes subalternas e perigosas. Todos aqueles que não pudessem comprovar ocupação profissional, ou estivessem praticando capoeira em espaço público seriam presos por vadiagem.</p> <p>Em um país que não ofereceu aos negros e negras qualquer condição de integração a sociedade no pós-abolição, podemos perceber este dispositivo como uma forma de perpetuação do aprisionamento destes sujeitos, sobretudo pela referência direta a uma manifestação cultural afro-brasileira, impedindo assim a liberdade de expressão destes grupos.</p> <p>O samba hoje é conhecido em todo o mundo como um gênero musical associado a brasilidade, distintivo do que é um país em um certo imaginário construído politicamente; mas cumpre ressaltar que este longo processo histórico foi marcado, em seu início, pela criminalização dos sambistas justamente através deste mecanismo jurídico. O sambista histórico Ismael Silva, foi preso por vadiagem em outubro de 1928, dois meses após ter fundado a primeira escola de samba.</p>	Bateria (1948)	Mestre Plínio e Mestre Rodney

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
12	<p>Vadios e Capoeiras (Bateria) (Continuação)</p> 	<p>A vestimenta dos músicos da nossa bateria é uma releitura inspirada nas indumentárias da época. Pensada como um mecanismo para igualar-se aos mais nobres da sociedade, usando o máximo de referências possíveis para não serem repreendidos. A lógica racista da opressão a partir do reconhecimento da vestimenta perseguiu por muito tempo negros e negras que faziam seus batuques pelas ruas do país.</p>	Bateria (1948)	Mestre Plínio e Mestre Rodney
13	<p>Cota para Branco</p>  	<p>O Brasil promoveu a vinda de imigrantes em uma política de embranquecimento do país. O Estado brasileiro ofereceu aos europeus um lugar, um espaço para produção e condições para que aqui se instalassem, o que pode ser classificado como o primeiro grande sistema de cotas raciais no país. Ao mesmo tempo, negros e negras estavam entregues à própria sorte no pós-abolição, sem qualquer contrapartida ou política pública de integração; enquanto a tutela promovida pela lógica da ação indigenista do Estado também não garantia direitos e autonomia aos povos originários.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p>Cota para Branco (Continuação)</p> 	<p>A cota para brancos, desagradecidos, foi uma das políticas construídas no alvorecer da República na projeção de um futuro que se desejava. Um país negro que sonhava embranquecer.</p> <p>Um conjunto de estudos e teorias científicas que afirmam a diferença humana baseada na ideia de raça - justificando assim a dominação do homem branco europeu sobre outros povos - ganhou força e legitimidade no cenário intelectual. Neste sentido, países mestiços estavam destinados ao fracasso. Estas teorias racialistas, posteriormente desmentidas pela ciência, causaram um verdadeiro furor e serviram de base para uma série de decisões políticas.</p> <p>Na consolidação do capitalismo brasileiro, o imigrante europeu ocupou prioritariamente os postos do trabalho livre em detrimento da população negra e indígena. O controle sobre esta política viria somente com o governo Vargas através de uma lei em 1930 que obrigou as empresas a ter dois terços de seus funcionários brasileiros, e a lei que, em 1934, limitou, finalmente, a entrada de estrangeiros no país.</p> <p>A fantasia brinca com a forma estereotipada de imigrantes brancos em terras brasileiras. A mala, que traz um rosto de máscara branca, reforça a ideia de uma branquitude que viajou pelos mares para ganhar privilégios via políticas públicas em uma terra que marginaliza seus próprios filhos pela marca indelével da cor.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p>"Ameaça Vermelha" - O Fantasma do Comunismo</p> 	<p>Tanto no Estado Novo quanto na Ditadura civil-militar o que se viu foram intervenções arbitrárias que cercearam direitos duramente conquistados para evitar uma ‘ameaça vermelha’ que nunca esteve próxima de se concretizar.</p> <p>Em dois momentos distintos de nossa história, em 1937 e 1964, setores conservadores da sociedade brasileira fizeram do medo o combustível para justificar intervenções autoritárias que romperam com as garantias constitucionais e instituíram regimes de exceção. Não à toa, nos dois momentos, teorias conspiratórias sobre uma ameaça comunista no Brasil ganharam força com o objetivo de criar na população temor e insegurança, cerceando, principalmente, a liberdade de expressão.</p> <p>Mobilizando valores, crenças e ideias construíram uma representação que se disseminou acerca do comunismo e legitimou ações violentas.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

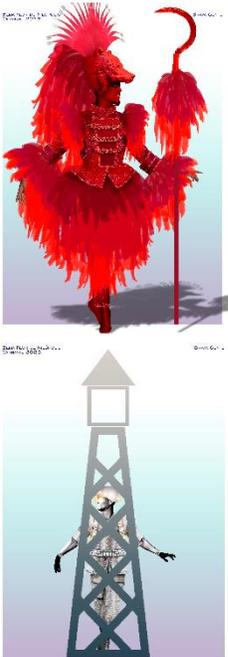
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	<p>"Ameaça Vermelha" - O Fantasma do Comunismo (Continuação)</p> 	<p>O anticomunismo se enraizou graças à ação de órgãos estatais e entidades privadas que o disseminaram com forte apoio e adesão de setores conservadores da sociedade como, por exemplo, a Igreja e os militares. Assim, ainda hoje, em momentos de crise ou instabilidade política institucional, o fantasma de um <i>'perigo vermelho'</i> é acionado para legitimar medidas autoritárias, excludentes e antidemocráticas. A grande ironia é que a justificativa da implantação destes dois períodos ditatoriais foi uma suposta defesa do regime democrático.</p> <p>A fantasia, vermelha, rompe a estética do setor ao contrastar com a rigidez e joga com o temor de uma assombração que não apenas está na cabeça dos seguidores conservadores, mas também é usada como subterfúgio para justificar o medo. Esvoaçante, a roupa é uma farda militar que traz em sua mão uma foice, símbolo do universo comunista. A cabeça de urso brinca com os símbolos de força imaginários dos países europeus comunistas.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile
*	<p>O Doutrinador</p> 	<p>O destaque performa com a ala o papel de Doutrinador, aquele que comanda o Exército em sua exibição de imposição de medo.</p>	Destaque de Chão	Thiago Avancchi

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	<p>Doutrina da Segurança Nacional</p> 	<p>Em um mundo marcado pelo debate de ideias e a oposição entre dois modelos econômicos e sociais, a América Latina, sob a forte influência e o domínio americano, experimentou diversos regimes autoritários. Neste contexto, a ideia de que era necessário construir uma ‘defesa nacional’ contra inimigos internos do regime foi a base ideológica material para uma série de ações de violência de Estado contra todos e todas que se dispusessem a questionar, denunciar, protestar ou reivindicar direitos.</p> <p>A doutrina de segurança nacional foi parte central de uma estratégia política de controle, repressão e supressão das divergências em um regime de exceção comandado por militares.</p> <p>É dentro desta demonstração de poder da “defesa nacional” que nasce também o ritual do desfile de Sete de Setembro. A ideia de que uma nação independente se dá pela soberania de suas defesas reprimindo o simbolismo da data impedindo assim a própria percepção da população de que independência é sobre a liberdade e autonomia no exercício e usufruto dos direitos de cidadania.</p> <p>Por isso, trazemos aqui os soldados que marcham neste rito que louva “a doutrina de segurança” e ignora os direitos civis. Desfilam com enormes buchas de canhão e se apresentam como se fossem os grandes “heróis da nação”.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

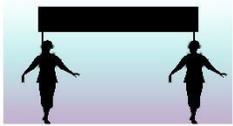
FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Símbolos de Poder</p> 	<p>A república fabricou muitos símbolos para chamar de nacionais. Em sua ampla maioria eram ícones ligados ao militarismo, guerra, armas e etc. A águia foi um destes ícones adotados de brasões e insígnias difundidas mundialmente como representação de poder e soberania.</p>	<p>Destaque de Chão</p>	<p>Carla Cachoeira</p>
16	<p>Luta pela Terra</p>  	<p>Indígenas, além de seus saberes ancestrais, tecnologias e formas de vida que desafiam a lógica castradora e uniformizante do Estado nacional, estabelecem uma relação com a terra que não é unicamente econômica; muito pelo contrário: a terra é fonte significativa da sua experiência comunitária. Por esta razão, seus modos de vida tornam-se entraves aos interesses monopolistas dos latifundiários da burguesia agrária. Possuem uma imensa diversidade sociocultural e linguística que insistem em preservar em um cenário de epistemicídio de todos os modos de conhecimento para além do paradigma ocidental judaico-cristão.</p>	<p>Alas Signos Ala Das Borboletas Ala Cabulosos</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p>Luta pela Terra</p> 	<p>Em luta pelo seu direito originário desde a invasão colonial, as comunidades, os povos e nações indígenas conquistaram, através de ampla mobilização e organização coletiva, o reconhecimento deste direito. Embora previsto em lei, a luta pela demarcação das terras indígenas segue sendo uma pauta fundamental em um contexto político de avanço do desmatamento, do agronegócio e da captura do Estado por estes interesses comerciais e produtivistas.</p> <p>A Articulação dos Povos Indígenas brada em alto e bom som: NÃO AO MARCO TEMPORAL!</p> <p>Seguindo a lógica construída para este setor, onde as fantasias foram criadas para refletir o movimento, nossos indígenas estão em marcha na busca de seus direitos, apresentam uma indumentária que traz estampas com fotografias de faixas de movimentos reais que aconteceram no Brasil e envolve suas demandas. Ao procurar estilizar uma marcha, a ala também apresenta faixas de protestos.</p>	<p>Alas Signos Ala Das Borboletas Ala Cabulosos</p>	<p>Diretoria de Harmonia e Desfile</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
17	<p>Enquanto Houver Racismo, Não Haverá Democracia</p> 	<p>Desde a chegada do primeiro cativo em solo brasileiro, negros e negras resistem e lutam pela liberdade plena. De suas formas de organização, das redes de solidariedade e proteção que construíram, das táticas e estratégias formuladas para preservação de suas vidas, evidencia-se o caráter mobilizador, coletivo e produtivo de suas lutas.</p> <p>Em um país edificado sobre a violência da escravidão negra, impõe-se a necessidade da unificação de forças na luta contra a discriminação, a marginalização, a repressão, a exclusão e o abandono.</p> <p>Ainda hoje, 134 anos após a abolição, a desigualdade racial é evidente. Denunciando o mito da democracia racial, a falta de políticas públicas de reparação histórica, a perversa relação entre raça e classe, o extermínio da juventude negra e a permanência de uma cultura escravocrata, o movimento negro brasileiro é uma força material que atua como verdadeiro agente civilizatório nacional.</p> <p>Com inspirações nas indumentárias africanas, a roupa remete às ancestralidades que estão também nas lutas. A fantasia também contém uma estampa com fotos e faixas de manifestações de coletivos negros.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	<p>Se a Classe Operária Tudo Produz, a Ela Tudo Pertence</p>  	<p>A organização coletiva dos trabalhadores, sindicatos e centrais sindicais é fundamental para garantir direitos, pela defesa de seus interesses e sua representação. Esta articulação é essencial para o fortalecimento da classe trabalhadora ao construir condições efetivas para almejar, pleitear e conquistar. Representam aqui a busca por trabalho digno, pauta indispensável para o exercício da cidadania.</p> <p>Através de instrumentos legítimos como manifestações públicas, greves e piquetes, o movimento operário no país é exemplo de resistência e de construção de consciência de classe. Hoje, em um cenário de precarização dos direitos trabalhistas - duramente conquistados -, de terceirização e uberização do trabalho, a classe operária segue mobilizada na busca por dignidade e valorização dos trabalhadores e trabalhadoras brasileiros.</p> <p>Nossos componentes desfilam com fantasias livremente inspiradas nos trajes de trabalho de operários, principalmente do setor fabril pela sua relevância histórica na organização coletiva em defesa de melhores condições de trabalho.</p> <p>Se a classe operária tudo produz, a ela tudo pertence.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	<p>A Pressa da Fome</p> 	<p>A sociedade civil organizada é protagonista na denúncia, na mobilização, no enfrentamento e na conscientização em prol da conquista de políticas públicas que promovam a diminuição da pobreza.</p> <p>A miséria, a extrema pobreza e a fome são sintomas do caráter desigual e excludente da formação nacional. Desde a colonização, o modelo econômico e social imposto em nosso território produziu a escassez e a insegurança alimentar. A brutal concentração de terras, o sistema escravista e a prioridade para exportação são algumas das raízes desta mazela.</p> <p>Este gigante de dimensões coloniais, onde a produção de alimentos bate recorde, ano após ano, também é o país onde o flagelo da fome é fato histórico. Uma nação verdadeiramente independente não pode conviver com a fome.</p> <p>Dados do Segundo Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia de Covid-19 no Brasil, apontam que mais de 33 milhões de brasileiros não têm garantido o que comer, vivendo em situação de insegurança alimentar.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas) Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
19	<p>A Pressa da Fome (Continuação)</p> 	<p>O combate à fome no Brasil é uma luta histórica pela preservação da própria vida daqueles e daquelas condenadas à carestia. O objetivo primordial é garantir a todos os brasileiros e brasileiras o acesso a alimentação saudável, nutritiva e suficiente.</p> <p>Com figurinos feitos de plástico, pratos e talheres descartáveis, apresentamos uma criação artística para representar a marcha contra a fome. Esse figurino, como os outros que compõem o conjunto do setor, procura vestir o componente de maneira abstrata e lírica através do uso de formas, materiais, texturas e estampas que trazem as pautas que estão nas ruas.</p> <p>Quem tem fome, tem pressa.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<p>Nem Menos Nem Mais, Direitos Iguais!</p> 	<p>Alvo constante de preconceito e discriminação por conta de suas expressões de gênero e sexualidade, a comunidade LGBTQIA+ se organiza para garantir seus direitos humanos básicos: o direito à vida, a igualdade e a liberdade de ser, plenamente, quem é. Desfilam o seu orgulho enquanto demandam a garantia dos seus direitos.</p> <p>O movimento LGBTQIA+ é um importante ator político do Brasil contemporâneo. O grupo é composto por lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transexuais e travestis, queer, intersexuais, assexuais e também por outras identidades de gênero ou orientação sexual não compreendidas pelas letras da sigla que está em constante transformação, ampliando sua abrangência de forma inclusiva.</p> <p>Formado por coletivos e grupos organizados que exprimem a existência pública de corpos e desejos contrários às normas-padrão de gênero e de sexualidade, o movimento é um elemento de força para exigir cidadania em um país onde os índices de violência contra esta população seguem crescendo vertiginosamente.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas) Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<p>Nem Menos Nem Mais, Direitos Iguais!</p> 	<p>A fantasia brinca com a extravagância das principais passeatas LGBTQIA+ que vão às ruas no Brasil. Com as cores do arco-íris por todo o figurino, carregam a bandeira que é o principal símbolo do movimento. Além das cores do arco-íris usada pela comunidade desde 1987 que representam a pluralidade, a nova versão da tradicional bandeira passa a incluir as cores trans, intersexo e da luta antirracista.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<p>A Revolução Será Feminista...</p> 	<p>O movimento feminista evidencia e denuncia a desigualdade de gênero de uma sociedade erguida sobre a lógica machista e patriarcal. Reivindicando a emancipação da mulher, os coletivos e entidades que compõem o movimento organizam manifestações e articulam políticas públicas onde exigem a igualdade política e a participação feminina nos espaços de poder.</p> <p>Ao longo de sua existência, o movimento vem provocando alterações sensíveis e definitivas nas relações sociais e promovendo reflexões profundas acerca de questões tão amplas quanto diversas como planejamento familiar, divisão do trabalho e violência. Graças ao acúmulo de conhecimento e da ação política destas coletividades, as desigualdades de gênero deixaram de ser naturalizadas e são alvo de constante debate e disputa pública por meio da intervenção qualificada e estruturada do ativismo feminista. Embora constituam a maioria da sociedade brasileira, as mulheres seguem sendo sub representadas na política e a equidade é um propósito perseguido para garantia de uma sociedade mais justa.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
21	<p>A Revolução Será Feminista... (Continuação)</p> 	<p>A fantasia apresenta em profusões de gravatas os dizeres por participação nas estruturas que se construíram a partir da lógica machista. O elemento que adorna os pescoços masculinos - como símbolo de confiança e seriedade - foi o principal item usado nas provocações das marchas feministas mais importantes do movimento. Outro recurso usado na fantasia é o alargamento dos ombros, este recurso da moda também foi usado para assimilar as silhuetas e assim afrontar a lógica da estrutura machista. Os principais movimentos feministas que buscavam seus direitos, eram repletos de instrumentos presentes em diversos símbolos presentes nessas marchas.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p>O Cordão dos Excluídos e Outros Brasis</p>  <p>*Ala de Figurino Múltiplo com Variedade de Personagens</p>	<p>Um ato dentro do ato. O último setor do desfile apresenta outras possibilidades de Brasil que são imaginadas pela cultura popular em ritos que fazem parte desta grande miscelânea que é a identidade brasileira. Uma ala que apresenta a pluralidade de manifestações culturais e o quanto estas são formas de alimentar a esperança de outros Brasis tanto em diferentes formas quanto em múltiplos sentidos. A reimaginação da bandeira brasileira (nos figurinos, estandartes e outras bandeiras) é uma característica que conceitua esteticamente este grande bloco, pois trata-se de um exercício de reinvenção e ressignificação através da arte.</p> <p>As culturas populares exacerbam uma perspectiva de futuro ao valorizar outros modos de existir e praticar o saber. Este grande bloco que desfila exprime a nossa maior riqueza: a brasilidade, um conjunto de gestos e afetos, sonoridades e materialidades, expectativas, crenças, sonhos e sentidos que são o resultado do acúmulo histórico de conhecimento das camadas populares.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p>O Cordão dos Excluídos e Outros Brasis (Continuação)</p>  <p>*Ala de Figurino Múltiplo com Variedade de Personagens</p>	<p>Ao se contrapor a uma história nacional produzida através de uma narrativa única, sem espaço para dissidências ou contestações e promovendo apagamentos e silenciamentos, fomentamos a diversidade como fundamento de um país efetivamente independente que ainda iremos erguer. É através da fé e da festa, na artimanha e na mandinga, crendo no invisível, que nós, condenados à exclusão neste Estado nacional, fazemos da esperança um verbo de luta e ação. Um Brasil plural, versado em múltiplas gramáticas, cujas sementes que hão de germinar são produtos do seu povo.</p> <p>Este grande bloco de outros Brasis possíveis inicia-se e finaliza com uma clara representação da escola de samba. Afinal, como disse Joãozinho Trinta: <i>“No nosso caso nós sabemos fazer Carnaval. É nosso ofício. Que seja através dele, então, que a gente proteste. Esperamos, assim, contribuir para o despertar do gigante que somos nós mesmos.”</i> O Brasil que queremos ver está em bandeiras idealizadas por artistas plásticos do país inteiro, principalmente negros e indígenas. Existe aqui a presença de alguns destaques, reproduzindo papéis desempenhados nos ritos da cultura popular.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p>O Cordão dos Excluídos e Outros Brasis (Continuação)</p>  <p>*Ala de Figurino Múltiplo com Variedade de Personagens</p>	<p>Os batuques de tambor são louvores de esperança. Diversas celebrações e festividades de matriz afro-brasileira têm presença marcante no calendário, no espaço público e no imaginário nacional. As religiosidades são elementos centrais de sociabilidade e da resistência negra onde música, canto, dança, filosofia e lazer se misturam de forma muito particular e distinta. São culturas de diáspora, forjadas na experiência histórica como resistência e reinvenção da vida na adversidade e no precário. A Festa de Iemanjá manifesta o agradecimento a esta divindade, relacionada a fertilidade e a continuidade da vida, pela boa sorte e prosperidade que seus fiéis atribuem à sua ação. O bembé do mercado, um candomblé de rua que celebra a abolição, carrega o sentido próprio da liberdade construído pelo povo negro.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p>O Cordão dos Excluídos e Outros Brasis (Continuação)</p>  <p>*Ala de Figurino Múltiplo com Variedade de Personagens</p>	<p>Ainda no campo da fé, o catolicismo popular é um imenso manancial de riquezas. Produto da interação das comunidades indígenas e afro-brasileiras com a liturgia católica, as práticas católicas das camadas populares gestaram formas originais de apreensão e manifestação da religiosidade. Entre rezas, cantos, ladainhas, procissões, novenas, festas, rosários e outras práticas devocionais, destaca-se a forma inventiva e criativa que os brasileiros e brasileiras se apropriaram do repertório cristão. Como a Festa da Pitomba, em Jaboatão dos Guararapes, homenagem a Nossa Senhora dos Prazeres pois, segundo a tradição, a santa fez uma aparição na guerra contra os holandeses, protegendo, fortalecendo e guiando os brasileiros até a vitória. O Círio de Nazaré, por sua vez, é uma majestosa e fervorosa demonstração de fé que milhões de brasileiros promovem para agradecer por graças concedidas ou para pedir o intermédio da santa. As festividades são importantes pois propiciam um espaço de compartilhamento, troca, conagraçamento e união que reforça identidades e os laços comunitários. Nas festas há uma suspensão do tempo ordinário da vida social e através deste mecanismo de ritualização, descortina-se um espaço encantado para além da rotina que, ao permitir a manifestação da alegria, caracteriza-se como força propulsora do fortalecimento coletivo.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figuristas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p>O Cordão dos Excluídos e Outros Brasis (Continuação)</p>  <p>*Ala de Figurino Múltiplo com Variedade de Personagens</p>	<p>As Congadas e o maracatu são manifestações culturais e religiosas festivas que reconstruem o evento de coroação dos reis do Congo e Angola. Folguedos populares que denotam uma forma de pertencimento e sociabilidade comunitária. Em sua performance, evocam a memória ancestral e ressignificam sua própria história. O tambor de crioula propicia o exercício dos vínculos de pertencimento e a reiteração dos valores culturais que o sustentam. Praticado, especialmente, em louvor a São Benedito, é tanto uma prática devocional quanto uma forma de divertimento e lazer. É uma tradição que mantém o princípio dinâmico do movimento, sendo um importante referencial de identidade e resistência cultural dos negros maranhenses.</p> <p>Da cultura amazônica retratamos um ritual indígena praticado na região do Alto Rio Negro. O dabacuri é uma cerimônia festiva que promove a união entre diferentes povos e que celebra a fartura. É uma grande festa, onde se desenvolvem alianças políticas e sociais enquanto se comemora com música, dança, comida e bebida. Além da troca constante de conhecimentos, o dabacuri é importante pois promove a solidariedade e a fraternidade entre diferentes povos.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Alexandre Louzada e André Rodrigues				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	<p>O Cordão dos Excluídos e Outros Brasis (Continuação)</p>  <p>*Ala de Figurino Múltiplo com Variedade de Personagens</p>	<p>O Bumba meu boi do Maranhão é um complexo cultural que engloba tanto manifestações artísticas e performances dramáticas quanto a confecção de elementos materiais que constituem esta celebração múltipla. Articulado várias formas de expressão e saberes em um amplo ciclo festivo, o Bumba meu boi maranhense extrapola os aspectos lúdicos em uma festividade sobre a ressurreição. O Boi Bumbá Amazônida, por sua vez, reúne influências tradicionais de diversas etnias, sobretudo elementos das culturas afro-brasileira e indígena, configurando um dos principais eventos da cultura popular brasileira.</p> <p>A ala se apresenta como única, mesmo com tantas manifestações em sua composição, para dar sentido de união e marcha como se fossemos um só. Ainda que um único corpo errante exista, em cada expressão (e dentro de cada expressão um indivíduo) que busca em diferentes sentidos a sonhada Independência.</p>	Comunidade (1948)	Diretoria de Harmonia e Desfile

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Alexandre Louzada e André Rodrigues

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
23	<p>Poetas das Multidões</p> 	<p>A ala dos compositores encerra este desfile como representantes de artistas populares que utilizam a cultura como motor de difusão de seus sonhos, anseios, desejos e esperanças de justiça e liberdade para as multidões.</p>	<p>Ala dos Compositores (1948)</p>	<p>Kirraizinho</p>

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadávia Corrêa, nº. 60 – Unidade 11 – Cidade do Samba – Gamboa – Zona Portuária	
Diretor Responsável pelo Atelier Fabio Santos, Rodrigo Pacheco, Lenine Pessoa e Dudu Azevedo	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Ademilde Silvinho – Nequinha	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe -
Adrecista Chefe de Equipe Fabio Santos e Rodrigo Pacheco	Sapateiro(a) Chefe de Equipe José Francisco “Zé Sapateiro”
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Valéria, Simone Santana, Michele, - Responsáveis pelo Ateliê de Fantasia	
Beth, Ricardo e Ana, Cleiton	
Fabyinho Santos	- Responsáveis pelo Ateliê de Fantasia de Luxo
Edmilson Lima	- Responsável pela confecção do 1º Casal de MS/PB
Cleilton	- Responsáveis pela confecção do 2º, 3º e 4º Casais de MS/PB
Outras informações julgadas necessárias	
* Na última ala, existe a presença de destaques que retratam papéis desempenhados nos ritos da cultura popular.	
Trazemos aqui um espaço para apresentar de maneira mais direta - não subjetiva - alguns dos conceitos que envolvem a criação do conjunto de fantasia para o carnaval 2023.	
O desfile da Beija-Flor propõe uma provocação à comemoração dos 200 anos da Independência do Brasil, comemorados oficialmente em sete de setembro de 2022. Além da data, provocamos as heranças físicas e simbólicas desta construção de narrativa, entre elas, a mais proeminente de todas: o desfile militar do sete de setembro, o maior ritual que envolve a data oficial.	
Para esta provocação, o desfile se propõe a ser o avesso da parada militar, logo, um desfile cívico (construído por civis) que tenha muito mais a ver com o povo brasileiro e incorporando, principalmente, dois símbolos desta brasilidade: o desfile da independência da Bahia, que louvamos como o melhor exemplo do que poderia ser nossa comemoração da emancipação; e o próprio desfile de escola de samba como um desfile de civis e também como ato político. Ambos oferecem um valor muito importante: a ampla participação popular.	

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Outras informações julgadas necessárias

Por considerar nosso desfile um ato cívico popular que provoca a história, simbolicamente, assim construímos o conceito do conjunto de fantasias:

*Primeira Parte

Assim que o desfile se inicia, após o pede passagem, temos dois grupos de fantasias que se apresentam na abertura:

1- Os personagens do quadro (Abre-Alas) que representam as figuras retratadas na tela Independência ou Morte de Pedro Américo. Para texturizar nossa provocação, os figurinos passaram por beneficiamentos têxteis entre tingimentos para envelhecimento, pintura de arte e outras técnicas. Este trabalho visa apresentar essas roupas com o aspecto de mofo. O mofo é aquilo que está velho, úmido, onde o tempo passou, que é como vemos não apenas esta obra, mas todos os significados que ela evoca e também todas as heranças que ela simboliza.

2- O povo aqui é representado de forma dourada, tanto na ação do quadro, quanto na performance da ala 01, essa população retratada por diferentes tipos de brasileiros é vangloriada por nós, são nossos verdadeiros monumentos. O resumo do que é a luta do Dois de Julho e seus atores está na provocação que fazemos ao tentar derrubar a história oficial do Brasil.

*Segunda Parte

O setor das grandes lutas por liberdade e independência que se apresentam no setor seguinte mantém o sentido do uso do ouro como forma de valorizar esses agentes que por muitas vezes são esquecidos na história. Por muito tempo a prática do ensino trata estas lutas como movimentos localizados, rebeliões locais, e não entregam a elas seus grandes valores como questões de importância nacional. Por tratá-las desta maneira, nunca as entendemos com a relevância de quem pressiona e conquista aos poucos as independências através de suas pautas. Tratá-las com ouro, joia e tamanho de glória é reparar a maneira como o tempo e a escrita da história oficial os tratou, reconstruindo a imagem dos verdadeiros heróis deste país.

*Terceira Parte

O terceiro setor que trata a República reflete o caráter militar que ganhou os poderes do país após a virada de modelo político. Ao criar seus símbolos, como a bandeira, o Brasil se revela uma nação que comanda e vigia em prol da ordem e do progresso, as cores de prata e chumbo se sobressaem, assim como os tons de verde que pincelam o setor. Essas para ligar diretamente a ideia do militar, da força, frieza e dureza. Um fator importante do setor são as fantasias de panópticos, elas foram pensadas para trazer a sensação de que o setor inteiro está vigiando ou procurando algo, uma eterna prisão ou sensação de perseguição.

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Outras informações julgadas necessárias

***Quarta parte**

O setor dos movimentos civilizatórios, ou movimentos sociais retrata uma marcha/manifestação. Os figurinos foram pensados a partir de fatores como: mobilidade e facilidade de vestimenta, para permitir uma veracidade gestual dessas práticas democráticas. Logo os figurinos permitem, antes de tudo, o movimento das pernas e braços, com cabeças leves. Também foram pensadas que as fantasias retratassem também as pautas. Em todos os figurinos do setor, foram usadas estampas nas malhas que trazem imagens de faixas reais das grandes manifestações do mesmo caráter que a fantasia representa, pensamos assim que além da mão, com seus adereços, e das faixas em si, está no corpo do componente esta ligação com a pauta.

Como o desfile deste ano tem sentidos que evocam a característica provocadora da Beija-Flor de Nilópolis, temos no primeiro setor a subversão (quem era luxo, virou mofo -lixo- e quem era esquecido virou luxo - ouro-) este quarto setor do desfile homenageia o desfile de 1990 “Todo Mundo Nasceu Nu”, do carnavalesco Joãozinho 30, que em um dos seus setores trazia faixas de protestos representando uma grande manifestação de civis. a releitura traz uma ideia carnavalizada de uma manifestação com figurinos adequados a ela. No ano de 1990 o caráter era de denúncia, já aqui traz muito o sentido de afronta e requerimento.

***Quinta Parte**

Não fazia sentido em um desfile que exalta a coletividade, que deixássemos de demonstrar em fatos a união e a mistura dos muitos corpos e ideias. O último setor revela a compreensão da cultura popular e suas manifestações (seja em cortejos, ritos e procissões) como aspirações de outros Brasis, ou seja, outras realidades, sonhadas, imaginadas e almejadas através de múltiplas celebrações..

Apresentamos um setor que é composto por uma única ala que abriga essa pluralidade de manifestação, é como se no ato de sonhar um Brasil melhor, todos andassem juntos em cortejo pela Sapucaí. Um ato dentro do grande ato.

As fantasias, inspiradas nos figurinos reais, fabulam em suas muitas estampas várias formas e cores diferentes inspiradas na bandeira do Brasil, a recriação e apropriação do símbolo, além de conter ilustrações de personagens que lutaram e/ou lutam por um país mais justo. É o cortejo popular elegendo também os seus heróis e heroínas, além de recriar seu próprio país em seus atos. Estão homenageados: Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Zumbi, Dandara, Ailton Krenak, Cacique Raoni, Davi Kopenawa, Sonia Guajajara, Dorothy Stang, Maria Firmina e muitos outros.

São muitas as camadas de sentido, valores e conceitos que carregam este setor, mas uma delas é muito especial: as bandeiras. Esses muitos Brasis repensados a partir da cultura, tem também suas próprias bandeiras, por isso, em parceria da curadora Lorraine Mendes que desenvolve um trabalho sobre as muitas bandeiras recriadas no campo da arte, trazemos algumas dessas pensadas por artistas negros e indígenas.

O final do desfile compreende a cultura popular como uma grande ferramenta na busca pela independência, através do cultivo de utopias, da potência da pluralidade e da intenção clara e manifesta de construir um país melhor, mantemos acesa a esperança do amanhã que iremos erguer.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo Léo do Piso, Beto Nega, Manolo, Diego Oliveira, Júlio Assis e Diogo Rosa

Presidente da Ala dos Compositores

Kirraizinho

Total de Componentes da Ala dos Compositores 45 (quarenta e cinco)	Compositor mais Idoso (Nome e Idade) Pereirão (81 Anos)	Compositor mais Jovem (Nome e Idade) Kirraizinho (33 Anos)
---	--	---

Outras informações julgadas necessárias

A revolução começa agora
 Onde o povo fez história
 E a escola não contou
 Marco dos heróis e heroínas
 Das batalhas genuínas
 Do desquite do invasor
 Naquele dois de julho, o sol do triunfar
 E os filhos desse chão a guerrear
 O sangue do orgulho retinto e servil
 Avermelhava as terras do Brasil

**Ê! Vim cobrar igualdade, quero liberdade de expressão
 É a rua pela vida, é a vida do irmão
 Baixada em ato de rebelião**

Desfila o chumbo da autocracia
 A demagogia em setembro a marchar
 Aos “renegados” barriga vazia
 Progresso agracia quem tem pra bancar
 Ordem é o mito do descaso
 Que desconheço desde os tempos de Cabral
 A lida, um canto, o direito
 Por aqui o preconceito tem conceito estrutural
 Pela mátria soberana, eis o povo no poder
 São Marias e Joanas, os Brasis que eu quero ter

**Deixa Nilópolis cantar!
 Pela nossa independência, por cultura popular**

**Ô abram alas ao cordão dos excluídos
 Que vão à luta e matam seus dragões
 Além dos carnavais, o samba é que me faz
 Subversivo Beija-flor das multidões**

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Sobre o Samba de Enredo

**A REVOLUÇÃO COMEÇA AGORA
ONDE O POVO FEZ HISTÓRIA
E A ESCOLA NÃO CONTOU
MARCO DOS HERÓIS E HEROÍNAS
DAS BATALHAS GENUÍNAS
DO DESQUITE DO INVASOR**

O Carnaval congraça, convoca, une o povo em uma só voz. Somos a revolução, o pertencimento, à luta por nossa real história não contada por centenas de anos. A escola de Samba escreve as páginas “em branco” do livro dos heróis que nos deram a tão sonhada liberdade, a separação do colonizador e triunfal vitória em solo baiano.

**NAQUELE DOIS DE JULHO O SOL DO TRIUNFAR
E OS FILHOS DESSE CHÃO A GUERREAR
O SANGUE DO ORGULHO, RETINTO E SERVIL
AVERMELHAVA AS TERRAS DO BRASIL**

A data da verdadeira independência do Brasil. A guerra dos verdadeiros filhos da pátria mestiça, cabocla, retinta. O suor que abrasileirou nossas terras, que arrebentou correntes, que assinou com sangue a nossa real identidade, mas muita luta ainda estava por vir...

**Ê VIM COBRAR IGUALDADE
QUERO LIBERDADE DE EXPRESSÃO
É RUA PELA VIDA, É A VIDA DO IRMÃO
BAIXADA EM ATO DE REBELIÃO**

Ao longo de todos os anos de existência, nossa gente busca por seus direitos, quer o seu lugar de fala, corre atrás de igualdade, chora a dor de um irmão, de uma mãe... toma as ruas em forma de protesto, se rebela contra a força bruta que nos assola nesses quinhentos e vinte e três anos de racismo, intolerância e apagamento. O Quilombo da baixada, baixa o decreto, veste a sua gente... é tempo de cobrança, de dar um basta. É rebelião em causa própria.

**DESFILA O CHUMBO DA AUTOCRACIA
A DEMAGOGIA EM SETEMBRO A MARCHAR
E AOS RENEGADOS BARRIGA VAZIA
PROGRESSO AGRACIA QUEM TEM PRA BANCAR**

Um teatro desfila em sete de setembro de todos os anos. A força bélica de um País que maltrata os seus, o retrato fiel do desgoverno que prefere ver seu patrimônio em chumbo ao invés de matar a fome dos seus filhos, ao invés de reconhecer que nos tornamos livres do invasor no dia dois de julho de mil oitocentos e vinte e três. A “parada” que exclui o povo, não representa a nossa luta genuína. A ordem nos é imposta e o progresso só chega para a elite.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

**ORDEM É O MITO DO DESCASO
QUE DESCONHEÇO DESDE OS TEMPOS DE CABRAL
A LIDA, UM CANTO, O DIREITO
POR AQUI O PRECONCEITO TEM CONCEITO ESTRUTURAL**

Quantos “mitos” foram venerados ao longo de todos os anos, nesse Brasil que propaga a mentira, que o verdadeiro povo desconhece, que não nos representa. Enquanto criamos heróis fakes, continuamos firmes nas estatísticas mundiais de desemprego, de miséria, sem o direito escrito por nossas próprias lutas na constituição. Fomos forjados e estruturados a aceitar quem manda, quem pode, mas obedecer não é para quem tem juízo, revolucionar sim é a forma de mudar um País que não reconhece seu próprio rosto.

**PELA MÁTRIA SOBERANA
EIS O POVO NO PODER
SÃO MARIAS E JOANAS OS BRASIS QUE EU QUERO TER
DEIXA NILÓPOLIS CANTAR
PELA NOSSA INDEPENDÊNCIA
POR CULTURA POPULAR**

Na Terra que pariu o povo mais miscigenado do Planeta, quem nos carrega em ventre soberano, jamais teve sua voz ecoada. São Marias, Joanas e muitas outras que tiveram suas histórias negligenciadas pelo simples fato de serem mulheres. A “mordaca social” tenta calar mulheres, índios, pretos e diversas outras minorias que se encontram na voz de uma só cidade. Nilópolis canta por todos, cobra a independência verdadeira, naquele dois de julho. Do povo, para o povo. Pois quem sempre cobrou através da Rua fomos nós, pois quem construiu os pilares da Escola foi o próprio e não existe identificação em um País sem cultura Popular e nós somos a maior manifestação cultural do mundo.

**Ô ABRAM ALAS AO CORDÃO DOS EXCLUÍDOS
QUE VÃO À LUTA E MATAM SEUS DRAGÕES
ALÉM DOS CARNAVAIS O SAMBA É QUE ME FAZ
SUBVERSIVO BEIJA FLOR DAS MULTIDÕES**

O Brado dos excluídos nasceu por vozes e inspiração de pessoas humildes, que tem no samba a vocação do protesto, que levam o dom como atitude. A altivez da Beija flor de Nilópolis vem do Povo. A cobrança por um Brasil plural nos tornou reconhecidos, imponentes e dignos da representatividade que temos. É responsabilidade nossa elevar o tom do discurso, tomar a rua e gritar em praça pública que já não nos cabe mais aceitar tudo o que vivenciamos sem luta. Enfim teremos a apoteose dos subversivos, emoldurado pelo azul e branco os renegados farão seu protesto triunfal por justiça e igualdade em busca do sol do triunfar!

FICHA TÉCNICA**Bateria**

Diretor Geral de Bateria Mestres Rodney José Ferreira e Plínio de Morais				
Outros Diretores de Bateria Anderson Miranda “Kombi”, Adelino Vieira “Saú do Gaz”, Diego, Thiago, Michel, Laísa Lima, Xunei, Marlon, Rogério Monteiro Félix “Pó de Mico”, Alexander Orelha, Jonny Alves e Zé Carlos				
Total de Componentes da Bateria 254 (duzentos e cinquenta e quatro) componentes				
NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS				
1ª Marcação 10	2ª Marcação 10	3ª Marcação 14	Reco-Reco -	Ganzá 01
Caixa 110	Tarol -	Tamborim 36	Tan-Tan -	Repinique 30
Prato -	Agogô -	Cuica 13	Pandeiro -	Chocalho 30
Outras informações julgadas necessárias				
<p>É praticamente impossível dar a verdadeira dimensão da importância da Bateria para a vivência de uma escola de samba, não somente no dia do desfile, mas também no cotidiano das agremiações. Responsável por ditar o ritmo que vai embalar o samba e todos os componentes da escola, as baterias são verdadeiras orquestras rítmicas, que tocam a céu aberto sem controle de som, espaço, ou acústica. São mais de 200 músicos que fazem um espetáculo único e preciso, alcançando excelência e coordenação através de muita prática, ensaios e dedicação. Sendo os primeiros a chegar e os últimos a sair nos eventos, os ritmistas são verdadeiros artistas que prestam sua devoção para suas escolas, para que o show possa acontecer.</p> <p>Dentro do meio das baterias das escolas de samba, é essencial falar sobre a importância e o impacto da bateria da Beija-Flor de Nilópolis. O apelido de Soberana, também em homenagem à alcunha da própria escola, dá dimensão da entrega e da dedicação de seus ritmistas, diretores e mestres ao longo do tempo. Esta entrega e dedicação foram fundamentais para a bateria alcançar o patamar de excelência que atualmente ocupa, não só em termos de notas, mas também de premiações pelos mais diversos veículos que cobrem o carnaval, incluindo o Estandarte de Ouro no ano de 2016. Além disso, vale destacar o impacto de seus ritmistas por todo o mundo do samba.</p> <p>Há 13 anos a bateria da Beija-Flor é comandada pela dupla de mestres Plínio e Rodney.</p> <p>Plínio de Morais, comumente referenciado como Mestre Plínio, é mais um dos símbolos encarnados do que é pertencer, ser e construir a família nilopolitana. Advindo do bloco Mocidade do São Mateus, de São João de Meriti, começou sua trajetória como ritmista desde muito cedo, aos treze anos de idade, tocando surdo de terceira, ou como se chamava à época, surdo de contratempo. Em uma competição de blocos, a Mocidade foi campeã e o desempenho de cinco ritmistas chamou a atenção do então presidente Anísio, que convidou os percussionistas para integrar a bateria da Beija-Flor. Entre os cinco selecionados, estava Mestre Plínio.</p>				

FICHA TÉCNICA

Bateria

Outras informações julgadas necessárias

Desde então, mestre Plínio compõe a escola de Nilópolis, tendo desfilado em algumas oportunidades no GRES Em Cima da Hora. Diretor desde 1993, com o Mestre Odilon, tornou-se mestre em 1997, dividindo o cargo com Paulinho de 1998 a 2009, e com Rodney desde então. Plínio se orgulha de ter participado de todos os títulos da Beija-Flor, e é hoje, junto a Neguinho da Beija-Flor, o maior vencedor vivo do carnaval carioca, com participação nos 14 títulos da escola, sendo que em 9 como mestre da agremiação. Símbolo das baterias, do carnaval e principalmente, da família Beija-Flor, Plínio é figura indispensável para compreender os rumos do carnaval brasileiro.

Rodney José Ferreira, que tem nome de sambista e bamba, começou muito cedo a se envolver com o mundo do ritmo. Ainda que não seja flamenguista, começou sua trajetória numa torcida do Flamengo, a Fla Méier. À época, os projetos de oficinas não eram consolidados, e foi a forma que ele encontrou para aos 8 anos de idade começar a aprender a tocar. Depois começou a tocar no bloco carnavalesco Labareda do Méier, lar de diversos nomes do carnaval como por exemplo o intérprete Luizito. De lá, conseguiu sua primeira experiência numa escola de samba na SRES Lins Imperial, aos 15 anos de idade. De lá, seguiu para a Caprichosos de Pilares, onde depois de pouco tempo passou também a integrar o grupo show da escola, o CapriShow.

A partir daí, sua trajetória começou a tomar contornos de ainda maior liderança, ao se tornar o braço direito do mestre Paulinho Botelho, com quem trabalhou na Unidos do Viradouro e na Portela, antes de rumarem para Nilópolis. Mestre Rodney esteve presente em todos os títulos da escola desde 1998, trabalhando ao lado dos mestres Plínio e Paulinho, antes de assumir o comando junto a Plínio no ano de 2010. Juntos, implementaram um ritmo inconfundível, com a marca registrada das frigideiras e do repique mor, características que se destacam na bateria da agremiação, além do swing dos surdos de terceira e das caixas muito bem executadas. Primeiro a chegar na avenida para os desfiles e último da bateria a sair, mestre Rodney é marca registrada de dedicação e serviço à Beija-Flor de Nilópolis, e um dos grandes mestres da história do Carnaval.

Um dos grandes orgulhos de ambos os mestres está na coordenação em conjunto do projeto de formação de ritmistas, que ocorre aos sábados. Na verdadeira dinâmica de família, vêm nisso não só a necessidade mas a responsabilidade de comandar a renovação da escola, plantando frutos que servirão não somente à escola, mas também a todo o carnaval. Confiantes no trabalho de seus diretores, jovens que também os ajudam a consolidar a marca da Soberana no carnaval, os mestres Plínio e Rodney comandam a bateria com a certeza de bons trabalhos no presente, e com uma preocupação incondicional com o futuro da agremiação.

FICHA TÉCNICA

Bateria

Outras informações julgadas necessárias

Rainha de Bateria: Lorena Raíssa

“A nobreza da corte é de ébano”. Estreando à frente da bateria Soberana, Lorena Raíssa é mais uma estrela da grande constelação Beija-Flor.

Herdeira de uma longa linhagem de Rainhas da Comunidade alimentada pela escola, Lorena conquistou seu lugar em um disputado concurso promovido para valorizar as pratos da casa e dar continuidade ao legado de Sônia Capeta, Neide Tamborim e Raíssa de Oliveira. Esbanjando carisma, talento e simpatia, a nossa majestade arrebatou corações e foi aclamada pela diretoria, pelos segmentos e pela apaixonada torcida.

Cria da comunidade, Lorena nasceu enquanto a mãe, Aline Souza, voltava de um ensaio técnico na Sapucaí em 2007, ano do histórico “Áfricas: Do Berço Real à Corte Brasileira”. O ônibus que voltaria a Nilópolis precisou mudar de trajeto até a maternidade e assim veio ao mundo a futura rainha. Nasceu e cresceu em berço nilopolitano, filha de passista e neta de compositor. É uma representante do trabalho social realizado pela escola através do Instituto Beija-Flor e participante ativa da nossa comissão jovem antirracista.

Aos dezesseis anos de idade, a jovem tem a missão de representar a tradição de samba no pé e graciosidade cultivada na ala de passistas que ela integra desde 2013. Apesar de jovem, seus dotes artísticos a fizeram notável desde muito cedo, sendo, já a alguns anos, uma das principais atrações nas apresentações da agremiação.

Vida longa à Rainha Lorena.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

Simone Sant’Ana e Valber Frutuoso

Outros Diretores de Harmonia

Fabio, Ibson, Michel, Edson, Valtemir, Rosana, Beto, Janete, Catia, Patricia, Osvaldo, Marcelo, Pedro, Amaury, Baixinho, Bruno, Rosangela, Ritinha, Rodrigo, Leandro, Sergio, Edu, Roberta, Arineia, Magal, Fernanda, Bruno, Márcia, Assis, Patricia, Luciana, Alexandre, João, Marcão, Jucemar, Renata, Marcelo Caxias, Emerson, Kaylane, Shirleise, Alessandra, Vanderson, Juçan, Jorge André, Silvia, Luizinho Cabuloso, Marisa, Airton, Sheila, Luizinho, Jorgina e Arleno

Total de Componentes da Direção de Harmonia

75 (setenta e cinco) componentes

Puxador(es) do Samba-Enredo

Intérprete Oficial – Neguinho da Beija-Flor

Cantores do Carro de Som – Jéssica Martin, Ludmilla, Gilson Bacana, Igor Pitta, William Santos, Ronaldo Junior, Nego Lindo e Lucas Gringo

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Betinho Santos – Diretor Musical / Cavaquinista / Harmonia de Cordas

Júlio Cesar Assis – Cavaquinista / Harmonia de Cordas

Jonathan Lima – Cavaquinista / Harmonia de Cordas

Alan Vinícius – Violão Sete Cordas / Harmonia de Cordas

Outras informações julgadas necessárias

Os diretores e as diretoras de Harmonia são aqueles e aquelas que incentivam os componentes a evoluírem, em canto e dança. Além de estimular os brincantes, cabe também ao segmento a responsabilidade de acompanhar as apresentações dos outros setores da escola, organizando, dirigindo e conduzindo as exposições para o corpo de jurados e o público. Compete a Harmonia o papel de gerir, organizar, fiscalizar, fazer com que o desfile se realize através da evolução linear dos desfilantes e dos elementos cenográficos. No cortejo, sua função é garantir o perfeito desempenho dos componentes durante a exposição. De forma geral, os diretores de Harmonia são aqueles responsáveis por fazer com que a escola aconteça plenamente em uma dinâmica articulada com a Direção de Carnaval. Peças fundamentais e indispensáveis.

A Beija-Flor de Nilópolis construiu uma sólida tradição no segmento por meio de apresentações memoráveis na avenida, sobretudo pela força do canto e da evolução dos seus componentes. O chão da escola é conhecido pela sua vibração e entrega. A manutenção e o fortalecimento desta característica são resultados de um trabalho amplo, conduzido de forma primorosa pela Harmonia dirigida por Simone Santana e Valber Frutuoso.

A história da vida de Simone está intimamente ligada à Beija-Flor de Nilópolis. Foi na escola que a diretora construiu sua família e se desenvolveu enquanto liderança. Na agremiação desde 1995, foi desfilante, líder de comunidade, aderecista e chegou até a se apresentar como Porta-Bandeira em algumas apresentações externas. No segmento Harmonia, sua caminhada teve início com um convite de Laíla. O convívio fez o mestre perceber a qualidade do trabalho de Simone que foi acumulando responsabilidades e se destacando. A dedicação, a capacidade, a liderança e o empenho foram reconhecidos no ano de 2019, quando recebeu o convite para ser Diretora Geral da Harmonia, em parceria com Valber Frutuoso. Única mulher a exercer o cargo no Grupo Especial, Simone é querida e respeitada na escola por sua história e pela maneira correta e objetiva com que conduz o trabalho.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Outras informações julgadas necessárias

Valber Frutuoso é de uma família de sambistas. Filho de um dos fundadores do Cacique de Ramos, iniciou sua trajetória como passista. Ainda jovem, na Acadêmicos do Grande Rio, ingressa no segmento Harmonia com Laíla como diretor. Assim como Simone, chegou a Beija-Flor no ano de 1995. Convidado pelo mestre, Valber acumula mais de vinte anos de experiência na agremiação, sendo figura importante do período mais vitorioso da história da escola. Em sua trajetória carnavalesca, teve uma breve passagem pela Unidos da Ponte e uma exitosa jornada pela União da Ilha como Diretor Geral, levando a escola de volta ao sábado das campeãs no carnaval de 2014, até assumir, em 2018, o cargo na Soberana. Exímio conhecedor do carnaval carioca, domina os saberes e práticas necessários para o exercício do ofício e constitui com Simone uma dupla afinada no objetivo de levar a escola à vitória.

Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

Luiz Antônio Feliciano Marcondes acrescentou ao seu nome de batismo o nome artístico que o consagrou: Neguinho da Beija-Flor. O cantor e compositor é um grande expoente desta agremiação que teve no seu talento um dos pilares de sua consolidação. Neguinho é patrimônio da Beija-Flor de Nilópolis e do carnaval carioca. Sua voz inconfundível é uma marca indelével que ajudou a construir a história gloriosa da azul e branco.

Filho de músico, a arte se fez presente desde a infância. Sua estreia como puxador de samba se deu no então bloco Leão de Iguçu. Foi o compositor Cabana, a pedido do patrono Anísio Abraão David, quem fez o convite para que ele assumisse o posto onde faria história na cultura brasileira tanto pelo sucesso quanto pela longevidade. Hoje, quase cinquenta anos depois, o cantor é a voz mais conhecida e um dos principais artistas – senão o principal – do maior espetáculo da terra.

Vencedor de cinco Estandartes de Ouro do jornal O Globo, também foi agraciado com um Prêmio SRZD e duas Estrelas do Carnaval, concedidas pelo site Carnavalesco. Além disso, é um dos maiores vencedores do prêmio Tamborim de Ouro, do jornal O Dia, onde conquistou por seis vezes a distinção de A Voz da Avenida, uma vez como Personalidade e a justa deferência como Intérprete da década recebida em 2007.

Para além do carnaval, construiu uma sólida e bem-sucedida carreira como cantor, com trinta e seis discos gravados ao longo de uma trajetória que coleciona sucessos e o fez excursionar o mundo para exibir sua arte, arregimentando uma legião de fãs. No ano de 1991, conquistou o Prêmio Sharp de melhor cantor de samba, reconhecido pelo público e pela crítica.

A Beija-Flor se orgulha e envaidece de ter um dos maiores nomes do samba e da música popular brasileira como seu intérprete. Neguinho é a nossa voz, nossa imagem e a nossa história viva, honra e glória desta agremiação.

FICHA TÉCNICA

Evolução

Diretor Geral de Evolução

Dudu Azevedo

Outros Diretores de Evolução

Alexandre Jiló, Angela, Raphael Reis, Sardinha, Choio, Russo, Siri, Matheus, Fofão, Thiago Jogador, Bahia, Marquinhos, Loloka, Pará, Washington, Junior Dario, Claudinho, Choque, Fumaça, Wesley, Lucas, Bodão, Edvaldo, Marcelo, Piriquito, Vinicius, Cavallo, Cleiton, Marcelinho, Creck, Luiz, Chacal, Diogo E Thiago Jovem.

Total de Componentes da Direção de Evolução

32 (trinta e dois) componentes

Principais Passistas Femininos

Lorena Raíssa (Rainha de Bateria), Raíssa Oliveira, Charlene Costa, Flávia Custódio, Carla Cachoeira, Aieny Mendes de Araújo Nogueira, Steffany Sant'Ana dos Santos, Lorryne Lopes, Lysana Andreza, Elisa Oliveira, Thais Ferreira, Thaís Machado, Gilcimara Vianna, Ana Clara Gouvea, Angélica Rodrigues, Sabrina Coradini, Brenda Scally e Stefanie Vitória

Principais Passistas Masculinos

Cassio Dias, Evton Ramos, Eduardo Monteiro, Melck Peixoto, Yuri Araújo de Freitas, João Ricardo Salvador, Mario Jr, Marcos lemos, Diogo Edson

Outras informações julgadas necessárias

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Vice-Presidente de Carnaval		
-		
Diretor Geral de Carnaval		
Dudu Azevedo		
Outros Diretores de Carnaval		
-		
Responsável pela Ala das Crianças		
Anderson		
Total de Componentes da Ala das Crianças	Quantidade de Meninas	Quantidade de Meninos
40 (quarenta)	20 (vinte)	20 (vinte)
Responsável pela Ala das Baianas		
Lúcia Alves Boiça		
Total de Componentes da Ala das Baianas	Baiana mais Idosa (Nome e Idade)	Baiana mais Jovem (Nome e Idade)
70 (setenta)	Ananizia Rocha dos Santos (86 anos)	Patrícia Correa de Mello (39 anos)
Responsável pela Velha-Guarda		
Débora Rosa Santos Cruz		
Total de Componentes da Velha-Guarda	Componente mais Idoso (Nome e Idade)	Componente mais Jovem (Nome e Idade)
50 (cinquenta)	Martha de Souza Costa (97 anos)	Sueli Martins de Souza (68 anos)
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.)		
AD Junior (influenciador), Ana Flávia Magalhães (Historiadora e Diretora Geral do Arquivo Nacional), Anielle Franco (Ministra da Igualdade Racial), Babu Santana (ator), Conceição Evaristo (escritora), Jurema Werneck (Diretora-Executiva da Anistia Internacional), Lilia Schwarcz (historiadora), Raul Santiago (produtor cultural) e Ivone Lotsove (mãe de Moise Kabagambe).		
Outras informações julgadas necessárias		
<u>Diretor de Carnaval: Dudu Azevedo</u>		
Presente no samba desde a infância, Dudu teve seus maiores exemplos em casa. Os pais se conheceram no carnaval, como lideranças de diferentes blocos e a folia sempre esteve presente na rotina da família Azevedo. Seu pai, José Luiz Azevedo, foi, entre outros cargos e funções, Diretor da RIOTUR e Diretor de Carnaval do Acadêmicos de Santa Cruz e da Mocidade Independente de Padre Miguel.		
Em sua trajetória, Dudu integrou, inicialmente como ritmista e após como Coordenador, o Grupo Rio Samba Show com participações em várias cidades do país e no exterior, com destaque para um longo período de estadia no Japão, passando por Kobe, Shiga, Osaka e Tokyo. Também participou de diversos eventos no Terreirão do Samba, como Concursos de Rei Momo e Rainha do Carnaval.		

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Outras informações julgadas necessárias

Nas escolas de samba, teve longa jornada como diretor de Harmonia, fazendo parte do corpo de diretores da Unidos do Viradouro, mas, sem sombra de dúvidas, sua carreira é marcada pelo trabalho desenvolvido no Acadêmicos do Grande Rio, onde, no ano de 2004, foi promovido a Diretor Geral do segmento. O bom trabalho desenvolvido na tricolor despertou a atenção do Acadêmicos do Salgueiro que formalizou o convite para que ele assumisse o cargo de Diretor de Carnaval.

Desde então, Dudu vem se destacando como uma liderança que preza pelo diálogo, o respeito aos profissionais e a integração da comunidade. Competitivo e dedicado, empenha-se em construir, no dia a dia, um ambiente de respeito e cooperação que propicie o fortalecimento coletivo das agremiações onde trabalha. A energia que emprega em seu trabalho serve de exemplo e combustível para sua equipe.

Na Beija-Flor desde 2020, seu trabalho é uma aposta na organização, planejamento, estratégia e ensaios frequentes na busca para que os movimentos sejam desenvolvidos cada vez mais de modo contínuo e regular, possibilitando um ciclo harmonioso em que os passos de dança dos integrantes, bem como a sua progressão na Avenida durante o desfile, estejam dentro do ritmo e sendo efetuados na mesma cadência da Bateria e da harmonia de cordas, mas sem perder a espontaneidade genuína do sambista, de modo que a Escola desfile evoluindo com tranquilidade, leveza, garra e alegria.

Para este carnaval, visando atingir esses objetivos e manter o padrão de excelência, foram realizadas reuniões e ensaios na quadra da Escola semanalmente, reforçando os aspectos positivos alcançados e lapidando aquilo que ainda poderia ser aprimorado para o desfile. Além disso, também foram realizados ensaios mensais nas ruas de Nilópolis, além de encontros com escolas coirmãs, como os ocorridos em dezembro e janeiro de 2022, intitulados “Encontro de Quilombos”, em conjunto com as agremiações coirmãs Paraíso do Tuiuti, Império Serrano e Portela.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente Jorge Teixeira e Saulo Finelon		
Coreógrafo(a) e Diretor(a) Jorge Teixeira e Saulo Finelon		
Total de Componentes da Comissão de Frente 15 (quinze)	Componentes Femininos 01 (um)	Componentes Masculinos 14 (quatorze)
Outras informações julgadas necessárias		
Onde o Povo Fez História e a Escola Não Contou		
<p>A Comissão de Frente da Beija Flor de Nilópolis, em 2023, encena a história dessa Brava Gente, o povo, que, ao cobrar igualdade, reclama seu protagonismo na história, haja vista ter sido esquecido e silenciado na versão oficial.</p> <p>O Beija Flor anuncia que o grande grito de independência se faz através do respeito à cultura popular, sendo o carnaval a maior festa democrática.</p> <p>Uma independência oficial repleta de pendências... “Demagogia, em setembro, a marchar”.</p> <p>Soldadinhos de chumbo, no preto e branco da história, desfilam “sem cor, sem perfume, sem nada”.</p> <p>Diferente do que contam na escola, à tarde, um rei, sem alarde, sem grito retumbante, faz uma parada no mínimo intrigante.</p> <p>Momentos, pensamentos, questionamentos, fragmentos.</p> <p>Era essencial fazer da antiga “parada” um novo “Desfile”.</p> <p>“A revolução começa agora onde o povo fez história”.</p> <p>Povo no poder... matando seus dragões.</p> <p>Abram alas: esse novo desfile subverte a antiga ordem; a verdadeira independência é o nosso grito de carnaval.</p> <p>Festa da democracia! Viva Joana, Viva Maria, Viva a Bossa, Viva o Samba! Viva o Rei Momo!</p> <p>Para além da comemoração, o carnaval é instrumento de transformação social, celebração da vitória do povo contra os papéis que lhes são negados durante o ano inteiro.</p> <p>“Além dos carnavais, o Samba é quem me faz Subversivo Beija-flor das multidões”.</p> <p>André Luis Junior</p>		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Sobre os Coreógrafos

Jorge Texeira

É formado em Educação Artística, pela Faculdade de Formação Profissional Integrada, e em Música, pela Escola de Música Villa-Lobos. Iniciou na dança, em 1987, na Escola de Dança Hortência Mollo. Diretor Artístico da Cia. Brasileira de Ballet e Fundador do Conservatório Brasileiro de Dança e da ONG Ciranda Carioca, Jorge Texeira se destaca ao utilizar metodologia própria de ensino, o que lhe rendeu prêmios, como: “Moção de Congratulações”, da Câmara Municipal do Rio de Janeiro; “Melhor Espetáculo” e “Menção Honrosa”, pela Prefeitura de Cabo Frio; “Moção Aplauso”, pela Prefeitura do Carmo; “Prêmio Cultura Nota 10”, pela Secretária de Cultura da Cidade do Rio de Janeiro; “Prêmio Dedicación”, pelo XIII Certamen Internacional de Danzas, “Danzamérica 2007”, na Argentina; “Prêmio de Melhor Maitre”, pelo V Fest Dance 3; Prêmio “Especial de Melhor Grupo”, em 2008 e 2009, no Festival de Dança de Joinville. Atuou como professor convidado de companhias profissionais, como: Studio de Ballet Tatiana Leskova, Cia. de Ballet da Cidade de Niterói, Deborah Colker Cia. de Dança, Ballet do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e Ballet Nacional Dell Sódre (Montevidéu); prestou consultoria e supervisão de cursos de ballet clássico nas escolas: Ballet da Ilha de Vila Velha, Espírito Santo; Escola de Dança da Fundação Clóvis Salgado, Belo Horizonte, Minas Gerais; Escola Municipal de Bailados de Ourinhos, Ourinhos, São Paulo. Hoje atua como Diretor Artístico e Pedagógico da Escola Municipal de Bailados de Ourinhos e é professor/ensaiador convidado do Ballet Nacional de Sodré, em Montevidéu, Uruguai, sob a dire o de Julio Bocca. Tem sido premiado com seus alunos nos principais festivais de dança do mundo, tais como: Youth América Grand Prix, New York, EUA; Prix de Lausanne, Su a; International Ballet Competition, Beijing, China; New York Ballet Competition, EUA; M naco Danse Fórum, M naco; USA/IBC International Ballet Competition, Jackson. Orgulha-se de ter formado bailarinos que atuam em grandes companhias, pelas Américas e Europa. Desde 2007, assina como coreógrafo a Comissão de Frente de Escolas de Samba do Grupo Especial do Carnaval do Rio de Janeiro. No ano de 2011, recebeu o Prêmio Plumas e Paetês, pela Melhor Comissão de Frente do Grupo B do Carnaval Carioca.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Saulo Finelon

Iniciou seus estudos de ballet, em 1994, na Escola de Danças Maria Olenewa. Ingressou no Grupo Thalhe, em 1995, passando a ter aulas com o professor Jorge Texeira. Em 1996, foi aprovado para a Cia de Ballet da Cidade de Niterói, onde atuou como solista do ballet “Caminhada”, do coreógrafo Rodrigo Moreira. Em 1997, foi aprovado em audição pública para o Corpo de Baile do TMRJ, atuando como solista em vários espetáculos, tais como “Suíte em Blanc”, de Lifar; “Divertissements No 5”, de Ballanchine; “Les Pressages”, de Massine; “Daphinis e Cloé” de Fokine; “Amigos de Copélia”, de Henrique Martinez. Ensaiou sob a orientação de Jean Yves Lourmaux (etóile da Ópera de Paris), então diretor do TMRJ, o primeiro papel de Príncipe Desirée, do ballet “A Bela Adormecida”, de Marius Petipa. Em 2001, atuou como solista em: “As Quatro Estações”, com música de Verdi e coreografia de Gustavo Malojoli; “A Megera Domada”, de John Cankro, no papel de Inocência; “O Quebra-Nozes”, de Dallal Achcar. Integra o elenco da Cia Brasileira de Ballet como bailarino convidado, desde a sua reestrela, em 2001. Em 2002, foi aprovado como Bailarino Estatutário do TMRJ. A partir de 2003, passou a atuar como assistente/ensaiador do professor Jorge Texeira, nas companhias de Ballet da Escola Petite Danse e na Cia Brasileira de Ballet. Atuou como assessor artístico do Conservatório Brasileiro de Dança, desde a sua inauguração, em 2007, até 2011. Desde 2004, é modelo exclusivo das grifes internacionais de artigos de dança e fitness “Só Dança”, “Kerche&Kerche” e “Trinys”, atuando como bailarino/modelo em desfiles do evento “Fashion Rio”. No filme “A Dona da História”, de Daniel Filho, dançou com as atrizes Débora Falabella e Fernanda Lima. Nos anos de 2008, 2009 e 2010, participou, como bailarino convidado da Cia. Brasileira de Ballet, de diversas turnês internacionais, pelas seguintes cidades: Mônaco, Miami e Nova York (EUA), Beijing (China) e Córdoba (Argentina). Desde 2007, é assistente do coreógrafo Jorge Texeira, nas coreografias Comissão de Frente de Escolas de Samba do Grupo Especial do Rio de Janeiro, como Portela, Grande Rio e, atualmente, para a Mocidade Independente de Padre Miguel. No ano de 2011, recebeu o Prêmio Plumas e Paetês, pela Melhor Comissão de Frente do Grupo B do Carnaval Carioca.

OBS: Jorge Teixeira e Saulo Finelon são os coreógrafos campeões do carnaval carioca de 2017 com a Mocidade Independente. Foram os criadores da coreografia que embalou o voo mágico do Aladdin pela Sapucaí!

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Claudinho Souza	Idade 50 anos
1ª Porta-Bandeira Selminha Sorriso	Idade 52 anos
2º Mestre-Sala David Sabiá	Idade 36 anos
2ª Porta-Bandeira Fernanda Love	Idade 34 anos
3º Mestre-Sala Musquito	Idade 41 anos
3ª Porta-Bandeira Emanuelle Martins	Idade 25 anos
4º Mestre-Sala Hugo Almeida	Idade 23 anos
4ª Porta-Bandeira Naninha Fidelis	Idade 42 anos

Outras informações julgadas necessárias

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira - ENCANTAMENTO CABOCLO



Ponto riscado no terreiro sagrado da Sapucaí. Okê, caboclo!

Cultuando a nossa ancestralidade como fundamento, princípio e tecnologia de afirmação da vivacidade frente a um projeto colonial de morte - física e simbólica, ouvimos os brados caboclos para guias e proteger nossa saga em defesa de uma história outra.

Se a escrita da história do Brasil é desencantada, abrimos a roda para alargar as formas de compreensão do mundo através da potência de saberes e práticas que manifestam formas plurais e diversas de vida.

As flechas invisíveis dos caboclos, ancestrais desta terra, nos guiam.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

O Caboclo, figura ícone da festa do Dois Julho, faz referência aos povos originários como escolha de simbolismo de natividade brasileira, mas, além de ser o símbolo dos heróis da Independência da Bahia, o caboclo evidencia outra face do Dois de Julho, a religiosa.

O fato de o caboclo da data ser indígena fortalece sua ligação com toda a nação brasileira. Ele é o filho da terra e do Brasil. Quando ele se manifesta, demarca que é brasileiro e renova este sentimento. Cultuá-lo é uma prática de vida porque as forças da natureza nos direcionam e renovam.

Após a Independência na Bahia, os terreiros de candomblé recriaram um indígena que a sociedade brasileira imagina conhecer. A figura deixou simplesmente de ser aquele que não se deixou dominar no processo de colonização para representar o “dono da terra”. E essa pluralidade de significados pode ser observada no dia da comemoração.

Muitos adeptos das religiões afro-brasileiras participam do desfile vestidos como índios para celebrar o caboclo, realizando rezas com palavras em português e tupi, dando gritos de guerra e sambando o “samba de caboclo”.

Como são essas figuras que guiam pelas ruas o ato cívico da Independência comemorada na Bahia, em nosso desfile, nos guiam não só pelos caminhos da rua, mas também pelos caminhos espirituais.

O casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira tem papel de destaque no cortejo ritualístico que é o desfile de escola de samba. Responsáveis por conduzir, proteger e apresentar o principal símbolo da agremiação, os consortes se apresentam com graça, leveza e majestade fazendo brilhar o pavilhão. Seu bailado se destaca na avenida pela elegância e é composto por meneios, medidas, giros, meias-voltas e torneados, em uma dança com passos e características próprias que encanta o público. O pavilhão desfraldado é objeto de devoção dos fiéis apaixonados pela agremiação, valorizado pela exuberância da arte de Mestre-Sala e Porta-Bandeira.

No carnaval de 2023, Selminha Sorriso e Claudinho Souza completam trinta e um anos de uma parceria vitoriosa e premiada. Como primeiro casal, colecionam dez títulos no carnaval carioca. O primeiro, em 1992, foi justamente na estreia como dupla, no Estácio de Sá. Na Beija-Flor de Nilópolis desde 1996, participaram ativamente do ciclo vitorioso que acumulou nove conquistas entre 1998 e 2018. Defendendo a arte de Mestre-Sala e Porta-Bandeira como uma dança popular, destacam-se pela garra, o vigor e a beleza de cada uma das suas apresentações. Formam um par respeitado, esperado e reconhecido pela excelência que gerou.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Claudinho iniciou sua trajetória carnavalesca na ala das crianças do Unidos de São Carlos, através dos pais que eram integrantes da escola. Aos dezesseis anos de idade, venceu um concurso para terceiro Mestre-Sala da escola que havia trocado de nome para Estácio de Sá. Teve sua primeira oportunidade como primeiro Mestre-Sala em 1990, dançando com Adriane. Mas seria justamente a partir do par com Selminha que se consolidaria como um dos maiores da história do ofício, vencedor por seis vezes do prêmio Estandarte de Ouro. Além da dança, Claudinho é músico, compositor e professor de Educação Física.

Selminha começou como passista no Império Serrano, fazendo sua estreia como Porta-Bandeira no ano de 1991. Pé quente, foi campeã do carnaval ao debutar no Estácio de Sá, no ato inaugural da parceria histórica com Claudinho. Além dos muitos predicados de sua dança, notabiliza-se pelo carisma que cativa o olhar de quem, admirado, observa sua exibição. Seis vezes premiada com o prêmio Estandarte de Ouro, é amplamente reconhecida como uma das maiores da história.

Formada em Direito, Selminha é militar do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro. Desde o fim de 2022, é apresentadora do programa “Samba Coração” na TV Bandeirantes, dedicado ao samba e ao carnaval carioca. Além disso, conduz o Departamento Cultural da escola e desenvolve um importante trabalho social, aos sábados, na quadra da agremiação, oportunizando jovens através da cultura do samba.

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira - PESADELO VERMELHO



Representam a forma como os setores conservadores disseminaram, por décadas, o anticomunismo no país, com o intuito de gerar controle social através da propagação do medo sobre a ideologia comunista através da manipulação de seus símbolos.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira - SAÚDE É DIREITO DE TODOS E DEVER DO ESTADO



O casal retrata a saúde como um direito fundamental e o papel do Estado em sua garantia tal qual preconizado em nossa Constituição Federal. A saúde é um direito universal e nós nos orgulhamos de ter um sistema amplo e complexo cujo objetivo é garantir a justiça social. Trata-se do maior sistema público de saúde do mundo e foi uma conquista da sociedade brasileira, mobilizada para efetivar a universalização da oferta de saúde. Viva o SUS!

4º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira - SE A EDUCAÇÃO SOZINHA NÃO TRANSFORMA A SOCIEDADE, SEM ELA TAMPOUCO A SOCIEDADE MUDA



A educação tem um papel transformador e emancipatório, indispensável na consolidação de uma sociedade democrática e republicana. A luta pela educação como um direito no Brasil é ampla e histórica, envolvendo diversos setores para conscientização da sua importância civilizatória. Foram muitas as vitórias mas ainda há muito a avançar para que sejamos, de fato, uma nação que proporcione, através da educação, um futuro melhor aos seus cidadãos.

G.R.E.S. UNIDOS DO VIRADOURO



PRESIDENTE

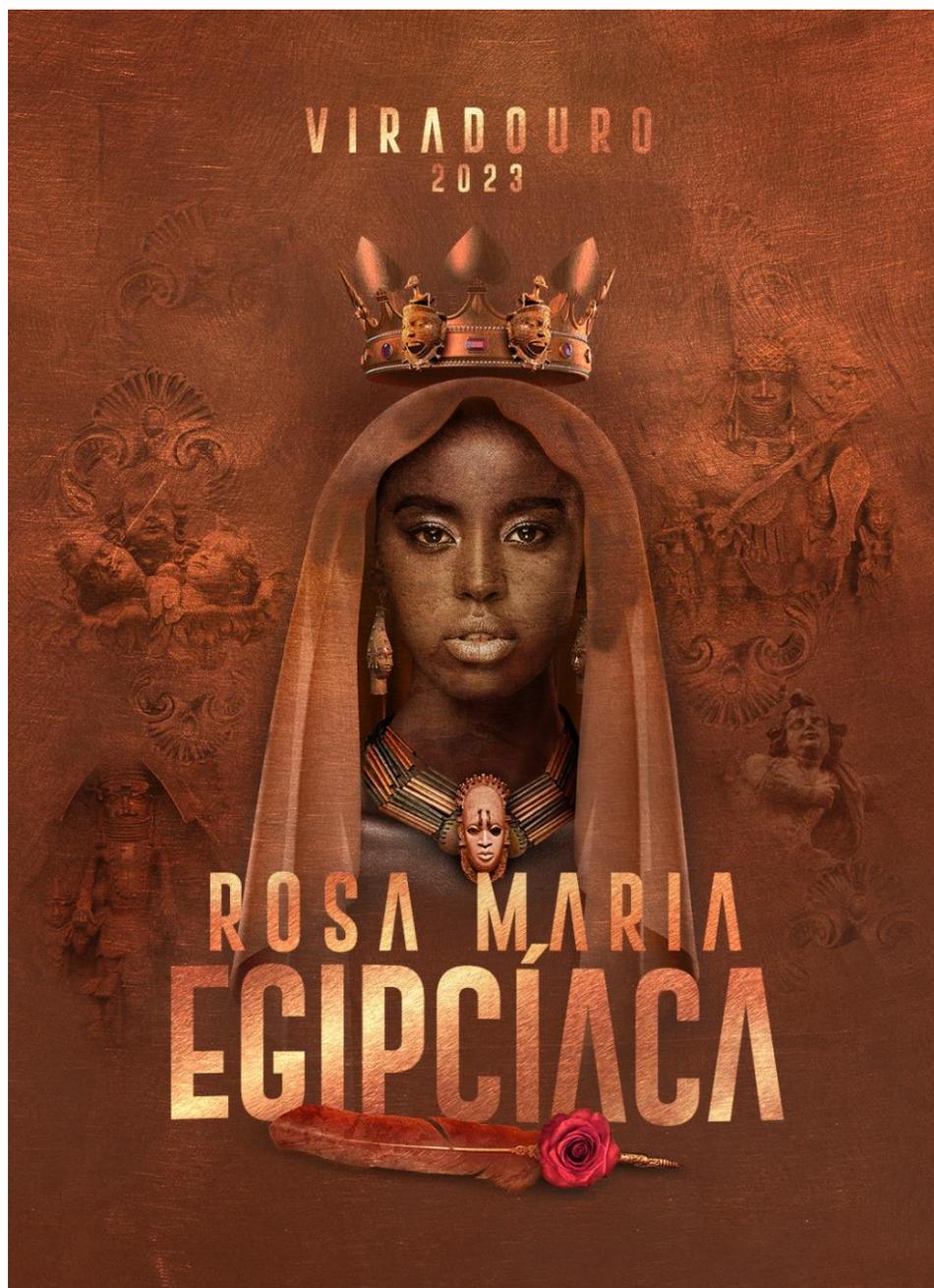
MARCELO CALIL PETRUS FILHO

PRESIDENTES DE HONRA

JOSÉ CARLOS MONASSA BESSIL (EM MEMÓRIA)

E MARCELO CALIL PETRUS

“Rosa Maria Egipciaca”



Carnavalesco
TARCÍSIO ZANON

FICHA TÉCNICA

Enredo

Enredo "Rosa Maria Egípcíaca"					
Carnavalesco Tarcísio Zanon					
Autor(es) do Enredo Tarcísio Zanon					
Autor(es) da Sinopse do Enredo João Gustavo Melo e Tarcísio Zanon					
Elaborador(es) do Roteiro do Desfile João Gustavo Melo e Tarcísio Zanon					
	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
01	O Reino Encantado: crônica sebastianista.	ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar.	Editor do Organizador	2017	Todas
02	Laroyê, Xica da Silva: narrativas encruzilhadas de uma incorporação no carnaval carioca.	ANTAN, Leonardo	Carnavalize	2021	Todas
03	De reino traficante a povo traficado: a diáspora dos courás do golfo do Benim para Minas Gerais.	MAIA, Moacir Rodrigo de Castro	Arquivo Nacional	2022	Todas
04	Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz.	MARANHÃO, Heloísa.	Rosa dos Tempos	1997	Todas
05	Rosa Egípcíaca: uma santa africana no Brasil.	MOTT, Luiz.	Bertrand Brasil	1993	Todas

FICHA TÉCNICA

Enredo

	Livro	Autor	Editora	Ano da Edição	Páginas Consultadas
06	Acotundá: raízes setecentistas do sincretismo religioso afro-brasileiro, In Escravidão, Homossexualidade e Demonologia.	MOTT, Luiz	Ícone	1988	87-118
07	FÉsta Brasileira: folias, romarias e congadas.	PERES, Eraldo.	Editora SENAC	2010	Todas
08	Almanaque de brasilidades: um inventário do Brasil popular.	SIMAS, Luiz Antônio.	Bazar do Tempo	2018	Todas
09	Negros feiticeiros das Geraes: práticas mágicas africanas e repressão em Minas Gerais na segunda metade do século XVIII.	SOUSA, Giulliano Glória de.	Anais da Anpuh	2012	Todas

Outras informações julgadas necessárias

Tarcísio Zanon: é designer gráfico formado pela Escola Técnica Federal de Campos dos Goytacazes, e pós-graduado em Carnaval e Figurino pela Universidade Veiga de Almeida (UVA). A carreira de Tarcísio começou em 2014 como assistente de carnavalesco na Estácio de Sá, na Série A. No ano seguinte, Zanon assumiu o Carnaval da vermelho e branco com um enredo em homenagem aos 450 anos do Rio de Janeiro. Logo na estreia, Tarcísio foi campeão, levando a Estácio de Sá para o Grupo Especial.

FICHA TÉCNICA

Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Além disso, foi premiado como Revelação do ano. Já em 2016, no Grupo Especial, junto com o carnavalesco Chico Spinoza, conquistou o Estandarte de Ouro pela Melhor Ala de Baianas. Em 2017, levou o prêmio Zilka Sallaberry pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro pela cenografia da peça “João e o Alfaiate”, da companhia Etc. e Tal. A partir de 2018, passou a assinar sozinho os desfiles da Estácio de Sá.

O profissional assumiu também a função de figurinista do carnavalesco Alexandre Louzada, na Mocidade Independente de Padre Miguel. Na ocasião, faturou prêmios como melhor figurinista. Em 2019, conquistou mais um título da Série A pela Estácio de Sá, levando a agremiação de volta para o Especial. Ainda foi um dos responsáveis pelos figurinos da novela “Jesus”, da TV Record. No Carnaval, em 2020, ao lado de Marcus Ferreira, conquistou o campeonato com a Unidos do Viradouro no enredo sobre as Ganhadeiras de Itapuã.

Em 2022, conquistou a terceira colocação do Carnaval, garantindo todas as notas máximas nos quesitos que defendia: Alegorias e adereços, fantasias e no premiado enredo “Não há tristeza que possa suportar tanta alegria” - um relato ao carnaval carioca pós-pandemia de 1919. É o figurinista da peça teatral “O futuro chegou ontem”, de Kleber Di Lázzare, inspirada no enredo de 22 e que se encontra em cartaz na cidade de São Paulo.

Atualmente é docente de pós-graduação do curso "Carnaval e Figurinos" da Universidade Veiga de Almeida (UVA). É o Artista do traço místico brasileiro. Pesquisador de temas que abordam o cristianismo preto e seus desdobramentos estéticos. Expressa a religiosidade contida nos rituais litúrgicos. Em 2023 traz o enredo “Rosa Maria Egípcíaca”, personagem que traduz o traço ancestral da fé do povo brasileiro.

HISTÓRICO DO ENREDO

ROSA MARIA EGIPCÍACA

A Profecia das Águas

Presságio... Diante do espelho ondulante das águas, a menina courana⁶ sentiu a vida passar diante de si. Uma gota se transformou em oceano, fazendo o real transbordar em vertigem. Em transe, percebeu-se tragada por um assombroso redemoinho em meio a um dilúvio brutal. Então defrontou-se com o reflexo de uma mulher misteriosa, como que a protegendo da própria sina. A menina chorou frente àquela revelação. Dali em diante, tudo se desfez em mar revolto, apagando as memórias dos seus primeiros anos. Foi rebatizada em águas cariocas, no outro lado do Atlântico. E desse bárbaro ritual de esquecimento, brotou uma nova Rosa, preta e cálida: a Rosa mística do Brasil.

Auri Sacra Fames – A Fome de Ouro

Ainda jovem, seguiu em romaria vigiada, por léguas e léguas mata adentro. Vendida às Minas Gerais, foi obrigada a peregrinar com os cativos pela Serra da Mantiqueira, longo percurso que a assombrava com visões de paraísos e infernos. Entre bruma e poeira, cortava as alterosas cravejadas de sonho e temor.

Nas freguesias mineiras, a sociedade devota do ouro e dos diamantes era sustentada pela depravada escravização na colônia. Cortejos de penitentes saíam pelas vielas do arraial entoando ladainhas. Pediam perdão por muitos pecados, menos o de submeter outros seres humanos a condições degradantes em nome da adoração às pedras e aos metais preciosos. Pacto social que envolvia todo um sistema forjado no privilégio, na degeneração moral e violação da dignidade dos corpos pretos.

Mas havia as frestas sociais. Enquanto servia de oferenda àquela civilização de escândalos e perversões, Rosa acumulou um tanto de joias para se enfeitar e sedas para se cobrir. Os poucos ganhos eram ostentados nos batuques do Acotundá⁷. Na magia da noite escura, encandeada de luar e fogueira, a preta girava saia, saudava as almas e soprava aos ares a fumaça do cachimbo, religando-se à ancestralidade que brotava no terreirão da Fazenda Cata Preta⁸, onde era cativa.

Até que o corpo deu sinais de desgaste. E Rosa se desfez de tudo. Distribuiu aos seus o pouco que havia recolhido, como fez Maria do Egito, a santa meretriz que foi alçada ao altar celestial após doar aos desvalidos toda a riqueza de uma vida. Mais tarde, deixaria de ser a Courana para ser Rosa Egipcíaca, transitando entre a devoção e o misticismo.

⁶ Courana se refere à origem da protagonista do enredo, oriunda da nação courá, (também chamada courana, courama ou curana). O povoado dessa etnia localizava-se na região do golfo do Benim.

⁷ Segundo Luiz Mott, “Tundá” ou dança de “Tundá”, de onde deriva “Acotundá”, eram termos recorrentes em cerimônias de matriz africana no Brasil colonial, sendo registrado em localidades de Minas Gerais.

⁸ Rosa viveu entre 1733 e 1745 na Fazenda Cata Preta, no arraial do Inficionado, entre as montanhas mineiras.

Ventanias, Visões e Possessões

Feitiçaria ou teatro? A freguesia alvoroçada se dividia em opiniões ao testemunhar as possessões da mulher, ocorridas entre rezas e sessões de exorcismo comandadas pelo padre português Francisco Gonçalves Lopes, o “Xota-Diabos”⁹.

Visagens chegavam a Rosa em ventanias ruidosas que apoquentavam sua mente dividida entre os solfejos dos anjos e os gritos dos malignos. Em êxtase espiritual, ela era saliva e fogo, arrepio e suor, lágrima e vulcão. Sentia, atordoada, a presença de sete demônios pairando sobre si em vertiginosas espirais, possuída tal qual Maria Madalena¹⁰.

Mas, assim como a personagem bíblica, a africana tinha também a alma acalentada pelo amor Divino. E os ventos agora lhe sopravam de volta ao litoral.

A Flor do Rio

Vivendo a debulhar as contas do Rosário, retornou ao Rio de Janeiro por onde desfilava como dileta serva de Deus. Sob o pálio da devoção a Santana¹¹, avó de Cristo, a negra cruzava a fé dos brancos com os cultos ancestrais aos mais velhos, herança da sua origem na costa africana. Rosa impressionava o universo religioso da cidade com seus dons premonitórios, jejuns e flagelações, tornando-se foco de curiosidade e admiração. Um passo para ser cultuada como Santa.

Levada pelo dever de perpetuar os pensamentos devocionais, alfabetizou-se nas letras divinas e passou a escrever compulsivamente. Foi assim que colocou no papel aquele que é considerado o primeiro livro a ser escrito por uma mulher negra no Brasil¹². Desta forma, derramava pelas suas mãos o bendizer da palavra revelada nos pergaminhos mais sublimes. Sentia na pele e no coração as dores das mulheres afastadas do convívio familiar. Assim, a visionária ergueu o Recolhimento, mosteiro com que ela havia sonhado como arca protetora a abrigar almas cujos corpos femininos eram negados pela sociedade.

O poder da vidência não cessava e Rosa sonhou com a imagem de corações¹³ radiosos e brilhantes. Cada vez mais santa no altar popular, foi se tornando mais mística, mais etérea e mais misteriosa. Acusada de heresia, foi levada a Portugal, onde foi inquirida e contou tudo o que viveu. Mas o final desejado por ela era que era muito mais grandioso. Um monumental devaneio apocalíptico.

⁹ “Xota-Diabos” é corruptela de “Enxota-Diabos”, em alusão aos dons ligados ao exorcismo. O Padre seguiu ao lado de Rosa como espécie de protetor espiritual.

¹⁰ Segundo a Bíblia (Lucas, Cap. 8, Vers. 2): “... e também algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e doenças: Maria, chamada Madalena, de onde haviam saído sete demônios”.

¹¹ Rosa tornou-se fervorosa devota da Santana, mãe de Maria e avó de Cristo. GANHOU, entre 24 títulos laudatórios, o de “Filha de Santana”. O culto à mãe de Nossa Senhora ganhou grande impulso no Rio de Janeiro nos anos de 1700.

¹² O livro escrito por Rosa Maria Egípcíaca se chamava “Sagrada Teologia do Amor Divino das Almas Peregrinas”. Poucas páginas restaram da obra.

¹³ Os Corações da Sagrada Família apareceram em forma de visão Rosa, representando os corações de Cristo, da Virgem Maria e de São José. A imagem foi reproduzida, esculpada e adornada, e até hoje está presente em uma capela no convento de Santo Antônio, no Largo da Carioca, centro do Rio de Janeiro. Mais tarde, Rosa sonhou com outros dois corações, somando-se a estes os corações de Santana e São Joaquim, pais de Maria e avós de Cristo.

A Derradeira Profecia

Revelação. Rosa fechou os olhos e pressentiu um dilúvio de força descomunal que lavaria os pecados da humanidade. Estava novamente frente à imagem que tanto a impressionou na infância: a mesma mulher misteriosa de manto reluzente, protetora do seu destino. Debaixo do majestoso véu das virtudes, revelou-se a face verdadeira: era o próprio rosto de Rosa.

Águas em turbilhão saíam como veios da terra. E daquele reino sobrenatural emergiria não uma, mas duas arcas, flutuando entre a história e o delírio. Em uma, estava ela, no esplendor do seu último desvario; na outra, o rei Dom Sebastião¹⁴, desaparecido em épica batalha em nome de Cristo.

O enlace com o Rei dos Encantados consumaria a união mística para fundar o grande Império Brasileiro. Rosa, enfim, seria o rastro de salvação dos eleitos no triunfante evento do fim dos tempos, inundando as almas de esperança. Assim, cumpriu o enredo de uma vida e agora estava liberta para se tornar a própria Santa na qual se refletia.

Uma Santa Negra no Céu

E lá no firmamento, aonde as águas do dilúvio a arrebataram, um concerto de marimbas e candombes¹⁵ a aclamou em sua saga de fé. Guardas da Santa Coroa, empunhando fitas e bandeiras, uniram-se em batuques para louvar à Santíssima africana que um dia viveu cercada de mistérios e virtudes em uma terra tão plena de vícios quanto de credos.

Folguedos desfilaram em louvor à mulher que virou divindade, em sagrado cortejo de canonização popular. Nos jardins do Palácio Celeste, ela se enxergou em cada rosa que desafia a sorte, insiste em rachar o chão e brota da aridez.

E no altar do Divino, todo enfeitado de flor, a mais bela Rosa orna a coroa do Senhor. Não é uma rosa qualquer. É a Rosa que o povo aclamou!

(Autor do Enredo e Carnavalesco) Tarcísio Zanon
Inspirado no livro “Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil”, de Luiz Mott
Texto: João Gustavo Melo

¹⁴ Monarca português desaparecido na histórica batalha de Alcácer Quibir, no Marrocos, em 1578. Desse episódio, surgiram várias versões místicas sobre o paradeiro do soberano, que passou a ser cultuado no Brasil em diversas religiões, inclusive as de matriz africana.

¹⁵ O candombe (tambor) traz os espíritos à Terra, reunindo, ao seu toque, vivos e mortos. Marimba é um instrumento de origem africana, formado por placas de metal ou madeira, que vibram ao toque de baquetas.

JUSTIFICATIVA DO ENREDO

“Eis a flor do seu altar”.

Assim se anuncia a mais bela Rosa aos pés do Senhor, ao ser recebida nos céus como a santa aclamada pelo povo. No terreiro-altar da Sapucaí, quase três séculos depois da sua passagem como um furacão sobre a Terra, Rosa ganhará o primeiro cortejo em louvor ao seu legado. O som dos tambores irá despertar seus fiéis em uma noite a se fazer manhã para celebrar a devoção à santa da nação courá que desaguou no Brasil para se incorporar à alma popular.

Cantar a glória, o legado e a coragem de mulheres extraordinárias, guerreiras e vitoriosas é vocação essencial da Unidos do Viradouro. Dercy Gonçalves (no Carnaval de 1991), Teresa de Benguela (1994), Anita Garibaldi (1999), Bibi Ferreira (2003) e as Ganhadeiras de Itapuã (2020) são exemplos de heroínas de um Brasil feminino, que samba, que ama, que luta!

Em 2023, o giro da nossa bandeira lançará ao vento o canto que reúne muitas faces em uma só mulher: Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz.

Menina. Meretriz. Feiticeira. Mãe. Rainha. Santa. Espelho d’água a decompor luz sobre outras tantas mulheres que se abrem como pétalas entre os espinhos dos martírios impostos por um sistema marcado pela devoção e pela devassidão nas relações sociais. Foi justamente em meio a esse turbilhão de águas revoltas, que uma criança, apartada da sua origem, veio fazer história no outro lado do espelho mar.

Rosa é oriunda da nação “courá”, forma aportuguesada da palavra que designava o grupo étnico da costa do Benim. Às margens de grandes lagoas e à beira do oceano Atlântico, estava erguido o porto de Uidá (ou Ajudá, como chamavam os portugueses), de onde a menina foi embarcada rumo ao Brasil. A descoberta das ricas jazidas minerais na América portuguesa, na última década dos seiscentos alterou a posição e o volume da navegação em direção ao comércio da Costa ocidental da África, em especial ao porto de Uidá.



www.costadamina.ufba.br

A pequena africana foi uma das mais de 5.700 almas, vindas da Costa da Mina, que chegaram ao Brasil no ano de 1725. Na pia batismal receberia, dali em diante, o nome de “Rosa”. A partir desse marco em sua trajetória, uma série de acontecimentos passou a constituir a personalidade de uma vida breve (Rosa viveria pouco mais de 40 anos), mas de impressionante intensidade.

Com “Rosa Maria Egípcíaca”, a Viradouro busca reorganizar imaginários, revelando o arco épico cheio de reviravoltas de uma mulher preta, que foi de meretriz a santa em uma sociedade entranhada de hipocrisia, contradições e racismo. Ao longo do desfile, a escola esculpirá a imagem da courana não apenas como mártir em meio ao vendaval do destino, mas também como agente da própria história, por meio de frestas simbólicas para tentar subverter a perversão econômica, social e religiosa da sociedade escravista.

A incrível saga de Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz, cujo nome português apaga a origem da menina da costa da Mina, é um desses episódios preciosos garimpados em pesquisas de autores abnegados que se unem à arte popular das escolas de samba, instituições culturais que mineram tesouros no Brasil profundo para lapidar histórias e traçar outras perspectivas sobre a nossa formação. Nenhum esquecimento é acaso. Nenhum apagamento é destino. Há muito o que se dizer sobre um povo que reza ao mesmo tempo em que escraviza, que maldiz deuses ancestrais e adora santos de ouro.

Nesse turbilhão de credos e de contradições, construíram-se formas próprias de manifestações da fé, até mesmo como estratégia de sobrevivência. O catolicismo popular, do qual o culto a Rosa Maria Egípcíaca pode ser considerado representante, constituiu-se a partir do sincretismo de rituais e veneração aos santos, erguendo-se no Brasil às custas de muitas negociações, interdições e resistências. Assim, cortejos, novenas, bênçãos, exorcismos, padroeiros e promessas fazem parte do rosário de ritos devocionais vivenciados no Brasil colonial. Eis o altar em que Rosa será glorificada.

Entre andores e andanças, apresentamos em seis setores a saga de Rosa Maria Egípcíaca, segundo transe e visões beatíficas que a seguiram por toda a vida. Epopeia entrecruzada com fatos que fizeram da courana personagem singular que contempla muitas vertentes, virtudes, mistérios e sortilégios. Por meio de pesquisas a partir da bibliografia disponível, sem abrir mão dos devaneios e vertigens narrativas que o Carnaval permite, vamos desfilar em louvor à africana, elevada ao altar de divindade e canonizada no coração do povo.

Rosa vive em cada mulher preta que insiste em brotar coragem no chão de memórias preciosas garimpadas em meio aos resíduos do passado. Uma saga que atravessa cerca de trezentos anos e que ainda ressoa intuitivamente nas almas, nos corações e nos tambores que habitam a nossa pele. Assim, a profecia da santa negra finalmente se cumprirá no “amor em cada olhar dos filhos meus”, manifesto em forma de canto à ancestralidade que nos constitui.

Rosa é a rasura que sempre se quis apagar, mas que o povo nunca vai deixar esquecer.

ROTEIRO DO DESFILE

1º SETOR – A PROFECIA DAS ÁGUAS

**Comissão de Frente
“EIS A FLOR DO SEU ALTAR”**

**Elemento Cênico
ROSA MÍSTICA**

**1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Julinho Nascimento e Rute Alves
O REINO MÍSTICO DAS
LAGOAS DE UIDÁ**

**Guardiões do
1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
A MENINA COURÁ
(obs.: parte das integrantes da Ala 01 –
Baianinhas atuará como Guardiãs do
1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira)**

**Ala 01 – Baianinhas
A MENINA COURÁ
(Obs: parte das integrantes da Ala 01 –
Baianinhas atuará como Guardidãs do
1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira)**

**Tripé I
UMA GOTA SE FAZ OCEANO
(Obs.: Em determinados momentos do desfile, a
criança do pede-passagem descerá do tripé e fará
uma encenação com a Ala 01)**

**Ala 02-A- Comunidade
RESISTÊNCIA COURANA**

**Alegoria 01 – Abre-Alas
TURBILHÃO DE MEMÓRIAS**

Ala 02-B – Comunidade
RESISTÊNCIA COURANA

Musa I
Carolina Macharethe
INCORPORAÇÃO ANCESTRAL

Alegoria 02
O DESAGUAR NO RIO

2º SETOR – AURI SACRA FAMES- A FEBRE DO OURO

Ala 03 – Comunidade
PEREGRINAÇÃO ÀS MINAS:
VERTIGENS NA SERRA DA
MANTIQUEIRA
(Obs.: Alguns componentes conduzem
costeiros sobre rodas)

Destaque de Chão
Cristiano Moratto
ROMANUS PONTIFEX
(Obs.: Em determinados momentos do desfile, o
destaque de chão irá interagir com a Ala 04)

Ala 04 – Comunidade
A PROCISSÃO DOS DEGENERADOS
(Obs.: parte dos integrantes carregam o
elemento cênico ADORAÇÃO AO DEUS
DO OURO)

Ala 05 – Comunidade
A MINERAÇÃO

Ala 06 – Comunidade
O ACOTUNDÁ

Ala 07 – Comunidade
AS FILHAS DE EVA

Musa II
Lore Improta
SEDUÇÃO DO OURO

Alegoria 03
A FAZENDA CATA PRETA

Personagem de Chão I
Vivi D'Sousa
OFERENDA
(Obs.: Em determinados momentos do desfile, a
personagem de chão irá interagir com o Grupo
Performático I)

Grupo Performático I
A PROCISSÃO DOS DESVALIDOS

3º SETOR – VENTANIAS, VISÕES E POSSESSÕES

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
Thiaguinho Mendonça e Amanda Poblete
ESPIRAIS DE POSSESSÕES

Guardiões do
2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
PROTETORAS DA ESPIRAL MÍSTICA

Ala 08 – Comunidade
ANJOS E DEMÔNIOS

Personagens de Chão II
Valci Pelé
ARQUÉTIPO DO MAL
Valci Pelé (coordenador da ala) virá
acompanhado de uma das passistas femininas

Ala 09 – Passistas
POSSESSÕES E FEITIÇARIAS

Rainha de Bateria
Erika Januza
AFECTO

Mestre de Bateria
Ciça
TUTOR ESPIRITUAL

Ala 10 – Bateria Furacão
Vermelho e Branco
PADRE FRANCISCO GONÇALVES
LOPES: “XOTA DIABOS”

Ala 11 – Comunidade
PROVA DE FOGO

Ala 12 – Comunidade
A BEATA DAS BRASAS

Alegoria 04
A BATALHA ESPIRITUAL

4º SETOR – A MÃE FÉRTIL DA CRIAÇÃO

Ala 13 – Comunidade
LUZ DA CRIAÇÃO DIVINA

Personagem de Chão III
Tia Cléia
MATRIARCA DA SAGRADA FAMÍLIA

Ala 14 – Baianas
A DEVOÇÃO A SANTANA

3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira
João de Oliveira e Duda Martins
A FLOR DO RIO

Tripé II
O ACOLHIMENTO

Ala 15 – Comunidade
A CHAMA DO SAGRADO CORAÇÃO

Ala 16 – Comunidade
A ESCRITA MÍSTICA

Musa III
Thays Busson
INSPIRAÇÃO DIVINA

Alegoria 05
PRETO RELICÁRIO

5º SETOR – A DERRADEIRA PROFECIA

Ala 17 – Comunidade
A INUNDAÇÃO

Personagens de Chão IV
Duda Almeida e Paulo Vitor Dias
ROSA RAINHA E DOM SEBASTIÃO
(Obs.: Em determinados momentos do desfile, as
personagens de chão irão interagir com o
Grupo Performático II)

Grupo Performático II
CORTEJO MÍSTICO DE DOM SEBASTIÃO E
ROSA EGIPCÍACA

Tripé III
NAVEGA A ESPERANÇA À LUZ DO
ENCANTADO

6º SETOR – UMA SANTA NEGRA NO CÉU

Ala 18 – Comunidade
FESTA DO DIVINO

Ala 19 – Juvenil
PALHAÇOS DA FOLIA DE REIS

Ala 20 – Comunidade
A CAVALHADA

Ala 21 – Compositores
A GUARDA DE MARUJOS

Ala 22 – Comunidade
A CONGADA

Ala 23 – Projeto de Casais de
Mestres-Salas e Porta-Bandeiras
NOSSO MANTO EM DEVOÇÃO

Ala 24 – Velha-Guarda
DEVOTOS DE ROSA MARIA
EGIPCÍACA

Musa IV
Belinha Bonfim
A MAIS BELA ROSA AOS PÉS DO SENHOR

Alegoria 06
A SANTA QUE O POVO ACLAMOU

Grupo de Convidadas
O BRASIL DE MUITAS ROSAS

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Tarcísio Zanon		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>Tripé I</p> <p>UMA GOTA SE FAZ OCEANO</p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</i></p>	<p>De repente, a menina da nação courá sentiu a vida passando diante de si como um turbilhão. Uma gota se fez oceano, e o seu mundo se perturbou. A visão diante das águas, condutoras de memórias e passagem entre o mundo real e espiritual, era o prenúncio do protagonismo que a pequena courana teria em sua saga cercada de mistério e misticismo. Na região lacustre de Uidá, às margens do Atlântico, a premonição se deu em imagens estilizadas de animais marinhos e vegetação aquática, com formas e cores inspiradas na arte forjada em cobre da região do golfo do Benim. O suave movimento das águas prenunciava a mudança profunda que se abateria sobre a menina.</p> <p>Personagem: Gabi Reis Fantasia: Menina Flor dos Courás</p> <p>(Obs: Em determinados momentos do desfile, a criança do pede-passagem descera do tripé e fará uma encenação com a Ala 01- Baianinhas.)</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Tarcísio Zanon		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
01	<p>TURBILHÃO DE MEMÓRIAS</p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</i></p>	<p>Tragada pelos próprios devaneios, a courana se viu em meio ao turbilhão que a inundou de referências aquáticas re combinadas com imagens do golfo do Benim. O tom em cobre remete à arte da região. Já os esverdeados reproduzem a ação do zinabre (camada esverdeada resultado do processo de oxidação) sobre o metal, uma metáfora sobre a ação do tempo que age sobre a memória. Entre o fluxo e o refluxo das marés, a profecia das águas se manifesta em figuras marinhas que chegam às profundezas do oceano, regiões abissais da mente da menina. Nessa vertigem profética, os sentidos são conduzidos pela rotação dos rebojos (movimentos na superfície que levam às regiões mais profundas), representados por seis círculos que giram de acordo com o movimento dos peixes. Ao centro, máscaras adornadas com aplicações de corais resgatam as memórias da menina que nunca esqueceu os saberes e os costumes do seu povo. À frente, a grande cabeça courá se projeta entre tentáculos e seres marinhos, tomando uma configuração de mistério e delírio. Tendo como inspiração o encanto e o misticismo, o conjunto se compõe visualmente pela ala “Nação Courá”, que está à frente do carro e se prolonga na parte de trás até chegar à segunda alegoria. Integram ainda o visual componentes vestidos de peixes abissais manipulando as peças no interior do carro, além de um grupo coreografado nas laterais que reproduz o assombro da criança diante do próprio destino.</p> <p>Destaque: Maurício Pina Fantasia: Delírio em Águas Profundas Composições performáticas (nos elementos giratórios): Peixes no Rebojo Marinho Composições técnicas (Equipe de movimento): Peixes Abissais Composições coreografadas: Vertigem Courana</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Tarcísio Zanon		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
02	<p>O DESAGUAR NO RIO</p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</i></p>	<p>As águas que inundaram a imaginação da menina se tornaram elemento fundamental no rito de passagem de sua forçada conversão à fé católica. Entre o transe e realidade, ela se viu em meio a uma nova vida no outro lado do espelho Atlântico. O sacramento era maneira de reafirmar simbolicamente o rompimento com a própria origem, tendo a água como símbolo de renovação e de apagamento. No batismo, escravizados recebiam um novo nome em língua portuguesa. Dali em diante, a menina courana passou a se chamar Rosa. O rito de conversão católica se deu em 1725, ano em que outros 275 escravizados vindos do continente africano também foram batizados na antiga capela dedicada à Nossa Senhora da Candelária (então conhecida como Igreja da Várzea, por estar localizada na parte plana da cidade), que futuramente viria a ser a imponente Igreja da Candelária, santidade que também é conhecida como Virgem das Candeias. A devoção à santa é bastante popular na Espanha, cuja festa se dá em 2 de fevereiro, assim como Iemanjá, mãe dos peixes e deusa das águas salgadas. Na alegoria, a fachada estilizada do antigo templo é cenário para a visão alegórica do rebatismo de Rosa. A escultura de uma divindade mística derrama as águas do sacramento sobre a menina. O templo é adornado com motivos aquáticos, formando um conjunto visual que interliga toda a abertura do desfile.</p> <p>Destaque lateral direito: Ray Menezes Fantasia: Sacerdote das Águas Vertiginosas</p> <p>Destaque lateral esquerdo: Marcelo Gonçalves Fantasia: Pontífice do Sacro-reino Aquático</p> <p>Composições femininas: Memórias da água</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Tarcísio Zanon		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
03	<p>A FAZENDA CATA PRETA</p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</i></p>	<p>Encravada em um vale cercado de montanhas ricas em ouro e pedras preciosas, ergueu-se a Fazenda Cata Preta, no arraial do Inficionado, onde Rosa viveu dos 14 aos 32 anos. A suntuosa residência de dois andares, pertencente à abastada família de Paulo Rodrigues Durão e Ana Garcês Durão, com grandes portas e janelas, era uma típica construção colonial mineira. A ostentação às custas da atividade mineradora contrastava com as condições degradantes a que os escravizados eram submetidos. Atraídos pela promessa de enriquecimento rápido, homens de várias origens iam em romaria ao arraial em busca de jazidas de ouro e de diamantes de muitos quilates, vivendo entre virtudes e tentações. Assim Rosa entrou na fase adulta: imersa em um cenário de intensa religiosidade, proporcional à fome de ouro e volúpia no pequeno povoado. A alegoria reproduz a atmosfera de falso recato na colônia, trazendo a courana em dois momentos: à frente, como meretriz, entre ouro e pedras preciosas, e atrás, no momento em que abre mão dos poucos bens que acumulou para doar tudo aos outros escravizados. O contraste entre as duas fases de Rosa aponta para a mudança vivida por ela ao longo da sua trajetória na fazenda Cata Preta.</p> <p>Destaque central alto: Luanda Ritz Fantasia: O Fausto de Dona Ana Garcês Durão</p> <p>Destaque central baixo: Luana Bandeira Fantasia: Rosa Meretriz</p> <p>Composições cênicas: Fidalguia, mineração e meretrício.</p> <p>Composições femininas (nas varandas): Tentações Preciosas</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Tarcísio Zanon		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
04	A BATALHA ESPIRITUAL  <i>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</i>	<p>Em Minas Gerais, Rosa sentia a presença de sete espíritos malignos que se apossavam do seu corpo e da sua mente. Vexada pelos demônios (chamados por ela de “Afecto”), a courana tinha reações assustadoras, como alteração da voz, respiração arquejante, gritos descontrolados e perda dos sentidos. Os que presenciavam as possessões públicas de Rosa dividiam-se entre o assombro e a compaixão. Tais manifestações chamavam cada vez mais atenção dos fiéis do Inficionado e de toda a região, criando uma aura mística em torno da imagem da preta courá. Um dos santos de devoção de Rosa, invocado pelo padre Xota-Diabos nas sessões de exorcismo, era São Miguel Arcanjo, benfeitor dos exércitos celestes. O enviado de Deus desceria dos céus para, com espada em punho, lutar contra o “Afecto”, espíritos que vexavam Rosa, em uma intensa batalha espiritual. A alegoria traduz visualmente a luta interior da courana, em que vozes misteriosas provocavam alucinações e perturbavam sua mente. Nessa peleja entre o bem e o mal, os espectros malignos são vencidos quando São Miguel Arcanjo crava sua bem-aventurada espada e faz com que os demônios sucumbam diante do poder Divino.</p> <p>Destaque: Rodrigo Totti Fantasia: Espectro Maligno</p> <p>Composições (masculinas e femininas): Possessões Demoníacas</p> <p>Performance: Demônios em Batalha Espiritual</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo)

Tarcísio Zanon

Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p style="text-align: center;">Tripé II</p> <p style="text-align: center;">O ACOLHIMENTO</p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</i></p>	<p>No coração do Rio de Janeiro, Rosa Maria edificou a sua obra maior: o Recolhimento do Parto. O prédio estava localizado entre as antigas ruas da Candeia e dos Ourives (atualmente, ruas da Assembleia e Rodrigo Silva) e era destinado, segundo a própria courana, a "mulheres pecadoras que nos confessionários diziam que tinham ofendido a Deus por não terem casas para morar". Assim, acolhia meninas abandonadas pelos pais e mulheres deixadas pelos maridos. A africana ganhou o título de mãe do Recolhimento, onde as internas e devotas passaram a idolatrá-la. O tripé apresenta poeticamente a imagem de Rosa acolhendo sob seu manto as filhas espirituais que ajudou a criar. A escultura de Rosa mãe desfila entre adornos que simbolizam a caridade, a compaixão e a luz do amor Divino.</p> <p>Destaque central baixo: Susie Monassa Fantasia: Devoção a Nossa Senhora do Bom Parto</p> <p>Destaque central alto: Talita Monassa Fantasia: Chama do Amor de Madre Rosa</p>

FICHA TÉCNICA**Alegorias**

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Tarcísio Zanon		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
05	<p>PRETO RELICÁRIO</p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</i></p>	<p>As cores e elementos da alegoria são inspirados em uma capela construída no claustro do Convento de Santo Antônio, no Largo da Carioca, Centro do Rio de Janeiro. O lugar abriga, há quase trezentos anos, a materialização de uma das vidências de Rosa, obtida por revelação divina: os Sagrados Corações. A visão ocorreu em um dia de Páscoa de 1754, e logo foi ordenado que fosse reproduzida em escultura, de acordo com a idealização da courana. A devoção aos Sagrados Corações se popularizou entre autoridades católicas no Século XVIII, sendo Rosa uma das principais expoentes do culto a essas imagens no Brasil. No carro alegórico, em primeiro plano, estão anjos com asas em forma de livro, representando aquele que seria o primeiro a ser escrito por uma mulher preta no Brasil: a Sagrada Teologia do Amor Divino das Almas Peregrinas. Nas páginas abertas reproduzidas na alegoria, estão alguns dos textos originais escritos pela pluma de Rosa em epístolas sagradas que produziu ao longo dos anos, recolhidas durante o processo de inquisição. Nos nichos laterais estão imagens de Santa Efigênia e São Benedito, santos negros que reúnem a devoção popular às divindades de origem africana. No peito das esculturas, componentes em balanços representam o pulsar da fé do povo em devoção aos santos pretos no Brasil.</p> <p>Destaque central alto: Edmilton Paracambi Fantasia: Chama Eterna do Sagrado Coração</p> <p>Destaque central baixo: Victória Castelhana Fantasia: Manuscritos de Fé</p> <p>Composições (masculinas e femininas): Rosa do Divino Amor</p> <p>Performance (nos balanços laterais): O Pulsar da Fé nos Santos Corações</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Tarcísio Zanon		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
*	<p>Tripé III</p> <p>NAVEGA A ESPERANÇA À LUZ DO ENCANTADO</p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</i></p>	<p>O elemento alegórico reproduz simbolicamente a visão de Rosa e a aliança com o Rei dos Encantados. Segundo a profecia da courana, o Rio de Janeiro sofreria um dilúvio “que nunca se viu outro em todo mundo”. A salvação viria em embarcações a flutuar pelos mares do encanto. As águas que trouxeram Rosa ao Brasil, desta vez a devolveriam à glória eterna, findando a sua trajetória sobre a Terra no Tribunal da Inquisição em Lisboa. Mas o que a antevisão da madre Rosa desenhava em sua imaginação era um esplêndido enlace com o místico Rei português, desaparecido em misteriosa batalha contra os mouros em nome da fé cristã, ocorrida cerca de dois séculos antes. O tripé reinterpreta a visão profética de Rosa, que a partir do grande evento do fim dos tempos se transformaria na fausta rainha do grande Império Brasileiro, monarquia do povo, em que um grandioso cortejo de folguedos prepararia seu triunfo apoteótico: a canonização como a Santa Africana do Brasil.</p> <p>Destaque: Paula Braga Fantasia: Ninfa do Grande Dilúvio</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Criador das Alegorias (Cenógrafo) Tarcísio Zanon		
Nº	Nome da Alegoria	O que Representa
06	<p>A SANTA QUE O POVO ACLAMOU</p>  <p><i>*Essa imagem é do croqui original e serve como referência</i></p>	<p>Na página 725 de “Rosa Egípcia: uma santa africana no Brasil”, o antropólogo Luiz Mott, que resgatou os depoimentos e a trajetória da preta courana no livro lançado há trinta anos, profetizou: “O que sabemos ao certo sobre a vida e visões de Madre Rosa é mais do que suficiente para inspirar um filme de longa metragem ou o enredo de escola de samba. Ela merece tais comemorações”. Assim, a Viradouro desfralda o pavilhão, sua imagem mais sagrada, para a grande cerimônia popular de canonização de Rosa Maria Egípcia da Vera Cruz. A nossa coroa cintila como relíquia de adoração às divindades evocadas na pele do tambor. No palácio celestial que flutua de forma alegórica sobre o chão da Sapucaí, cada mulher é semente e flor que desabrocha do incerto e que floresce do impossível. E o mar de gente que segue em cortejo entoa a voz em manifesto por todas as meninas, meretrizes, feiticeiras, mães, rainhas e santas. O canto desta manhã de carnaval é o de um Brasil refundado no feminino, na energia potente da coletividade e na alegria das celebrações elevadas à glória dos altares que o próprio povo tratou de enfeitar.</p> <p>Salve a Rosa Mística do Brasil! Salve a santa que o povo aclamou!</p> <p>Destaque (junto aos baluartes): Luana Génot Fantasia: Legado de Rosa Maria Egípcia</p> <p>Casal de mestre-sala e porta-bandeira (sobre a rosa): Bênçãos ao Pavilhão Sagrado</p> <p>Composições femininas: Rosas do Jardim Celestial Baluartes (diante da coroa): Devotos de Rosa Maria Egípcia</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Nomes dos Principais Destaques	Respectivas Profissões
<p><u>Tripé I - A Vertigem das Águas</u> Personagem: Gabi Reis Fantasia: Menina Flor dos Courás</p>	<p>Estudante</p>
<p><u>Alegoria 01 - Turbilhão de Memórias</u> Destaque: Maurício Pina Fantasia: Delírio em Águas Profundas</p>	<p>Cabeleireiro</p>
<p><u>Alegoria 02 - O desaguar no Rio</u> Destaque lateral direito: Ray Menezes Fantasia: Sacerdote das Águas Vertiginosas Destaque lateral esquerdo: Marcelo Gonçalves Fantasia: Pontífice do Sacro-reino Aquático</p>	<p>Artesão Jornalista</p>
<p><u>Alegoria 03 - A Fazenda Cata Preta</u> Destaque central alto: Luanda Ritz Fantasia: O Fausto de Dona Ana Garcês Durão Destaque central baixo: Luana Bandeira Fantasia: Rosa Meretriz</p>	<p>Professora Dançarina</p>
<p><u>Alegoria 04 - A Batalha Espiritual</u> Destaque: Rodrigo Totti Fantasia: Espectro Maligno</p>	<p>Gerente de Marketing</p>
<p><u>Tripé II - O Acolhimento</u> Destaque central baixo: Susie Monassa Fantasia: Devoção a Nossa Senhora do Bom Parto Destaque central alto: Talita Monassa Fantasia: Chama do Amor de Madre Rosa</p>	<p>Empresária Empresária</p>
<p><u>Alegoria 05 - Preto Relicário</u> Destaque central alto: Edmilton Paracambi Fantasia: Chama Eterna do Sagrado Coração Destaque central baixo: Victória Castelhana Fantasia: Manuscritos de Fé</p>	<p>Assessor Executivo Estudante</p>
<p><u>Tripé III - Navega a Esperança à Luz do Encantado</u> Destaque: Paula Braga Fantasia: Ninfa do Grande Dilúvio</p>	<p>Empresária</p>
<p><u>Alegoria 06- A Santa que o Povo Aclamou</u> Destaque: Luana Génot Fantasia: Legado de Rosa Maria Egipcíaca</p>	<p>Ativista</p>

FICHA TÉCNICA

Alegorias

Local do Barracão Rua Rivadávia Corrêa, nº 60- Barracão nº 01- Gamboa- Rio de Janeiro- Cidade do Samba	
Diretor Responsável pelo Barracão Hilton Rosa do Nascimento Filho (Niltinho)	
Ferreiro Chefe de Equipe João Lopes	Carpinteiro Chefe de Equipe Edson de Lima (Futika)
Escultor(a) Chefe de Equipe Flavinho Policarpo	Pintor Chefe de Equipe Leandro Assis (Lê Art)
Eletricista Chefe de Equipe Júlio	Mecânico Chefe de Equipe Cal
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
João Torres	- Projetista
Nícolás Gonçalves	- Assistente de Carnavalesco
Nino	- Fibra e Pastelação
Vitor Negromonte	- Vime
Biano Ferraro	- Decorador (Carro 01, Carro 02, Tripé I e Comissão de Frente)
Luiz Monsores	- Decorador (Carro 05 e Tripé II)
Bebeto	- Decorador (Carro 03 e Tripé III) e Forrador
Orlando Espuma	- Decorador (Carro 04) e Espuma
Vilmar Almeida	- Espelho
Alan (Carvalho JPC)	- Iluminação e efeitos especiais
Luiz	- Borracharia
Nildo	- Parintins
Alessandro Malta	-Técnico de Segurança
Fabio Moura e Vanderson Torres	- Almoxarifado

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Tarcísio Zanon

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
01	<p>A Menina Courá</p> 	<p>Nascida entre as águas revoltas próximas ao Porto de Uidá (ou Ajudá, em forma aportuguesada), na Costa da Mina, um dos maiores entrepostos escravistas da história da humanidade, Rosa carregou na pele as memórias dos antepassados. Entre as lagoas da região e o oceano revolto que banhava a costa, a courana viveu os seus primeiros anos sob lembranças e visões aquáticas que cercavam a sua origem. A indumentária da ala de abertura é formada por elementos em tons de laranja e cobre, em meio a rasuras em verde alusivas à ação do zinabre (processo de oxidação do cobre) pelas águas costeiras que revelam as lembranças da criança, capturada em sua terra natal e trazida forçadamente ao Brasil. No chapéu das integrantes da ala, a gota representa o início das vertigens e predições diante da travessia do Atlântico rumo ao novo destino.</p> <p>*Algumas das integrantes da Ala 01 (A Menina Courá), ao chegarem à frente das cabines de julgamento, irão se deslocar para formarem a guarda do primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira, criando uma cena em que Rosa se vê diante da realeza da dança das águas de Uidá.</p> <p>*Em determinados momentos do desfile, a criança do pede-passagem descerá do tripé e fará uma encenação com a ala.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)							
Tarcísio Zanon							
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS							
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala			
02 A	Resistência Courana	<p>A escravização de Rosa, que se deu quando tinha apenas seis anos de vida, aconteceu em meio ao contexto de conflitos crescentes entre os daomeanos e os povos que viviam nas proximidades de Uidá. Após violentas batalhas, muitos dos habitantes locais foram capturados e vendidos a traficantes europeus. Ferramentas de guerra, como espadas, lanças e escudos, além de totens em cobre são inspirados na arte esculpida em metal, revelando grafismos e padrões de povos que ocuparam o Golfo do Benim. São memórias que acompanham a imaginação da pequena courana. As formas estilizadas, não uniformes e geometrizadas presentes na fantasia remetem à visão da menina em vertigem, que interliga toda a abertura do desfile. A ala se estende até depois do carro abre-alas e antes da segunda alegoria, formando um fio narrativo em alusão às origens couranas de Rosa.</p> <p>*Figurino com diferentes adereços.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia			
02 B							
*	Incorporação Ancestral				<p>O corpo incorpora e extravasa a origem ancestral que o espírito courano traz de muitas gerações.</p>	Musa I	Carolina Macharethe
							

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas)

Tarcísio Zanon

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
03	<p>Peregrinação às Minas: Vertigens na Serra da Mantiqueira</p> 	<p>Ao longo de doze dias de “romaria” forçada rumo ao novo cativo, na grande jornada em direção ao interior do Brasil, Rosa, então com 14 anos de idade, foi tomada de alucinações diante da paisagem que a cercava. A mata assombrava a jovem peregrina pelas montanhas mineiras, caminhando onde corpo foi prisão em seu cortejo penitente. A ala traz alguns dos componentes com estruturas alegóricas que fazem alusão à vegetação e à fauna com que Rosa se deparou na trilha para o cativo no interior de Minas Gerais.</p> <p>*Alguns componentes conduzem costeiros sobre rodas que remetem às visões de Rosa pela serra</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
*	<p>Romanus Pontifex</p> 	<p>À frente da Procissão dos Degenerados, a autoridade eclesiástica desfila representando o luxo da Igreja Católica e a sustentação do sistema escravista por meio da bula <i>Romanus Pontifex</i>, que permitia a exploração da prática na costa africana e no Atlântico.</p> <p>* Em determinados momentos do desfile, o destaque de chão irá interagir com a Ala 04</p>	Destaque de Chão	Cristiano Moratto

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
04	A Procição dos Degenerados 	<p>A cobiçosa sociedade devota do ouro e dos diamantes era sustentada pela depravada escravização na colônia. Cortejos de penitentes saíam pelas vielas do Inficionado, humilde arraial de mineiros, onde hoje fica o distrito de Santa Rita Durão, município de Mariana. A devoção à fé católica levava a sociedade local às ruas para demonstrar publicamente a crença religiosa e manifestá-la coletivamente. Mas tamanha demonstração de fé escondia a devassidão e a perversão do sistema escravista, marcado também pela extrema ganância e concentração de riquezas, deixando cicatrizes sociais profundas causadas pela desenfreada exploração aurífera.</p> <p>No meio da ala, carregadores vestidos com motivos religiosos em dourado trazem um andor representando a adoração ao falso deus. Integrado ao cortejo, desfila um destaque de chão masculino representando a autoridade católica, cuja doutrina tinha na escravidão a base para a manutenção do sistema mercantilista colonial.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Tarcísio Zanon

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
05	<p>A Mineração</p> 	<p>Seres humanos submetidos a condições degradantes, os escravizados nas minas de ouro e diamantes resgatavam o conhecimento ancestral dos seus povos, oriundos de diversas etnias, para o trabalho forçado na mineração. Com a força do seu trabalho, sustentavam a pervertida sociedade colonial brasileira, cuja fortuna era construída à base da degradação física e mental dos mineradores. A fantasia remete à contradição existente entre a precariedade do trabalho escravo e o brilho emanado das pedras e metais preciosos extraídos do solo mineiro.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
06	<p>O Acotundá</p> 	<p>O Acotundá - ou Tundá - era um culto ou cerimônia de matriz africana no Brasil colonial, praticado pelos escravizados em cidades mineiras. Entre transes, rezas e tambores, o rito era uma forma de manter laços com a ancestralidade. A manifestação era uma espécie de calundu, termo corrente no Século XVIII, originário da África centro-ocidental, para designar as práticas mágicas dos couranos, realizadas ao som de música e danças com possessão ritual. Na cabeça dos componentes, há a referência aos espíritos cultuados durante as cerimônias.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
07	As Filhas de Eva 	Rosa era a única mulher a servir na Fazenda Cata-Preta, em meio a mais de setenta cativos. Ofertar o próprio corpo era a forma de sobrevivência em um sistema marcado pela perversão. Era nesse contexto social que Rosa “se desonestava”, vivendo como meretriz. Ou seja, Rosa não era “prostituta”, mas sim “prostituída” por uma sociedade pervertida. No chapéu das componentes desta ala feminina, está a maçã, fruto associado ao pecado, de acordo com o relato bíblico contido em Gênesis. da árvore do paraíso. Segundo os escritos sagrados dos cristãos, Eva teria afrontado o criador ao provar do fruto proibido.	Comunidade (1946)	Harmonia
*	Sedução do Ouro 	O brilho intenso do ouro representa a conexão com o sagrado. Alguns acreditavam que a energia luminosa que emana do metal seria uma forma de aproximar os humanos das divindades.	Musa II	Lore Improta
*	Oferenda 	A cênica em torno da performance acontece ao redor da figura de Rosa e expressa a presença dela como oferenda às divindades do Acotundá. Representa ainda a oferta do seu corpo e do seu espírito como uma forma de libertação possível aos demais escravizados e a esperança de uma vida melhor aos desvalidos. * Em determinados momentos do desfile, a personagem de chão irá interagir com o Grupo Performático I.	Personagem de Chão I	Vivi D’Sousa

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Tarcísio Zanon

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>A Procissão dos Desvalidos</p> 	<p>Os ganhos de Rosa com a prostituição eram doados aos escravizados que tinham uma situação ainda mais degradante que a dela. Os bens acumulados ao longo do cativeiro na fazenda Cata Preta não foram suficientes para Rosa comprar a própria alforria. Procissões de desvalidos se dirigiam à courana, que passou a ser considerada uma espécie de santidade entre os escravizados, cuja missão era prover a sobrevivência de muitos dos seus irmãos. O grupo, trajando figurinos estilizados, estabelece um contraste com a ala referente à procissão dos degenerados e faz alusão aos escravizados que Rosa ajudou ao doar o seu pecúlio. Faz parte da performance a interação do grupo com a parte de trás da alegoria 3, tendo como pivô a destaque Viviane D'Sousa, representando a iniciativa caridosa de Rosa, que, assim como Maria do Egito, passou a ser cultuada como santa ao ajudar seus irmãos de cativeiro. Assim, foi considerada benfeitora e mulher de muitas virtudes. Mas as visões e possessões que a acompanhavam não cessavam, e Rosa passou a se perceber transitando entre o bem e o mal.</p> <p>*figurinos diversos.</p>	Grupo Performático I	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figurinistas) Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
08	<p>Anjos e Demônios</p> 	<p>Entre o bem e o mal, visões atormentavam a mente de Rosa. Em transe, anjos e demônios travavam uma batalha espiritual pela alma da courana. A visão dualista, como oposição entre pecados e virtudes, era algo que causava temor e curiosidade entre os que professavam a fé católica no Brasil colonial. Os dois figurinos da ala trazem nas cores e nos símbolos elementos ligados à feitiçaria e ao esoterismo pagão, práticas condenadas pela Igreja, que constituem e assombram o imaginário dos devotos cristãos.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
*	<p>Arquétipo do Mal</p> 	<p>Diante das possessões e feitiçarias de Rosa, o mal comanda o séquito de feiticeiros e feitiçeras que se manifestam diante do oculto.</p> <p>*Valci Pelé (coordenador da ala) virá acompanhado de uma das passistas femininas.</p>	Personagem de chão II	Valci Pelé

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Tarcísio Zanon

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
09	<p>Possessões e Feitiçarias</p> <p>Feminino</p>  <p>Masculino</p> 	<p>Acusada de feitiçaria, Rosa manifestava no próprio corpo as atribuições da alma. Em possessões espirituais, a courana apresentava alucinações que a perseguiram. Os tons entre rosa e lilás representam a divindade e o misticismo, presentes no inconsciente coletivo formado sobre o poder maligno que avança sobre as forças do bem. Para as autoridades religiosas, os espíritos diabólicos desviavam Rosa dos caminhos de Deus, ao mesmo em tempo em que pareciam um chamamento para a reafirmação da fé em Cristo.</p>	Passistas (1946)	Valci Pelé
*	<p>Afecto</p> 	<p>A rainha da bateira Furacão desfila como as atribuições espirituais de Rosa. Em visões e êxtases, a courana sentia vozes de almas que a perturbavam, a quem deu o nome de “Afecto”. Tratava-se de uma descarga afetiva de energia sentida por Rosa em suas constantes manifestações espirituais.</p>	Rainha de Bateria	Erika Januza

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	Tutor Espiritual 	Francisco Gonçalves Lopes tornou-se o tutor espiritual de Rosa. As possessões da courana levaram o padre a desenvolver uma relação de proximidade com Rosa, transformando-se em um artífice do processo de santificação da africana.	Mestre de Bateria	Mestre Ciça
10	Padre Francisco Gonçalves Lopes: “Xota Diabos” 	As sessões de exorcismo de Rosa eram comandadas pelo padre português Francisco Gonçalves Lopes, o “Xota-Diabos”. O apelido é uma corruptela de “Enxota Diabos”, expressão que remete aos rituais de exorcismo que comandava. Protetor ou explorador da imagem de Rosa? O fato é que “Xota-Diabos” acompanhou a trajetória da courana ao longo de grande parte da sua vida, sendo seu devoto e confessor, contribuindo para vincular uma aura mística à imagem da negra. Comprou a alforria de Rosa Maria Egípcíaca, propagando a santidade de sua protegida.	Bateria (1946)	Mestre Ciça

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia(s) (Figurinistas)

Tarcísio Zanon

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
11	<p>Prova de Fogo</p> 	<p>Manifestar uma força fora do comum, que ultrapasse a capacidade natural do corpo de suportar dores, é uma das provas de possessão espiritual. Como a salamandra, Rosa era imune ao calor das chamas que abrasavam seu corpo. Em uma das sessões de exorcismo, ela foi submetida à queimadura do fogo como penitência, sendo obrigada a encostar a chama de uma vela na parte inferior da própria língua durante cerca de cinco minutos, tempo em que eram feitas orações. A sessão, comandada pelo próprio Xota-Diabos, provou que Rosa, como uma feiticeira, suportaria os tormentos impostos ao próprio corpo, chegando ao limite da dor e da fé.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
12	<p>A Beata das Brasas</p> 	<p>Em suas possessões, Rosa se via transitando entre a virtude o pecado, a calma e o êxtase. Na fumaça do cachimbo, lançava ao ar o sopro etéreo do misticismo. Com a feitiçaria e a devoção se confrontando dentro de si, Rosa dizia que, ao comungar, sentia a hóstia lhe queimar a garganta e a boca como fogo ardente. Cada vez mais caminhando entre o real e o delírio, a courana ia moldando a crença de um cristianismo preto, em que a ancestralidade africana se confrontava com as doutrinas cristãs, gerando conflitos espirituais que atormentavam a mente da beata das brasas. Acusada de feitiçaria, Rosa começava a sentir que seus tempos em Minas Gerais haviam chegado ao fim.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
13	Luz da Criação Divina 	Após cerca de três décadas vivendo nas Minas Gerais, Rosa retornou ao Rio de Janeiro por onde circulava e pregava como devota dos desígnios de Deus. As velas que um dia foram a prova de fogo do poder místico de Rosa guiaram-na à nova trajetória pelo litoral do Brasil. A luz emanada das chamas em castiçais dos altares barrocos das igrejas cariocas e dos oratórios domésticos representava a reafirmação da fé no Divino e as inspirações religiosas da courana, que passou a professar o cristianismo de forma mais intensa e dedicada.	Comunidade (1946)	Harmonia
*	Matriarca da Sagrada Família 	Tia Cléia, matriarca da nossa sagrada ala de baianas, veste-se em tributo à matriarca da Sagrada Família, Santana, a avó de Jesus. As devotas de Santana seguem em cortejo de arrebatamento pela energia de bondade representada pela entidade que foi muito cultuada no Rio de Janeiro nos anos de 1700.	Personagem de Chão III	Tia Cléia

FICHA TÉCNICA

Fantásias

Criador(es) das Fantásias (Figuristas)

Tarcísio Zanon

DADOS SOBRE AS FANTÁSIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
14	<p>A Devoção a Santana</p> 	<p>Sob o manto da devoção a Santana, avó de Cristo, Rosa cruzava a fé dos brancos com os cultos aos ancestrais, herança da sua origem na costa africana. A imagem santificada da mãe de Nossa Senhora é a inspiração para vestirmos a mais sagrada das alas do nosso desfile. Um céu em pleno asfalto é desenhado na fé do divino amor materno que nos acolhe, nos protege e nos acalanta. É a reprodução figurativa do notável florescimento do culto a avó de Cristo que acontece entre Minas Gerais e Rio de Janeiro no século XVIII, justamente o tempo e os locais em que Rosa viveu como humana. A fantasia, em tons suaves de rosa, azul e ouro, apresenta na parte de trás a delicada reprodução de um costeiro com uma bebê Maria de pele negra, assim como a tradição de muitas sociedades africanas em que as mães levam seus filhos por onde forem, como forma de proteção e afeto.</p>	Baianas (1946)	Tia Cléia

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figuristas) Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
15	A Chama do Sagrado Coração 	<p>O poder da vidência não cessava e Rosa passou a sonhar com a imagem de corações radiosos e brilhantes. Representando a Sagrada Família, cada coração é uma vida e uma alma que se eleva a Deus. A devoção aos “Santíssimos Corações” tornou-se uma incontestável demonstração de fé entre os católicos. A chama representa a visão bíblica da presença de Deus, abrasado de amor pela humanidade. Os corações que Rosa Egipcíaca idealizou em suas visões foram esculpidos e até hoje estão presentes em uma das capelas do Convento de Santo Antônio, localizado no Largo da Carioca, centro do Rio de Janeiro. Relíquia conservada em pleno coração da cidade em que Rosa ergueu sua obra divina.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Tarcísio Zanon

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
16	<p>A Escrita Mística</p> 	<p>Levada pelo dever de perpetuar os pensamentos devocionais, Rosa alfabetizou-se nas letras divinas e passou a escrever compulsivamente orações e epístolas. Estima-se que no final do Século XVIII, os letrados e semiletrados do Brasil não ultrapassassem 0,5% do total da população. Por isso, o feito de Rosa é ainda mais extraordinário, registrando em pergaminhos sagrados aquele que é considerado o primeiro livro a ser escrito por uma mulher negra no Brasil: “A Sagrada Teologia do Amor de Deus Luz Brilhante das Almas Peregrinas”. Restaram poucas páginas do livro, que foi quase que totalmente destruído às vésperas de sua detenção no processo inquisitório instaurado pela Igreja Católica. A leitura e a escrita, para ela, eram como um chamado de Deus para que eternizasse o legado da sua devoção.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	Inspiração Divina 	A alfabetização milagrosa de Madre Rosa se deu por meio da inspiração Divina. As letras sagradas chegaram-lhe através da palavra santa e foram registradas em páginas de fé.	Musa III	Thays Busson
17	A Inundação 	No assombroso esplendor do seu último desvario, Rosa previu o que seria o fim dos tempos, possivelmente inspirada pelas referências bíblicas do dilúvio e relatos do grande terremoto que se abateu sobre Portugal em 1755. Segundo a predição da courana, quando o grande mar salgado se elevasse na costa do Rio de Janeiro, as águas invadiriam até mesmo as montanhas de Minas. A grande inundação possivelmente era a antevisão que Rosa teria de sua prisão e viagem por mar a Lisboa, ficando detida no prédio do Tribunal da Inquisição, nas cercanias da praça do Rossio, onde, dois séculos antes, habitou Dom Sebastião, rei dos Encantados. De uma forma inusitada e sublime, a profecia de Rosa estava cumprida. Resgatamos, assim, a apoteose poética da saga de Rosa no plano terreno, acatando a maneira como ela mesma anteviu sua eternização.	Comunidade (1946)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Tarcísio Zanon

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	<p>Rosa Rainha e Dom Sebastião</p> 	<p>Acompanhados de um séquito de nobres dos domínios dos encantamentos das águas, o casal imaginário desfila representando o enlace místico que refundaria o país, misto de esperança e delírio de Rosa Maria.</p> <p>*Em determinados momentos do desfile, as personagens de chão irão interagir com o Grupo Performático II.</p>	Personagens de Chão IV	Duda Almeida e Paulo Vitor Dias
*	<p>Cortejo Místico de Dom Sebastião e Rosa Maria Egipcíaca</p> 	<p>O enlace de Rosa Maria Egipcíaca com Dom Sebastião consumaria a união mística para fundar o grande Império Popular Brasileiro. No fim do seu calvário na Terra, ela navegaria ao lado do Encantado em cortejo arrebatado. As evangelistas do Recolhimento do Parto se transformariam em damas marinhas, ladeadas por pajens e vassalos aquáticos. Das águas, surgiria o grande reinado, do qual Rosa se tornaria soberana ao lado do Rei Dom Sebastião. Um reino de liberdade, misticismo e amor que prepararia todo o povo para a grandiosa cerimônia de canonização popular da primeira santa africana do Brasil.</p>	Grupo Performático II	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
18	Festa do Divino 	<p>As águas do fim dos tempos que conduziram à elevação da rainha dos Encantados agora preparam a courana para o seu maior triunfo. Sua glorificação é festiva. No sagrado cortejo de canonização popular, os brincantes da Festa do Divino chegam para a coroação de Santa Rosa Maria Egípcíaca da Vera Cruz. Cortejos que afloraram no Brasil colonial, como a Festa do Divino, percorrem a Avenida com símbolos católicos, como a pomba do Divino Espírito Santo. Oriundo de Portugal, este folguedo foi ressignificado no Brasil, consagrando o imperador do Divino entre batuques e cânticos.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
19	Palhaços da Folia de Reis 	<p>Celebração ligada às dramatizações do ciclo natalino, a Folia de Reis se traduz como um dos mais importantes folguedos do Brasil, tornando-se importante teatro de devoção popular. Os palhaços simbolizam os soldados do rei Herodes, que foram ao vilarejo onde Cristo nasceu para matar todos os recém-nascidos. Mas alguns deles, com seus cantos e danças, distraíram outros soldados para a passagem dos reis magos rumo ao berço do filho de Deus. No cortejo dedicado à Rosa Egípcíaca, essas figuras da Folia de Reis desfilam distribuindo cor e alegria no grande auto popular de canonização.</p>	Juvenil (1946)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Tarcísio Zanon

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
20	<p>A Cavallhada</p> 	<p>Nesse cortejo festivo, não poderia faltar uma das mais tradicionais manifestações originadas em celebrações católicas portuguesas, mas que cavalgou por novas trilhas no coração do Brasil: a Cavallhada. No grande Império Brasileiro, imaginado pela predição de Rosa em seu enlace com Dom Sebastião, Rei dos Encantados, é encenada a batalha equestre entre mouros e cristãos, folguedo que ganhou impulso no Brasil durante o período de esplendor do barroco, estilo marcado, entre outras características, pela dualidade e contraste.</p> <p>*dois figurinos.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
21	<p>A Guarda de Marujos</p> 	<p>Formada por personagens tradicionais dos folguedos, a guarda de marujos faz parte do cortejo a Rosa Maria Egipcíaca, desfilando em ruidosa alegria para animar o povo no festejo. A ala de compositores se veste com motivos estilizados de marujos para entoar as cantigas que vêm do mar, trazidas dos recantos mais distantes. Em localidades no interior de Minas e do estado do Rio de Janeiro, a guarda de marujos presta reverências a Nossa Senhora do Rosário. Mas no desfile, a reverência acontece em honra e glória à santa negra courana que o povo aclamou.</p>	Compositores (1946)	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasias

Criador(es) das Fantasias (Figurinistas)				
Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
22	A Congada 	<p>Associados à celebração a santos de devoção negra, os brincantes da congada participam do rito de canonização de Rosa Maria Egípcíaca, revivendo a herança dos cortejos em agradecimento às benfeitorias conquistadas. Entre fitas, fuxicos e festas, os componentes trazem no chapéu a representação da fachada das igrejas coloniais como ligação entre as danças e cânticos aos reis do Congo e o culto litúrgico a santos católicos como Santa Efigênia, São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.</p>	Comunidade (1946)	Harmonia
23	Nosso Manto em Devoção  	<p>Bandeiras desfraldadas para aclamar Rosa Maria! A menina courana que passou como ventania pelo Brasil colonial agora recebe as bênçãos do nosso pavilhão vermelho e branco como forma de devoção. A procissão de manifestações populares em louvação à santa aclamada em cortejos se completa com o bailar de bandeiras que espalham aos quatro ventos a energia dos ancestrais do samba.</p>	Projeto de Casais de Mestre-Sala e Porta-Bandeira (2018)	Kátia Paz

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)

Tarcísio Zanon

DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS

Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
24	<p>Devotos de Rosa Maria Egípcíaca</p> 	<p>E quando Rosa tiver finalmente sua alma consagrada ao Divino, seus devotos irão entoar sua história em forma de samba pela evocação dos tambores. Sua saga de luta será reconhecida pelos quatro cantos do Império Popular Brasileiro, em um legado que será perpetuado em cada voz que entoar o nosso hino na Avenida. E entre esses fiéis de Santa Rosa, estará a nossa velha-guarda, guardiões da tradição, devotos da nossa bandeira e relicário vivo do samba.</p>	Velha-Guarda (1946)	José Luiz França
*	<p>A Mais Bela Rosa aos Pés do Senhor</p> 	<p>Incorporada na alma imortal da Rosa Mística do Brasil, outras rosas brotarão no asfalto da Avenida. Uma delas, a mais bela, louva aos deuses em forma de samba. E, assim, também se torna divindade ao ofertar a arte do seu bailado ao sagrado, em direta conexão com a ancestralidade.</p>	Musa IV	Belinha Delfim

FICHA TÉCNICA**Fantasia**

Criador(es) das Fantasia (Figuristas)				
Tarcísio Zanon				
DADOS SOBRE AS FANTASIAS DE ALAS				
Nº	Nome da Fantasia	O que Representa	Nome da Ala	Responsável pela Ala
*	O Brasil de Muitas Rosas 	<p>Lideranças femininas pretas em diversos segmentos prestam um tributo à Rosa em seu cortejo de elevação a santa. No raiar de um novo dia, desfilam mulheres guerreiras que, assim como a courana, lutam com afinco pela afirmação do seu legado e pela equidade em um país ainda profundamente marcado pelo racismo e pela desigualdade. É a glória da pretitude vitoriosa, que no carnaval ganha a devida repercussão no jacutá maior em que todas as almas e todos os corpos celebram a comunhão com os ancestrais e apontam novas diretrizes para o futuro, que é preto, feminino e místico. Assim como Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz.</p>	Grupo III	Harmonia

FICHA TÉCNICA

Fantasia

Local do Atelier Rua Rivadavia Corrêa, nº 60 - Barracão nº 01 - Gamboa - Rio de Janeiro - Cidade do Samba	
Diretor Responsável pelo Atelier Alessandra Reis	
Costureiro(a) Chefe de Equipe Simone	Chapeleiro(a) Chefe de Equipe Alessandra Reis
Adrecista Chefe de Equipe Biano Ferraro, Wladmir Viana, Marcos Sales, Wal Machado, Nicolas Gonçalves, Alexandre Guru, Ranny Nascimento, Lucca Soriano, Gilmar, Rogério Sampaio e Sonia Santos	Sapateiro(a) Chefe de Equipe José e Deivison
Outros Profissionais e Respectivas Funções	
Roberto Monteiro - Figurista	
Nícolas Gonçalves - Assistente de Carnavalesco	
Júnior e Alexandre - Arame	
Paula e Anderson - Espuma	
Vitor Negromonte - Vime	
Leandro Art - Pintura	
Aline Rainha - Almojarifado	
Outras informações julgadas necessárias	
*As imagens nas fichas são originais e servem apenas como referência.	

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Autor(es) do Samba-Enredo	Cláudio Mattos, Dan Passos, Marco Moreno, Victor Rangel, Lucas Neves, Deco, Thiago Meiners, Valtinho Botafogo, Luiz Anderson, Jefferson Oliveira e Marcelo Bertolo	
Presidente da Ala dos Compositores Paulo César Portugal		
Total de Componentes da Ala dos Compositores 70 (setenta)	Compositor mais Idoso (Nome e Idade) Maria Preta (73 anos)	Compositor mais Jovem (Nome e Idade) Dan Passos (29 anos)
Outras informações julgadas necessárias		
<p>Rosa Maria, menina flor Rainha do espelho mar Na pele do tambor Pranto das dores que resistiu Deságua no imenso Brasil Sua luz incorporou:</p> <p>Distante me encontro das origens Caminho onde o corpo foi prisão Ouro que deixou as cicatrizes Esperança foi vertigem A alma, libertação</p> <p>É vento na saia da preta courá Na ginga do Acotundá... É ventania Sete vozes guiaram minhas visões Mistério, alucinações, feitiçaria</p> <p>Me entrego a escrever a predição Lágrima nas contas do rosário Dádiva ao clamor do coração Palavras de um preto relicário A voz que cobre o Cruzeiro Reluz sobre nós no fim do calvário Navega esperança à luz do Encantado Reflete o azul Senti a alma daqueles, os mais oprimidos</p> <p>Venci heresia na fé dos divinos A mais bela rosa aos pés do Senhor Candombes e batuques no cortejo Eu sou a santa que o povo aclamou</p>		

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

**Eis a flor do seu altar, sua fé em cada gesto
O amor em cada olhar dos filhos meus
No cantar da Viradouro, o meu samba é manifesto
Sou Rosa Maria, imagem de Deus**

**Eis a flor do seu altar, sua fé em cada gesto
O amor em cada olhar dos filhos meus
No cantar da Viradouro, o meu samba é manifesto
Imagem de Deus sou eu**

Defesa da Letra do Samba-Enredo:

*Rosa Maria, menina flor / Rainha do espelho mar / Na pele do tambor /
Pranto das dores que resistiu / Deságua no imenso Brasil / Sua luz incorporou:*

Rosa Maria Egipcíaca de Vera Cruz, menina flor, rainha do espelho ondulante das águas do mar, atravessou um oceano - que separa passado e futuro - rumo ao Brasil. Na pele do tambor, a representação da ancestralidade e da procedência africana da menina courana.

O pranto é resultado das dores às quais Rosa Egipcíaca resistiu pela travessia vertiginosa que a trouxe a uma nova terra. Em meio ao turbilhão de sentidos, a menina viu o reflexo de uma mulher misteriosa. As lágrimas oriundas da dor e da emoção com as revelações às quais se defrontou desaguaram em terras continentais, o imenso Brasil, onde sua própria luz incorpora. Rosa, em transe, passa a contar sua história desse ponto em diante, já que suas recordações foram perdidas. O narrador entrega a epopeia para o relato próprio da personagem que a viveu:

*Distante me encontro das origens / Caminho onde o corpo foi prisão /
Ouro que deixou as cicatrizes / Esperança foi vertigem / A alma, libertação*

A partir desses versos, a história é contada em primeira pessoa. É desse ponto que Rosa expõe sua trajetória e transcreve seus delírios. A menina courana está distante de suas origens, com a tentativa de apagamento de suas memórias. Em sua peregrinação pela nova terra, seu corpo a aprisiona em dores e sofrimento, em meio a visões de paraísos e infernos. A sociedade aduldora de metais preciosos submete seres humanos a condições deploráveis. O ouro que acumula pelo desgaste de seu corpo deixa cicatrizes. A esperança era uma vertigem, um devaneio. Frente à agonia da carne, a alma é sua libertação.

*É vento na saia da preta courá / Na ginga do Acotundá... / É ventania /
Sete vozes guiaram minhas visões / Mistério, alucinações, feitiçaria*

A ancestralidade de Rosa é resgatada nos batuques e na dança de matriz africana. Há magia entre as almas e os corpos. A ventania ruidosa que balança a saia também traz visões e possessões. Sete vozes atormentam Rosa Egipcíaca, tal qual Maria Madalena. Mistério, alucinações e feitiçaria são elementos constantes do êxtase espiritual de Rosa.

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

*Me entrego a escrever a predição / Lágrima nas contas do rosário /
Dádiva ao clamor do coração / Palavras de um relicário*

Rosa se entrega a escrever sua profecia. Emocionada, derrama lágrimas nas contas do rosário e espalha a dádiva de Deus ao clamor do coração. O livro é um relicário, que guarda as relíquias que são as palavras ali transcritas.

*A voz que cobre o Cruzeiro / Reluz sobre nós no fim do calvário /
Navega esperança à luz do Encantado / Reflete o azul*

A voz divina cobre o céu e, portanto, as estrelas da constelação do Cruzeiro do Sul, aquela que orienta os navegantes em alto mar. A voz de Deus reluz sobre seus filhos no fim do calvário, ao encerrar da tormenta, do dilúvio. A voz celestial, seguindo as rotas guiadas pelas estrelas do Cruzeiro, navega esperança sob a luz de Dom Sebastião, o Rei dos Encantados, refletindo o azul do céu e do mar. Na delusão sinestésica de Rosa, os sons podem ser vistos, as cores sentidas, as imagens escutadas.

*Senti a alma daqueles, os mais oprimidos / Venci heresia na fé dos divinos /
A mais bela rosa aos pés do Senhor / Candombes e batuques no cortejo /
Eu sou a santa que o povo aclamou*

Rosa Egípcia sentiu as almas dos mais oprimidos, inundadas de esperança pelo seu enlace com Dom Sebastião. A heresia foi vencida pela fé, ao rastro de salvação dos eleitos no triunfante evento do fim dos tempos. Rosa estava liberta para tornar-se a Santa que viu refletida no espelho das águas a mais bela rosa aos pés do Senhor. A Santa que o povo aclamou, ao som de candombes e batuques aos quais se uniram Guardas da Santa Coroa empunhando fitas e bandeiras num grande cortejo.

*Eis a flor do seu altar, sua fé em cada gesto / O amor em cada olhar dos filhos
meus / No cantar da Viradouro, o meu samba é manifesto /
Sou Rosa Maria, imagem de Deus (Imagem de Deus, sou eu)*

Em devoção, Rosa se declara flor no altar do Divino. Sua fé se traduz em cada um de seus gestos. O amor é percebido no olhar de cada um de seus filhos, aqueles que a louvam, Santíssima africana. O samba da Unidos do Viradouro é um manifesto espiritual e de libertação de mazelas, preconceitos e opressões. Em mais uma licença poética, Rosa profetiza suas palavras e a sua saga sendo entoada no cantar da Viradouro, quase três séculos no futuro, e se declara imagem e semelhança de Deus.

A letra, encerrada pela protagonista em primeira pessoa, entrega de volta a história ao narrador literário na cabeça do samba:

- “Imagem de Deus, sou eu”, diz a agora Santa (último verso do refrão).
- “Rosa Maria, menina flor”, retoma o narrador em resposta (primeiro verso da cabeça).

FICHA TÉCNICA

Samba-Enredo

Outras informações julgadas necessárias

Defesa da Melodia do Samba-Enredo:

A melodia da primeira estrofe [*“Rosa Maria, menina flor”*(...) até *“A alma, libertação”*], em tom menor (*Fm*), denota o tormento envolvido na saga. Em seus primeiros seis versos [*“Rosa Maria, menina flor”*(...) até *“Sua luz incorporou:”*], a obra é narrada em terceira pessoa, como em narrativa literária, e acompanhada por desenhos melódicos que transitam pela dor, mantendo, contudo, o distanciamento relativo ao narrador, exterior ao sofrimento retratado. A melodia nesse trecho sustenta o equilíbrio entre contar a tristeza envolvida na saga e o entusiasmo em narrar a história.

Os cinco versos finais da primeira estrofe [*“Distante me encontro das origens”*(...) até *“A alma, libertação”*], já narrados em primeira pessoa, remetem aos momentos de martírio da chegada de Rosa ao Brasil, o que explica ser o trecho com as notas mais graves dentro o conjunto da obra. Os desenhos musicais apresentam aspecto sombrio e enigmático, de forma a retratar um momento de maior resignação, que será vencido na continuidade da obra pelos versos que remetem à dança, à fé e à consagração.

No refrão de meio [*“É vento na saia da preta courá”*(...) até *“Mistério, alucinações, feitiçaria”*], os desenhos melódicos desvanecem a dor da primeira estrofe e dão lugar a variações de melodia que remetem à africanidade, à dança, ao ritmo, em favor dos elementos de percussão, do batuque e da ginga dos corpos. É apresentado um swing ritmado que oferece africanidade ao balanço melódico. A melodia prossegue a ditar o clima da história em complemento à poesia.

Ao longo dos versos [*“Me entrego a escrever a predição”*(...) até *“Palavras de um preto relicário”*] que abrem a segunda grande estrofe do samba sentimos a sutileza breve do tom maior (*F*). A melodia é retomada com uma doce e eufônica caída pós-refrão e desenhos musicais bem sonantes, que transmitem a candura desses versos. Letra e melodia caminham pela leveza, pela religiosidade, e preparam a imersão em uma das partes mais belas da obra.

A partir do verso *“A voz que cobre o Cruzeiro”*, a melodia cresce em intensidade e transita ao tom menor (*Dm*), de forma a expressar o clamor e a comoção inerentes à letra. As notas são mais altas, os desenhos musicais propiciam a abertura do canto, favorecendo todo o conjunto harmônico da escola. Letra, melodia e gestual em pleno êxtase e entrosamento.

A escalada da melodia se mantém no decorrer da segunda grande estrofe da obra até o refrão principal, contudo com um toque de brandura ao verso *“A mais bela rosa aos pés do Senhor”*. A escola declama cada verso melódico, as bases harmônicas fazem nuances de preparação para o encerramento, cuja conclusão é um "breque" marcante. Os últimos versos remetem ao cortejo e à aclamação, com potência arrebatadora de um verso que encerra a estrofe e precede o refrão: *“EU SOU A SANTA QUE O POVO ACLAMOU”*.

A melodia do refrão [*“Eis a flor do seu altar”*(...) até *“Imagem de Deus, sou eu”*] prossegue a sustentar a veemência dos versos que lhe antecedem, com notas altas, clamor das vozes e musicalidade apoteótica. Um dos pontos de destaque é a modulação do tom na transição do refrão principal para a cabeça do samba [*“Imagem de Deus sou eu / Rosa Maria, menina flor”*]. A melodia passa de *Dm* para *Fm* de forma a acompanhar a mudança referente à narrativa da letra, que encerra na primeira pessoa e retorna na cabeça do samba para a terceira pessoa, o que reforça os elementos dramáticos que edificam a história, toda essa passagem em tom menor.

A melodia do samba da Unidos do Viradouro para o carnaval 2023 conversa perfeitamente com o enredo da agremiação e a letra da obra. Os desenhos musicais passeiam pela dramaticidade, pela riqueza poética e até mesmo pela mudança do sujeito que narra a história. A melodia acompanha o decurso da letra na íntegra, deixando evidente ao ouvinte as emoções que estão expressas na exposição da história.

FICHA TÉCNICA**Bateria**

Diretor Geral de Bateria Mestre Ciça				
Outros Diretores de Bateria Monique, Ulisses, Marquinho, Gabriel, Romildo, Ruan Pontes, Herinho, Mauro, Pierre, Juan Rangel, Maycon e Maurício				
Total de Componentes da Bateria 275 (duzentos e setenta e cinco) componentes				
NÚMERO DE COMPONENTES POR GRUPO DE INSTRUMENTOS				
1ª Marcação 13	2ª Marcação 13	3ª Marcação 15	Reco-Reco -	Ganzá -
Caixa 120	Tarol -	Tamborim 36	Tan-Tan -	Repinique 24
Prato -	Agogô -	Cuíca 24	Pandeiro -	Chocalho 24
Outras informações julgadas necessárias				
<ul style="list-style-type: none"> • Agogô de duas bocas – 02 • Timbales – 04 				
<u>Bateria</u>				
Nome da Fantasia: Padre Francisco Gonçalves Lopes: “Xota Diabos”				
<p>O que representa: A bateria Furacão Vermelho e Branco de Mestre Ciça representará o padre português Francisco Gonçalves Lopes, o “Xota-Diabos”, personagem significativo na trama do enredo. O apelido é uma corruptela de “Enxota Diabos”, expressão que remete aos rituais de exorcismo que comandava. Protetor ou explorador da imagem de Rosa? O fato é que “Xota-Diabos” acompanhou a trajetória da courana ao longo de grande parte da sua vida, sendo seu devoto e confessor, contribuindo para vincular uma aura mística à imagem da negra. Comprou a alforria de Rosa Maria Egipcíaca, propagando a santidade de sua protegida. Mestre Ciça virá paramentado de tutor espiritual de Rosa.</p>				
<u>Rainha da Bateria:</u> Erika Januza				
Nome da Fantasia: Afecto				
<p>O que representa: Em seu segundo ano reinando a frente da bateria Furacão Vermelho e Branco, a atriz incorpora “Afecto”, nome dado ao espírito cujo as vozes das almas que perturbavam a courana em visões e êxtases. Assim, representará Rosa em suas constantes manifestações espirituais.</p>				

FICHA TÉCNICA

Bateria

Outras informações julgadas necessárias

Mestre Ciça: Tendo a ousadia como uma de suas principais marcas, Ciça é um dos mais técnicos e também dos mais respeitados mestres de bateria de todos os tempos. E o sucesso que faz não é à toa: ele possui uma marca única, de estar há 33 carnavais ininterruptos no comando de uma bateria.

1988 – 1997: Estácio de Sá

1998 – Unidos da Tijuca

1999 – 2009: Unidos do Viradouro

2010 – 2014: Grande Rio

2015 – 2018: União da Ilha do Governador

2019 – 2022: Unidos do Viradouro

A história que construiu fez de Ciça um dos personagens mais aguardados da Sapucaí. Os olhares - e ouvidos - ficam todos mais atentos quando o mestre cruza a pista de desfiles, palco que transforma os maiores sonhos e fantasias em realidade. E ele mesmo adora essa expectativa em torno de seu trabalho. E, como um mantra, costuma repetir em seus incontáveis ensaios para suas centenas de ritmistas: “Se for para fazer feijão com arroz, fico em casa!”.

Muitos foram os momentos eternizados na história do Carnaval e que marcaram a carreira dessa "lenda" do samba. Para citar alguns, em 1992 o trabalho de Ciça brilhou significativamente o desfile campeão da Estácio de Sá, com o enredo "Paulicéia Desvairada". Desde que chegou à Viradouro, em 1999, Ciça fez sempre marcantes passagens na Avenida com a escola, como no carnaval de estreia, em "Anita Garibaldi - Heroína das sete magias"; na homenagem à dama do teatro Bibi Ferreira (2003); e em 2007, com "A Viradouro vira o jogo", quando cumpriu com maestria o desafio de desfilar com seus percussionistas no alto de um carro alegórico.

Ciça voltou à Viradouro para o Carnaval de 2019, contribuindo para o vice-campeonato ao marcar os 30 pontos no quesito. E, já no ano seguinte, alcançou todas as notas máximas no desfile que cantou as Ganhadeiras de Itapuã, ajudando a Viradouro na conquista do belo título do Grupo Especial. Em 2022, a "Furacão Vermelho e Branco" chegou mais uma vez com suas convenções criativas, trazendo pratos e mudança de ritmo, tudo elaborado de forma a surpreender a Avenida.

Tais resultados são consequência de muita técnica, aplicada em incontáveis treinos, e de muita criatividade. Ao longo da bem-sucedida carreira, Mestre Ciça acumulou muitos prêmios, entre eles um Estandarte de Ouro (honraria concedida aos melhores da festa pelo Jornal O Globo), recebido após o desfile da União da Ilha, em 2017.

Com um efetivo de 275 ritmistas, distribuídos conforme quadro acima, essa orquestra de sons percussivos está afinadíssima para seguir encantando a Passarela do Samba. Serão apresentadas por Ciça até quatro bossas, todas fiéis às características do mestre, da escola, e ainda buscando sempre um alto nível técnico musical, proporcionando ao público um grande espetáculo. Como canta nosso Zé Paulo Sierra, "Vai, Ciçaaaaaaaaaa!".

FICHA TÉCNICA**Bateria****Outras informações julgadas necessárias**

Para 2023, a bateria da Unidos do Viradouro irá respeitar o sentimento e a densidade musical do samba. Com foco no apuro rítmico, a Furacão Vermelho e Branco propõe adequações musicais na cadência e no andamento, que este ano se apresentará de forma a proporcionar maior conforto ao canto coletivo da escola.

A limpeza dos naipes é outra característica a ser destacada. Chamamos atenção para a precisão na definição do toque do naipe de caixas e o desenho de tamborins, marcado pela fluidez e encaixe dentro na melodia, especialmente na segunda do samba.

Na busca pela excelência musical, tomamos o cuidado de enviar a partitura de quatro bossas que a bateria poderá executar ao longo do desfile (à guisa de referência).

1-

Bossa da Cabeça do samba
Viradouro 2023

1

2

CHOCALHO
TAMBORIM
BATERIA
CAIXA
SURDO 1
SURDO 2
SURDO 3

A bossa da cabeça do samba possui três momentos. No primeiro, divisões simples com muito impacto e com dinâmica ocasionada pelas marcações, dando ao ataque dos instrumentos leves um volume maior. Na segunda parte, temos a condução de uma conjuntura afro, sendo suas anuências destacadas pela execução dos naipes de tamborim e das marcações. No terceiro e último momento, temos um fechamento para a “chamada” propositalmente de forma leve com o carreteiro dos tamborins e dos chocalhos, e em seguida a retomada rítmica normal do samba.

***As partituras se referem aos arranjos apresentados, servindo como auxílio para possíveis dúvidas quanto às execuções das células.**

FICHA TÉCNICA

Bateria

Outras informações julgadas necessárias

2-

Bossa Refrão do Meio

Para o refrão do meio iniciamos uma convenção com a preparação junto à divisão melódica do samba na parte “*É vento...*”, momento em que os timbales brilham com suas batucadas, mais uma referência à nossa ancestralidade dentro da proposta da escola. Nos dois “ataques” rítmicos, temos no primeiro momento uma execução de um samba de roda e num mesmo lugar no *bis* uma interessante alternância entre os surdos e tamborins e chocalhos. O fechamento dessa bossa é comum para que a transição para a segunda do samba não sofra uma quebra da fluidez melódica.

***As partituras se referem aos arranjos apresentados, servindo como auxílio para possíveis dúvidas quanto às execuções das células.**

FICHA TÉCNICA

Bateria

Outras informações julgadas necessárias

3-

Break e Retomada
Final do Samba - Refrão Principal
Unidos do Viradouro 2023

CANDOMBES E BATAQUES NO CORTEJO EU SOU A SANTA QUE O POVO ACLAMOU!

FICHA TÉCNICA

Bateria

Outras informações julgadas necessárias

3-

Musical score for the drum set (Bateria) of the song "Abre-Alas" by G.R.E.S. Unidos do Viradouro. The score is for measures 39 to 5. It includes parts for Chocalho, Tamborim, Repique, Caixa, Surdo 1, Surdo 2, and Surdo 3. The Repique and Caixa parts include drum notation with 'D' and 'E' notes. The Surdo parts include bass drum notation with 'S' notes. The Chocalho part includes shaker notation with 'C' notes. The Tamborim part includes snare drum notation with 'T' notes. The score is in 2/4 time and features a "parada" (stop) at the end of measure 39, followed by a "retomada" (return) in measure 40.

“*Eu sou a santa que o povo aclamou*”: trecho no qual fazemos uma “parada” com uma preparação de saída rítmica bem simples para exaltar a força da do canto da escola. Na retomada, há um ataque com intenção de “explosão” das marcações para mantermos a boa batucada dos instrumentos leves da bateria junto à marcação do surdo de terceira. No *bis* do refrão principal, temos a volta das primeiras e das segundas deixando toda a bateria em sua execução integral da harmonia dos instrumentos.

***As partituras se referem aos arranjos apresentados, servindo como auxílio para possíveis dúvidas quanto às execuções das células.**

FICHA TÉCNICA

Bateria

Outras informações julgadas necessárias

4-

Bossa Refrão Principal

CHOCALHO
TAMBORIM
REPIQUE
CAIXA
SURDO 1
SURDO 2
SURDO 3
TIMBAL

TOQUE DE CARILAS (T. LEXA)

Imagem de Deus
Eis a flor do seu altar

TOQUE DE LEXA

CHOCALHO
TAMBORIM
REPIQUE
CAIXA
SURDO 1
SURDO 2
SURDO 3
TIMBAL

Eis a flor do seu altar

CHOCALHO
TAMBORIM
REPIQUE
CAIXA
SURDO 1
SURDO 2
SURDO 3
TIMBAL

Em outra convenção localizada no refrão principal do samba, temos o toque solo do naipe do timbal com a execução da “cabula”, em que ocorre a alteração para o ijexá junto à entrada dos tamborins. Eles preparam uma chamada para o ataque dos outros naipes com a sustentação do ritmo das caixas, repiques, chocalhos e cuícas, com toques precisos das marcações encorpando todo a proposta do arranjo.

*As partituras se referem aos arranjos apresentados, servindo como auxílio para possíveis dúvidas quanto às execuções das células.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Diretor Geral de Harmonia

Jefferson Coutinho e Marcos Mendes

Outros Diretores de Harmonia

Igor Modesto, Michell Bvermil, Carolina Ribeiro, Rennan Laurente, César Lima, Walner Santos, Paulinho Lins, Nélio Azevedo, Gilberto Gonzales, Jardel Marques, Romeu Lima, Thiago Viana, Julio Cesar, Daniele Assad, Gabriel Sequeira, Wendell Eleuthério, Rui Mendes, Leonardo Moraes, Karla Mendonça, Victor Souza e Marcelo Tibil, Laerte Tinoco e Rosiane Brito

Total de Componentes da Direção de Harmonia

70 (setenta) componentes

Puxador(es) do Samba-Enredo

José Paulo Sierra

Instrumentistas Acompanhantes do Samba-Enredo

Hugo Bruno (Cavaco Afinação Bandolim), Roberto Migans (Cavaco) e Rodrigo Araújo (Violão 7 Cordas)

Outras informações julgadas necessárias

Jefferson Coutinho: cria da Viradouro, começou sua trajetória como Diretor de Harmonia no ano de 2008, tendo sido convidado pelo então Diretor Geral Guilherme Nobrega após alguns anos desfilando e se destacando na ala de comunidade.

Em 2017, após a chegada de uma nova Direção de Carnaval, sob comando de Alex Fab e Dudu Falcão, foi galgando seu espaço, e através do seu trabalho e comprometimento, desempenhou diversas demandas técnicas nos desfiles, com destaque na função de chefe de setor e volante. Até que no último carnaval, recebeu o convite para assinar a Direção Geral de Harmonia juntamente com Marcos Mendes, aproximadamente a 40 dias do desfile oficial.

Em 2023, assinará um trabalho completo e implantando todo o processo na intenção de alcançar as notas máximas nos quesitos.

Marcos Mendes: nascido e criado em Madureira, desde criança frequentando a quadra da GRES Portela, começou sua trajetória como Diretor de Harmonia em 2006 através de Júnior Escafura e no decorrer dos anos galgando espaço com o trabalho e comprometido pelo segmento, recebeu mais responsabilidades como Chefe de Setor, volante e se responsabilizando com o andamento de toda escola.

Em 2013 a convite da direção de Carnaval da Caprichosos de Pilares, assumiu a Direção Geral de Harmonia da escola ficando no cargo até 2015, onde também desempenhava paralelamente função de Harmonia na GRES Portela, onde em 2017, sagrou-se campeão do Grupo Especial executando a função de puxar a Escola e manter o melhor andamento.

Em 2018, a direção de carnaval da Viradouro fez o convite para integrar o time de harmonia da agremiação, onde permanece até a presente data.

Em 2022, faltando 40 dias para o desfile oficial, foi concedida a oportunidade de assumir a Direção Geral de Harmonia juntamente com Jefferson Coutinho onde, diante do bom trabalho, foram convidados a permanecer a frente do trabalho para 2023.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Outras informações julgadas necessárias

Do Trabalho da Harmonia:

Pautado no comprometimento, responsabilidade, ética e educação, o trabalho técnico da Direção de Harmonia atua na delegação de funções, através de uma Coordenação, dividida em: 2 “volantes”, (Igor Modesto e Michell Bvermil), 10 Chefes de setor, (Carolina Ribeiro, Rennan Laurente, Cesar Lima, Walner Santos, Paulinho Lins, Nelio Azevedo, Gilberto Gonzales, Jardel Marques, Romeu Lima e Thiago Viana), 01 Harmonia de Bateria (Julio César Cajú) e 02 Harmonias fazendo a entrada da escola “joelho” (Gabriel Sequeira e Wendel Eleuthério), cada qual cobrindo área determinada, todas sob supervisão atenta da Direção Geral, o que garante toda cobertura e eficiência na gestão do desfile.

Sob o mantra de fazer do componente o verdadeiro dono da festa, a Direção de Harmonia através de todo seu escopo, busca deixá-los mais cômodos, para que desfilem cantando e evoluindo com garra, alegria e amor por sua Escola do coração.

Da Harmonia do Carro de Som:

Acreditando no entrosamento e na continuidade, a base do carro de som da Unidos do Viradouro, formada há quatro carnavais, é composta por seis cantores de apoio e três músicos.

A escola vem ano após ano investindo na qualificação dos seus cantores e músicos, não medindo esforços para obter os melhores resultados na Avenida. A Viradouro, entendendo e acatando a correta e crescente exigência musical que o espetáculo merece, vem fazendo trabalhos técnicos em estúdios e ensaios específicos buscando a excelência na performance musical e harmônica, sob o comando do diretor musical Hugo Bruno.

A voz principal da escola, há dez anos, é de Zé Paulo Sierra, dono de um timbre único. Interpreta o samba com profundidade e emoção. Outros pontos de destaque do cantor são a clara dicção e a afinação.

Zé Paulo busca imprimir junto aos seus apoios e à bateria do mestre Ciça um ritmo que permite à escola ter um desempenho de qualidade em evolução e harmonia.

Os cacos (inclusive o já marcante “Vai, Ciça”) e possíveis contracantos serão pontuais e utilizados de maneira agregadora, sem poluir ou comprometer o canto, e, sobretudo, a letra do samba.

A execução da obra tem como prioridade a clareza e uniformidade entre canto, harmonia musical e bateria. O carro de som, junto ao intérprete oficial, tem a missão de conduzir a sustentação do canto da escola, manter afinação, com padronização das vozes e do conjunto harmônico.

Observação: O cantor oficial fará a condução limpa e audível, dando, em certos momentos, toques na interpretação da melodia (emoção e dramatização). O conjunto harmônico formará a base sustentável do andamento e em alguns trechos perceberemos as nuances entre cavacos (DGBD), (GDAE) e violão de 7 cordas.

A título de exemplo, destacamos o trecho do refrão principal para a cabeça do samba: o violão de 7 cordas faz uma frase com o cavaco (DGBD) para entrega da modulação de tom, de *Dm (Ré Menor)* para *Fm (Fá Menor)*, dando ênfase à linda melodia que seguirá após o refrão “*Imagem de Deus sou eu... Rosa Maria, menina flor...*”.

Outro ponto a se destacar é o refrão de meio, que tem um balanço melódico específico. Aqui, o cavaquinho (DGBD) e violão de 7 cordas harmonizam dentro da própria melodia do samba, o que enriquece ainda mais o momento com acordes naturais: “*É vento na saia da preta courá, na ginga do Acotundá... É ventania*”.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Outras informações julgadas necessárias

Zé Paulo Sierra (Intérprete oficial) - 46 anos, cantor e compositor oriundo do bairro da Abolição, reduto de grandes sambistas. Incentivado pelo pai (Pepe), começou a cantar e a compor nos blocos do bairro (Tramela, Chupeta da Abolição e Difícil É o Nome) em 1987. E foi na Difícil É o Nome, em 1989, a primeira experiência de Zé Paulo Sierra como compositor vencedor e intérprete oficial. Em 1990, ingressou na Aprendizizes do Salgueiro, onde ficou por dois anos. Em 1992, participou do concurso de intérpretes da Caprichoso de Pilares e chegou à semifinal. Mesmo não sendo vencedor no concurso, foi convidado pelo presidente Fernando Leandro pra integrar o carro de som da escola para o carnaval de 1993. Foi a primeira experiência no Grupo Especial. Na escola de Pilares, teve uma relação duradoura, com apenas uma pausa 1997, quando se tornou o cantor oficial mais novo no grupo de acesso pela Unidos da Ponte. Em 1998, retornou a Caprichosos, onde ficou até 2006. Nesse ano, tornou-se cantor oficial do Arranco do Engenho de Dentro. Em 2007 e 2008, voltou a cantar como apoio de Luizito na Mangueira. Em 2008 e 2009 assumiu o microfone oficial da Caprichosos. Em 2010, retornou à Mangueira, dessa vez como intérprete oficial, no projeto os 3 Tenores da Mangueira, ficando até 2013. Entre 2011 e 2012, acumulou também a função Diretor Musical da verde e rosa. Em 2013, chegou à Unidos Do Varadouro.

No primeiro carnaval pela escola (2014), Zé Paulo já se tornou campeão na antiga Série A, conquistando diversos prêmios. Em 2023, completará 10 anos de muito amor e dedicação ao samba. Depois de Nequinho da Beija Flor, Zé Paulo Sierra hoje é o cantor do carnaval carioca com mais anos consecutivos em uma só escola. Na Viradouro, Zé Paulo alcançará a marca de outro ícone em 2023: 10 anos ininterruptos na vermelha e branca de Niterói, como fez Dominginhos do Estácio. Então, prepare o seu coração, porque em 2023 teremos muita emoção e amor para cantar a santa que o povo aclamou!

Cantores de apoio:

- **Zé Paulo Miranda (Bola):** Músico, compositor e intérprete. Cantor completo, já atuou como intérprete oficial em várias agremiações, sendo a última Alegria da Zona Sul, em 2020. Na Viradouro, está há três temporadas e em muito contribui na ala cantante da escola, sobretudo por ostentar um timbre diferenciado, poeira na voz que conquista. Cumpre bem seu papel no grave e brilha na hora de variar entre o médio e o agudo. É privilegiado na extensão vocal e compõe muito bem a harmonia.

- **Ronaldo Ylê:** Esse é outro que dispensa apresentações e sabe fazer bom uso da experiência que tem ao colocar sua voz a serviço da Viradouro. Um "cavalo" no desfile, é do tipo incansável, tem disposição e faz leitura de público ímpar, como poucos sabem fazer. Afinado e seguro, passeia com firmeza no médio/agudo o tempo todo, além de ser um intérprete com admirável "astral", um tanto motivador. Figura carimbada nos corais de gravações de compositores e discos oficiais da Liesa, Ylê é intérprete oficial da União do Parque Curicica, além de ter passagem muito marcante na Imperatriz Leopoldinense. Quem não se lembra da voz dele em "...A turma do sítio apronta, a Imperatriz faz de conta..."? Ylê se encaminha para o quarto ano consecutivo com a vermelho e branco.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Outras informações julgadas necessárias

- **Celino Dias:** Desde 2018 na Viradouro, é campeoníssimo no carnaval e, somente na escola, ostenta três títulos: 1997/2018/2020. Cantor ímpar, passeia no grave, médio e agudo com facilidade, naturalmente pela larga experiência no ofício de cantar. Conhece os caminhos de uma boa condução, já que atua por muitos anos como intérprete oficial e de apoio. Hoje, é a voz oficial da Tradição, onde já foi destaque no passado cantando Silvio Santos no ano de 2001. Centrado e extremamente profissional, Celino é sinônimo de tranquilidade na hora do desfile, por isso está no elenco da escola há cinco temporadas.

- **Guto:** Músico, compositor e intérprete, e não só de samba de enredo. Compõe uma banda blues em Friburgo, onde mora. O conhecimento vocal e musical do artista passeia por vários estilos, o que abre muitas possibilidades de trabalho, tamanha versatilidade. Além de participação ativa e com destaque nas agremiações friburguenses, Guto alcançou notoriedade no Carnaval carioca. Por dois anos, defendeu a Acadêmicos do Sossego e, atualmente, é a voz oficial da Unidos de Padre Miguel. O agudo imponente e o balanço harmônico no médio e grave, à base de muita técnica, fazem dele uma peça vital para o equilíbrio das vozes. Na Viradouro, faz a diferença há três anos.

- **Marcelle Motta:** A voz "courana" da Viradouro para o carnaval 2023 é de Marcelle. Ela cantará Rosa Maria Egipiciaca e representará a voz da mulher preta no samba. É cantora e compositora, talento revelado nas rodas de samba (Spanta, Balaio Bom, É Preta etc.). Em 2018 foi indicada ao Prêmio da Música Brasileira com a canção; "Pra Matar Preconceito". Presença, timbre marcante e afinação fizeram com que a voz da mulher preta ecoasse ao lado de grandes artistas; (Toninho Gerais, Jorge Aragão, Diogo Nogueira, Alcione, Mariana lins, Xande de Pilares, Reinaldo, Mart'nália, Renato da Rocinha etc). No samba de enredo, chamou atenção na Viradouro defendendo um samba sozinha em 2021, além de fazer parte dos corais em produções concorrentes e oficiais. **Júlio Alves:** Compositor renomado na MPB, com músicas gravadas por artistas como Alcione, e autor de uma infinidade de sambas de enredo campeões, Júlio tem paixão e talento por canto e há dois anos integra o carro de som da Unidos do Viradouro. Dedicado e sempre em busca do conhecimento e aprimoramento em aulas de canto e percepção musical, Júlio Alves surpreende a cada desfile. O timbre médio grave complementa os harmônicos e faz a sustentação necessária do coral, sendo peça importante para a composição do grupo de cantores da escola.

FICHA TÉCNICA

Harmonia

Outras informações julgadas necessárias

Músicos:

- **Hugo Bruno:** Diretor musical da Unidos do Viradouro. Músico com bastante experiência em diversos projetos, impõe-se como um dos melhores cavaquinistas da Avenida. Dono de uma “paletada” inconfundível, que dá um balanço fora do comum na execução com sua afinação de bandolim (GDAE), esbanja talento quando o assunto é leitura e respeito fiel ao arranjo. Hugo é, hoje, o músico mais requisitado do carnaval e para gravações diversas no mundo do samba, dentre as quais as faixas dos Sambas de Enredo do Grupo Especial do Carnaval carioca, da Série Ouro (Liga RJ) e Super Liga. É da Viradouro há cinco anos.

- **Roberto Migans:** Robertinho, como é conhecido desde os tempos de escola mirim em Niterói, passou a ser um músico de respeito e de referência na cidade. Atualmente, dá aulas particulares no instituto Cigam (Centro Musical). Com pegada firme na “paletada”, faz o cavaco base (afinação base D G B D). Obediente e fiel à leitura do arranjo, tem a função de manter o ritmo durante todo o desfile.

- **Rodrigo Araújo:** Renomado e respeitado no meio da música, além das escolas de samba que passou (Portela, Mocidade e União da Ilha), Rodrigo Araújo já foi violonista de Marquinhos Satan, Wander Pires, Preto Joia, e sempre figura nas principais produções do Maestro Jorge Cardoso. Requisitado para gravações de compositores e para participações no disco oficial da Liesa, nosso violão de 7 cordas se destaca pela leitura fácil do arranjo e baixarias sutis e limpas, que evitam a poluição da letra. Na base, mantém o andamento com muito swing, segurança e qualidade ímpar. Excelente músico, dedicado, estudioso e fiel à leitura do arranjo, completa a harmonia de cordas da Unidos do Viradouro. Como diz a letra do nosso samba: “...Acordes Virão da Viradouro...”

FICHA TÉCNICA

Evolução

<p>Diretor Geral de Evolução Jefferson Coutinho e Marcos Mendes</p>
<p>Outros Diretores de Evolução Igor Modesto, Michell, Carol Ribeiro, Rennan, César Lima, Walner, Paulinho Lins, Nélio, Gilberto, Jardel, Romeu, Thiago Viana, Júlio Cesar, Dani Assad, Gabriel e Wendell.</p>
<p>Total de Componentes da Direção de Evolução 70 (setenta) componentes</p>
<p>Principais Passistas Femininos Hérica Isabel, Jhenifer Menezes e Juliana Dornellas</p>
<p>Principais Passistas Masculinos Pablo Jales, Flávio Smith e Felipe Soares</p>
<p>Outras informações julgadas necessárias</p> <p><u>Do trabalho de Evolução:</u> Encaramos o trabalho de canto e Evolução de forma muito intensa e comprometida, sendo espelho e cobrando afinco dos componentes, para que absorvam a essencial importância do papel de cada um deles no desfile, sendo os principais responsáveis pelo alcance dos objetivos propostos... Rosa Maria Egipcíaca é um enredo pautado na força e determinação de uma mulher, para 2023, a Viradouro desfilará em sua maioria com mulheres divididas em todos os setores. Por terem potência vocal e timbre diferenciado, fazemos ensaios intensos de canto e Evolução, em dias que não são padrões, o que eleva a excelência e uniformidade de cada componente, para que assim fortaleçamos todo coletivo</p> <p><u>Sobre a ala de passistas:</u> Nome da Fantasia: Ala 09- Possessões e Feitiçarias O que representa: Acusada de feitiçaria, Rosa manifestava no próprio corpo as atribuições da alma. Em possessões espirituais, a courana apresentava alucinações que a perseguiram. Os tons entre rosa e lilás representam a divindade e o misticismo, presentes no inconsciente coletivo formado sobre o poder maligno que avança sobre as forças do bem. Para as autoridades religiosas, os espíritos diabólicos desviavam Rosa dos caminhos de Deus, ao mesmo tempo em que pareciam um chamamento para a reafirmação da fé em Cristo.</p> <p><u>Coordenador de Passistas: Valci Pelé</u> Herdeiro da tradição de grandes passistas portelenses, em 2012, sagrou-se vencedor do prêmio Estandarte de Ouro de melhor Passista masculino. Há três anos à frente da coordenação da Ala de passistas da Viradouro, vem realizando um trabalho de formação e orientação de novos sambistas para a Agremiação. Também é responsável pela direção artística dos shows realizados pela escola em diversos eventos inclusive apresentação do show da final que é dito no meio do carnaval um dos melhores shows de todas as finais.</p>

FICHA TÉCNICA

Evolução

Outras informações julgadas necessárias

Alas e grupos coreografados:

Ala 01: Menina Courá

A coreografia tem movimentos marcados na letra do samba. A intenção é enaltecer a personagem “Rosa criança”. A personagem desfilará no Pede-passagem e, em determinado momento, descerá até a ala e será enalticida e reverenciada como figura representativa desta fase de abertura do desfile.

Ala 04: Procissão dos Degenerados

A cobiça será o centro da intenção coreográfica da ala. Mãos que oram, que pregam, que querem. Uma procissão em que os olhos da cobiça comandam, por vezes, os movimentos e as encenações.

Ala 07: As Filhas de Eva

O trabalho junto às componentes foi construído a partir de desenhos coreográficos que dão movimento à ala e que demonstrem ao mesmo tempo sensualidade e afirmação da condição feminina diante da realidade escravista.

Grupo 01: A Procissão dos Desvalidos

O grupo apresenta forte apelo dramático e cênico. A teatralidade é a marca dos movimentos e encenações. Representa a devoção dos necessitados que recebiam auxílio de Rosa Egípcia, interpretada nessa encenação por Vivi d’Sousa.

Ala 12 – A Beata das Brasas

O grupo apresentará movimentos coreográficos que remetem à fé religiosa católica, à feitiçaria e suas ditas “possessões demoníacas”. Uma criação com a marca da dramaticidade para evocar o misticismo.

Grupo 02: Cortejo Místico de Dom Sebastião e Rosa Maria Egípcia

A coreografia é baseada nos movimentos do minueto e da valsa. No improvável casamento previsto por Rosa entre ela e Dom Sebastião, a dança da corte é pano de fundo para representar o enlace ocorrido sob os domínios da encantaria.

FICHA TÉCNICA**Informações Complementares**

Vice-Presidente de Carnaval Alex Fab e Dudu Falcão		
Diretor Geral de Carnaval -		
Outros Diretores de Carnaval -		
Responsável pela Ala das Crianças Renan		
Total de Componentes da Ala das Crianças 70 (setenta)	Quantidade de Meninas 49 (quarenta e nove)	Quantidade de Meninos 21 (vinte e um)
Responsável pela Ala das Baianas Tia Cléia		
Total de Componentes da Ala das Baianas 70 (setenta)	Baiana mais Idosa (Nome e Idade) Leda Rosa dos Santos 87 anos	Baiana mais Jovem (Nome e Idade) Cristiane Nunes Lima 34 anos
Responsável pela Velha-Guarda José Luiz França		
Total de Componentes da Velha-Guarda 67 (sessenta e sete)	Componente mais Idoso (Nome e Idade) Ilza Moura 93 anos	Componente mais Jovem (Nome e Idade) Márcia da Conceição 54 anos
Pessoas Notáveis que desfilam na Agremiação (Artistas, Esportistas, Políticos, etc.) Lorena Improta (Apresentadora), Luiz Mott (Escritor), Duda Almeida (Modelo), Luana Génot (Ativista), Erika Januza (Rainha de Bateria – Atriz). No grupo de convidadas, virão ilustres mulheres negras em diversas áreas de atuação, dentre elas: Bianca Monteiro (Rainha de Bateria da Portela), Tânia Bisteka (Passista e Diretora de Barracão da Estação Primeira de Mangueira), Carmem Luz (Fundadora da Companhia Étnica de Dança), Clátia Vieira (Organizadora da Marcha para Mulheres Negras), Dandara Oliveira (Musa do G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel), Dandara Ventapane (Porta-Bandeira do G.R.E.S. Paraíso do Tuiuti), Helena Theodoro (Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro), Kenia Maria (Atriz), Luana Xavier (Atriz), Luiza Brasil (Influencer), Mariana Sena (Atriz), Patrícia Costa (Atriz e Rainha de Bateria do primeiro título da Unidos do Viradouro), Quitéria Chagas (Rainha do G.R.E.S. Império Serrano), Salete Lisboa (Jornalista), Squel Jorgea (Porta-Bandeira), Taciana Couto (Porta-Bandeira do G.R.E.S. Acadêmicos do Grande Rio), Tia Glorinha (Diretora da Ala de Baianas do G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro), Wic Tavares (Intérprete do G.R.E.S. Unidos da Tijuca).		
Outras informações julgadas necessárias		
Do trabalho de Direção de Carnaval: Direção de Carnaval ao longo de toda formação do projeto, buscou equilíbrio entre as plataformas técnicas, artísticas e administrativas. Acreditando nessa ferramenta como instrumento para um bom desempenho		

FICHA TÉCNICA

Informações Complementares

Outras informações julgadas necessárias

Alex Fab – Filho de um baluarte da Portela e criado entre os maiores bambas de Oswaldo Cruz e Madureira, não seria surpresa que aquele jovem iria mais cedo ou mais tarde se dedicar ao ofício do carnaval, e assim ocorreu. Começando em 1982, na ala das crianças, passando por alguns Segmentos, até chegar à harmonia em 2002. Quatro anos depois já assumiria o cargo de gestão de harmonia implantando sua forma de organização, oriunda das bases de formação acadêmica e militar. Em 2008, assumiu a direção de carnaval da Portela, naquele ano, a escola voltava a figurar entre as campeãs do carnaval, fato que ocorreu por 04 anos consecutivos, permanece na escola até 2013, após as passagens por Caprichosos de Pilares e Imperatriz Leopodinense, Alex chega no final de 2016 a vermelho e branco de Niterói num momento crítico da escola, mas com muito equilíbrio e dedicação participa da equipe que levaria a escola ao vice campeonato de 2017 e ao tão projetado campeonato de 2018 que gabaritou a Viradouro a disputar o grupo especial de 2019 onde sagrou-se vice-campeã do mesmo ano. Em 2020 o criterioso trabalho foi premiado com o título do carnaval onde o empenho da direção de carnaval junto a presidência e segmentos, fez a escola ser considerada como uma das mais organizadas do Rio de Janeiro. Em 2022 mantendo a qualidade do trabalho, ajudou a escola em mais um bom resultado alcançando, o terceiro lugar.

Tem implementado ferramentas de logística e gestão na rotina do barracão, fato que elevou o nível de produção e conceitua o carnaval a patamares do universo corporativo, com reiterados convites de participação em palestras e seminários, para exemplificar o modelo de gestão proposto pela agremiação.

Destaca-se com o prêmio Plumas Paetês de melhor diretor de carnaval dos últimos três anos consecutivos no Grupo Especial.

Dudu Falcão – Iniciou sua carreira no carnaval em 2009 como diretor de ala na Portela e Renascer, poucos anos depois, ao mesmo tempo em que ganhava espaço na azul e branco de Madureira passou a assinar a direção de harmonia da Caprichosos de Pilares. Após passagens expressivas por Mangueira e Imperatriz passou a assinar juntamente com seu irmão Alex Fab a direção de carnaval da Viradouro, onde juntos reverteram um quadro ruim da escola para um vice-campeonato do Acesso A em 2017, seguindo para o título de 2018 do mesmo grupo e chegando no Especial o projeto de direção de carnaval contribuiu com o vice-campeonato de 2019 para escola de Niterói. Em 2020 a coroação do trabalho feito em parceria com Alex Fab veio através do título do grupo especial, destacando como diretriz a boa organização da escola campeã. No último carnaval o bom trabalho ajudou a escola de Niterói a voltar no Sábado das Campeãs na terceira posição. Citamos entre alguns prêmios, o Plumas Paetês de melhor diretor de carnaval do ano de 2019 à 2022, prêmio este também já recebido no acesso A e B de anos anteriores.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Responsável pela Comissão de Frente Priscilla Mota e Rodrigo Negri		
Coreógrafo(a) e Diretor(a) Priscilla Mota e Rodrigo Negri		
Total de Componentes da Comissão de Frente 15 (quinze)	Componentes Femininos 01 (um)	Componentes Masculinos 14 (quatorze)
Outras informações julgadas necessárias		
Nome da Comissão de Frente: Eis a Flor do Seu Altar		
<p>O espinho e a rosa. A aridez do efêmero e a consagração eterna. O bailado da abertura do desfile é um ritual em louvor à preta courá, interpretada pela bailarina Laís Ribeiro. Marca a passagem por diversas fases da personagem central do enredo, restaurando o espírito místico da santa africana. É o trânsito entre o etéreo e o terreno que se manifesta diante do sagrado mistério da vida. Saga que tem o movimento das águas atlânticas como ponto de partida, por meio das referências presentes na indumentária dos bailarinos. O elemento água é o condutor da energia mística que envolve o princípio dos devaneios da courana, que a reconecta com o passado ancestral no golfo do Benim. As memórias que ela traz no corpo e no espírito são evocadas na dança e na atmosfera ritualística formada pelo grupo. É saia, é sopro, é ventania! Alucinações ocupam a mente inquieta de Rosa e se expressam em movimentos dramáticos, no limite entre a perturbação e o encanto. Assim, Rosa transborda a própria sina e se torna dileta serva do Divino. Eterniza a fé em páginas devotas. Recria o próprio caminho para se afirmar como inspiração para toda mulher que vence os espinhos dos martírios e desabrocha no esplendor da glória. Rosa é acalanto. É pensamento e devoção. É terreiro e altar. É a flor que renasce em muitas, e as muitas que a fazem brotar. Eis a mais bela Rosa diante da maior consagração como a Santa de uma nação que pouco a conheceu... (mas que nunca dela esqueceu).</p>		
Obs: Ao longo da apresentação haverá troca de elenco. Os 14 homens iniciais saem da cena, dando lugar a 12 componentes femininas.		
		

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Priscilla Mota e Rodrigo Negri: Bailarinos e coreógrafos cariocas. Primeiros solistas do Ballet do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, são também os coreógrafos mais premiados do carnaval carioca. Com passagens pela Unidos da Tijuca, Grande Rio e Mangueira, hoje assinam a comissão de frente da Unidos do Viradouro.

Em 14 anos de carnaval, já ganharam 4 campeonatos, mais de 60 prêmios e muitas notas 10.

Entre algumas honrarias concedidas ao casal, estão 3 Estandartes de Ouro, Prêmio O Globo de melhor Comissão de Frente da História do Carnaval, onde bailarinas trocavam de roupa em segundos pela Unidos da Tijuca em 2010 e a Medalha do Mérito Artístico pelo Conseil International de La Danse - UNESCO.

Juntos são diretores criativos da Art+ Entretenimento, empresa que transita entre espetáculos de dança, teatro musical, shows e eventos corporativos.

Criaram performances e ativações para Copa do Mundo em 2014 e Jogos Olímpicos 2016, Expo Dubai 2020, além de experiências para Coca-Cola, Bradesco, Renault, Polishop, DöTerra, entre outros.

Para Rede Globo, criaram coreografias para o Big Brother Brasil, The Voice Kids, Caldeirão do Huck e Globo 50 anos.

Fizeram show especial para família Obama em visita ao Brasil e coreografaram o show de Ivete Sangalo para o Rock in Rio 2017.

Em 2019, a Art+ recebeu a comenda de empreendedorismo artístico pelos Embaixadores do Rio de Janeiro.

No ano de 2022 foram os coreógrafos do Show em comemoração ao Bicentenário da Independência do Brasil e da reinauguração do Museu do Ipiranga em São Paulo, onde também participaram na construção do roteiro do espetáculo.

Equipe:

Figurinos - Tarcísio Zanon

Confecção de Figurinos - Ateliê Avant Premiere

Cenografia - Tuca Mariana

Produção - KBMK Empreendimentos Culturais

Preparação Teatral - Tauã Delmiro

Maquiagem - Christina Gall

Assistente de Coreografia - Bárbara Mesquita

Consultoria técnica - Luca Moriconi

Tuca Mariana -Arquiteta e urbanista, trabalhou na área de restauro do patrimônio histórico por oito anos, com passagem em instituições como o Museu Nacional de Belas Artes e a Casa Rui Barbosa. Desde 2014 se dedica a trabalhos de arte para o teatro, cinema e tv (onde foi adrecista para a novela "Meu Pedacinho de Chão"). No teatro, assinou cenografias de espetáculos de diretores como Pedro Brício e Isabel Cavalcanti. Foi indicada ao prêmio CBTIJ de teatro como adrecista em 2015 e 2018; fez diversas assistências e adereços tanto no teatro quanto no audiovisual trabalhando com cenógrafas consagradas como: Aurora dos Campos, Dina Salem Levy, André Cortez e Bia Lessa. Em 2022 foi a cenógrafa responsável pela comissão de frente da Estação Primeira de Mangueira que foi consagrada com diversos prêmios incluindo o Estandarte de Ouro.

FICHA TÉCNICA

Comissão de Frente

Outras informações julgadas necessárias

Tenara Gabriela e Luiz Kerche – Produtores da KBMK Empreendimentos Culturais, atuam no Carnaval desde 2011. Em 2020 e 2022, ganharam o Prêmio Plumas e Paetês como assistentes de coreógrafos de comissão de frente no Grupo Especial e no Grupo de Acesso, respectivamente. No currículo, além de diversos espetáculos de dança, tanto para companhias oficiais (como a Companhia de Ballet da Cidade de Niterói) como para grupos independentes, e teatro, estão também a elaboração de livros de arte, conteúdo áudio visual e eventos de arte, cultura, educação e esporte.

Tauã Delmiro - Tauã Delmiro é ator, compositor, dramaturgo e diretor teatral. Em 2021 foi destaque da lista Under 30 da Forbes Brasil, com jovens de até 30 anos mais promissores do país. Foi indicado a melhor ator em teatro musical no Prêmio Cesgranrio e no Prêmio Botequim Cultural com o espetáculo "70 – Década do Divino Maravilhoso – Doc. Musical" (2018). Em "Title of Show" (2017), foi indicado como melhor diretor. Com seu monólogo infantil "O Edredom" (2015) recebeu 12 indicações para prêmios de teatro infanto-juvenil e saiu vitorioso em 4 delas.

Christina Gall - Com mais de 20 anos de profissão na área, Christina Gall é visagista, pioneira em *airbrush* no Brasil, carregando o título de ser a primeira a utilizar essa técnica no rosto das noivas. Foi premiada internacionalmente, por três anos consecutivos, como melhor maquiagem de noiva pelo ZANKYOU, prêmio ZIWA. Trabalhou com maquiagem de caracterização e efeito especial para a TV Globo, moda, publicidade, maquiagem artística e beleza. Há três anos, assina a maquiagem da Viradouro.

Bárbara Mesquita - Bailarina formada pela Escola de Dança Spinelli e Escola Estadual de Dança Maria Olenewa. Segue na cena como bailarina, atriz e cantora, em grandes eventos, carnaval, teatro musical, shows e áudio visual.

Luca Moriconi - Professor do Instituto de Física da UFRJ, cuja pesquisa concentra-se nos aspectos fundamentais da dinâmica de fluidos, Doutor pela PUC-Rio, Pós-Doutor pela Universidade de Princeton (EUA), com posições temporárias de professor visitante na Ecole Normale Superieure de Lyon (França) e pesquisador associado do International Centre of Theoretical Physics (Itália).

Elenco:

- | | |
|--|------------------------------------|
| - Adilson dos Santos Silva | - Flaviny Ferreira de Oliveira |
| - Allan Bastos Silva da Rocha | - Gabriel dos Santos Pereira |
| - Ana Carolina Silva de Carvalho Lima | - Ingrid da Silva França Schulte |
| - Ana Lúcia Alves Gregório | - Jadson Martins da Silva |
| - Anna Luísa Landim Souza | - João Luis da Matta |
| - Anna Maria R. Pereira dos Santos Callado | - João Victor dos Santos Pinto |
| - Bruno Silva Saldanha Dias | - Júlia da Silva Joaquim Rodrigues |
| - Claryssa dos Reis Oliveira | - Laís dos Santos Ribeiro |
| - Diego Alberto Santos do Nascimento | - Lucas Esteves |
| - Eddardo Vieira Jardim | - Tatyane do Amparo de Oliveira |
| - Enya Christine Moreira da Silva | - Thamyres Nunes Oeda |
| - Evandro Ricardo Machado | - Thiago Alves Santiago |
| - Felipe Santos do Nascimento | - Wesley Joao dos Santos Torquato |
| - Fernanda dos Santos | - Yuri Nascimento Ferreira |

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

1º Mestre-Sala Julinho Nascimento	Idade 49 anos
1ª Porta-Bandeira Rute Alves	Idade 49 anos
2º Mestre-Sala Thiaguinho Mendonça	Idade 33 anos
2ª Porta-Bandeira Amanda Poblete	Idade 26 anos
3º Mestre-Sala João de Oliveira	Idade 22 anos
3ª Porta-Bandeira Duda Martins	Idade 26 anos

Outras informações julgadas necessárias

1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Nome da Fantasia: O Reino Místico das Lagoas de Uidá

Criação do Figurino: Tarcísio Zanon

Confeção: Fernando Magalhães

O que representa: Às margens da saída para o Oceano Atlântico, Uidá era um reino localizado na região do golfo do Benim. O local abrigava uma grande comunidade costeira, os couranos, que viviam às margens de grandes lagoas. As águas da região legaram ao povo local um intenso desenvolvimento da agricultura e atividades pesqueiras, além de uma conexão mística com entidades cultuadas na costa ocidental do continente africano. A fantasia do primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira é inspirada na arte do Benim, mesclada com elementos aquáticos estilizados que enfeitiçam a menina courá diante da sua visão profética.



*Essa imagem é do croqui original e serve como referência.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Guardiãs 1º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Nome da Fantasia: A Menina Courá

* Algumas das integrantes da Ala 01 (A Menina Courá), ao chegarem à frente das cabines de julgamento, irão se deslocar para formarem a guarda do primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira, criando uma cena em que Rosa se vê diante da nobreza e das visões diante do espelho d'água de Uidá.

Criação do Figurino: Tarcísio Zanon

Confecção: Ateliê Bianco Ferraro

O que representa: Nascida entre as águas revoltas próximas ao Porto de Uidá (ou Ajudá, em forma aportuguesada), na Costa da Mina, um dos maiores entrepostos escravistas da história da humanidade, Rosa carregou na pele as memórias dos antepassados. Entre as lagoas da região e o oceano revoltado que banhava a costa, a courana viveu os seus primeiros anos sob lembranças e visões aquáticas que cercavam a sua origem. A indumentária da ala de abertura é formada por elementos em tons de laranja e cobre, em meio a rasuras em verde alusivas à presença das águas costeiras que revelam as lembranças da criança, capturada em sua terra natal e trazida forçadamente ao Brasil. No chapéu das integrantes da ala, a gota representa o início das vertigens e predições diante da travessia do Atlântico rumo ao novo destino.



***Essa imagem é original e serve como referência.**

Um dos casais mais vitoriosos da Marquês de Sapucaí traz para o próximo desfile uma coreografia que utiliza a letra e a melodia do samba como elemento inspirador para a dança. Rute Alves e Julinho Nascimento unem a tradição do bailado com a dramaticidade que o enredo pede. Tudo isso sob o olhar rigoroso e artístico de Celeste Lima, ensaiadora com larga experiência no Theatro Municipal do Rio de Janeiro.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Julinho Nascimento: Começou sua trajetória no samba em 1986, no Corações Unidos do CIEP, como mestre-sala mirim. Em 1988, passou a integrar a Tradição, e, em 1990, recebeu a missão de ocupar o posto de primeiro mestre-sala da agremiação, dançando com sua madrinha, a lendária porta-bandeira Vilma Nascimento. A história com a Viradouro começou em 2006, mas Julinho também emprestou seu sofisticado bailado a outras coirmãs, como Unidos de Vila Isabel e Unidos da Tijuca. Em 2018, o dançarino voltou a defender o pavilhão da Viradouro e, com Rute Alves, com quem forma um dos pares mais respeitados do Carnaval, ajudou a fazer da escola de Niterói a campeã da temporada da Série A. A dupla conquistou, ainda, notas máximas em 2019 (vice-campeonato) e 2020 (campeonato). Na carreira, o mestre-sala da vermelho e branco tem três títulos do Grupo Especial: 2013, Vila Isabel; 2014, na Unidos da Tijuca; e 2020, Unidos do Viradouro. Julinho também foi agraciado em 4 edições do Estandarte de Ouro, conceituada premiação do jornal O Globo (2009, 2010, 2011, 2012). Com isso, o casal segue sendo referência quando o assunto é elegância, leveza e beleza na arte do bailado

Rute Alves: São 26 anos como porta-bandeira, 14 deles dançando ao lado de Julinho Nascimento. Essa experiência se traduz em segurança e técnica na hora de encarar a responsabilidade de se apresentar para o público e jurados da Avenida. Ingressou na Escola de Mestre-Sala, Porta-Bandeira e Porta-Estandarte presidida por Manoel Dionísio em 1996. No ano seguinte, estreou na Marquês de Sapucaí, sendo escolhida em concurso para ser a primeira porta-bandeira da São Clemente, embora estivesse concorrendo para o posto de segunda porta-bandeira. Com passagens por agremiações de grande relevância no Carnaval, como Portela, Porto da Pedra, Salgueiro, Unidos de Vila Isabel e Unidos da Tijuca, ganhou duas vezes o Prêmio Estandarte de Ouro e foi por quatro vezes campeã no Grupo Especial.

Ensaiadora do Segundo Casal:

Celeste Lima: Bailarina e ensaiadora do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Celeste Lima é responsável por todas as obras do repertório clássico e moderno da companhia. Atualmente, é coreógrafa e ensaiadora do primeiro casal de mestre-sala e porta-bandeira da Unidos do Viradouro, desenvolvendo há cinco anos um trabalho personalizado, que consiste em aprimorar as técnicas da dança tradicional do casal no que diz respeito à elegância e realizar o refinamento dos movimentos, ao mesmo tempo respeitando a identidade e o estilo de cada um.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Nome da Fantasia: Espirais de Possessões

Criação do Figurino: Tarcísio Zanon

Confecção: Ateliê Murilo Moura

O que representa: No girar da saia, uma espiral de energias sobrenaturais se apossa de Rosa. As velas, posicionadas em movimento ascendente, representam a busca pela elevação espiritual. As chamas se apresentam como elo entre o mundo terreno e o reino dos espíritos, que são purgados em rituais de exorcismo. No bailar do casal, o misticismo da courana se manifesta em forma de fogo, giro e movimento e faz crepitar os assombros da alma.



***Essa imagem é do croqui original e serve como referência.**

Guardiãs do 2º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Nome da Fantasia: Protetoras da Espiral Mística

Criação do Figurino: Tarcísio Zanon

Confecção: Ateliê Alessandra Reis

O que representa: A guarda do segundo casal complementa a cena das espirais de possessões, reproduzindo as chamas em formas espiraladas que representam o movimento sinuoso desenhado pelo fogo nas saias das componentes. As espirais têm um profundo sentido místico. São linhas curvas que, sem se fecharem, dão voltas crescentes em torno de um único ponto. Assim, buscam a elevação aos céus em chamas misteriosas e purificadoras.



***Essa imagem é do croqui original e serve como referência.**

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Em 2023 será apresentada uma coreografia com elementos da feitiçaria e possessões, sem deixar de apresentar movimentos tradicionais da dança do casal. Toda a magia e feitiçaria, surge nos giros e espirais da porta-bandeira e movimentos de braços e riscados do mestre-sala.

Thiaguinho Mendonça: Dançou pela primeira vez como mestre-sala em 2011 na Mocidade Unida da Cidade de Deus e Renascer de Jacarepaguá, onde permaneceu até 2016. Passou por escolas como Difícil É o Nome e Portela. Em 2017, chegou à Imperatriz Leopoldinense, onde esteve por seis carnavais. Atualmente defende a União da Ilha do Governador e a Unidos do Viradouro como segundo mestre-sala. Thiaguinho também teve passagens por agremiação em Brasília, Juiz de Fora, Campos dos Goytacazes, e Porto Alegre. Acumula prêmios como S@mbaNet, Jorge Lafond, Zirigdum, Estrelas do carnaval, SRZD Carnavalesco, Jornal do Sambista, Samba na Veia e outros.

Amanda Poblete: É licenciada em Educação Física e pós-graduada em Dança e Consciência Corporal. Em 2023 completa 14 anos como porta-bandeira, tendo passagens por agremiações como Sereno de Campo Grande, Unidos de Padre Miguel, Mocidade Unida de Jacarepaguá, Renascer de Jacarepaguá, Paraíso do Tuiuti, Vila Isabel e São Clemente. Ao longo de sua trajetória, conquistou prêmios como S@mbaNet, Estrela do Carnaval, Jornal do Sambista, Samba na Veia e foi bicampeã do Prêmio Jorge Lafond. Atualmente, Amanda e Thiaguinho formam o 2º casal de mestre-sala e porta-bandeira da Unidos do Viradouro e também o 1º casal de mestre-sala e porta-bandeira da União da Ilha do Governador.

Ensaíadora do Segundo Casal:

Marluce Medeiros: Bailarina e coreógrafa. É pós-graduada em Preparação Corporal nas Artes Cênicas e graduada em Educação Física. É diretora do Studio Talento e Arte Escola de Dança e diretora residente do espetáculo “Bem Sertanejo - o Musical”. É presidenta do Sindicato dos Profissionais de Dança do Rio de Janeiro. Atua como profissional da dança em TV, teatro, filmes, comerciais, novelas e musicais. Atualmente é coreógrafa de Amanda Poblete e Thiaguinho Mendonça na Unidos do Viradouro e União da Ilha do Governador, bem como do terceiro casal da Viradouro Duda Martins e João Oliveira.

FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

3º Casal de Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Nome da Fantasia: A Flor do Rio

Criação do Figurino: Tarcísio Zanon

Confecção: Ateliê Alessandra Reis

O que representa: Cortejada por devotos, que a viam como santidade viva, a courana desfilava pelos templos cariocas colhendo admiração religiosa e curiosidade popular. A expressão “Flor do Rio” lhe foi concedida pelos frades franciscanos, que a viam como uma predestinada serva de Deus. Uma Rosa mística, regada a água benta e brotada do chão árido. A flor, portanto, era de um Rio de milagres, quermesses e profanas santidades que se espalhavam por uma cidade cheia de pecados e virtudes.



***Essa imagem é do croqui original e serve como referência.**

O terceiro casal de mestre-sala e porta-bandeira desfilará com o pavilhão apresentando as cores azul e rosa, uma estilização a partir do desenho original com que a Unidos do Viradouro se apresentou até a mudança para as cores definitivas (vermelho e branco), ocorrida entre o final da década de 1960 e início dos anos de 1970.



FICHA TÉCNICA

Mestre-Sala e Porta-Bandeira

Outras informações julgadas necessárias

Dois jovens dançarinos que têm na agilidade uma das suas grandes marcas. Giros fortes e precisos, aliados a uma coreografia vigorosa fazem com que esse jovem casal, escolhido no concurso realizado pela Viradouro no último Carnaval, tenha a certeza de uma apresentação de excelência. A coreografia é de Marluce Medeiros, também responsável pela preparação do segundo casal.

João de Oliveira: João de Oliveira atua como mestre-sala desde os 14 anos, quando foi revelado por Daniel Ghanen para dançar na escola mirim da União da Ilha do Governador. O jovem tem passagens como 2º mestre-sala do GRES Arrastão de Cascadura, 1º mestre-sala do GRES Nação Insulana, onde por dois anos garantiu a nota máxima para a agremiação. Ele teve ainda participações em projetos de casais de mestre-sala e porta-bandeira da Portela, Renascer de Jacarepaguá e Viradouro. Com notável reconhecimento, foi convidado pela diretoria da vermelho e branco de Niterói para assumir o posto de terceiro mestre-sala neste Carnaval.

Duda Martins: Começou a dançar com apenas cinco anos, na escola mirim Pimpolhos da Grande Rio. Além de fazer parte do projeto de mestre-sala e porta-bandeira da Unidos do Viradouro, onde participou e ganhou o concurso para defender o terceiro pavilhão da agremiação para 2022.

Ensaiaadora do Terceiro Casal:

Marluce Medeiros: Bailarina e coreógrafa. É pós-graduada em Preparação Corporal nas Artes Cênicas e graduada em Educação Física. É diretora do Studio Talento e Arte Escola de Dança e diretora residente do espetáculo “Bem Sertanejo - o Musical”. É presidenta do Sindicato dos Profissionais de Dança do Rio de Janeiro. Atua como profissional da dança em TV, teatro, filmes, comerciais, novelas e musicais. Atualmente é coreógrafa de Amanda Poblete e Thiaguinho Mendonça na Unidos do Viradouro e União da Ilha do Governador, bem como do terceiro casal da Viradouro Duda Martins e João Oliveira.

Ala 23- Grupo de Casais de Mestre-Salas e Porta-Bandeiras Mirins

Nome da Fantasia: Nosso Manto em Devoção

Criação do Figurino: Tarcísio Zanon

Confecção: Ateliê Alessandra Reis

O que representa: Bandeiras desfraldadas para aclamar Rosa Maria! A menina courana que passou como ventania pelo Brasil colonial agora recebe as bênçãos do nosso pavilhão vermelho e branco como forma de devoção. A procissão de manifestações populares em louvação à santa aclamada em cortejos se completa com o bailar de bandeiras que espalham aos quatro ventos a energia dos ancestrais do samba.



***Essa imagem é do croqui original e serve como referência.**